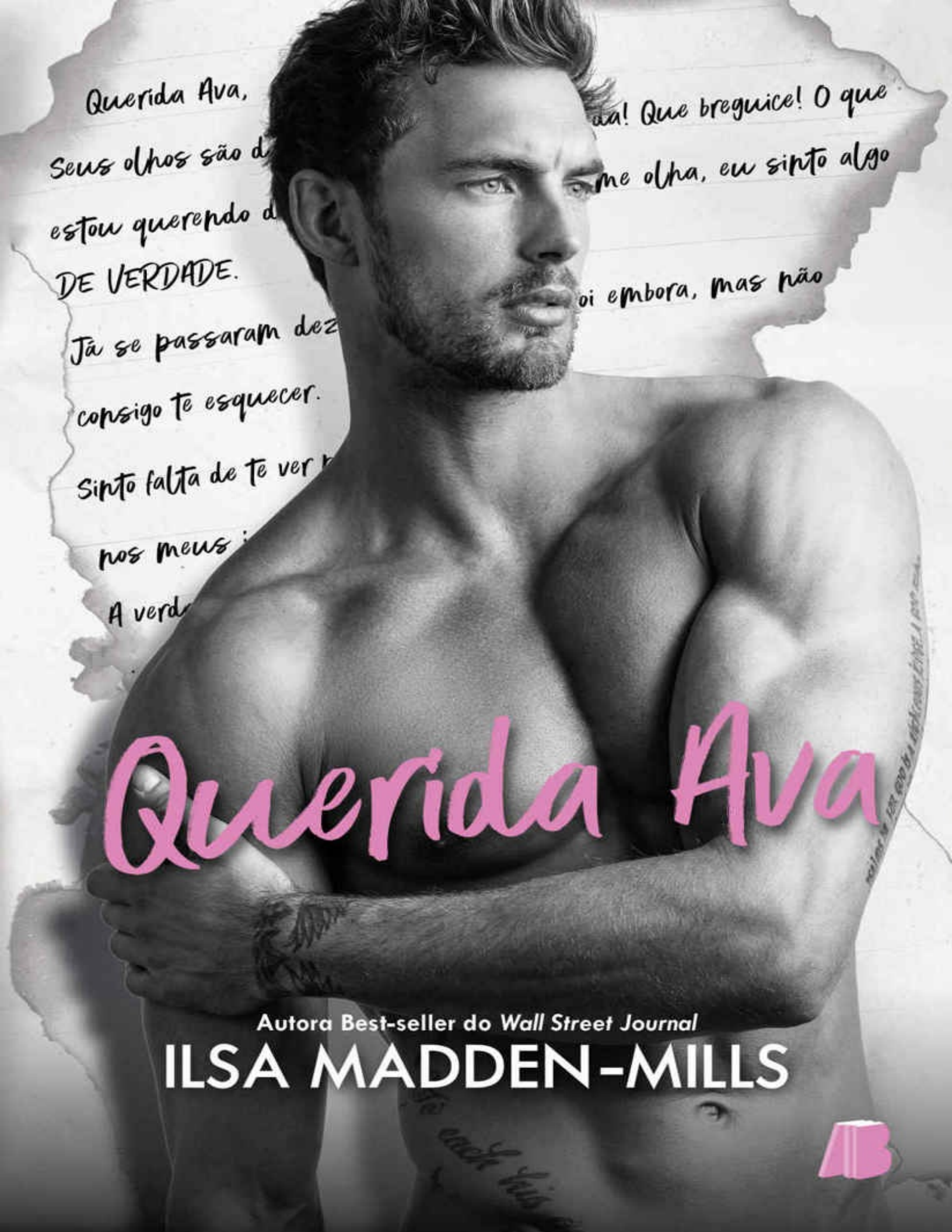

Querida Ava

Autora Best-seller do *Wall Street Journal*

ILSA MADDEN-MILLS

Querida Ava

Autora Best-seller do *Wall Street Journal*
ILSA MADDEN-MILLS

TRADUÇÃO: DÉBORA ISIDORO

ALLBOOK EDITORA
1ª EDIÇÃO – 2021
RIO DE JANEIRO

Todos os direitos reservados
Copyright © 2021 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares
Assistentes editoriais: Ana Carolina Consolini e Mariana Martelote
Tradução: Débora Isidoro
Preparação e Revisão: Clara Taveira e Raphael Pelosi Pellegrini
Modelo de capa: Christian Hogue
Fotógrafa: Corey Thomas
Capa original: Letitia Hasser, RBA Designs
Adaptação da Capa: Cristiane Saavedra
Projeto Gráfico e Diagramação: Cristiane Saavedra | **Saavedra Edições**

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP - BRASIL. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores da Livros, RJ
Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

M179q
Madden-Mills, Ilsa
Querida Ava [recurso eletrônico] / Ilsa Madden-Mills; tradução Débora Isidoro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2021.

Tradução de: Dear Ava
Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-86624-47-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Isidoro, Débora. II. Título.

21-71530

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM

Para todas as Avas do mundo.
Que seu fogo queime forte.

TRILHA SONORA: “SKYSCRAPER”, DEMI LOVATO

Recomendado para maiores de 18 anos.

SUMÁRIO

CAPA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
EPÍLOGO 1
EPÍLOGO 2
CARO LEITOR...
NOTA IMPORTANTE
ALLBOOK EDITORA

CAPÍTULO 1

Ava

Penúltimo ano

O cabelo cobre meu rosto, e eu o tiro da frente, o coração dispara e bate com força enquanto abro os olhos no escuro. O ar está frio, traz um prematuro toque de inverno na beirada do outono.

Onde estou?

Faço um esforço e me lembro nitidamente da estrada que me trouxe a essas árvores, uma via estreita e cheia de sulcos que mal se pode chamar de estrada, uma via usada por tratores, veículos com tração nas quatro rodas e carros com boa tração dianteira.

Não importa a estrada por onde você caminhe, não importa se é bonita ou feia, difícil ou tranquila, pavimentada ou cravejada de sulcos — é a estrada que você deve seguir. O que importa é como ela termina.

Uma das freiras me disse isso uma vez, mas não consigo lembrar o porquê — espera, meu Deus, minha cabeça dói como se alguém tivesse batido nela com uma marreta.

Pisco, engulo em seco e me concentro, ordenando mentalmente que a dor pare.

Onde estou?

Um som agudo ecoa na noite, e eu me assusto quando percebo que sai de mim. Tremendo ao ouvir o ruído sinistro, paro, inspiro e solto o ar por entre os dentes enquanto me esforço para tentar sentar. Desisto quando a dor reverbera por toda a metade inferior do meu corpo. Tem alguma coisa doendo muito lá…

Dane-se. Só me deixe morrer aqui.

Estou deitada sobre a grama alta, isso eu sei, e respiro lentamente, me orientando enquanto olho para o céu estrelado e procuro respostas. A lua está cheia e brilhante, ilumina os pinheiros altos cujos galhos farfalham quando o vento sopra, como mãos fantasmagóricas esfregando os dedos. Ver o movimento lento, sinistro, me faz lembrar de um horrível conto dos irmãos Grimm em que

uma menina se aventura na floresta encantada para colher flores e é devorada por um monstro.

Fecho os olhos.

Abro-os de novo.

Essa não é uma floresta encantada, mas é um bosque, com certeza.

Como vim parar aqui?

Viro a cabeça e vejo as brasas quase apagadas de uma fogueira a vários metros de mim, em um prado aberto. Imagens dançam em minha cabeça — eu na fogueira, rindo, dançando, bebendo…

Inspiro fundo quando outra memória surge, e a empurro de volta para dentro. *Não estou preparada.* Minhas mãos agarram terra e folhas úmidas embaixo de mim. Minhas roupas estão sujas. Pelo menos não estava com o uniforme vermelho e branco de líder de torcida. Não, tive tempo de trocá-lo por uma minissaia e uma regata azul nova com renda no decote, "o tom perfeito para realçar meus olhos", Piper tinha comentado ao me dizer para não… o quê? O que ela me disse para não fazer?

Mais espirais de dor explodem na cabeça, e eu me encolho, engolindo desesperadamente e tentando umedecer a boca seca.

Foco o olhar naquele prado.

Antes de eu vir para o bosque, havia uma festa lá, a cervejada de sexta à noite depois do jogo de futebol. Sim. Pessoas, música e carros cercavam aquele prado. Os meninos ainda usavam a camiseta do time, alguns vestiam jeans e camiseta da escola, meninas bonitas exibiam roupas caras que não posso comprar, joias e sapatos que nunca terei…

Agora está vazio.

Passo a língua nos lábios secos, rachados, e meu estômago revira. A bile ameaça transbordar. Não sei bem como meu cérebro confuso sabe que tem veneno em algum lugar dentro de mim, mas ele sabe, e meu corpo quer expulsá-lo.

Mas é muito difícil me mexer, e estou exausta e dolorida. E se eu puder só fechar os olhos e dormir…

O vento sopra de novo, e uma coruja pia. Alguma coisa uiva ao longe, um cachorro ou um coiote.

Definitivamente não é um lobo, lembro. Isso aqui é a área rural do Tennessee, não o Alasca.

Meu corpo se contrai, discordando. *Não interessa! Preciso sair desse lugar horrível!*

Mas estou muito cansada e fraca, e talvez se eu voltar a dormir e acordar de novo, tudo isso terá sido só um pesadelo…

Os dedos fantasmagóricos das árvores estalam de novo, e eu levo um susto, me obrigando a abrir os olhos.

Sento e apoio as costas no tronco atrás de mim. Uma coleção de imagens passeia na ponta dos pés dentro da cabeça: Jolena e eu nos arrumando para a festa na casa dela e meu nervosismo por estar cercada pelo luxo da imensa mansão; depois nós duas chegando na festa no Range Rover preto dela. Bebemos doses de uísque antes de nos juntarmos a todo mundo. Ela que ofereceu, com um sorriso nos lábios vermelhos, e eu aceitei, nervosa, precisando de coragem para minha primeira cervejada. Aquelas pessoas não eram como eu, não me conheciam *de verdade*, a não ser como a garota do Chance. Eles eram os Sharks da Camden, ricos, populares e babacas, com exceção de Chance. Dominavam a escola. Eles decidiam quem ia às festas. Decidiam se você era bom o bastante.

Toquei a testa com os dedos e pressionei. Knox Grayson, primeiro quarterback e líder dos Sharks, foi a primeira pessoa que vi quando cheguei à fogueira, abraçado a… Tawny? Isso. Cabelos castanho-dourados, brilhantes como a luz do sol. Ela não é só bonita, é linda e envolta em riqueza e superioridade — *ah, saco, esquece ela*. Ela nem sabe meu nome. É a imagem dele, do Knox, que persiste… A longa e feia cicatriz que desce da têmpora direita, atravessa a face e corta o lábio superior. O diabo. Hades. É assim que o chamo mentalmente de vez em quando, antes de expulsá-lo dos pensamentos e trancá-lo do lado de fora. Meu inconsciente sempre soube como fugir quando passo por ele no corredor e correr como se os ventos quentes do inferno soprassem às minhas costas.

Ele me viu chegar com Jolena e havia um brilho intimidador nos olhos meio apertados.

O que está fazendo aqui? Seu rosto perguntava com uma contração daqueles lábios deformados.

Seus olhares rápidos… Ah, como posso dizer que são rápidos? Sempre foram olhares demorados, passando e passeando por mim, e depois me diminuindo, me reduzindo a nada mais que o ar que ele respira, as partículas de poeira que flutuam por nossa sagrada escola.

Mas… esta noite — *Deus, ainda é a mesma noite, certo?* — fui em frente, engoli minha apreensão em relação a ele, porque Chance apareceu na minha frente. Lindo, doce Chance. Meu coração, que parece travado e fraco, bate um pouco mais depressa. Ele é um Shark, faz parte do círculo restrito, mas *gosta* de mim. É meu desde o verão, com toques leves e beijos lentos. Estamos caminhando para algo maior, muito maior. Um resquício de alegria me afaga quando lembro dele me girando, beijando meu rosto e me pedindo para cantar. Depois de muita insistência e mais uma dose de uísque, fiquei em pé na carroceria da caminhonete de alguém e cantei *Skyscraper*, da Demi Lovato. Aplausos estrondosos. Até Jolena sorriu, e acho que ela nem gosta de mim. Fiquei… eufórica.

As coisas ficaram nebulosas depois disso.

Vasculhando aos tropeços em minha cabeça, me encolho com as imagens que vejo. Chance está lá, mas não está mais feliz por me ver — o que é estranho, porque ele me convidou. Implorou para eu vir. Ele também fez outras promessas, mas de repente o vejo bem na minha frente, com a mandíbula contraída, os olhos iluminados pela raiva.

O que… o que eu fiz para ele?

Ele não sabe que o coloquei em um pedestal, pensando que ele pudesse ser diferente? Eu não queria me apaixonar tão depressa. Não costumo amar muito. Não costumo. Deixar o amor existir nos torna vulneráveis e…

Esquece ele.

O que tem de *errado* com meu corpo?

Uma lágrima solitária molha meu rosto, e eu a enxugo, decidida, surpresa com a emoção.

Para com isso, Ava. Você só está no bosque, e Deus sabe que já dormiu em lugares piores.

Mas outra gota escapa, e engulo o nó de emoção que se formou em minha garganta.

Essa sou eu bêbada. Só isso.

Não aconteceu nada terrível. Nada mesmo.

Eu… bebi demais. Só isso.

Inspiro quando mais rostos da festa vêm e vão da minha cabeça, seus traços vagos e imagens como um parque de diversão se sucedendo, um passeio em um brinquedo horrível dando errado. Vejo Knox indo embora com Tawny. Vejo

Chance com outra garota, e meu coração se parte. Vejo Jolena cochichando com outras meninas do time enquanto olham para mim como se lançassem facas com os olhos.

O que eu fiz?

Cada vez mais rápido, os acontecimentos vão se atropelando, até eu ficar enjoada e me inclinar para vomitar.

Quando eu tinha dez anos, consegui escapar da minha mãe em um parque, o que não foi realmente uma fuga, porque ela não se importava com o que eu fizesse, desde que voltasse em algum momento. Ela entrou em um dos trailers enferrujados na periferia do parque, onde os funcionários moravam. Naquela noite, seguiu um homem que tinha cabelo fino e oleoso, barba cheia e nariz vermelho e bulboso. Ele pôs dinheiro nas mãos dela, e os dois se afastaram cambaleando e desapareceram no interior daquela casinha de metal, enquanto eu corria para os brinquedos, mais especificamente para o Zipper. *O brinquedo mais empolgante do parque*, anunciavam as luzes vermelhas piscantes, mas quando a mulher abaixou e travou aquela barra e me lançou para o céu, eu gritei e agarrei a barra de proteção até ficar com os dedos brancos, certa de que a próxima volta para o céu seria minha última e que eu despencaria, minhas entranhas se espalhariam por cima do metal retorcido quando aquele troço caísse no chão.

Mas eu não chorei. Nem uma vez. Nem quando voltei ao trailer; entrei em silêncio, e minha mãe estava ajoelhada na frente do homem. A calça dele estava no chão, em volta dos tornozelos, e as mãos dela seguravam suas partes íntimas. Ela olhou para mim, depois para ele, e seu rosto foi tomado por uma expressão maliciosa. Um longo momento passou, um tempo que pareceu uma eternidade, depois ela acenou para mim. *Vem cá, Ava. Experimenta isso.*

Ele fechou o zíper da calça e cambaleou na minha direção, e eu saí correndo, passei pela porta e corri, corri e corri. Ele continuava correndo atrás de mim quando passei pelo Zipper, pela barraquinha de espeto de salsicha e pelo jogo do peixinho dourado, correndo até a saída. Não vi minha mãe por dois dias.

Foco, Ava, por favor, o tempo está passando, você não está bem da cabeça e seu corpo está mal, para de pensar na mamãe e levanta, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai…

Respiro profundamente e tento me levantar. Deus, eu sinto dor em todos os lugares. Toco meu rosto procurando ferimentos, mas não há inchaço ou sangue. Os braços estão bem, arrepiados com o ar gelado. Esfrego o peito, estreito os

olhos para enxergar na escuridão. Minha camiseta está levantada até o pescoço, expondo o sutiã branco e simples que ganhei das freiras no Sisters of Charity. Os bojos foram abaixados, e eu ajusto o sutiã com movimentos cuidadosos, lentos, guardando os seios dentro dele. Não me permito pensar em como eles saíram de lá.

Minhas pernas tremem, mas ainda estão inteiras, e eu deixo escapar uma risada sufocada, como se esperasse ferimentos fatais. Ainda não houve nenhuma morte causada pelo Zipper. Ham.

Espera… deixo escapar um som primitivo, como se meu corpo soubesse o que se passa, mas o cérebro demorasse um minuto para acompanhar o raciocínio. Minha saia está erguida, embolada em torno do quadril, e a região pélvica está nua. Não estou com a calcinha branca e simples que ganhei das freiras. Atordoada, processo as folhas e os gravetos que sinto espetando o traseiro. As mãos tateiam inutilmente a pele, como se o pedacinho de tecido pudesse aparecer de um jeito mágico.

Oh, Ava, oh, Ava, você sabe o que é isso — como pôde ser tão ingênua…?

Estico o pescoço, me inclino para frente e vejo pequenos hematomas roxos na parte interna das coxas. Toco a região, e não contenho um gemido ao sentir a dor e o inchaço. Meu coração bate mais depressa, voa dentro do peito. A escuridão dança diante do meu rosto.

— Não, não, não… — falo, depois viro para o lado e vomito outra vez. Finalmente o álcool está saindo do meu corpo.

Mais lembranças — *são reais?* — invadem minha cabeça.

Eu me afastando para o meio das árvores. Precisava fazer xixi. Jolena estava comigo? Não. Balanço a cabeça quando a imagem de outra pessoa aparece, um homem se inclinado sobre mim, me levando para longe. Ele segurava minha mão e dizia que tinha algo para me contar, e, por alguma razão, eu o segui…

Toco minha boca.

Ele me beijou com força.

Puxou meu cabelo e me empurrou contra o chão com violência.

Clareza e compreensão substituem as lembranças confusas, cortando como uma faca afiada. Não me lembro de detalhes, a maior parte é só um completo vazio, mas um monstro esteve comigo nesse bosque.

Ouço a voz de Piper em minha cabeça. *Não confia neles, Ava. Você pode ser uma líder de torcida agora, mas ninguém entra no grupo deles.*

Mas… eu só queria me aproximar o suficiente para estar com Chance.

Queria viver no mundo dele.

Onde ele está agora?

Meus pensamentos divagam, e não sei por quanto tempo fico sentada na grama, entendendo o que aconteceu em um segundo e chorando de novo no segundo seguinte, enquanto a realidade vai se impondo.

Agarrada a uma árvore, tento ficar em pé, mas caio no chão. Longos minutos passam, e tenho consciência da lua se movendo acima das árvores. Só mais um tempinho, e vou conseguir andar.

Eu consigo.

Tenho de conseguir.

Alguém precisa de mim lá fora. Passo os dedos no pingente barato, folheado a ouro, pendurado em meu pescoço; toco a corrente fina. Ele é pequenino e minúsculo, e se eu não estiver por perto, se eu não levantar, o que vai acontecer?

Não posso abandoná-lo, nunca…

Esse pensamento me dá força, só o suficiente para rastejar para fora do bosque e para a clareira, para o prado aberto. Além desse prado, tem aquela estrada velha, e além dela, tem uma estrada de verdade onde posso acenar para alguém.

Ouço o ronco baixo do motor de um carro e vejo as luzes dos faróis na minha frente, um carro entrando no campo. Uma breve euforia me invade, mas logo desaparece.

E se for *ele*?

Minha ansiedade dispara, o pânico me ataca, e os músculos queimam enquanto tento rastejar de volta para o lugar de onde saí.

Espere até amanhã. Minha cabeça não está boa, mas posso esperar.

Sou boa em me esconder.

Sempre fui.

O brilho luminoso das luzes me ofusca, e minha cabeça vira para todos os lados, procurando um lugar para onde ir.

Corre, corre, corre…

Sons abafados interrompem a quietude, a porta de um carro batendo, uma voz chamando.

O medo me invade e cubro o rosto, envergonhada por ser tão indefesa. Logo eu. *Eu*.

Ombros largos aparecem sobre mim, e ele fala algo, e eu pisco. Não consigo vê-lo com os faróis do carro nos meus olhos. Ele fala de novo. Não consigo responder. Sinto ânsia de vômito.

Ele caminha em minha direção. Se abaixa. Braços fortes me levantam. Eu me mexo nesse abraço, tento resistir, mas não faço mais do que me encolher, não luto, não sou a garota do interior que sabe reagir. Estou vazia, meu corpo é incapaz de resistir quando ele me põe no carro, afivela o cinto de segurança à minha volta. Ele diz alguma coisa, talvez meu nome, faz perguntas, mas não consigo pensar direito. Não consigo fazer… nada.

Ele sai do campo, o carro se move depressa, muito depressa, minha cabeça pende para o lado no banco e olho para o meu captor.

Quem é ele?

Eu o conheço? Estreito os olhos, vejo um lampejo de queixo esculpido e testa franzida. Ele vira a cabeça, e seus olhos de aço encontram os meus. Acho que vejo raiva, e então, quando penso que ele é familiar, quando a informação vem na ponta da língua — a escuridão me envolve, e eu perco a consciência de novo.

CAPÍTULO 2

Ava

10 meses depois

O sol me atinge em cheio quando saio do meu velho jipe Wrangler verde-escuro, Louise, e dou um tapinha nele. Tem um amassado no lado do motorista, já veio assim, e a tinta está enferrujada nas beiradas do capô e sobre as rodas. Trabalhei três verões servindo mesas à noite em um restaurante no centro de Nashville para comprá-lo, é meu único bem no mundo. Paguei por ele economizando o dinheiro de cada gorjeta que recebi, e ganhei muito, porque eu era a melhor garçonete de lá, sempre com um sorriso largo e acolhedor para cada motorista de caminhão, operário e bêbado que aparecia tarde da noite. Às vezes, se a equipe de garçons estava completa, eu limpava a cozinha, tirava o lixo ou limpava o chão. Lou me mandava mensagem sempre que um dos funcionários não aparecia ou ficava doente, e eu me arrastava para fora da cama na moradia coletiva e corria os dois quarteirões até o restaurante, meio dormindo, mas pronta para transformar tempo em dólares. Sorrio. Louise não é bonita, mas é minha.

Tem um Porsche preto elegante estacionado ao meu lado, e do outro lado tem um Maserati vermelho. Eu suspiro. Quase um ano como aluna aqui, mas nada mudou.

Passo os olhos pelo terreno à minha frente. Bem-vinda à Camden Prep, também conhecida como meu inferno pessoal, uma prestigiada escola particular no meio de Sugarwood, Tennessee, que por acaso é uma das cidadezinhas mais ricas dos EUA, lar de senadores, estrelas da música country e atletas profissionais.

Pff. Tanto faz. Eu odeio esse lugar.

Com a mochila pendurada no braço, corro pelo estacionamento desviando cuidadosamente dos veículos, lembrando que certo dia um calouro acidentalmente arranhou um carro uma vez, e o carro de um dos Sharks, nada menos que isso. Mais tarde, eles o encurralaram no banheiro e o fizeram lamber seus sapatos. O melhor conselho para quem não é um Shark é ficar longe deles.

Não olhe. Não toque. Finja que eles não existem. Aprendi tudo isso no primeiro e no segundo ano. No primeiro ano — bem, não vamos nem falar nisso, mas agora que é meu último ano, vou viver novamente de acordo com essas regras.

Tensão e apreensão fazem meu coração acelerar mais e mais à medida que me aproximo das portas duplas da entrada principal, coberta de hera, entre duas torres cinzentas que lembram um castelo. O último sinal ainda não tocou, e eu tenho exatamente cinco minutos para chegar ao meu armário e ir para a aula. Chegar tarde era o meu plano, porque uma garota como eu precisa ter um plano.

Enquanto corro, ajeito o novo uniforme escolar, uma saia xadrez vermelha e dourada no meio da coxa, algo que a administração instituiu para eliminar a divisão entre os que têm e os que não têm. Até parece. Todos já sabem quem são os alunos ricos e os que são como eu. Basta olhar a porcaria do estacionamento.

— Eu te amo, Louise — murmuro. — Tudo o que esses idiotas têm é algo que os pais compraram para eles.

Paro na porta e respiro fundo. Era de se esperar uma porta de vidro comum em uma escola, mas este não é um lugar comum. A porta aqui é feita de vidro pesado, chanfrado, do tipo que se vê em casas antigas. No primeiro ano, achei lindo aquele dragão vermelho cuidadosamente gravado na parte superior, mas agora… Ah… pavor puro e simples me devora, me envolve como lama, mesmo que eu tenha feito para mim mesma uma centena de discursos motivacionais na viagem de vinte minutos do Sisters of Charity, no centro de Nashville, até aqui.

— Fica firme — sussurro. — Além dessas portas há cães do inferno e vampiros. — Eu sorrio, se ao menos eles realmente fossem isso, eu usaria uma estaca e acabaria com eles, como a Buffy.

Infelizmente eles são apenas humanos, e não posso esfaqueá-los.

Ajeito meu cabelo, tingido recentemente de um tom escuro, no comprimento dos ombros, com as laterais mais longas que a parte de trás, num estilo muito diferente das longas mechas loiras do ano passado. Cortar e tingir o cabelo são terapias. Faço isso por mim, para mostrar a esses babacas que não serei mais aquela bolsista legal. Que se dane tudo isso. Eu me fortaleço mentalmente, tiro força do passado. Estive em abrigos para sem-teto. Vi minha mãe enfiar agulhas nos braços, entre os dedos dos pés, onde pudesse, para ficar chapada. Eu a vi secar garrafas de vodca no café da manhã.

Esses riquinhos são crianças de colo quando comparados a mim.

Então por que estou tremendo?

Sem medo, diz uma vozinha.

Abro as portas, sinto uma onda de ar frio e vejo corredores com iluminação brilhante. O exterior pode dar a impressão de que você voltou alguns séculos no tempo, mas o interior é chique e luxuoso, decorado como uma mansão de milionário em vez de uma escola.

Cheira a dinheiro, penso, parada por um segundo antes de entrar. Ainda é lindo, não posso negar. Paredes em um tom aconchegante de cinza. Lambril branco. Sancas decorativas. Cadeiras de couro. E isso é só a entrada. Ando mais um pouco com passos hesitantes. Retratos majestosos pendurados na parede, ex-diretores ao lado de fotos emolduradas de ex-alunos, rostinhos sorridentes capturados em fotos de veteranos. Os garotos usam terno, as meninas, vestido preto. Até o final deste ano, minha foto será encaixada em uma colagem e pendurada com meus colegas de classe. Uma risadinha me escapa, um som que beira a histeria, e eu a engulo.

Alunos circulam — meninas de saia plissada e camisa social branca como a minha, meninos de calça cáqui, camisa branca e gravata vermelha e dourada —, todos olhando para os lados para ver quem veio para o primeiro dia de aula.

Olhos soltam faíscas.

Exclamações são abafadas.

Lutando contra o nervosismo, respiro fundo, parte de mim já lamentando essa decisão, me impelindo a virar e correr como louca, mas fico firme e luto contra a náusea. Engulo minhas emoções, afasto todas cuidadosamente e as tranco no peito. Imagino uma corrente e um cadeado envolvendo as memórias do ano passado. Pego esse horror e jogo em um oceano tempestuoso. Pronto, penúltimo ano. Desapareça.

Com uma expressão fria que treino há uma semana, deixo os olhos vagarem por todos os alunos, sem demorar muito nos rostos.

É isso aí, Ava Harris, a dedo-duro/vadia que foi à polícia depois da festa está de volta.

E não vou a lugar nenhum.

Tudo que preciso é desse último ano, e posso conseguir entrar em uma faculdade estadual, ou até conquistar uma bolsa de estudos para a Vanderbilt. *Vanderbilt*. Meu corpo treme em antecipação. Eu em uma universidade de prestígio, estudando com pessoas que não me conhecem. Tendo algo meu. Seguindo meu próprio caminho, e ele será brilhante, plano e tão suave…

Minhas pernas funcionam antes do cérebro, e quando começo a andar pelo corredor, a multidão se abre, mais alunos me veem e param, arregalam os olhos.

O ar ao meu redor praticamente estala com a tensão.

Se eu fosse uma bruxa má, agora seria a hora da gargalhada.

Cerro os punhos, tentando me agarrar à minha determinação.

Você é melhor do que qualquer um deles.

Mas, por dentro, as palavras de encorajamento parecem vazias.

Piper corre e me abraça.

— Ela voltou! Minha melhor amiga está de volta! *Ai, meu Deus, senti tanto a sua falta!*

Ver seu rosto exuberante e acolhedor é exatamente o que eu precisava. Bonita, com longos cabelos loiros em um tom avermelhado presos para trás com duas presilhas de borboleta, Piper é minha amiga desde que tivemos uma aula de coral juntas no primeiro ano. Ela não consegue acompanhar uma melodia, mas eu adoro cantar. Fiz um solo em todos os espetáculos da Camden ADN. Antes Daquela Noite.

Piper ainda está falando, perguntando sobre o que andei fazendo no verão. Trabalhando, digo a ela, e ela me conta como foi a Yellowstone com os pais, em uma terrível viagem de um mês com os dois irmãos mais novos em um trailer. Balanço a cabeça e sorrio em todos os momentos certos, e ela parece pensar que estou bem. Que bom.

Ela põe os óculos gatinho rosa-neon e sorri enquanto aperta minha mão.

— Estou tão feliz por te ver! Aliás, meus pais têm insistido que você vá jantar lá em casa em breve. Já faz tempo.

De fato.

— Você está, hum, bem? — ela pergunta.

Antes que eu possa responder, alguém tropeça em nós e se afasta rapidamente, mas não antes que eu possa ouvir um sussurro: “dedo-duro”.

Minha bolsa cai com a força do impacto daquele ombro.

E assim começa.

Ela me ajuda a pegar a bolsa, olha para as costas da pessoa que se afasta e dispara:

— Presta atenção! — Depois: — Atleta de merda!

Levanto e estico a cabeça para ver quem era. Cabelo vermelho, jogador de futebol: Brandon Wilkes. Eu mal o conheço.

Ela sopra a franja para longe do rosto e recupera o ar doce, embora os olhos estejam se movendo, desafiando as pessoas à nossa volta a dizer uma palavra contra mim.

— Enfim, estou feliz por você ter voltado. Não temos conversado muito, e a culpa é sua, mas tudo bem. Eu te dei espaço, como você pediu.

Piper nunca foi de fazer rodeios.

Não a procurei como deveria, mas precisava de distância deste lugar e de todos daqui. Eu tentei no início, mas quando ela falava da escola, dos jogos de futebol, das aulas e de coisas corriqueiras da rotina em Camden, sentia aquele vazio me puxando, um buraco negro de lembranças e pessoas as quais não queria pensar. A vida dela continuou — como tinha de ser —, enquanto eu fiquei presa, patinando no passado.

— Mas agora você está aqui. — Ela sorri, mas o sorriso é hesitante.

— Sim. — Retribuo com um sorriso pálido, colocando nele todo o esforço que sou capaz. Foram os pais de Piper que me levaram ao hospital no ano passado. Gente boa. Trabalhadores. Não são ricos. Ela é bolsista, como eu, e entrou em Camden porque suas notas de matemática e ciências são uma loucura. Ela mora aqui em Sugarwood, enquanto eu venho todos os dias da moradia coletiva. Antes do meu aniversário de 16 anos, uma freira me trazia para a escola em uma velha van amarela.

Ela pula quando ouve seu nome no alto-falante, falando rápido como um raio.

— Caramba! Preciso correr. Minha mãe chegou. Acredita que esqueci meu laptop no primeiro dia? Eu sou uma idiota! Te vejo na aula, ok? Temos a primeira juntas, não é? — Ela me dá um abraço rápido. — Você consegue.

Mas... será?

Na verdade, quero voltar correndo para o meu carro e ir embora deste lugar para sempre, mas depois penso no meu irmãozinho Tyler. Objetivos… tenho de me ater a eles.

Antes que eu possa dizer uma palavra, o que é normal, ela se afasta saltitando pelo corredor como o Tigrão, do Ursinho Pooh.

Sinto falta de Piper imediatamente, notando que todos estão olhando para mim.

É engraçado como ninguém realmente me notou durante meu primeiro e segundo ano aqui. Não. Eu era a garota que mantinha a cabeça baixa e se fazia tão invisível quanto podia, tentando manter minha origem fora do radar… Até o verão antes do penúltimo ano, quando encontrei Chance em uma livraria, e ele demonstrou interesse. Então, quando as aulas começaram, enfiei na cabeça que seria líder de torcida. No geral, me convenci de que seria bom para as inscrições nas universidades e, além disso, presumi que tomaria menos tempo que futebol ou tênis, mas a verdade é que fiz isso por ele. Eu queria Chance, os jogos da sexta à noite e as festas com todo mundo.

Pura.

Idiotice.

Os armários parecem estar a um milhão de quilômetros de distância enquanto vou abrindo caminho entre todos os espectadores, mantendo as mãos fechadas nas alças da mochila. Os sussurros dos alunos aumentam, se espalham como uma onda no oceano.

E é claro…

Os irmãos Grayson são os primeiros Sharks que vejo, cercados por várias garotas, encostados em uma parede. Knox e Dane. Gêmeos.

Olho para eles com os olhos meio fechados, assumindo uma expressão dura e desafiadora, analisando os dois irmãos, o físico musculoso e semelhante, os mesmos ombros largos. Eles podem parecer quase idênticos, mas são como noite e dia. Knox é o frio, o que nunca sorri, o que tem aquela cicatriz cortando o rosto e o lábio superior, modificando a curva da boca e alterando a perfeição do rosto. Engulo em seco. Ele que se dane.

Eu me recuso a passar o ano com medo.

Seus lábios se contraem como se ele lesse minha mente, o corte na boca retorce, e eu o encaro.

Você não me assusta, meu rosto diz.

Ele sorri.

As ondas cor de mogno cobrem a gola da camisa, e os olhos são de um cinza penetrante, como metal afiado e intenso, emoldurado por uma faixa de cílios pretos. Seu olhar registra tudo e me deixa nervosa desde o primeiro ano, quando eu o surpreendia me encarando, me estudando como se eu fosse um inseto estranho.

Quando eu tinha coragem de sustentar aquele olhar com ousadia — tipo, “está olhando o quê?” —, ele ria debochado e seguia em frente. Sou inferior a ele. Uma fagulha. Ele praticamente disse isso depois do nosso primeiro jogo no ano passado.

— O que você quer? — ele pergunta com tom de desprezo quando entro no vestiário de futebol. Olhos frios se movem sobre minha saia de líder de torcida, depois sobem e pousam na minha garganta. A noite não é suficientemente fria para o suéter do uniforme, e a blusinha que visto é vermelha e branca com o as letras CP bordadas no peito.

— Cadê o Chance?

Ele fica tenso, depois dá uma gargalhada e pega a camiseta suada e os protetores.

Seus ombros são largos, o peito é salpicado de pelos finos e dourados, bronzeado, marcado por músculos definidos que se sucedem até a cintura esguia. O tanquinho é perfeito, e noto uma pequena tatuagem no quadril, mas não consigo ver o que é. Ele não é grandalhão ou encorpado, como é de se esperar para um cara com esse porte atlético, mas é esculpido, definido e…

Baixo a cabeça e olho para o chão. Não devia estar secando o cara. Estou com o Chance.

Ouço risadas masculinas em uma das salas além da área dos armários, talvez dos chuveiros, e murcho, pensando que Chance deve estar lá. Levanto a cabeça, pensando em pedir a ele para dizer a Chance que passei para dar os parabéns pelos dois touchdowns, mas minha voz fica presa na garganta. Knox desamarra o cadarço da calça suja de grama e a está tirando. As pernas são musculosas e rígidas, diferente das de Chance, mais finas. A cueca é preta e justa e envolve o traseiro, o desenho do…

— Está gostando do que vê, Obra de Caridade? Pode olhar, só não pode encostar.

A raiva me domina e substitui o constrangimento. Sei que sou só uma bolsista na Camden, mas por que ele tem que me lembrar disso sempre?

— Não se preocupe com a possibilidade de encostar em alguma coisa. Não gosto de feiura. — As palavras brotam antes que eu possa detê-las. Eu me referi à postura arrogante, não ao seu rosto, mas assim que ele fica imóvel, percebo que me entendeu mal.

Ele toca o próprio rosto, desliza o dedo pela cicatriz e projeta o queixo.

— Sai. Só os jogadores podem ficar aqui.

Viro e caminho para a porta, fazendo um esforço para não correr.

— Babaca — resmungo.

Sua gargalhada me acompanha.

Há boatos de que Knox não beija as meninas na boca, mas por mais que a cicatriz prejudique seu rosto, ele ainda é o chefe dos Sharks.

Hoje ele veste uma camisa branca de botões e mantém a gravata frouxa, como se já estivesse cansado dela. Imagino que passe muito tempo na academia exercitando o corpo musculoso, mantendo o status de quarterback. Ele sustenta meu olhar por vários segundos, antes de desviar e olhar para o celular.

Escuto sua risada abafada.

Algumas coisas nunca mudam.

Dane é quase uma réplica do irmão, mas seu rosto tem a perfeição de Adonis, e o cabelo é mais comprido, na altura dos ombros. Ele tem a mesma altura de Knox, um metro e noventa, mais ou menos, mas o queixo é mais anguloso, mais fino. E os olhos? Ai, céus. São como mapas, de tantas linhas vermelhas.

Sim, os dois estavam na festa.

O medo acaricia minha espinha, e meu corpo fica tenso. Naquela noite, alguém (a pessoa que me tirou de lá) me colocou no sofá da varanda da frente da casa de Piper. Depois tocou a campainha e foi embora antes da mãe de Piper abrir a porta. Às vezes, me pergunto se essa pessoa poderia ter sido…

Todos os pensamentos cessam, e meus pés hesitam quando vejo quem está ao lado de Knox: Chance. Vejo bem como fica pálido, como os olhos azuis parecem queimar quando se cravam em mim enquanto ele passa a mão no cabelo loiro.

É isso aí, otário, aqui estou eu: Ava versão 2.0.

A garota que ele beijava como se realmente a quisesse não existe mais.

A conhecida vergonha desperta dentro de mim, e eu a sufoco. O que aconteceu não foi culpa minha. Embora o exame toxicológico tenha comprovado que não havia drogas em meu organismo (só álcool), me recuso a acreditar nisso. Ou talvez fosse mesmo só álcool. Não sei, e isso me deixa maluca.

Também fui submetida ao kit estupro, e ainda quero morrer com essa lembrança humilhante, a sala fria, impessoal, as perguntas invasivas. “Você é

sexualmente ativa?” Sim, já tive relações sexuais antes. “Quanto tempo desde a última relação consensual?” Seis meses. “Com quem?” Um garoto da Sisters of Charity que agora mora no Texas. “Quantos parceiros teve?” Só um, só um… até isso acontecer. “Que tipo de medicamentos você toma?” Nenhum. Depois disso, eles me levaram para outra sala de exames, onde me avaliaram da cabeça aos pés, colhendo amostras de cada centímetro, da boca às unhas dos pés. Em seguida fotografaram os hematomas na parte interna das minhas coxas. Puseram minhas roupas em um saco de papel. Pediram para eu contar detalhes sobre os momentos que antecederam o ataque, querendo que eu fornecesse o passo a passo do que havia acontecido. E embora a enfermeira fosse gentil, muito gentil, tive de esconder o rosto quando falei que não conseguia lembrar quem tinha sido.

E no fim…

Nada.

Determinaram que eu tinha feito sexo, sexo brutal, mas nenhum resquício de sêmen ou DNA confiável foi encontrado.

E Chance? A última mensagem dele antes de eu ter ido procurar a polícia:

> Para de mentir sobre a festa. Você não é a pessoa que eu pensei que fosse. Você é só uma piranha.

As palavras cruéis cortaram meu coração, feriram fundo. Não sou promíscua. Não transei com ninguém na Camden; estava ocupada demais trabalhando, estudando e cuidando do meu irmão. Além do mais, não devia ter a menor importância se eu tivesse trepado com todos os caras da escola.

Bebedeira não significa consentimento.

Devo ser maluca, porque paro na frente dos três e estudo as linhas no rosto de Chance, seu queixo quadrado, as covinhas dos dois lados da boca, que se aprofundam quando sorri.

Agora ele está carrancudo.

“É”, sussurro em pensamento, comprimindo os lábios. “Espero que esteja furioso por me ver. Não estou aqui por sua causa, atleta. Estou aqui por mim.”

Com aquele sorriso falso de volta ao lugar, sigo em frente. Estou quase no meu armário, o número 102, quando duas garotas aparecem na minha frente, me impedindo de passar.

Caramba. Pelo menos tudo está acontecendo de uma vez só.

Um longo suspiro escapa do meu peito enquanto encaro Jolena e Brooklyn, minhas ex-companheiras da equipe de líderes de torcida. Meus lábios se contraem. Elas nunca foram minhas amigas de verdade. Nunca me telefonaram, nem mandaram uma mensagem sequer nos últimos dez meses.

Jolena, a evidente abelha-rainha, está de sapato vermelho de salto alto, com o cabelo castanho preso em um rabo de cavalo alto que acentua as faces salientes e a boca cor de rubi.

— Ora, ora, ora, se não é a Ava Harris. Não acredito que teve coragem de dar as caras por aqui. Por favor, me diz que não vai tentar voltar para o time. — As palavras são ditas com um sorriso falso perfeito.

A abordagem direta não me surpreende. É o que eu esperava: raiva e ressentimento. Quando fui à polícia, delatei os populares. Para mim, a festa foi um detalhe insignificante comparado ao que aconteceu no fim, mas, para alguns, cometi uma traição. Sou a dedo-duro, e talarico morre cedo, e toda essa palhaçada.

Além do mais, tem o vídeo em que apareço com os jogadores de futebol, inclusive o namorado dela.

Mais uma experiência doentia em um brinquedo de parque de diversão.

O jovem detetive bate com a caneta na mesa.

— Srta. Harris, existe a possibilidade de ter sido sexo consensual? Seu comportamento na festa foi, bem, indicativo de… — A voz seca se cala, mas entendo o significado do comentário. — Conheço a maioria daqueles garotos. Bons pais. Excelentes jogadores de futebol. Não tem problema se fez sexo consensual com…

— Não — interrompo. — Não, não, não… — Deixo os ombros caírem, quero sair dali rastejando.

— Tem um vídeo em que você aparece dançando com Liam Barnes, Dane Grayson, Brandon Wikes… — Ele narra vários outros, cada nome é uma facada dolorida. — Vou te mostrar.

Ele põe um laptop na minha frente e aperta o play. Não sei quem fez o vídeo ou quem o entregou à polícia. É escuro e granulado, mas não há como confundir minha blusa e o cabelo loiro. Ou os garotos. Estou no meio da roda, dançando e rindo para eles, tocando seus ombros, passando de um para outro. Mantenho os olhos fechados. A música é "Closer", Nine Inch Nails.

— Desliga isso — sussurro, segurando a barriga. — Por favor.

— Ei. Está ouvindo, idiota? — Jolena pergunta. Ela é mais baixa que eu, mesmo de salto alto, e estou bem acima dela, finalmente grata por ter um metro e setenta de altura. Nunca conheci meu doador de esperma, o homem que engravidou minha mãe, mas imagino ter herdado essa estatura dele, já que minha mãe é miudinha.

— Sai da minha frente — digo em voz baixa, fazendo esforço para não permitir que ela trema.

— Ah, ela tem garras. Me obriga. — Ela dá um passo em minha direção, e sinto o perfume floral enjoado.

Meu estômago se revolta, mas eu o controlo.

— Já estive com garotas bem piores que você, pode acreditar. Vai querer tentar?

Ela ri, e o som é ouvido por vários alunos que pararam para assistir a cena. Jolena olha em volta, estuda cada um deles, e alguns recuam visivelmente. Outros se aproximam quase fascinados, tentando adivinhar o que vou fazer, o que ela vai fazer…

Ela dá de ombros.

— O aviso foi dado. As meninas não querem você no time. Não precisamos de putas na equipe.

Minha reação instintiva é fugir. É o que eu teria feito se tivesse interagido com ela no passado, já que eu só queria facilitar as coisas para mim aqui. Não chamar atenção. Concluir o ensino médio.

Eu a ouço resmungar alguma coisa enquanto me afasto, me chamando de nomes pesados, mas silencio a voz e me concentro em respirar fundo. Minhas mãos tremem quando abro a porta do armário. Recebi a combinação na mensagem de confirmação de matrícula na semana passada.

— Está diferente. — Alguém diz à minha esquerda. Olho para o cara que falou comigo, noto o cabelo castanho curto nas laterais, com a parte de cima mais comprida e o penteado para trás. Vejo os olhos castanhos. Pouco mais de um metro e oitenta, musculoso, com um toque de malícia no olhar. Ele sorri. — Seu cabelo era claro. O preto ficou legal, meio ameaçador. Eu te vi ao estacionar o carro. — O sotaque é de Boston, talvez do sul de Boston, com o R suprimido no fim das palavras.

Ele arqueia uma sobrancelha, o piercing prateado cintila à luz fluorescente.

— Meu nome é Wyatt. Sou aluno novo, entrei em janeiro, mas ouvi tudo sobre você. Vi sua foto no anuário. Somos vizinhos de armário. — Mais um sorriso, e ele chega mais perto de mim. — As pessoas não param de olhar para você. É tipo… uma celebridade. Bem-vinda de volta. É uma honra ser seu vizinho. — Ele põe a mão no peito, sobre o coração.

Hum.

Não esperava ninguém me tratando com toda essa gentileza, e não confio no sentimento que isso traz. Viro de frente para o armário, seguro o cadeado. A combinação não funciona, e ele me vê tentar pela terceira vez até finalmente conseguir abrir a porta. Quando isso acontece, seu rosto some.

Wyatt fecha seu armário e se afasta. Percebo um envelope no fundo do armário. Estranho. Como isso veio parar aqui? Verifico o lado de fora e noto as pequenas frestas de ventilação por onde alguém deve ter empurrado o pacote.

“Para Ava”, está escrito, e sinto um arrepio no pescoço ao imaginar quem o teria deixado. Além do mais, como descobriram o número do meu armário? Recebi todas as informações relacionadas à matrícula poucos dias atrás. Mordo o lábio e guardo meu almoço dentro do armário, tentada a deixar a carta ali mesmo. Olho para ela e quase a pego, paro quando meus dedos estão a poucos centímetros do envelope. E se tiver antraz lá dentro? Reviro os olhos para o pensamento ridículo. Sou inteligente o bastante para saber que esporos de antraz liberados no ar poderiam prejudicar não só a mim, mas várias pessoas, inclusive quem deixou a carta. Tudo bem, beleza, mesmo assim não vou tocar nesse envelope. Mais tarde, eu volto com um par de luvas do laboratório de ciências e jogo essa coisa no lixo.

Estou fechando o armário, quando mudo de ideia, abro a porta, pego a carta e rasgo a parte de cima do envelope. E se for da Piper?

Querida Ava:

~~Seus olhos são da cor do mar do Caribe.~~

Merda. Que breguice.

O que estou querendo dizer é que quando você me olha eu sinto algo DE VERDADE.

Já se passaram 10 meses que você foi embora, mas não consigo te esquecer.

Sinto falta de te ver pelos corredores.

De te ver torcendo nos meus jogos.

Sinto falta do cheiro do seu cabelo.

A verdade é que eu já te queria naquela época….

Se precisar de qualquer coisa, conte comigo. Me envie uma mensagem. Por favor. 105-555-9201

Obs: Sou um Shark, mas nunca te machucaria.

Obs2: Tentei resistir de todas as maneiras, mas ainda te quero.

Meu coração dispara quando leio as palavras, e tenho a vaga consciência de um sinal tocando e de pessoas passando por mim a caminho das salas. Quero amassar e queimar a carta. Quero mijar nela.

E isso me faz dar risada.

Quem deixou isso?

É claro, não acredito em nada. Em primeiro lugar, é de alguém do time de futebol — um Shark —, e todos eles me desprezam. A festa era deles, e foi em cima deles que a polícia concentrou a investigação.

Todos disseram a mesma coisa: Ava Harris já chegou lá bebendo. Ninguém deu drogas nem bebida para ela. Ninguém a viu entrar no bosque. Ninguém a atacou.

O último sinal me assusta e me arranca do passado, e eu enfio a carta na mochila, bato a porta do armário e corro para a primeira aula.

CAPÍTULO 3

Knox

Estaciono minha Mercedes-Benz Classe G preta e desligo o motor.

— Que carro incrível — diz Chance ao sair pela porta traseira, pendurando a mochila em um ombro. Seus olhos azuis têm linhas nos cantos, e ele ainda exibe o bronzeado da viagem a Maui na semana anterior. — Você sempre ganha os melhores brinquedos, Knox.

Ele ri, e eu dou de ombros, sabendo que não tem inveja em suas palavras. A riqueza de sua família é antiga, passada de geração em geração de advogados bem-sucedidos e até um governador, mas não se compara à minha e de Dane — nosso pai é um milionário do ramo imobiliário.

Desço do carro.

— Nada menos que o melhor para os Graysons. — Minha voz é sarcástica. Ninguém percebe, exceto meu gêmeo.

Meu irmão Dane sai pelo lado do passageiro e bate de leve no capô do carro.

— É, o querido e velho papai estava se sentindo culpado por ter deixado a gente em casa na maior parte do verão para ir trabalhar em Nova York. Bela maneira de agradar, não acha? — Seu tom é neutro, o rosto está inexpressivo, exceto pelas linhas de tensão em torno dos lábios.

Ele é legal, digo a mim mesmo, seguindo-o com os olhos enquanto se aproxima de nós.

Liam sai do banco de trás. Jogador do nosso time, tem mais de um metro e noventa, é a estrela da defesa e está a caminho de uma grande universidade. A ESPN o classificou melhor que todos no time, inclusive eu. Hoje de manhã ele precisou de carona, mas contou que o pai vai deixar uma coisinha para ele mais tarde — um Escalade preto, e novo.

Com um sorriso cheio de malícia, ele se espreguiça, alonga os braços e olha para a escola, analisando o prédio imponente com as duas torres, uma de cada lado, a hera que cobre a parede da frente e esconde as pedras cinzentas.

— Estão sentindo arrepios também, gente? Último ano… tudo nosso. — Liam estala os dedos e esfrega as mãos. — Vou pegar todas as meninas que eu

quiser. Mais que vocês, babacas. Como meu pai gosta de dizer, coisa de homem. — Ele ri.

— Só você mantém a pontuação — Chance comenta, revirando os olhos.

— E aí, você e Jolena terminaram de novo? — Dane pergunta. — Nem me surpreende mais. Vocês dois são uma novela. — Ri, e o humor ameniza um pouco da tensão. Ele é assim, oscila de uma emoção a outra.

Liam dá de ombros e passa a mão nas mechas penteadas de lado, quase brancas — estilo Justin Bieber de antigamente.

— Tem muita mulher no mundo para ficar amarrado a uma só.

— Vocês vão voltar antes de o dia acabar — Dane resmunga.

Chance ri.

— Cuidado, Liam. Lembro que acabou com coceira no pau esse verão, depois de pegar uma universitária que conheceu naquela boate onde conseguimos entrar. Ela era uma delícia, mas droga… DST? A consulta com o médico deve ter sido constrangedora.

Liam fica vermelho.

— Era curável, ok? Não fica contando isso por aí, vai estragar meu esquema.

Faço uma careta debochada.

— Vou fazer um anúncio matinal. — Finjo que estou segurando um microfone. — Bem-vindos de volta, alunos. Aqui é Knox Grayson, seu quarterback do Dragons. Vai ser um ótimo ano na Camden, mas antes de começarmos hoje, quero abordar as DSTs… Bom, não exatamente “abordar”, mas vocês entenderam o que eu quis dizer. Vamos usar Liam Barnes como nosso exemplo. Aliás, um enigma para animar o dia: o que é pior que pulgas no seu piano? Alguém sabe? — Olho para os caras, rindo do rosto vermelho de Liam, vendo a cor se intensificar. — Piolho no seu órgão, é claro. Perguntem ao Liam.

Chance ri baixinho, e Dane gargalha.

— Boa, irmão.

Dou de ombros.

— De vez em quando eu acerto.

— E Liam é um excelente material para isso. — Chance bate com o punho fechado no meu.

— Vai se ferrar, quarterback — Liam resmunga. — Espera para ver o que vai acontecer no campo.

Arqueio uma sobrancelha, fingindo não me abalar com o desafio, mas sinto um arrepio. Hoje em dia parece que qualquer coisa é grande demais, especialmente para um jogador de futebol que fala muito.

— Foi só uma piadinha.

Liam assume uma expressão neutra.

— Não tem graça. Não gosto de ser alvo das suas piadinhas.

Então dou risada de verdade, uma risada profunda e satisfeita, porque consegui irritá-lo. Existe uma competição esquisita entre nós. Talvez seja uma coisa do tipo ataque e defesa, mas, de maneira geral, é consequência de eu estar no comando do time, além de eu ter saído com Jolena no segundo ano, antes dele. Foi um lance rápido, e eu desisti logo, mas apesar de toda a conversa sobre não ter nada sério com ela, Liam não me quer perto dela.

Transar com ela foi como beber água — sem gosto, sem nenhuma importância, só para passar o tempo. Não tenho certeza nem de que Jolena me queria, mas fez todos os barulhos certos e fingiu, ansiosa para ser uma das garotas embaixo da arquibancada. Ela não dava a mínima para quem eu era, mas pode apostar que contou para todo mundo que transou com o quarterback. Engraçado… Nunca conto para ninguém quem eu como, mas as pessoas sempre sabem.

Liam gira os ombros.

— Você tem se comportado de um jeito estranho ultimamente, Knox. Já está preocupado com o campeonato estadual? — Ele me olha da cabeça aos pés. — Não se preocupa, vou ganhar esses jogos para nós. Você só precisa fazer uns passes bonitinhos, e eu fico com o trabalho duro.

— Vai se foder — respondo em voz baixa.

Depois sorrio.

Ele olha para mim, surpreso, depois vira para o outro lado. O desgosto é evidente em seu rosto. Quatro anos com essa cicatriz, e ele não consegue lidar com ela.

Dane fica imóvel ao meu lado e olha para mim de canto de olho, e me recuso a parar para prestar a devida atenção. Liam é o seu melhor amigo, e como é meu irmão gêmeo, estamos em sintonia. Ele sabe quando quero usar os punhos.

— Vem, vamos entrar — Dane resmunga, batendo com o ombro no meu.

— Hum, talvez eu tenha que acertar umas coisas com o Liam antes de entrar — respondo tranquilamente.

Liam olha para mim, encontra meu olhar e transforma sua expressão com um sorriso cauteloso.

— Ah, cara, esquece isso. Vai ser um bom ano, não vai? Nosso time vai ganhar o campeonato. Você e eu, ok, Knox? Estamos juntos. É assim desde o primeiro ano.

— Dane e eu estamos sempre juntos, babaca. Você não, nunca.

— É.

Nós quatro começamos a andar pela longa calçada que leva à entrada. Liam abre a porta, e eu entro primeiro, olhando para todo mundo no hall, depois no corredor.

Nada.

Ela ainda não chegou.

Espera.

Uma loira chama minha atenção no fim do corredor. Ela está de cabeça baixa, escondendo o rosto. Meus passos hesitam, faço uma pausa atrás dos outros três. Vou me aproximar dela…

Toco a cicatriz, deslizo o dedo por cima dela.

Não. Não.

Não vai atrás dela, Knox. Deixa para lá. É isso.

Um conhecido jipe verde passa pelo canto do meu campo de visão, atravessa o estacionamento e passa pela calçada. Franzo a testa, sinto o estômago se contrair. Ava. Então a loira não é ela. Meu peito fica apertado, e sou invadido por uma mistura de desconforto e animação quando a vejo estacionar e sair do carro. Mordo o lábio inferior, meu corpo fica tenso.

Por quê?

Tensão? Medo? Desejo?

É, sou uma dupla personalidade normal.

Uma parte de mim nunca mais quer ver a cara dela, mas o outro lado… Bom, é com esse que tenho de me preocupar.

Liam se apressa a caminho da diretoria para montar seu horário, enquanto Dane, Chance e eu esperamos perto da porta, dando uma olhada nos calouros e esperando os amigos que não vimos no verão.

Mas sei por que estou aqui.

Dane apoia a cabeça na parede e coça o rosto.

— Que foi? — pergunto, sem desviar o olho da porta, atento.

Ele levanta a cabeça.

— Nada. Larga do meu pé. — Olhos cinzentos como os meus me encaram. Suas pupilas estão dilatadas.

Contraio a mandíbula, mas fico de boca fechada. Quanto mais fico em cima, mais ele reage com hostilidade, e não se pode discutir com…

Merda.

Lá está ela.

Faz meses que ela não enfeita os corredores da Camden com suas pernas longas e esguias e aqueles grandes olhos de água-marinha.

Um sentimento sufocante cresce em meu peito.

Ela.

Está.

Aqui.

Meus pensamentos voltam ao passado. Ainda lembro do dia em que ela apareceu no primeiro ano, o brilho de esperança em seus olhos, cheia de otimismo, esperando que Camden fosse um novo começo. Ela atraiu meu olhar, e eu odiei aquilo. Ainda hoje fico aflito para arrancar a sensação da minha pele.

Neste corpo não são permitidos sentimentos por ela.

Nenhum.

— Ela voltou — diz Dane, se afastando da parede com uma expressão enigmática. — A gente tem que reconhecer… Ela tem coragem.

— Hum — respondo, estudando-a enquanto ela não está olhando. O cabelo comprido e loiro desapareceu, agora é preto. Parece mais dura. A boca está congelada em um sorriso debochado de batom vermelho e brilhante, que acentua a curva sensual da boca e a palidez da pele. Sardas salpicam o nariz, como antes, mas é o ângulo tenso do queixo que anuncia que não é mais a mesma. A saia é um pouquinho curta demais para as diretrizes da escola, a bainha está uns sete centímetros acima dos joelhos, em vez dos permitidos dois. Talvez as bolsistas fiquem por último para escolher os uniformes. Acho que recebem as roupas de graça, como os livros. Elas recebem só dois de cada peça? Dois casacos, duas camisas e duas saias? Não consigo nem contar quantos uniformes tenho em casa

no closet, uma coleção de calças cáqui, camisas brancas perfeitamente engomadas e uma infinidade de gravatas.

Seu blazer vermelho com o brasão do dragão da Camden está pendurado em um braço, a camisa ressalta os seios fartos. Nos pés, usa um tênis Converse preto e muito velho. Olho para as meias brancas que cobrem suas panturrilhas.

— Por que está olhando para ela desse jeito? — Chance sussurra ao meu lado.

— De que jeito?

Quem é ela, afinal, para entrar neste lugar com os olhos iluminados por uma nota de maldade?

Fecho as mãos.

Ela é doce demais.

Proibida.

— Como se estivesse fascinado, ou alguma merda desse tipo. — Sua voz está abafada.

— Hummm — murmuro.

Sinto que Chance me observa enquanto olho para ela e depois diz:

— Não mexe com ela.

Continuo olhando, nem escuto o que ele diz, me incomoda a curva vulnerável em seus ombros, a inclinação que Ava tenta eliminar quando se aproxima de nós.

Dou de ombros, um movimento tranquilo e leve.

— Definitivamente ela é uma fagulha que pode explodir e pegar fogo.

— E queimar todos nós — Dane resmunga.

— Chance tem razão. Para.

— Não consigo — respondo baixinho. Passo a língua nos lábios, me esforçando para deixar de olhar para Ava e me sentindo incapaz de desviar o olhar.

Ela voltou, ela voltou, ela voltou de verdade.

A mandíbula de Chance estala enquanto a observa, parece tentar se controlar.

Ava parece ter os pés colados no chão do corredor enquanto olha para nós. Alunos passam por ela sem se aproximar.

Vem, pequena Ava.

Chega mais perto de mim, menina valente.

Mais um passo.

Deixe-me te tocar. O braço. A mão. Qualquer coisa.

Por favor.

Meus dedos formigam.

— Não acredito que Ava voltou — Chance rosna e olha para mim, mantendo a voz baixa para não ser ouvido. — Você sabia?

— Por que você sempre acha que eu sei de tudo? — pergunto com tom seco.

— Porque você sempre sabe. Seu pai é do conselho.

Dou risada. Ah, se ele soubesse as informações que tenho… Tudo sobre a desafiadora Ava, a Obra de Caridade. Tenho tantos detalhes sobre a vida dela, que minha cabeça roda, meu pau fica duro…

Fica longe, fica longe.

Chance estufa o peito.

— Meu pai me deixou sem carro depois daquela festa. Ainda estou a pé… e não fiz nada errado. Ela foi comigo, e isso foi necessário para ele me julgar e me responsabilizar.

É, mas ele foi embora com a Brooklyn.

A irritação me cutuca.

— Não estava apaixonado por ela?

Chance respira fundo, mas a voz ainda é baixa.

— Não.

Mentiroso.

Dou risada baixinho.

Meus olhos se demoram no rosto em formato de coração, vejo como Ava avança hesitante, dando mais alguns passos até parar a uns quatro metros de onde estamos e encarar Chance. O ódio que transborda dela é quase palpável. Quente. Elétrico.

Chance empalidece e engole em seco, parte daquela raiva desaparece e se transforma em… hum, medo? Nada o afetava nesses últimos meses como alguém mencionar Ava, e vê-la pela primeira vez desde aquela noite… Bem, ele parece estar diante de um fantasma.

E abaixa a cabeça.

— Superou mesmo? — Olho diretamente para ele.

— Sim, porra.

No ano passado, Chance estava completamente maluco por Ava. Eu via quando ele olhava para ela com aquela cara de cachorrinho na aula, e, porra, até eu ouvia sinos tocando quando ela olhava para ele. Vi quando Chance jogou o capacete no chão depois de uma partida e correu para abraçá-la e girá-la no ar. Ele falava dela constantemente, como acreditava que Ava podia ser "a certa". Ele não anunciava suas conquistas sexuais com ela. Não, mantinha tudo em segredo.

Ele e eu somos melhores amigos desde nossos dias de começo de escola. Um dia, no fim do ensino fundamental, quando apareci com o rosto cheio de pontos, inchado e vermelho, e ele me perguntou o que tinha acontecido, respondi que não era da conta de ninguém. Chance aceitou a resposta e tomou para si a missão de falar para todo mundo "ficar longe e parar de perguntar". Quando estávamos no segundo ano do ensino médio e a mãe dele morreu de câncer, passei semanas ao seu lado, jogando videogame e falando sobre nada em especial para ajudá-lo a relaxar. Sei o que é a morte, a dor que ela traz.

Chance range os dentes.

— Não pensei que a veria de novo.

Olho para o meu celular.

— Mas ela apareceu. Informação aleatória: sabia que drogas usadas em estupros desaparecem do organismo bem depressa?

Chance parece se encolher.

— Para, Knox. Ava não foi atacada. Ela mentiu.

— Hummm — murmuro.

Meu pai conseguiu sem nenhuma dificuldade o inquérito policial depois que Ava e todos que estavam na festa prestaram depoimento. Dane e eu lemos tudo. Sei sobre os hematomas nas coxas. Sei que ela não lembra de muita coisa. E aquelas conversas da polícia com os jogadores? Uma palhaçada, ao menos eu penso assim, apesar de terem sido dias de tensão, com meu pai de olho em nós pela primeira vez em muito tempo. Dane estava com os caras que apareceram no vídeo dançando com ela, e depois teve a minha situação. Mas quando terminamos de depor, meu pai nos levou a Los Angeles para assistir a um show do U2 como se nada tivesse acontecido.

Dane pode ter dito para eu parar de olhar, mas ele também está olhando, e noto que parece desconfiado.

Ava certamente chama atenção.

— Acho que não faz diferença — digo a Chance. — Ninguém acredita em uma bolsista. — Estudo minhas unhas.

Não ouço a resposta, porque Brooklyn aparece ao lado de Chance, segura seu braço e olha para trás, para Ava, com um olhar mordaz.

— E aí, *baby* — ela murmura. — Tudo bem?

Ele assente.

— É claro. Por que não estaria?

Brooklyn sorri para ele e se afasta para ir ao encontro de Jolena, vejo as duas cochicharem por um momento antes de se aproximarem de Ava.

— *Como ela vai lidar com isso?*

— *Vai continuar em Camden quando a vida ficar complicada? Porque vai ficar.*

— *Vai ser bem difícil para ela…*

Chance estala os dedos na frente do meu rosto, e percebo que me esqueci dele ali. Seus olhos seguem os meus até as meninas a alguns metros de nós.

— Você é um escroto. Fica longe dela — Chance diz finalmente.

Dou risada.

Todos nós sabemos que ele não está falando da Brooklyn.

— Calem a boca, vocês dois. Todos nós somos escrotos. Somos Sharks — Dane aponta quando o sinal toca.

Sharks. Não sei de onde veio o nome, essa espécie de "clube" em que estamos, mas ele existe há anos. Nosso pai foi um Shark. O de Chance também. Somos unidos. A maioria do grupo é de atletas de várias modalidades esportivas, filhos dos pais mais ricos. Não temos uma cerimônia com mantos, capuz, velas e batismo. Ou você faz parte da nata ou não faz.

Pegamos as mochilas e atravessamos o corredor, abrindo caminho entre os menos afortunados, rumo à sala de aula.

Mas…

Não consigo desviar os olhos das costas de Ava, que enfrenta dificuldades com a combinação da fechadura do armário. Ela está com a cabeça inclinada, o cabelo escuro caindo para os lados, expondo o arco gracioso da nuca tensa. Sua pele é pálida e perfeita.

Ela entrou aqui como se fosse dona do lugar, mas não é.

Eu sou.
No entanto…
O ar em torno dela parece se iluminar com uma aura de expectativa.
Emoção, algo inusitado, raro e lindo, parece deslizar por minhas costas.
Fico tenso.
Segura a onda.

CAPÍTULO 4

Ava

Estou muito atrasada, praticamente correndo quando entro na aula de história do cinema. A professora, sra. White, é uma senhora de cabelos grisalhos e ondulados e óculos de armação de metal. Usa um vestido largo com bolsos laterais enormes e sandálias velhas. Meio distraída e um pouco peculiar, tem fama de ser uma professora divertida. Ela levanta a cabeça quando paro, meus sapatos rangendo no ladrilho liso. Todo mundo já tem um lugar, e é claro, pelo mapa de assentos no quadro branco, que ela não tem meu nome na lista. Que ótimo. É isso que dá fazer a matrícula de última hora. Vai ser assim o dia todo, eu entrando na sala e não fazendo parte da lista.

Ela para de falar e olha para mim com uma cara de surpresa, mas acena, me chamando para entrar. Todo mundo vira e olha para mim; eu me aproximo da mesa, passando entre as carteiras estreitas que acomodam dois alunos cada. Droga, vou ter que sentar com alguém. Rezo para não ser ninguém dos Sharks, torço para que seja só um aluno comum, como eu. Passo por Piper, que está de olhos arregalados. Faço uma careta quando vejo que está sentada ao lado de Dane. Ela mostra a língua para mim e revira os olhos com força, tanta força, que parece sentir dor, e tenho de engolir o riso.

— Desculpe o atraso, sra. White. Não vai mais acontecer.

— Dedo-duro — uma voz masculina tosse, e a professora olha para trás de mim, procurando quem foi.

— Chega — diz com firmeza, depois olha para mim. — Tudo bem, Ava. No primeiro dia é tudo mais relaxado. — Depois ajeita alguns papéis sobre a mesa, encontra a lista e a examina, deslizando o dedo pelos nomes. — Seu nome não está aqui, e essa aula é tão popular com os alunos dos dois últimos anos, que quase todos os assentos estão ocupados.

— Fiz a matrícula na última hora. Desculpa. — Mantenho a coluna ereta. — É só me pôr em uma cadeira no fundo. Não preciso nem de mesa. — Nervosa, puxo a saia.

Uma voz masculina e profunda fala à minha esquerda.

— Tem um lugar vazio aqui, sra. White. Liam desistiu.

Ela levanta a cabeça, e sigo seu olhar, sentindo o estômago se contrair quando reconheço a voz: Knox Grayson. Não há nenhuma expressão naquele rosto, só um sorriso superior, desdenhoso.

As sobrancelhas da sra. White batem no teto, e acho que ela está tão surpresa quanto eu por ouvir um Shark se oferecer para me deixar sentar a seu lado.

Joguinhos.

A porra dos joguinhos.

Desvio o olhar do rosto de Knox.

— Prefiro sentar no fundo — digo à sra. White em voz baixa, me inclinando na direção dela, mas minhas palavras devem ter se projetado, infelizmente, porque alguém na frente da sala ri, e ouço a voz acetinada de Jolena.

— Uau, uma garota que não quer ficar perto do Knox… impagável. — Sua risada parece tilintar.

A professora apoia os cotovelos na mesa e se inclina para mim, até aproximar o rosto do meu e não haver nenhuma possibilidade de alguém a ouvir.

— Por mim, pode ser como você quiser. Pode sentar no fundo, mas, francamente, isso vai te isolar de todo mundo. Não quero que isso aconteça e, no fim, pode acabar perdendo algumas coisas se não conseguir enxergar por cima de tantas cabeças. Pode sentar na frente com Knox, e se tiver problemas a qualquer momento, você me procura, e eu resolvo. — Sua voz é mansa, e a piedade pinga como ácido.

Piedade. *Fala sério.*

Quero justiça.

O que é pouco provável. Eles têm dinheiro. São donos dessa cidade.

Srta. Harris, existe a possibilidade de ter sido sexo consensual? Seu comportamento na festa foi, bem…

Ela espalma as mãos.

— Você decide, Ava. Pode escolher.

Sentar no fundo ou sentar ao lado do chefe dos Sharks?

Minha garganta fecha enquanto penso nas opções, mas já sei o que preciso fazer: tenho de me estabelecer como a destemida, como os detentos fazem quando chegam ao presídio.

Engulo em seco, assinto uma vez, me viro e me dirijo à carteira de Knox.

Alguém deixa escapar uma exclamação de espanto; Jolena.

Boa. Toma essa. Sou mais forte que ADN.

Knox estreita os olhos e se acomoda melhor na cadeira, não desvia o olhar nem por um segundo quando me sento ao seu lado. Ele me estuda com uma sobrancelha arqueada, como se estivesse surpreso.

Tem um metro de distância entre nós, mas juro que consigo sentir o calor de seu corpo se aproximando. Arrasto a cadeira alguns centímetros, e o barulho dos pés da cadeira no chão é horrível. Ele deixa escapar uma risada e se afasta de mim até encostar na parede, aumentando a distância entre nós.

Beleza, então é assim.

"Nunca fui com a sua cara, nem antes daquela festa", minha expressão anuncia quando olho para ele.

"É recíproco", o olhar de Knox responde.

— Ava — ele diz com uma voz rouca, repleta de notas sombrias.

Seu tom me faz pensar na noite, aço envolto em veludo negro, insinuando segredos e poder contidos com esforço. Eu o evito desde o primeiro ano, mas não é pela cicatriz, porque essas coisas não me incomodam. Tenho convivido com gente que tem cicatrizes e queimaduras no rosto, às vezes no corpo todo. Luka tem queimaduras de cigarros nos dois antebraços.

— Sr. Frio e Mau. E a gente se encontra de novo, então.

A última vez que estive tão perto dele foi no primeiro semestre de mitologia grega, quando Knox sentava atrás de mim e enfiava o pé no suporte embaixo da minha cadeira. Foi meu momento de maior tensão em sala de aula. Ele respirava, e eu ouvia, e o som me deixava nervosa. Ele se inclinava para frente, e meu cabelo se mexia, como se o tivesse tocado. Eu passava um trabalho ou uma apostila para trás, para ele, e nossos dedos se encontravam. Quando acontecia de os olhares se cruzarem, eu desviava o meu, e ele ria. Uma vez…

— Ei, Obra de Caridade, olha para trás.

Ugh! Viro para trás.

— Que é? — Cerro os punhos e fico tensa sob aquele olhar atento. Meu coração bate tão alto, que acho que ele pode ouvir. Desde que o vi quase pelado no vestiário, alguma coisa ficou esquisita entre nós.

— Por que Hades se apaixonou por Perséfone?

— Procura no livro, Shark.

Sua voz é baixa, os olhos são como metal líquido.

— Eu procurei. Sério, não entendo. — Os olhos descem ao meu pescoço, param no pingente. — Vai, responde.

Ah, que saco. Se isso é suficiente para ele parar de me atormentar…

— Hades estava sozinho no inferno. É um lugar sombrio, isolado. Ela simboliza luz e bem. Os opostos se atraem. Por que um demônio não pode querer um anjo? Eles se apaixonaram. Estavam felizes.

— Opostos, é? — Knox bate com a caneta na mesa enquanto pensa e olha para Chance algumas fileiras depois. — Você e Chance… sério?

Ah, então é esse o assunto.

— Te incomoda que ele esteja comigo? Acha que não sou boa o bastante para o seu melhor amigo. Chance é perfeito. Ele não é um demônio.

Knox abaixa um pouco as pálpebras.

— Como eu.

Olho para o lábio marcado pela cicatriz.

— Ah, golpe baixo. Você sabe como me atingir, Obra de Caridade.

— Meu nome é Ava, porra — resmungo e viro para o outro lado. Babaca!

Knox ri baixinho, e eu volto ao presente.

— Não sabia que tinha me dado um apelido. Acho que isso significa que esteve pensando em mim. — Uma pausa. — Eu até gosto de Frio e Mau. Combina comigo. Na verdade, prefiro Gostoso para Cacete, mas você que sabe.

Olho para a cara dele, noto o nariz reto, as maçãs esculpidas, o jeito como o cabelo escuro emoldura o rosto. Knox dobrou as mangas da camisa de botões, deixando à mostra os músculos definidos do antebraço. Os bíceps são grandes, a camisa fica justa em torno deles.

Desvio o olhar e abaixo a cabeça, fechando o laptop e ajeitando o material. Deixo o caderno e a caneta em cima da mesa.

Por alguma razão estranha, tenho certeza de o ter visto com Tawny, a mão encaixada no bolso detrás da calça jeans dela, os dois se afastando juntos da fogueira e entrando no carro dele.

Mas…

Tenho a sensação de que alguma coisa importante aconteceu antes de eles irem embora, uma lembrança elusiva que dança além do meu alcance e

desaparece como fumaça antes que eu consiga agarrá-la e identificá-la. Tem sido assim há meses, fragmentos e peças misturados.

— Vamos trabalhar em um projeto cinematográfico durante as próximas semanas, então a pessoa com quem você está sentado hoje é seu parceiro fixo por um tempo — diz a sra. White ao começar a aula.

— Que maravilha — resmungo.

Knox olha para mim de cara feia.

— Concordo.

Ela continua.

— Vamos nos concentrar nos filmes feitos há vinte anos, pelo menos. Já devem ter ouvido falar de alguns. Uns são icônicos, outros são porcaria, mal posso esperar para fazer vocês pensarem nos temas que eles abordam, que vocês vão trabalhar em uma redação de cinco mil palavras.

Os alunos gemem.

— Que tipo de filmes, sra. White? Meu pai não permite que eu veja os que têm cenas sensuais, espero que todos tenham passado por censura prévia — diz Dane, com voz preguiçosa, ao lado de Piper.

Algumas pessoas riem até a sra. White olhar para elas com ar de censura.

— Vou garantir que você fique com *A Menina e o Porquinho*, Dane. É uma pena, realmente, porque tem muitos filmes bons na lista. *O Poderoso Chefão*, por exemplo. Acho que vou designar esse para outra pessoa.

Ele perde o ânimo.

— Por favor, *A Menina e o Porquinho* não. A aranha morre, essa bosta toda. Odeio quando alguém morre nos filmes.

— Tarde demais — ela diz e escreve o nome dele e da Piper na lousa.

Olho para a carteira deles, Piper finge que vai vomitar e aponta para ele. Sorrio. Caramba, senti saudade dela.

A professora vai lendo a lista de duplas e distribuindo os filmes. *Campo dos Sonhos* fica com Chance e sua parceira, Brooklyn, e pelo jeito como ela desliza os dedos pela mão dele em cima da mesa, é evidente que está feliz por estar ao lado de Chance.

Viro para frente e junto as mãos sobre as pernas.

— Ainda não superou? — Knox provoca. — Eles estão juntos, sabe? Pode ser sério. Ele diz que é. Nunca vi ser tão legal com uma garota. Ainda ama o

Chance?

Olho para Knox.

Sua expressão nunca muda. Fria.

— Ele não é mau, mas vocês dois não combinam. — Ele faz uma pausa, como se uma luz se acendesse. — Hum. Talvez esse seu interesse tenha a ver com segurança. Legal, bonitinho, comum. É isso que viu nele?

É muita cara de pau.

Ele não me conhece.

Eu gostava do Chance.

Olho para as minhas unhas.

— Também faço isso… Olhar para as unhas. É como se a gente dissesse: "eu sei mais do que parece, e você não sabe merda nenhuma."

Solto um suspiro.

— Nada a dizer? Acho que isso significa que continua interessada. Bobinha. Como pode estar a fim do cara depois de ele ter deixado você na mão?

A raiva ganha força, alimentada pelas lembranças que Knox provoca.

— Cala a boca, Frio e Mau, ou vou dar um soco na sua cara.

Ele aproxima a cabeça da minha, aproxima demais.

— Acredito em você, o que é engraçado, porque sempre pensei que fosse do tipo quietinha, mas acho que sempre soube que, no fundo, é diferente… — Ele ri e se afasta de mim, mas não antes de eu sentir seu perfume. Cheiro de oceano, sal, sol e coco, e meu peito se enche.

Viro a cabeça e olho para Knox, enfrento seus olhos cinzentos.

— Que raio de perfume é esse? *Eau* de peixe?

Ele olha para as unhas.

— Que cheiro horrível.

É maravilhoso.

Ele assobia e olha para o teto. Passa a mão no cabelo.

— E se suas amigas não falam a verdade sobre essa porcaria de perfume, é porque são medrosas.

Juro que vejo um tremor em sua boca.

— Talvez os gatos gostem. Miau. — Finjo que vou passar as unhas nele, e Knox sorri.

— Minha mãe trouxe de Paris. Ela compra esse perfume para mim todo ano no Natal. Acho que tenho o suficiente para a vida toda.

— Ah, Paris. Legal. Belo lugar… Torre Eiffel, queijo, vinho, sotaque chique, poodles. Faço compras lá o tempo todo.

— Sério? — Uma sobrancelha arqueada. — Não dá para imaginar, pelo estado dos seus sapatos. Quando foi a última vez que comprou um tênis novo?

Olho para ele com um sorriso falso.

— Talvez eu goste de coisas usadas. Pelo menos são originais, não um mocassim feito em larga escala. Me deixe adivinhar… — Bato com o dedo no queixo e estudo o sapato impecável no pé grande. Vejo a costura meticulosa, a cor de mel, o conforto que sem dúvida proporciona. — Acabou de chegar da Itália, imagino.

— Cara, é muito legal ser rico. Como é ser pobre?

Os olhos de Knox brilham.

Ele está gostando disso.

Gosta de me provocar.

Ele sorri.

Eu sorrio.

Ah, benzinho, esse jogo é para dois.

Não tenho mais nada a perder, e nesse momento me sinto corajosa.

Mostro a ponta da língua e mordo o lábio de propósito.

Ele pisca e desvia o olhar.

— Frio e Mau, você fica animadinho quando discute comigo?

— Tulipa, pode me deixar animadinho quando quiser. Quer me encontrar embaixo da arquibancada mais tarde? Não me importo de conviver com a classe inferior.

— Quem te disse meu segundo nome? — Deixo o ar sair lentamente do peito quando a sra. White fala com outra mesa, designando outro filme.

Ele ri.

— Você me estuprou? — As palavras são espontâneas, não foram planejadas, mas saíram, e fico feliz por terem saído, porque o rosto de Knox perde o ar de humor entediado e se fecha. É como uma máscara.

Eu o observo atentamente, catalogando cada pequena mudança, procurando a verdade nas curvas do rosto entalhado em granito. A mandíbula se contrai,

traindo emoção, mas quando ele olha nos meus olhos, tudo que vejo é um inverno ártico naquela profundeza feroz.

— E aí? — insisto, apertando as mãos escondidas embaixo da mesa.

— Não preciso pegar à força o que oferecem todos os dias. Nunca, jamais toquei em uma garota sem que ela tenha implorado por isso. Você não está no meu radar, Tulipa. Mas a oferta para uma fodinha de piedade está de pé.

Não estou no radar… que bom.

— Mas você estava lá.

— O que não significa que fui eu. E saí daquela festa com uma garota que estava muito a fim de mim. Você me viu ir embora. Lembra? — Os olhos mergulham nos meus, como se procurassem alguma coisa.

Franzo a testa. Por que Knox disse isso? Por que mencionou um detalhe tão específico?

— Você é um deles, e não acredito em uma palavra do que diz — respondo. — Vocês são todos mentirosos.

Agora estamos nos encarando, falando baixo, minha voz é furiosa, a dele é tensa e firme.

— Somos todos mentirosos… É claro — ele debocha. — Vi você bebendo uísque como se fosse chá gelado. Vi o vídeo em que você aparece dançando no meio de uma roda de seis caras, pelo menos.

— Hum, pensei que fosse mais. Você contou? Engraçado, não te vi naquele vídeo.

— Porque não faço essas merdas. E tinha ido embora, lembra?

Qual é a dele com esse “lembra”? A escola inteira sabe que não lembro de muita coisa. Deixo isso para lá.

— Sou pobre demais para você? Coitadinha de mim.

— Não participo de vídeos porque tenho que pensar na minha carreira no futebol. Os recrutadores das universidades vasculham as redes sociais — ele fala com a voz neutra, mantendo um controle inabalável.

Comprimo os lábios. Daria o seio direito para ver Knox Grayson perder a cabeça.

— É, todo mundo sabe que você é o todo-poderoso. Todo mundo puxa seu saco. Mas adivinha só… eu não. Acho que por trás dessa aparência tem um cara com problemas sérios. Mamãe e papai não te amavam o suficiente quando você

era bebê? É por isso que o Dane continua cheirando pó ou sei lá o quê? — Paro triunfante ao ver que agora Knox exibe uma expressão furiosa. — Ah, sim, eu sei como é. Cresci com uma mãe alcoólatra e viciada. Está vendo, é ruim para todo mundo, não é? Não importa a classe social a que a pessoa pertence, no fim somos todos humanos com os mesmos problemas. O meu é lidar com o fato de não lembrar o que aconteceu naquela noite. O seu é… não sei. Você é só um filho da puta frio.

Foi um discurso impressionante, e Knox pisca depressa, inflando o peito ao olhar para trás, por cima do meu ombro, para Dane. Depois olha para mim de novo com um olhar duro, mas ao menos tem algum calor ali, naquele olhar sombrio, profundo e furioso.

— Não mete meu irmão nisso.

Hum. Se tem uma brecha na armadura de Knox, essa brecha é o irmão. Arquivo a informação no dossiê Coisas que Tiram Knox do Sério.

— Tudo que eu tinha só meu era meu corpo, e foi tirado de mim sem o meu consentimento, por você ou um de seus queridos companheiros de time. Não tem mais nada que possa fazer comigo, Frio e Mau. Pode levar esse recado para sua turma de mimadinhos. Alguma coisa vai trazer minha memória de volta, e quando isso acontecer, eu mato o cara sem precisar de arma.

— Eu mato o cara sem precisar de arma. — Os olhos de Knox brilham.

Meu coração para por uma fração de segundo, e eu recuo, respiro fundo para superar a confusão.

Quê?

Procuro as palavras e acabo escolhendo:

— Por que isso?

O rosto de Knox relaxa.

— E já que tocou no assunto, fala tudo de uma vez. Fala tudo que está segurando há meses. Fala agora. Acaba com isso de uma vez.

Franzo a testa. Como é que ele assumiu o controle assim, de repente?

— Por quê?

— Não quer extravasar? Não é a primeira vez que está entre nós em dez meses? Não pense que não percebo toda essa raiva dentro de você. Pode jogar em cima de mim.

Esse é um dos seus joguinhos?

Engulo em seco, dividida entre a necessidade de explodir com um Shark — coisa que sonho há quase um ano — e a urgência de pedir para ele explicar por que mataria a pessoa que me atacou. A raiva vence.

— Legal. Odeio você e seus amigos. Vocês acabaram comigo no ano passado, mas não vou deixar que tirem esse ano de mim, ou que decidam a pessoa que vou ser. Se transformarem minha vida em um inferno, faço o mesmo com a vida de vocês.

Ele fecha os olhos, e os cílios densos e escuros baixam por um instante.

— Ah, Tulipa. Você não consegue transformar minha vida em um inferno.

— Queria te ver na minha pele.

Ele me olha.

— Não, obrigado.

— Babaca — respondo, tensa.

— Eu sei.

— Um grande babaca. O maior dessa escola, e não estou falando de tamanho. Estou dizendo que é o pior tipo de babaca. Não acredito que as garotas realmente te queiram. Você é nojento.

— Sim.

— E a verdade é que você, provavelmente, viveu seu apogeu como quarterback no colégio. Um dia vai ser um homem de meia-idade solitário com problemas profundos de comprometimento. Vai frequentar o AA, vai ser viciado em pornografia e chorar em cima da sua comida chinesa para viagem.

Ele cobre a boca com a mão, e de início penso que está furioso. Depois percebo que seus ombros tremem.

— O que é tão engraçado? — Eu me irrito.

Os olhos de Knox penetram nos meus.

— Você.

Estendo a mão e bagunço seu cabelo. É sedoso sob meus dedos, e eu me retraio, sentindo que fui marcada.

Acabei de tocá-lo.

Qual é o meu problema?

Knox paralisa ao sentir o contato e se afasta bruscamente.

— Não me toca.

Ordeno que meu coração disparado se acalme. A sra. White pigarreia ao se aproximar de nossa carteira.

— Bom, fico feliz por ver que estão se dando bem.

Eu bufo.

— Tenho algumas opções de filmes para vocês — ela continua. — Vão ter que assistir ao filme juntos e trabalhar na redação. Isso é um problema?

— Não — Knox responde, contrariado.

Sufoco um gemido.

— Mal posso esperar para trabalhar com o Knox. O que tem para nós?

Ela sorri, aparentemente sem perceber a nossa tensão.

— Tenho duas opções, *Guerra nas Estrelas* ou *Dirty Dancing*. Qual deles?

— *Guerra nas Estrelas* — respondo.

— *Dirty Dancing* — ele diz ao mesmo tempo, e eu o encaro de boca aberta.

— Sério? Prefere a Baby a espadas e Jedi? E fala sério, vocês, garotos, não gostam de espaçonaves e matança? Você é homem? Usa a Força, Knox. Precisa ser *Guerra nas Estrelas*.

Ele olha para mim com um ar arrogante.

— Olhando além das espadas flamejantes, tem aspectos de *Dirty Dancing* sobre os quais podemos escrever. Como Baby une a família…

— Pfff — debocho. — E Luke Skywalker e a Princesa Leia? Chewie e Han Solo? Isso é uma família, não os ricos que vão passar férias nas Catskills…

— … dois grupos socioeconômicos, os veranistas e os funcionários do Kellerman’s…

— Meu Deus. Você sabe até o nome do hotel. E agora quer usar palavras grandes, tipo “socioeconômicos”. Surpreendente… Sempre imaginei que fosse meio burrinho.

— Você é a inteligente, supostamente. Esse é o seu rótulo, o meu é atleta. Acompanhe o vocabulário, Tulipa.

— Se me chamar de Tulipa mais uma vez…

— É muito melhor que o nome que todo mundo usa para você.

— Vou dar na sua cara.

Silêncio. Knox e eu nos encaramos.

Ele balança a cabeça.

— Você fala demais.

— Melhor se acostumar.

A sra. White levanta a mão, seus olhos se movendo de mim para Knox. Ela dá uma risadinha.

— Não esperava que fosse tão veemente ao expressar suas opiniões. Está tudo bem?

Ah, não vou recuar agora. Balanço a cabeça para dizer que sim.

— Sim. — Knox suspira.

Ela sorri.

— Ótimo! Adorei o, hum, entusiasmo. Vamos ver… Ah, já sei. Tenho um número na cabeça, e cada um de vocês vai escolher entre um e dez. Quem chegar mais perto do número na minha cabeça escolhe o filme…

— Um — diz Knox, interrompendo a professora e olhando para mim como se quisesse me fuzilar com os olhos.

— Cinco — disparo.

Ela olha para mim com ar pesaroso.

— Era um. Sinto muito, Ava, Knox escolhe. Então… *Dirty Dancing*. Vocês escolhem o tema, mas gosto da ideia de Knox sobre diferenças sociais, ou talvez uma discussão sobre como o romance do filme conseguiu conquistar corações em várias gerações?

— Diferenças sociais — eu digo.

— A questão do romance — Knox fala junto comigo.

Nós nos encaramos.

“Está falando sério?”, meu olhar pergunta.

“Ah, estou”, responde o dele. “E isso vai ser muito divertido.”

Ela ri.

— Vocês decidem. Talvez consigam pensar em alguma coisa mais original. Vocês têm duas semanas para assistir ao filme e entregar as anotações.

Ela se afasta, e Knox olha para frente.

— Ela sempre escolhe um, por sinal. Ganhei de você. — Ele ri.

É irritante.

— Aspecto romântico em vez de sabres de luz? E eu pensando que você fosse o cara.

— Ter paciência você deve, minha jovem Padawan.

Olho para ele.

— Ah, seu canalha! Fez isso só para me irritar, não é? Não tinha a ver com o filme… Tinha a ver com esse jeito “vamos deixar a Ava incomodada”.

Ele grunhe e deixa escapar um longo suspiro.

— Nem tudo tem a ver com você. Patrick Swayze era o ator favorito da minha mãe, e *Ghost* era o único filme que ela via muitas e muitas vezes.

Isso chama minha atenção.

— Era?

Ele fecha a boca.

— Que foi?

— Nada — Knox resmunga.

Estreito os olhos. Ah, tem alguma coisa aí, com toda certeza.

Pego a caneta e brinco com ela.

— Fica com seu segredo, então. Eu não…

— Minha mãe morreu quando eu tinha doze anos. — Ele passa a mão na boca, como se estivesse surpreso com as próprias palavras.

Pisco rapidamente, tentando realinhar o que pensava saber sobre o inescrutável Knox Grayson. Como eu não sabia disso?

— Aconteceu antes de você chegar na Camden.

Ok, ele perdeu a mãe. Não fica com pena, Ava. Que se foda. Ele é Knox, um Shark, e não merece meu…

Ele assente, um movimento curto que interrompe meus pensamentos.

— Pessoas morrem. A vida é tênue, e não temos nenhuma pista de quando vai acontecer. Não que isso seja importante. Ninguém se importa realmente.

Ninguém se importa realmente.

— Muito sombrio, Knox. — Pigarreio. — De volta ao trabalho…

— Certo. Imagino que não queria passar mais tempo comigo do que é absolutamente necessário. Vamos fingir que vimos *Dirty Dancing* juntos.

— Não consigo me imaginar sozinha com você.

Ele não responde, de modo que me viro para encará-lo. Knox está mexendo no laptop, passando os dedos pelo teclado prateado com ar distraído, olhando para o nada. De repente, franze a testa.

— Por que tem medo de mim? Não fui eu. — Uma expressão estranha domina seu rosto.

Estudo seu cabelo castanho e ondulado, a sedosidade. O cara que me estuprou tinha cabelo escuro, penso. Talvez eu esteja errada, e não posso confiar nessas memórias…

Falo em voz baixa:

— Só não gosto de você.

— Graças a Deus. — Ele arranca uma folha do caderno, anota um número e me entrega. — Meu celular. Não passa para ninguém, ou vamos ter um problema aqui. Talvez a gente possa ver o filme na mesma noite e falar sobre qual tema queremos abordar enquanto as informações ainda estiverem frescas.

Oh.

Oh.

Knox Grayson nunca dá seu número. Eu sei porque todas as meninas tentaram conseguir essa informação desde o primeiro ano, para mandar mensagens de sacanagem ou alguma coisa assim. Não sou uma delas. Há boatos de que ele avisou a todos os amigos: se um deles desse seu número para alguém, iria se arrepender.

Pego o pedaço de papel e vejo imediatamente que o número não é o mesmo da carta que não sai da minha cabeça desde que a encontrei. Bem, pelo menos meu "admirador secreto" não é ele.

— Tudo bem. Uma noite dessa semana? Assistimos ao filme às nove e conversamos às onze? — Dou uma bufada. — Os mais novos dominam a TV depois do jantar, então vou ter que esperar até eles irem para a cama. Posso ver no laptop, se quiser assistir ao filme mais cedo, mas prefiro a televisão.

— Mais novos? Pensei que só tivesse um irmão.

Como ele sabe sobre Tyler? Mal conversamos nos anos que passei aqui.

— Eu moro no Sisters of Charity. Só tenho um irmão, que na verdade é meu meio-irmão, mas tem vinte crianças pequenas lá, fora os mais velhos.

— Espera. Ainda mora lá? Pensei que…

Olho para ele.

— Onde mais eu estaria? Fiz dezoito anos em janeiro, permitiram que eu ficasse lá por enquanto, mas não é permanente. Tentei uma vaga aqui no dormitório, mas não sei se vai dar certo… — Minha voz fraqueja e fico em

silêncio. Tenho certeza de que ele não quer ouvir os detalhes sobre meu retorno a Camden.

Knox franze a testa, como se pensasse profundamente em alguma coisa. Depois olha para mim com desinteresse.

— Entendi. Tudo bem. É só mandar uma mensagem para mim quando quiser ver o filme. Tanto faz.

Olho para o número. Mandar mensagem para ele? Vai se ferrar. Se acha que quero ter algum tipo de contato com ele, mesmo que seja por telefone, só pode estar maluco.

Mas, merda, o número dele!

Tantas possibilidades. Banheiro feminino, anunciar na sala de aula, postar online, o jornal… Puxa, uma faixa presa a um avião. Suspiro. Sonhar não tira pedaço…

Knox se inclina para mim, e o perfume idiota de mar me envolve.

— Se escrever meu número na parede do banheiro, vou fazer você pagar caro, Tulipa.

Sorrio, de forma inocente.

— Eu? Nunca.

— Hummm.

Graças a Deus o sinal toca alguns momentos depois. Essa parece ter sido a hora mais longa da minha vida; saio da sala correndo como uma doida.

CAPÍTULO 5

Ava

Depois da aula, corro para o banheiro. Meu estômago ronca, mas está enjoado ao mesmo tempo, o corpo está tenso, pronto para qualquer pessoa que se aproxime de mim. Pensando bem, eu devia ter comido a torrada e os ovos que as freiras serviram, mas estava agitada. Tudo depende de hoje. Se eu conseguir…

Vou até o último reservado e me sento.

Uma aula já foi.

Faltam cinco.

Puxo o pingente de dentro da camisa, passo os dedos nele. Antigo e usado, eu o encontrei no chão em um dos vários abrigos em que estive com minha mãe. Lembro de ter perguntado a todo mundo para ver se pertencia a alguém, mas ninguém o requisitou, e como não havia nem uma foto dentro do camafeu, finalmente decidi que devia ser meu. Abro o pingente e olho para o retrato de Tyler, seus olhos grandes e o cabelo castanho espetado. Não somos parecidos.

— Que bebê mais lindo — murmuro. — Conseguimos.

Respiro fundo, saio do banheiro e volto ao corredor, andando pelo lado direito, perto da fileira de armários, na direção da sala da diretoria. Todo mundo anda e fala à minha volta. Piper foi para a segunda aula, e não a verei até a hora do almoço.

Às vezes, o lugar mais solitário do planeta é no meio de uma multidão.

Mas tudo bem, estou aqui, e isso significa alguma coisa.

Entro na secretaria, e o lugar está cheio de alunos e professores. Loucura de primeiro dia.

— O que foi, boneca? — pergunta a sra. Carmichael, a secretária. Sua agitação não me surpreende. Ela mantém o cabelo castanho desbotado preso em um coque apertado e tem uma caneta presa atrás da orelha. Vejo mechas pequeninas espetadas em todas as direções. Meio rechonchuda, usa uma blusa larga com estampas enormes de flores cor-de-rosa.

Pigarreio.

— O Diretor Trask pediu que eu viesse vê-lo hoje de manhã. Meu nome é Ava Harris. Queria ter vindo antes, mas quase perdi a primeira aula.

Ela estranha, endireita as costas, obviamente registra meu nome. É, sou "ela".

Fico olhando para a secretária. *Por favor, não tenha pena de mim.*

A sra. Carmichael assente.

— Entendo. Tem certeza de que ele não pediu para você vir no fim do dia? — Ela olha para a porta fechada da sala do diretor. — É o primeiro dia depois das férias, ele está muito ocupado.

Alguém, um entregador, tropeça em mim quando passa com uma caixa grande cheia de panfletos e a coloca em um canto. A secretária assina o recibo, parece ter esquecido de mim, e começo a argumentar, pensando em dizer que ele me pediu para vir de manhã, mas decido deixar para lá. Já tive confrontos suficientes hoje.

O sinal toca, e vejo através da porta de vidro alunos atrasados correndo para as salas.

Suspiro. Minha próxima aula é do outro lado do prédio. Viro para pedir um passe para entrar na sala, mas ela está discutindo com o entregador, dizendo que as cores estão erradas.

Estou quase indo embora quando vejo Knox sair da sala do sr. Trask. Espera aí… não posso falar com o diretor logo cedo, mas ele pode? Hum. Meu rosto fica vermelho, e aperto os livros contra o peito.

— Já está com problemas? — ele murmura quando para na minha frente.

A sra. Carmichael levanta a cabeça e chama Knox pelo nome, dizendo que vai escrever um passe, uma autorização para ele entrar na aula.

Comprimo os lábios.

— Vim falar com o sr. Trask, mas parece que você ocupou todo o tempo livre que ele tinha, agora só me resta ir para a aula.

— Ah. — Ele olha para a sra. Carmichael, que está ocupada escrevendo a autorização.

— Maxine, Ava precisa falar com o diretor. Pode interfonar para ele?

Maxine? Sério?

Ela inclina a cabeça, olha para mim, depois para Knox. Parece aborrecida, mas está ocupada demais com os panfletos para continuar discutindo, então assente rapidamente.

— Não preciso da sua ajuda, Frio e Mau — resmungo. — O que estava fazendo lá dentro, aliás? Tentando mudar seu horário para não ter que sentar comigo na aula?

Knox olha para mim.

— Ah, eu vou gostar de sentar ao seu lado sempre. Você é fascinante, Obra de Caridade.

— Ora, sentar ao lado do Rei de Camden vai ser a experiência mais cintilante de toda minha vida.

— Pode entrar, Ava. Vai lá — a sra. Carmichael diz, apontando a porta fechada.

— Até mais tarde, Tulipa — Knox murmura ao passar por mim.

— Para de me chamar desse jeito! — aviso quando ele sai da secretaria.

Depois de acenar com a cabeça para a secretária, abro a porta da sala do sr. Trask. Um homem baixo e careca de uns cinquenta anos olha para mim com uma expressão simpática quando paro na porta. Ele sorri cauteloso.

— Ava, aí está você. Estava te esperando, entra. Senta. Que bom que decidiu voltar para Camden.

Sentada em uma cadeira macia de couro marrom, balanço a cabeça para concordar com ele, mas sei que não tive muitas opções em relação a esse assunto. Objetivos… foram eles que me fizeram voltar a esse inferno.

Outro sorriso tênue, e o sr. Trask dá a volta na mesa e senta com as mãos unidas no colo.

— Como falei pelo telefone na semana passada, podemos adicionar suas notas do ano passado ao nosso currículo. Parece, inclusive, que está adiantada em cálculo. Os tutores do Sisters of Charity fizeram um excelente trabalho de educação domiciliar.

Sorrio, mas é um sorriso fraco.

Os tutores eram péssimos. Fiz tudo sozinha. Pesquisei e encontrei um programa de educação domiciliar aceito nas escolas públicas de Tennessee, li o material sozinha e fiz todas as provas, sem colar, tudo legítimo. Algumas vezes até entrei como ouvinte nas aulas de uma faculdade perto da moradia coletiva, sentei no fundo da sala e fiz anotações. Felizmente as turmas eram tão lotadas, que ninguém parecia perceber.

— Não vai se decepcionar com a decisão de superar o ano passado. Camden é o melhor lugar para você, de verdade.

Esse é o pior lugar onde eu poderia estar.

De fato, meu plano original era voltar à escola pública onde fiz a segunda metade do fundamental, mas tem o Tyler, e tenho que pensar no futuro dele também.

O sr. Trask pega uma pasta cheia de papéis e a abre. É meu histórico, e meus dedos coçam para arrancar os papéis de sua mão, porque quero saber se a cervejada está registrada ali. Tenho certeza de que está. Todo jogador de futebol que esteve na festa foi advertido e suspenso por uma semana enquanto a polícia colhia os depoimentos deles. Uma semana do cacete. Não voltei a Camden depois daquela noite, passei alguns dias na casa da Piper, depois fui para a moradia coletiva.

Isso foi naquele tempo.

Agora é diferente.

Ele diz:

— Sua média geral continua sendo competitiva no colégio, e você vai poder participar da classificação final da turma. — Ele me dá uma folha de papel. — Só precisa assinar para concluir sua matrícula. Como se nunca tivesse saído daqui.

— Alguma novidade sobre a moradia? — Quando conversamos por telefone na semana passada, o sr. Trask disse que discutiríamos esse assunto hoje. Não esperava que ele concordasse, mas morar no campus tornaria tudo muito mais fácil, especialmente a terrível viagem matinal de Nashville até aqui. Além disso, as freiras não são mais responsáveis por mim, e embora tenham me dado mais esse tempo, precisam de espaço para receber outras crianças.

— Ah, sim — ele diz, sorrindo. — Tenho notícias muito boas. Surgiu uma vaga no dormitório, e ela é sua. De graça.

A surpresa me faz pensar, já que vim preparada para brigar por um quarto gratuito no dormitório.

— Mas se nem tinha certeza de que o conselho aceitaria arcar com os custos da minha moradia… O que mudou?

Ele assente.

— Na verdade, um doador anônimo se ofereceu para cobrir os custos.

— Quem? Porque a maioria dos membros do conselho está furiosa comigo por causa do ano passado.

Ele suspira, e vejo em seu rosto um ar incerto.

— A pessoa quer permanecer anônima. E garanto que o conselho não está furioso com você. Queremos ajudar. Tenho duas filhas, e eu só… — Ele para, pigarreia, obviamente desiste do que ia dizer enquanto olha para mim pensativo, escolhendo as palavras com cuidado. — Como sabe, depois de nossas conversas anteriores, normalmente não permitimos que alunos que moram na cidade utilizem o dormitório, mas como você é um caso especial, ignorei essa política e reservei a vaga para você. Pode se mudar hoje, se quiser. A srta. Henderson é responsável pelo dormitório e está te esperando. É só aparecer lá depois da aula e se instalar.

Estou perplexa. São dez mil por um ano inteiro, no mínimo!

Quem pagou? Um pai culpado, que sabe que o filho me machucou?

Independentemente de quem tenha sido, morar aqui vai facilitar minha vida. Terei um quarto onde vou poder estudar e me concentrar. Sim, vou sentir saudade de Tyler, mas posso visitá-lo todas as tardes, e não é como se dormíssemos no mesmo quarto ou tivéssemos o mesmo horário, exceto para jantar. Os moradores mais novos dormiam em uma ala diferente daquela ocupada pelos mais velhos na moradia coletiva.

Balanço a cabeça para concordar com o diretor de novo e sigo em frente.

— Mencionei meu irmão Tyler e a situação dele na semana passada. Ele tem seis anos e é portador de necessidades especiais, e a escola onde ele foi matriculado em Nashville não tem sido muito boa. Eles mal prestam atenção nele, a escola está lotada. — Mordo o lábio, lembrando um incidente no ano passado, quando Tyler saiu da escola e caminhou até perto do rio. Foram quatro horas de desespero até a polícia encontrá-lo na margem do rio, jogando pedras na água. E se ele tivesse caído? E se alguém o tivesse raptado? Aquela parte da cidade é terrível, cheia de drogados vivendo em prédios abandonados em cada esquina. Estou acostumada com aqueles lugares; ele não está. — Quero que ele estude no campus do fundamental da Camden. Sei que tem um departamento dedicado exclusivamente a ajudar crianças com necessidades especiais.

O sr. Trask fica em pé, contorna sua cadeira e senta.

— Seu irmão… isso é uma bolsa inteiramente nova, e o conselho já preencheu a cota para este ano. Por outro lado, você já foi aluna aqui antes e tem notas incríveis.

Meu peito arfa. Penso em meu irmão, que é mais baixo que as crianças de sua idade e tem os dedos ligeiramente deslocados. Ao nascer, ele foi diagnosticado com síndrome do alcoolismo fetal, de modo que tem alguns

atrasos no desenvolvimento e dificuldades de atenção. Nunca vai ser tudo que pode ser se continuar estudando no local designado para as crianças daquela região.

Minha determinação cresce.

— Com todo respeito, sr. Trask, não vou voltar, a menos que ele também seja matriculado. Uma das freiras se responsabilizou pelo transporte de ida e volta todos os dias, como elas fizeram comigo antes de eu completar dezesseis anos. Ele precisa disso, e não é uma criança turbulenta. Ele é gentil, doce e inteligente, só precisa de um lugar com boas pessoas para cuidar dele. Meu irmão é órfão. Nossa mãe o abandonou. — Odeio usar esse argumento, mas se é para ajudá-lo, uso.

O diretor faz uma careta, e eu continuo.

— Já preenchi toda a papelada. — Tiro os documentos da mochila e os coloco sobre a mesa. Copiei tudo usando a impressora de Lou na lanchonete. — Deve ter um lugar para ele no campus do fundamental. Só um. — Pensar em Tyler realmente recebendo os serviços que merece faz minhas mãos suarem. Engulo, penso depressa, minha boca diz coisas que não sei se vou poder cumprir. — Olha, esquece a bolsa de estudos para ele. Eu… eu posso pagar em parcelas pequenas. Tenho algumas economias e um emprego. Sou uma ótima garçonete. Não vai ser muito, e pode cobrar juros, ou o que a administração preferir, mas juro, eu pago os estudos dele, e depois, quando eu for para a faculdade, posso arrumar outro emprego, talvez alguma coisa que pague mais, e…

— Ava — ele me interrompe. — Não posso te dar um empréstimo. Para colocar seu irmão em um plano de parcelamento, preciso receber metade da anuidade. Você tem quinze mil dólares?

Meu estômago se contrai.

— Não.

— Minha querida… — A voz do diretor fica mais suave. — Todo o dinheiro para as bolsas já foi alocado este ano. Não depende de mim.

Fico em pé. Não entrei aqui hoje para ser rejeitada tão rapidamente. Estou disposta a lutar. Olho para a citação de Anaïs Nin em minha mochila, palavras que escrevi ali com uma caneta permanente. “A vida se encolhe ou se expande na proporção da sua coragem.”

Nunca desista, Ava.

— Então fale com esse doador, ou chame a administração ao campus para ter certeza, porque juro: se não tiver um lugar para o Tyler nessa sua organização, eu também não vou ficar. Posso seguir pela estrada até Morganville, e eles vão estender o tapete vermelho. Nós dois sabemos que minhas notas são as melhores que essa escola já viu. Não teria me procurado e me pedido para voltar se eu não tivesse condições de colocar Camden no topo da lista das melhores escolas particulares do estado. Quer mesmo seu maior concorrente anunciando minhas notas?

Estou blefando sobre Morganville, que também é nosso maior adversário no futebol. A única razão pela qual ainda não fui procurá-los é que eles não têm o programa de necessidades especiais que Camden tem.

— Além do mais, voltei para cá. Eu voltei! Isso não vai ser um bom exemplo para os futuros alunos que podem estar questionando a qualidade moral dos jovens educados aqui? Talvez haja um futuro astro do futebol por aí pensando se Camden é o lugar certo para ele. Talvez exista uma garota inteligente que pode pagar a mensalidade em Camden, mas vai para Morganville, porque ouviu os rumores. — Hesito. Gosto dele, sempre gostei, mas… — Fui procurada por repórteres que não têm nada a ver com essa cidade, não têm medo do dinheiro das pessoas daqui. Gostaria de me ver em algum programa matinal de alcance nacional? Eu odiaria atrair mais atenção indesejada para Camden e ter que sugerir que essa escola e a cidade não fizeram o bastante por mim. — Minha voz treme. É mentira. Não tem repórter nenhum. Ninguém liga para o que aconteceu comigo.

O diretor tira os óculos e os limpa lentamente, vejo uma expressão surpresa em seu rosto enrugado. Os olhos que me estudam são marcados por linhas no canto.

— Não me lembro de você assim, tão… assertiva.

— Muita coisa mudou em mim, sr. Trask.

Ele olha para o meu cabelo, avalia minha aparência, depois suspira e balança a cabeça para cima e para baixo.

— Estou vendo, e lamento por isso. Profundamente.

Dá logo o que estou pedindo.

Ele sorri.

— Vou fazer uns telefonemas e te dou uma resposta no fim do dia. Pode ser assim?

Concordo e me dirijo à porta.

— Ele é a única coisa pela qual eu vivo de agora em diante. Se ele não está perto de mim, isso… — mostro o ambiente com as mãos — não faz sentido. Não vou assinar nada.

Ele assente.

— Eu mando notícias no fim do dia.

Saio da sala do diretor, e a sra. Carmichael já tem uma autorização pronta para mim.

Volto ao corredor, orgulhosa por constatar que Ava 2.0 tem fibra.

Tudo que tenho que fazer é enfrentar este ano para acertar tudo, e se terei de ser infeliz aqui, pelo menos meu irmão vai poder ter um recomeço.

CAPÍTULO 6

Knox

A aula com Ava me deixou muito agitado. Sentar ao lado dela foi intenso, sentir o cheiro do cabelo quando se movia, ver seus lábios comprimidos quando ficava brava, e aqueles olhos… não vou nem começar a falar nisso. Não gosto das emoções acentuadas que Ava provoca em mim, de como tem essa habilidade de me afetar só com um olhar.

E quando ela me tocou? Ah, porra, não. Nem penso muito nisso.

Mas, nesse momento, é no meu irmão que estou pensando. Ele perdeu a aula de educação física, e eu quase não consegui ficar sentado esperando ouvir o sinal para ir atrás dele.

Abro a porta da sala de ginástica dentro do ginásio, e ele está lá, de luvas, batendo no saco de *sparring* pendurado no teto. O suor escorre de seu rosto enquanto esmurra o equipamento muitas, muitas vezes.

Eminem berra, e eu corro e desligo o som. Ele me ignora, continua se exercitando com o rosto vermelho e indecifrável.

Cruzo os braços e olho para ele.

— Perdeu o treino de corrida que o treinador fez com a gente no campo. Revimos a tática para o jogo de abertura da temporada e você não estava lá. Educação física ainda é matéria. Tem que ser aprovado nela.

— Tenho certeza de que ele não vai se importar por eu ter perdido um dia. — Dane responde com uma gargalhada. — Mas você… se perdesse uma aula, seria o inferno.

— Somos um time, Dane. Só quero que mantenha o foco. O futebol ajuda nas suas oscilações de humor.

Ele dá de ombros, pega uma toalha e enxuga o rosto.

A irritação me faz erguer a voz.

— Você está esquisito, se comportando como um…

— Maluco? — Sua voz treme, como se lutasse contra a emoção.

Fico tenso e meus olhos ficam mais estreitos.

— Você não é louco, mas acho que não lidou bem com o que aconteceu na festa. Sei que isso traz de volta todas aquelas lembranças da mamãe…

— Ah, e você lidou bem? *Fala sério.* Está tão ferrado quanto eu, só esconde melhor. Saiu por aí vasculhando o passado de todo mundo em segredo. Ela sabe que você sabe tudo sobre a vida dela?

Suspiro.

— Não.

Dane me estuda.

— Não sei o que está fazendo com ela, mas é esquisito. Não confio nisso. — Ele passa por mim a caminho dos chuveiros, mas seguro seu braço.

— Esquece a garota. Sei que está usando de novo, e não estou falando de maconha e ecstasy. Está pegando pesado…

— E daí? — Dane inclina a cabeça, e nesse momento sua expressão vulnerável me faz lembrar minha mãe, traz de volta aquela imagem dela boiando de bruços na nossa piscina, ainda vestida com a camisola. Engulo em seco, tentando afastar essas imagens, mas pequenos resquícios das últimas cenas permanecem, até que vejo Dane e eu voltando para casa depois da aula, chamando por ela. Normalmente, nossa mãe estaria ao piano, fingindo tocar, embora eu soubesse que havia aprendido a desprezar o instrumento, ou tricotando, não uma peça em particular, só uma longa tira de nada.

Na noite anterior, ela e meu pai tinham tido uma de suas discussões épicas. Ele queria que ela voltasse para a clínica de reabilitação, implorou para ela ouvir a voz da razão, enquanto ela gritava para ele ir embora e nunca mais voltar. Os ecos daquela emoção de sofrimento ainda persistiam naquela manhã, quando nós saímos para a escola e meu pai para uma reunião de negócios em Nova York.

Toco a cicatriz em meu rosto.

Dane se retrai olhando para mim.

— Para de pensar na mamãe.

Eu ignoro o comentário e sigo em frente.

— Olha só, não vou aguentar te encontrar no meio de uma overdose, entendeu? Não como aconteceu com a mamãe. Você é a única pessoa com quem me importo, e se me deixar, quem vai me fazer lembrar que sou um babaca e não devia estar espionando a vida de Ava Harris?

Dane desvia o olhar.

Estudo seu rosto.

— Dane.

— Knox.

— Para com isso.

Ele suspira.

— Por quê? Papai só volta em uma semana, e eu acho que ele devia estar aqui, não acha?

Sei que minha expressão é confusa. Meu pai disse que voltaria hoje.

Ele ri.

— Suzy mandou uma mensagem. Acho que você não olhou seu celular.

Solto o ar e largo o braço de Dane. Suzy é nossa babá e passa períodos em nossa casa, vai e volta, de olho em nós, prepara o jantar, mantém a geladeira cheia e a casa limpa. Ela agora é mais assistente pessoal do que babá.

Um lampejo de derrota passa pelo rosto do meu irmão.

— Odeio ele, você sabe.

— Não, não odeia. Ele é nosso pai. — E é tão ferrado quanto nós. — Se está fazendo isso para castigá-lo, a única pessoa que está prejudicando é você mesmo. E eu. — Suspiro. — Se Liam está te incentivando a pegar pesado, ele não é seu amigo, Dane. Não seja um idiota na mão dele.

Dane vive essa espiral estranha desde a cervejada. Naquela noite, ele também estava fora de controle, chapado, em cima da Ava, dançando com ela com as mãos em sua cintura.

Como se soubesse em que estou pensando, diz:

— Não fiz aquilo com ela, irmão.

Dane pode estar ferrado, mas por baixo da aparência transtornada, não foi ele. Ele nunca abusaria de uma garota.

Conheço meu irmão.

— Ver a menina te incomoda? — pergunto. — Talvez deva conversar com alguém.

Ele olha para mim.

— Não sou a mamãe. Estou bem. Tomo meus remédios.

Dane já fez terapia, parou e voltou algumas vezes, mas agora sinto que tem mais coisas erradas, e nunca erro em relação a ele. E Ava voltou.

— O que lembra daquela noite? Conta de novo.

Ele passa a mão na cabeça.

— Pouca coisa.

Notei como ele olha para Ava. Quero dizer, todos nós olhamos para ver como ela está. É difícil não notar. Sua beleza é devastadora, embora ela não saiba, acho. Não tem nada falso ali. Nenhum perfume caro, nada de maquiagem, exceto o batom. Talvez seja como Ava sorri, só uma curva quando algo a diverte, os lábios cheios formando um biquinho.

Dane dá de ombros.

— Achei que ela era bonita, mas não fazia parte da nossa turma. — Uma careta de desgosto. — Além do mais, evito as meninas legais… como você. Ela é o tipo de garota para a qual você jamais olharia duas vezes. É claro que gosto disso nela. Merda, o jeito como Ava olhou para você na aula foi minha melhor risada em meses. Ela te odeia…

— Não vamos falar sobre isso.

Dane arqueia uma sobrancelha.

— Que merda foi aquela de "ela pode sentar comigo"? Chance vai ficar puto.

Já ficou. Ele me deu as costas no corredor depois da aula e se afastou.

— Ava não é nada dele.

Seus olhos brilham e ele ri.

— Ora, ora, ora, será que uma garota vai finalmente estragar o melhor *bromance* de Camden?

— Não tenho nada com a Ava.

— Porque é um filho da puta leal.

— Não quero estar perto da Ava, e isso não tem nada a ver com meu melhor amigo.

Meu irmão suspira, aliviado.

— Que bom. Ela é encrenca. Sobre aquela noite… Acordei no dia seguinte na casa do Liam. Bebi muito, mas eu nunca… — Ele exala. — De jeito nenhum, eu nunca faria mal a uma garota.

É a mesma história que se repete desde o primeiro dia.

Dane abaixa a cabeça.

— Vai me dar carona para casa depois do treino?

Seu Mercedes, igual ao meu, está na oficina, porque na semana passada ele fez uma curva em velocidade excessiva e bateu em uma grade de proteção,

arranhou a lateral. Liam estava com ele, fico me perguntando se ele não estava chapado.

— Vai falar com o treinador e pedir desculpas por ter perdido a aula hoje?

Dane olha para mim por cima do ombro e vejo a resignação em seu rosto.

— Vou. Satisfeito? Agora preciso tomar um banho e ir para a aula de história. — E olha para o relógio. — Já estou atrasado.

Meu irmão desaparece no interior do vestiário, e eu corro até onde está sua mochila, abro o zíper e vasculho o conteúdo. Não encontro nenhuma droga, mas tenho certeza de que ele sabe como escondê-las.

A pergunta é: ele está escondendo outras coisas de mim?

CAPÍTULO 7

Ava

Fico atordoada quando recebo a mensagem do diretor informando que tem um lugar para Tyler no campus do fundamental e que Trask vai me receber lá hoje à tarde. Aparentemente, um bolsista foi transferido no último minuto, quando os pais se mudaram. Acredito nisso ou Trask acredita nas minhas ameaças? Não sei e, merda, não me interessa como aconteceu, mas aconteceu! Quando ando pelo corredor, vários alunos olham para mim com ar desconfiado, e eu me limito a sorrir. Sim, sim, sim! Meu irmãozinho vai estar a um quarteirão de mim durante o dia, e talvez eu possa correr até lá na hora do almoço e…

Não, não posso entrar na escola para espiá-lo. Eles têm regras. Tyler vai ficar bem e vai receber os melhores serviços do estado. Eu rio. Posso até ir às reuniões de pais e professores e aos jogos de futebol.

Deixo o ar sair do meu peito em um longo suspiro quando passo pela porta da Camden.

DIA UM CUMPRIDO!

A VIDA NÃO É HORRÍVEL!

Todos esses bons sentimentos murcham quando vejo Louise no estacionamento. A maioria dos carros já foi embora, já que fiquei na biblioteca estudando durante uma hora até a multidão se dispersar. Droga.

Caminho em direção ao jipe, e o pneu esquerdo traseiro está murcho. Abaixo para avaliar o estrago.

Que droga.

Olho para o estepe na parte traseira e suspiro enquanto tiro o blazer e o jogo dentro do carro com a mochila. Cinco minutos depois, encontro o macaco e o encaixo no lugar certo do eixo, de acordo com o manual empoeirado que tirei do porta-luvas e examinei rapidamente. Tenho uma ideia, lembro daquela carta deixada no meu armário. Eu a pego na mochila e releio.

“Se precisar de qualquer coisa, conte comigo.” Ah! De um Shark. Quero te falar sobre uma ponte que tenho para vender. Ponte do Brooklyn? É baratinho.

Sei, sei.

Tenho de admitir, isso me deixa curiosa. Ah, pode ter certeza, não acredito nem por um segundo que um Shark pode ser meu admirador secreto — pura besteira, mas estou intrigada.

Hora do show.

Digito os números no meu celular e mando uma mensagem.

> Shark, recebi sua carta. Quem é você?
> Como descobriu o número do meu armário?

A resposta é imediata, e eu agarro o telefone.

> Ava. Não acredito que escreveu para mim.

> Mas que maravilha. Você deixou seu número, idiota. QUEM É VOCÊ?

> Te vi hoje e fiquei sem fôlego.

Pisco rapidamente.

> MENTIRA. Isso é uma brincadeira.
> Uma brincadeira idiota. Vai se ferrar.

> Acredito em você. Sobre a festa.

Não vou entrar nessa.

Mando outra mensagem.

> Então, sr. Shark, meu pneu está murcho. Quem será que fez isso? Troquei os pneus no verão.
> Acha que isso é só uma coincidência?

Nenhuma resposta.

Guardo o celular no bolso e olho para Louise. A raiva me faz cerrar os punhos quando olho para o pneu. Esperava as ofensas, os olhares debochados, até Jolena me atacando diretamente, mas danificar minha propriedade…

Ai, Ava, fala sério, isso não é inesperado. Quando concordou com isso, sabia que as pessoas com quem está lidando acreditam estar acima da lei por causa de seu dinheiro e status… Uma delas cometeu um estupro e está impune.

Alguns minutos depois, começo a girar a manivela do macaco em sentido anti-horário para levantar o carro e tirar o pneu murcho do chão. Faz um calor danado, e o suor pinga do meu rosto.

— Problema de novo, Tulipa? Parece que eles te seguem o tempo todo — diz a voz profunda atrás de mim, e imagino o que Knox vê: minha bunda para cima, o corpo tenso no esforço de girar a maçaneta.

Continuo trabalhando sem pausa.

— Pode seguir em frente, quarterback. Não tem nada para ver aqui, só uma garota que sabe trocar pneu. Deve ser fascinante para você. — Sopro uma mecha de cabelo que caiu sobre meus olhos. — Na verdade, sou bem incomum no seu mundo, não sou? Bem diferente daquelas garotas que frequentam a área abaixo da arquibancada. — Giro a manivela, ainda me recusando a olhar para ele. — Não trepo embaixo da arquibancada. Só transo com quem se importa comigo, com quem me quer, apesar de onde vim.

Fecho os olhos, irritada, mas feliz por Knox não poder ver meu rosto. O que tem nele que me induz a fazer esses comentários?

Por favor, vai embora. Só vai embora.

Mas ele não vai.

— Como sabe sobre a arquibancada?

Resmungo um palavrão — eu e minha boca grande.

Knox se inclina na minha direção, olha para mim, mas me recuso a retribuir o favor. Olho para o pneu.

— Tulipa? Você… me viu? Ou só ouviu as conversas? As meninas gostam de ficar falando, mas você não anda com o nosso pessoal.

Tem uma nota de constrangimento na sua voz; eu esperava arrogância.

A curiosidade me faz abaixar a manivela e olhar para ele, finalmente. Seu cabelo está úmido do treino de futebol e todo bagunçado, como se tivesse saído apressado, sem tomar banho. Está em pé com as pernas afastadas, os braços musculosos apertados dentro da camisa branca com o número um e a calça justa e vermelha do uniforme do time.

— Fala sério. As notícias correm, Knox. Todo mundo sabe como você é, mas, sim, eu te vi… Duas vezes depois de um jogo, e uma vez no meio do

horário de aula, quando fui buscar os pompons que tinha deixado no campo.

Ele franze a testa.

— Três vezes? Merda. — Seu corpo fica tenso. — Acho que as chances de me pegar três vezes são bem pequenas.

Hum…

Knox me encara, e me sinto corar. Seus olhos aumentam de tamanho.

— Você foi me procurar?

— Não! Para com isso. Que nojento.

Também é verdade.

Depois da primeira vez que o vi, fui para baixo da arquibancada depois de um jogo só para ver se ele estaria lá, e, uau, estava. Com a cabeça jogada para trás, ainda de uniforme e suado, ele penetrava uma garota por trás com a graça de um animal poderoso, perto de perder o controle. Selvagem. Intenso.

Ele morde os lábios, e um rubor sobe do pescoço para o rosto.

— Porra.

Abro a boca.

— Quê? Estou chocada, você ficou constrangido. Aliás, é verdade que só faz isso por trás?

Knox praticamente rosna para mim e cerra os punhos, e uma fissura de triunfo percorre meu corpo. Finalmente consegui atingi-lo.

— Ah, você me viu! — As mãos puxam o cabelo.

— Aham.

Ele solta o ar.

— Olha, apaga isso da sua cabeça.

Pouco provável.

— Pensar em alguém como você… me vendo daquele jeito… — Knox faz uma careta e passa as mãos no rosto. — Sinto muito por ter visto.

— Como assim, alguém *como eu*?

— Esquece. Nada a ver. Não tem outra igual.

Hum. É isso mesmo?

Rio amargurada.

— Sabe hoje, quando eu disse que você tinha atingido seu apogeu no ensino médio e ia acabar sozinho, chorando e viciado em pornografia? Esqueci de

mencionar que, provavelmente, vai passar a maior parte do tempo bêbado, ligando para ex-namoradas safadas e prostitutas. Não vai nem jogar futebol na faculdade. Ninguém vai te querer. Você é péssimo. Não consegue ganhar nem um estadual, e pode acreditar em mim, essa escola exige um campeonato. Parece que eu realmente acabei com a temporada do ano passado. E não me arrependo.

Eu esperava que Knox ficasse furioso.

— Na verdade, você entrou na minha cabeça hoje de manhã. — Ele suspira. — Mas se contar isso para alguém, vou dizer que é mentirosa.

Bato palmas uma vez.

— Ah, incomodei o grande Knox Grayson. Que momento delicioso! Vou ganhar uma medalha? O que acha de uma menção no anuário? Ou uma faixa de honra? Quero gravar a inscrição "Derrotei o Knox no Jogo Dele".

Knox abre a boca, mas a fecha em seguida.

— Que foi? — pergunto.

— Nada.

— Qual é? — Eu me irrito.

Ele sorri com ironia.

— Devia ficar longe de mim, Tulipa. Não devia ter sentado ao meu lado. Não quero ser seu amigo.

— Hum. Foi você quem ofereceu, lembra? Vai embora, então. Segue seu caminho, Shark. Não pedi para você parar e falar comigo. Vaza.

Knox me estuda. Um sopro de vento joga seu cabelo sobre a cicatriz, e ele o empurra sem desviar os olhos. O silêncio se prolonga, e a tensão aumenta, e eu… Descubro que é mais que antipatia. É eletricidade que pulsa em minhas veias.

Supero o momento.

— Além do mais, não tenho medo de sentar ao seu lado. Fiz treinamento de autodefesa recentemente, e, sério, posso te machucar, se eu quiser. Entre as pernas. Na garganta. Tem até um mata leão especial que faz você desmaiar.

Minhas palavras incomodam, e Knox olha para o outro lado.

— Não te machuquei naquela noite.

Eu sei, ele nem estava lá. Saiu cedo com a Tawny.

"Eu mato o cara sem precisar de arma."

Mas o irmão dele…

Ele se inclina e toca o pneu murcho.

— Vazamento de ar?

Paro e limpo o suor da testa.

— Será? Ou alguém furou de propósito?

Knox aperta o polegar contra um ponto do pneu, olhando para a área como se estivesse diante de um enigma.

— Tem um rasgo aqui, e não é feito por prego. Parece que alguém cortou.

Dou uma bufada. Já tinha visto o corte.

— Brilhante dedução, Sherlock. Não importa. Além do mais, tenho um estepe e sei trocar pneu.

— Eu resolvo isso.

— Não preciso da sua ajuda. Eu mesma me salvo. É o que tenho feito minha vida inteira.

— Eu sei que pode se salvar.

— Você não sabe nada sobre mim! — Suspiro, frustrada. Não quero Knox aqui. — Por que está sendo legal, Knox? Você não quer ser meu amigo!

Seus olhos encontram os meus, estudam meu rosto.

— Precisa de um motivo agora… nesse calor?

Uma gota de suor escorre por meu pescoço, e seus olhos a seguem.

— Tudo bem — respondo. — Pode pegar o estepe? Ah, e por acaso tem uma chave de roda no seu carro? A minha está toda enferrujada e…

Antes que eu termine a frase, ele já está correndo para o SUV Mercedes-Benz, abrindo o porta-malas e procurando alguma coisa lá dentro. Ele volta com uma chave de rodas novinha. Tento não notar como ele é lindo.

Knox se inclina ao meu lado.

— Vamos tirar os parafusos primeiro.

Quase respondo “Foi o que eu disse”, mas lembro que ele não é meu amigo e fico quieta.

Vejo Knox remover todos os parafusos, tirar o pneu furado e colocar o estepe, noto os músculos de seu braço se movendo e contraindo quando ele faz força. Knox levanta a cabeça e olha para mim.

— Por que está sorrindo?

— É um sorriso irônico e condescendente. Estou me divertindo com o Frio e Mau trabalhando duro. — Pego o pneu furado e levo para a parte traseira do jipe. Ele fica em pé, e sinto o calor daquele olhar em mim.

Knox Grayson nunca me deu muita atenção nos anos que passei aqui, e a verdade é que estou um pouco desconcertada com a proximidade. Hoje, na sala de aula, na diretoria e agora.

Viro e estamos… frente a frente. Aquela tensão idiota aparece de novo.

Sinto um arrepio nas costas, como se de algum jeito ele soubesse em que estou pensando.

Knox é o primeiro a reagir. Ele dá um passo e se aproxima de mim. Estende a mão, toca uma mecha de cabelo na frente dos meus olhos e a ajeita atrás da minha orelha.

Primeiro eu paraliso.

Depois dou um passo para trás.

— Não faz isso — disparo, séria.

— Você me tocou na sala de aula. Eu te devia essa.

Coloco as mãos na cintura.

— Não consigo te entender.

— Está interessada? Entra na fila. Todas as solteiras do colégio sabem qual é a minha. — Ele olha dentro dos meus olhos e passa um dedo na cicatriz. — Ou se sentem enojadas por isto aqui ou fascinadas. Em qual das duas categorias você está?

Estreito os olhos, espero aquela centelha de medo que sentia dele no ano passado voltar. Nada.

— Ame-as e deixe-as, é isso?

Knox dá de ombros, e meu olhar é atraído pelo movimento.

— Aliás, como conseguiu essa cicatriz?

Seu rosto fica tenso, e vejo um lampejo de dor que desaparece depressa, tão depressa, que duvido que tenha estado ali.

— Não é irregular. É um corte preciso, quase como de faca. Foi você?

— Não! — Ele fica vermelho. — Cala a boca, não fala mais nisso.

Ah, a dor da cicatriz ainda incomoda. Mais uma informação para arquivar no dossiê de Knox Grayson.

— Tudo bem, é segredo. Tenho uma cicatriz na parte interna da coxa. Foi feita por um garfo, no único lar temporário onde morei. Tinha uma garota mais velha que não queria que eu dormisse no quarto dela. Eu tinha dez anos. Legal, né? — Levanto um pouco a saia e mostro, tem o tamanho do meu dedo mínimo. — Depois disso, passei a dormir com uma pedra embaixo do travesseiro.

Ele ergue os olhos lentamente até encontrar meu rosto.

— E ela tentou de novo?

— Não, mas estava preparada. Teria feito qualquer coisa para manter a garota longe de mim.

— Garotinha valente.

Mostro os dentes, e Knox sorri.

— Não ri de mim, a menos que queira me ouvir falando sobre seu futuro triste com mais detalhes devastadores.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Droga. Não consigo me controlar. Você é…

O que ele ia dizer é interrompido.

— Knox, você parece um mecânico com essa chave na mão. Legal. Vou tirar uma foto para a posteridade — diz uma voz atrás de nós.

Minha respiração acelera. Olho para trás e sinto um arrepio. É Dane, e Chance e Liam estão com ele. Dane pega o celular do bolso e tira uma foto de nós. Chance está com aquela cara arrasada de novo, como hoje de manhã.

Liam dá risada, e eu me concentro no grande jogador de futebol. Seu cabelo platinado ainda é comprido na frente, com uma franja ridícula. Ele ri para mim, me encara, e eu me arrepio de novo. É a primeira vez que ficamos frente a frente durante o dia, e me sinto ainda mais feliz por não estarmos nas mesmas turmas.

Chance olha para Knox com cara de raiva, como se rangesse os dentes.

— A gente vai dar um tempo no Coffee Bean. Você não vem? — O tom de voz é acusador, os olhos se movem entre mim e Knox.

Chance parece quase…

Instintivamente, afasto o cabelo do rosto, e seus olhos acompanham o movimento, vejo neles uma expressão voraz. Endireito os ombros, ajeito a camisa branca, que está colada ao corpo por causa do calor. E adivinha… Chance olha para ela também, diretamente para o meu peito.

Ora, ora.

Sinto a raiva crescer. Ele tem a cara de pau de olhar para mim como se me quisesse, embora tenha me chamado de piranha? Chance, dentre todas as pessoas da escola, devia ter acreditado em mim.

— Vamos nessa, a menos que esteja ocupado demais a ajudando — Liam acrescenta maldoso.

Knox olha para mim e depois para eles.

— Não vou, tenho que estudar. E você também, Dane.

Dane olha para mim com um sorriso de compreensão.

— Tenho que admitir que esse momento é impagável. Knox e Ava. Ava e Knox. O que acha disso, Chance? Combinam, não é?

Chance fica vermelho.

— Cala a boca, porra — Knox fala com tom seco.

Dane solta o cabelo do coque e sacode a cabeça, as mechas cobrem a gola da camiseta. Ele crava em mim aqueles olhos tão parecidos com os de Knox.

— Quer vir com a gente, Ava? Eu pago o que você quiser, se não tiver dinheiro.

Ah, mas que babaquinha. Cerro os punhos.

— Qual é, Dane? — Chance reage. — Fala sério!

— É, benzinho — Liam acrescenta. — Talvez a gente possa falar sobre aquele vídeo de você dançando. Lembra? Você sabe dançar, tenho que admitir…

— Chega! — Knox sobe o tom.

Silêncio. Meu coração dispara.

Existe uma corrente de tensão entre eles, sinto que talvez não tenha a ver comigo… mas talvez tenha? Merda, é claro que sim. No ano passado, o time deles foi muito mal no campeonato, e todos eles me culpam.

Passo a língua nos lábios num gesto de nervosismo. Estou sozinha no estacionamento da escola com quatro jogadores do time de futebol, os quatro estavam naquela festa, e por mais que eu queira manter a calma, minhas mãos tremem.

— E aí, Ava! Tudo bem?

Eu me assusto quando Wyatt para o Chevelle preto com uma faixa rosa-choque no capô. Ele ouve rap num volume ensurdecedor, e o som do motor é tão alto, que me espanto por não ter escutado o carro se aproximando.

Todo mundo olha para ele. Wyatt usa um boné da Camden e exibe um sorriso largo. Talvez tenha sido alguma coisa no meu rosto, porque ele desliga o motor e se aproxima de nós com aquele andar cadenciado.

Wyatt passa um braço sobre meus ombros, como se fôssemos amigos.

— Tudo bem, vizinha de armário? — pergunta com aquele sotaque das ruas. Ele estuda o grupo e percebe o macaco que ainda não guardei. — Precisa de carona?

— Não, tudo bem. Era só um pneu murcho. Alguém furou meu pneu. Knox me ajudou a trocar.

Liam ri, cobrindo a boca com a mão rapidamente quando Knox o encara sério. Wyatt olha rapidamente para Liam com as pálpebras meio baixas, depois vira para mim.

— Fiquei sabendo que conseguiu um quarto no Dormitório Arlington. Vi seu nome na lista de residentes. Parece que vamos morar juntos… Em andares diferentes, é verdade. Eles mantêm os caras separados das garotas, mas pode aparecer no meu quarto quando quiser. Faço uma pipoca campeã.

— É, ainda não tive tempo para me mudar. Tenho umas coisas para resolver antes. — Continuo olhando para ele, porque o pânico está bem ali,.

Seu braço pressiona meus ombros.

— Eu te ajudo com a mudança. O quarto já é mobiliado, mas, pelo amor de Deus, leva seus lençóis, porque os deles são horríveis, duros para caramba.

— Ah, legal. — Aposto que Wyatt ficaria igualmente horrorizado com meus lençóis. — Preciso voltar a Nashville para pegar umas coisas, depois vou encontrar uma pessoa, e mais tarde vou para lá.

— Vou nessa — Chance resmunga e se afasta com os ombros tensos em direção ao Escalade estacionado algumas vagas à frente.

— É, já estou entediado — Liam concorda e o segue.

Dane ameaça ir atrás deles, mas Knox agarra sua camiseta e o puxa de volta. Dane não reage, e noto que Knox cochicha alguma coisa, mas não consigo ouvir as palavras. Dane fica onde está, olhando para o chão.

Chance e Liam entram no Escalade preto e vão embora.

O alívio é imediato. Menos dois.

Wyatt está me explicando como chegar ao dormitório e me dando dicas sobre o estacionamento, quando a voz de Knox o interrompe com um tom suave.

— Ava, se está tudo bem, vou embora.

Olho para ele e tento manter uma expressão neutra.

— Está tudo bem. Obrigada pela ajuda.

Knox ainda está segurando a ferramenta, e seu rosto… não está resguardado, dessa vez. Na verdade, várias emoções se sucedem em sua expressão quando ele olha para Wyatt.

— Fica de olho nela naquele dormitório, ok? — ele diz.

— Ela está em boas mãos — Wyatt responde.

Os dois trocam um olhar demorado, depois Knox assente e olha para mim pela última vez, seu rosto voltando a ser a máscara de granito.

Dane e ele se afastam, conversando.

Assim que se vão no carro de Knox, eu olho para Wyatt, que está inspecionando meu pneu. Ele me avisa que preciso providenciar um novo, porque o estepe está horrível. É, eu sei.

— Conhece bem os caras do time de futebol?

Ele dá de ombros e faz uma careta, tipo "mé".

— Eu jogo beisebol, e os atletas costumam ter algum grau de convivência. Fomos a algumas festas juntos, mas não sou como eles. Não sou um Shark. — *"Shak"*. Ele sorri de novo. — Nome idiota, não é? Tipo, nosso mascote é um dragão. Ainda sou considerado um novato por aqui, e eles não gostam de quem vem de fora, mas quando se está no meu lugar, isso não tem a menor importância. Nem ligo.

Olho para o piercing na sobrancelha, o antebraço fechado de tatuagens, uma mistura de beija-flores e rosas entrelaçadas, e de repente o reconheço.

— Ai, meu Deus! Você é Wyatt Carrington! Seu pai… Seu pai é o vocalista do Snowballs, não é? Começou a carreira como modelo e mudou para a música na década de 1990? — Problemas sérios com drogas, muitas clínicas de reabilitação…

Um rubor começa cobrir seu pescoço.

— A maioria das pessoas não me reconhece, até eu me identificar…

— Não, você é a cara dele. Caramba. Adoro a banda. Como veio parar em Sugarwood?

— Minha mãe é de Nashville. Meus pais se divorciaram, e eu vim junto quando ela se mudou para Franklin, Tennessee, no ano passado. Fica a uma hora daqui, por isso moro no dormitório.

— Ah, lamento por seus pais.

Ele dá de ombros.

— Cara, meu pai não sabe o que é fidelidade… e as drogas? É surpreendente que ele ainda esteja vivo. Não posso criticá-la.

— E sentiu o choque cultural aqui no Sul?

— Não sinto falta do frio, mas o sotaque sulista é engraçado.

— Já ouviu o seu sotaque? — Dou risada. — Ei, obrigada por ter sido legal comigo hoje de manhã. Não estava preparada. Nervosismo de primeiro dia.

Ele oferece o punho fechado e bate no meu.

— Vamos ser amigos se você disser que torce para o Red Sox.

— Está falando daquele esporte que tem um bastão? Não sei nada de beisebol.

— Eu sei lidar com isso. É só não falar dos Yankees, que vai ficar tudo bem.

Dou risada e vejo o carro de Knox se afastando, pegando a estrada.

— Ei, o que acha do Knox Grayson?

Wyatt acompanha a direção do meu olhar, depois sorri.

— Acho que ele é uma delícia. Aquele corpão, aqueles braços… Ah, se ele jogasse no meu time. Que pena.

Arregalo os olhos.

— Espera… o quê?

Ele ri, gargalha e bate na perna.

— Ava, devia ver sua cara. Eu sou gay. Todo mundo sabe.

Balanço a cabeça.

— Mas você é tão…

— Masculino? Atlético?

Dou risada.

— É, isso aí, tudo isso. Não quis estereotipar. Foi mal. — Faço uma pausa. — De novo, obrigada por ter parado.

Wyatt faz uma pose, dobra o punho e assume uma atitude diferente, dando pinta.

— Ignora os babacas, meu bem, porque vamos ser grandes amigos.

Um novo amigo.

— Ah, e não consegui te achar no Instagram, Twitter, Facebook… nada. Cadê suas redes sociais?

Reviro os olhos.

— Deletei todas quando fui marcada em uma tonelada de comentários negativos sobre a festa.

Ele pensa um pouco.

— Foda-se tudo isso. Esquece essa gente.

Sorrio.

— Ei, você tem algum talento musical, como seu pai?

— Toco guitarra insanamente.

— Eu canto. Quer me ensinar a tocar um dia desses?

— Ah, sim, vizinha de armário. — Quando ele sorri, seu rosto é franco e cheio de sinceridade, sinto algo quente se espalhar por meu peito.

Não é um final ruim para esse dia, de jeito nenhum.

Mas o dia seguinte vai chegar logo, e vou ter de começar tudo de novo.

CAPÍTULO 8

Knox

Eu me agito na cama. Estou naquele estágio esquisito, meio acordado, meio dormindo, em que parece que o que está acontecendo na cabeça pode ser real, embora seu lado lógico saiba que pesadelos não podem se realizar.

Mas talvez possam.

É só acordar, e tudo acaba.

Só acordar, acordar, acordar…

Acabei de chegar da escola, entro na cozinha, e minha mãe está cozinhando; caramba, eu me sinto bem. Cara, senti falta de vê-la. Ela faz o melhor pão. Faz a limonada mais doce. Ela é linda, tem cabelo escuro e comprido e olhos cor de avelã. E quando ela sorri, faz você se sentir o rei do mundo.

Você não é o favorito dela, *diz uma voz bem ali no meio da cozinha, mas eu já sei disso e a ignoro. Não tem importância. Ela é minha mãe.*

Começo a falar, conto sobre a escola, o futebol e o ano incrível que vou ter…

Por que ela está de camisola?

Por que está molhada?

Sento em uma banqueta do balcão, na frente dela, me inclino e pego um pedaço do pão que ela assou.

— Carne assada? — pergunto.

Ela continua de cabeça baixa, olhando para a tábua de corte. Continua cortando com cuidado, e a lâmina afiada brilha sob as luzes da cozinha.

O cabelo dela pinga água sobre o balcão.

— Está molhada. Vou buscar uma toalha.

Ela não pega a toalha quando volto.

— A gente devia tocar piano hoje à noite — falo. — Como antes. — Nada.

Ela não está bem.

Não está.

Ela nem sabe que estou aqui.

Medo e vontade de fugir se misturam, colam em mim, fecham a garganta e impedem a passagem de uma verdade quase intangível que sei que está lá, mas não consigo alcançar.

— Senti saudade de você — falo, quase desesperado.

Corte. Corte. Corte.

Alguma coisa me sacode e ouço um grito.

— Knox! Knox! Para! Acorda!

— Que é? — resmungo, atordoado.

Dane está abaixado ao lado da minha cama, debruçado sobre mim.

— Eu gritei? — pergunto e me apoio nos travesseiros.

Ele me encara e levanta as duas mãos.

— Cara, dava para ouvir os gritos na casa inteira! Tive que te acordar.

— Pesadelo. — Engulo com dificuldade.

Ele cruza os braços.

— Deve ter sido um dos grandes. — Dane suspira. — Mova-se.

— O quê? Por quê? — Olho para ele, intrigado. Ainda estou pensando em minha mãe. Eu a vi… eu vi. Fazia muito tempo que não sonhava com ela, e minha mãe estava viva para mim há alguns segundos.

— Fala sério, cara. Vou dormir com você nessa cama enorme de bundão, e quando começar a gritar, vou dar uns tapas na sua cara. Então, pensa bem, ok?

Sufoco uma risada.

— Na minha cama?

— Você é idiota? Acorda e sente o cheiro do instinto de irmão gêmeo. *Sim.* Não vou voltar aqui, e se eu estiver aqui, você não vai fazer isso.

— Como sabe?

— Eu sei. — Ele dá de ombros, desiste de esperar eu mudar de lugar, contorna a cama e pula nela do outro lado.

É uma king-size, tem espaço para nós dois. E não posso reclamar. Talvez seja bom ter companhia.

Voltamos para casa mais cedo, e a casa estava vazia. Suzy já tinha ido embora, Dane e eu jantamos na frente da televisão na saleta, salmão e aspargos grelhados que ela deixou prontos. Não conversamos muito, só falamos sobre o dever de casa e o treino. Eu disfarçava o ressentimento por meu pai não ter

voltado. Dane estava quieto por outros motivos. Às onze horas, terminei de carregar a lava-louça, liguei o alarme, apaguei as luzes e fomos dormir, cada um em seu quarto. A casa grande estava terrivelmente silenciosa quando subimos a escada. Queria que a gente tivesse mudado para outra casa e deixado para trás todas essas lembranças.

— Com o que você sonhou? — Dane pergunta.

— Nada.

Ele suspira.

— Sei. Beleza.

O sonho… Merda, ele me fez lembrar que nunca fui o favorito da minha mãe. Dava para ver o afeto e a afinidade nos olhos dela quando olhava para Dane. Talvez ela só pensasse que eu não precisava tanto disso. Uma vez, quando éramos pequenos e estávamos no parque, outra criança empurrou Dane da escada do escorregador, ele caiu e bateu a cabeça em uma pedra. “Por que deixou que o machucassem? Você é o mais forte!”, ela gritou para mim. Voltei ao escorregador, encontrei o menino e dei um soco no nariz dele.

Tudo para conquistar o coração da minha mãe.

— Faz muito tempo que a gente não dorme junto — comento em um tom debochado, tirando esses pensamentos da cabeça e jogando para ele um dos travesseiros que só deixo soltos na cama.

— É. — Ele olha para o teto por um momento. — Knox?

— Fala.

— Também tenho pesadelos. Desde aquela cervejada.

Meu peito fica apertado, e eu me viro e olho para ele.

— Você nunca mencionou isso antes.

Dane suspira e esfrega os olhos.

— Pesadelos com o quê?

Ele engole.

— Hoje eu infernizei a Ava, e não devia ter feito isso, mas ela mexe com a minha cabeça.

Eu sei.

— O que acontece nos seus sonhos?

Meu irmão contrai a mandíbula. Cruza os braços, o que é engraçado, já que está deitado.

O desconforto cresce dentro de mim.

— Dane. Olha para mim. Sou seu irmão. Pode me falar o que quiser, isso nunca vai mudar.

Ele me deixa ver seu rosto, e a expressão é atormentada, a testa está franzida, os cantos da boca apontam para baixo.

— Na semana passada, sonhei que estava naquele bosque com ela.

A apreensão aumenta, mas meu rosto não demonstra.

— Por que sonhou com isso? Você não estava lá. Foi embora com o Liam.

— Não sei por quê. — Uma sombra encobre seus olhos. — Isso me deixa apavorado.

— Está abusando dela no sonho?

Ele balança a cabeça.

— Não, mas estou lá, e somos só ela e eu, sozinhos. Está escuro, e ela está no chão. Estou em pé em cima dela, e ela abre os olhos e grita. E eu acordo. Queria que o papai não tivesse contado nada sobre a investigação policial. Talvez seja isso. Ou não, e eu estava lá… — Um longo suspiro escapa de seu peito. — Que porra está acontecendo comigo?

— Você não estava lá. E para de usar droga, babaca.

Ele suspira e evita meu olhar outra vez.

— Vamos ligar a televisão? Assistir a um jogo de futebol ou alguma coisa assim.

— É claro. — Pego o controle remoto e encontro um jogo. Notei que Dane tem dormido com a televisão ligada há algum tempo, tenho a sensação de que meu irmão está enfrentando muito mais do que eu sei. — Quer um copo de água também? Talvez um cobertorzinho ou um ursinho de pelúcia?

Dane tenta sorrir.

— Bom, se vai levantar, eu aceito a água.

Reviro os olhos e jogo a coberta longe, vou ao banheiro e encho dois copos com água. Volto, entrego um copo a ele e fico com o outro.

— Saúde — brindo em tom seco.

— A uma boa temporada do futebol. Esse é seu ano, cara — acrescenta.

— Hum.

Ele bebe a água, deixa o copo sobre a mesa de cabeceira e deita de lado.

— Não podemos contar para ninguém que dormimos na mesma cama.

Entendeu?

— Isso nunca aconteceu. — Deito ao seu lado.

— Mas se aquele meu sonho voltar ou o seu… Bom…

Viro de lado e puxo a coberta.

— Pode dormir comigo sempre que quiser, irmão.

— Isso não faz de mim uma florzinha — ele resmunga.

Dou risada.

— Eu nunca disse isso.

— Mas está pensando.

— Acho que é você quem está tentando se convencer. Vai dormir.

O jogo na televisão projeta sombras escuras na parede atrás de mim, e eu as observo. Ainda inquieto com o sonho, penso no quanto quero sair dessa cidade. Dessa casa vazia, solitária. E Dane… Aonde quer que eu vá, sempre vou cuidar dele, exatamente como minha mãe queria.

Ava dança em minha cabeça como a vi hoje, com aquela saia cobrindo suas curvas… Viro, bato no travesseiro e afasto esses pensamentos.

Alguns minutos passam.

— Knox?

— O quê?

— Você é tudo que eu tenho no mundo, cara.

"Você é tudo que eu tenho no mundo" é o jeito de Dane dizer "eu te amo".

Estendo o braço e seguro a mão dele por um segundo.

— Também só tenho você. Agora vai dormir.

Ninguém é feliz às seis da manhã, mas a empolgação cresce dentro de mim. Treinos no início da manhã? Manda ver. O futebol preenche o vazio, e, porra, preciso disso.

Quero jogar na faculdade, mas não há muitos recrutadores batendo na minha porta. Fui muito mal no ano passado, perdi cinco jogos seguidos no fim da temporada, nosso pior rendimento em quarenta anos.

O treinador Williams interrogou todos nós pessoalmente sobre a cervejada, mas, sem provas, o incidente foi esquecido com o passar das semanas. Perto do Natal, ninguém mais falava nisso, exceto aos sussurros.

Talvez porque o time de futebol está sobre um reluzente pedestal dourado?

Talvez porque a maior parte da cidade é comandada por nossos pais?

Sim. Tudo isso.

Dane pega uma bola, e trocamos passes para aquecer.

Sinto um toque nas costas, me viro e vejo Chance passando com Liam. Ele levanta o polegar para mim, e eu respondo com um aceno de cabeça, aliviado. Acho que ele superou ter me visto com Ava.

Os dois seguram copos de café para viagem.

O treinador, um homem corpulento com sobrancelhas grossas, termina de anotar na prancheta quem se apresentou para treinar.

— Knox, puxa a fila do ataque, corrida em volta do campo, depois formem filas para a troca de passes. Sem protetores ou capacetes. Contato limitado. — Ele olha para nós, inclusive para Liam. — Fiquem de boa hoje, garotos.

É, ontem houve uma troca de empurrões entre ataque e defesa.

O ataque se reúne, Dane e Chance ao meu lado, cada um de um lado.

— Vocês ouviram… deixem a frescurinha do café e vamos trabalhar. — Chance revira os olhos, mas corre para deixar o copo no banco de reservas. — Dez tiros até a linha, ida e volta, depois fila atrás de mim. Vamos dar trabalho para a defesa hoje, ok? — Todos nós aplaudimos.

À luz do sol de início da manhã, termino a corrida primeiro com Dane e Chance. Corremos até a linha das cinquenta jardas para esperar.

Liam e alguns jogadores da defesa se aproximam, e Liam abre a boca.

— O que foi aquilo entre você e Ava ontem? São amigos agora?

— Você não sabe nada sobre o que aconteceu com o pneu do carro dela, sabe? — respondo.

Ele ri.

— Se soubesse, não contaria. Não sou dedo-duro como ela.

— Não fala mais o nome dela — aviso, estalando o pescoço. — Não é para falar dela aqui no campo. Outro ano, temporada nova.

— Está me dando ordens?

Endireito os ombros.

— Eu sou o capitão. Sei o que é melhor para o nosso time.

Liam assente, e por um segundo penso que vai desistir, mas depois vejo sua mandíbula contraída.

— Ela voltou, e isso traz aquela merda de volta. Não gostei de ser chamado para depor no outono passado como se fosse um suspeito. E se começarem com aquilo de novo, hein?

— Seu pai é o prefeito, acho que suas costas estão quentes. — Chance dá risada.

— É, também não quero que me façam perguntas de novo — alguém resmunga, mas não vejo quem é.

— … eu também não — diz outro.

Liam assente para concordar com quem acabou de falar e olha para mim.

— Você se comporta como um personagem de *Law & Order* quando fala dela, e isso é irritante para cacete. Primeiro veio atrás de todos nós no ano passado como se desconfiasse da gente. Agora está trocando o pneu do carro dela? Palhaçada. Se está a fim dela, pega logo, como faz com todas as outras garotas, e volta a ser nosso companheiro de time.

Cerro os punhos, sei que preciso me concentrar em reconstruir esse time — sem discutir o assunto Ava —, mas não consigo deixar de comentar:

— Aconteceu alguma coisa com ela, e a pessoa que fez aquilo é um de nós ou alguém que se formou no ano passado — digo, fingindo diplomacia ao incluir os ex-alunos. Tínhamos só quatro formandos no time do ano passado, e só dois deles foram à festa. Um foi embora cedo com a namorada e o outro acabou apagado na carroceria da caminhonete de outro jogador, que o levou para casa antes de tudo acontecer.

Alguns jogadores à minha volta assentem, sérios.

— A gente devia encerrar esse assunto — diz um jogador da defesa, aluno do penúltimo ano.

Mas alguns me encaram, contrariados. Brandon, outro jogador da defesa, é um deles. O cara com cabelo cor de cenoura e olhos escuros e duros está na fila para ocupar a vaga de Liam depois da formatura.

Ele dá um passo à frente e acena com a cabeça na direção de Liam.

— Concordo com ele. Não quero ter que responder perguntas, nem da polícia, nem de você. Ela mentiu para esconder que traiu o Chance. Sei lá com quem foi, mas nenhum de nós fez nada ilegal.

“Traiu o Chance?” Deixo escapar uma risada abafada. Balanço a cabeça, lembro algumas vezes em que também a quis, quando olhei para ela e…

Viro para Chance e vejo que ele não vai ajudar em nada, não enquanto olha para o chão. Eu não devia reagir. Não. Devia só parar de falar, deixar isso para lá e me concentrar no jogo.

— Não sei nem quem você é — Liam resmunga. — Ela é conhecida. É marmita de Shark. Ava não é nada.

— Foi você quem tocou no nome dela, não eu. — Minha voz é tranquila.

Dane bate com o ombro no meu.

— Cara, vamos jogar futebol.

Liam dá uma gargalhada.

— Essa sombra de dúvida paira sobre todos nós, até sobre você. Acha que não percebo como alguns professores olham para nós? O diretor? — Seu rosto endurece. — Até Jolena olha para mim de um jeito diferente.

Dou de ombros.

— Duvido que tenha que se preocupar com Ava aparecendo em mais uma de suas festas.

Liam me encara.

— Se ela aparecer, acho que posso cobrar uma voltinha no bosque. Se vão me acusar de alguma coisa, que eu tenha a chance de aproveitar pelo menos. — Ele agarra o membro entre as pernas e sorri. — Ela vai gritar pedindo mais, como todas as outras.

Todos os jogadores ficam imóveis, e eu… Eu tenho a sensação de que alguém me acertou com um pedaço de pau.

Meu punho encontra o rosto de Liam. A cabeça dele é jogada para trás, mas os olhos surpresos não desviam dos meus. A raiva colore seu rosto, e sua reação é rápida e precisa, um soco que acerta meu olho antes que eu consiga me esquivar. Nem sinto a pancada. “Ah, é, vem para cima.” Faz uma eternidade que quero bater em Liam. Penso na primeira vez que o vi com Dane, os dois cheirando pó em uma das festas no celeiro do Liam. Naquela ocasião já trocamos uns socos, mas não cheguei nem perto de bater o suficiente.

Ele empurra meu peito, tentando me afastar, mas agarro sua camiseta, o puxo para mim e dou um soco em seu olho.

— Para! — Chance pula entre nós, mas me livro dele e encaro Liam outra vez.

Cuspo.

— Entra na fila como todo mundo e segue as regras que eu determino.

— Você me bateu primeiro! Que capitão é esse? — Liam se altera, e vejo seu peito arfando.

— Para, por favor! — Dane implora, segurando meus braços enquanto um jogador da defesa puxa Liam para longe de mim.

Eu me solto e aceno com a cabeça na direção de Liam.

— E chama esse cara de melhor amigo? Você ouviu o que ele disse?

Estou falando sobre minha mãe e o que ela enfrentou, mas eles não sabem o que acabou com ela no fim. Todos nos olham, todos percebem como Dane fica pálido.

— E você. — Viro para Chance. — Ela gostava de você — rosno. — E ela não mente. Ava voltou para cá porque é melhor que você… e eu. — Puxo a camiseta e a deixo cair no lugar. — Como é saber que deu as costas para uma garota como ela? Acorda, Chance!

Ele abre a boca. Está chocado.

— Knox…

— Tudo bem, rapazes? — A voz do treinador atravessa a nuvem de tensão, e ele se aproxima.

Solto o ar lentamente, em um sopro longo.

Estou perdendo a cabeça, mas não consigo deixar de me importar. Guardei essa raiva e esse ressentimento por meses, certo de que os tinha controlado, mas desde que Ava voltou… porra.

O treinador olha para nós, desconfiado.

— Chega de brincadeira. Se querem ser um time, precisam começar a agir como um. — Ele faz uma pausa. — Se isso tem a ver com o ano passado, acabou, ficou no passado. Entenderam?

Olho para Liam.

— Knox! Quer um campeonato este ano ou não? — O treinador toca meu braço e olha para mim com uma expressão dura.

— Sim, senhor. — Lentamente forço os ombros a relaxarem.

Olho novamente para Liam e sorrio ao ver seu olho esquerdo começando a inchar. Imagino que o meu esteja igual. Inclino o corpo na direção dele e falo baixo:

— É sério. Fala o nome dela de novo, e eu te arrebento.

A raiva tinge seu rosto novamente, e Liam mostra os dentes, mas não consegue sustentar meu olhar.

É isso aí, babaca. É para ter medo.

CAPÍTULO 9

Ava

Tyler olha para mim com desconfiança nos olhos azuis, vejo que está nervoso. Sorrio para ele, do outro lado está Irmã Margaret, segurando sua mão.

— Eles v… vão gostar de mim? — Tyler pergunta quando entramos no campus do ensino fundamental da Camden e seguimos as placas que apontam o caminho para a sala da diretoria.

A Dra. Rivers, uma mulher que pesquisei online, parece ser bem-educada e admirada por colegas e ex-alunos. Eu a conheci ontem depois da aula, e ela está esperando por nós. Eu a vejo do outro lado do corredor, saindo de sua sala. Olho para Tyler. Puxa, ele é tão pequeno comparado aos meninos da mesma idade. Como muitas crianças com síndrome do alcoolismo fetal, ele tem olhos pequenos, lábios finos e narizinho arrebitado. Está segurando a mochila com os dedos tortos, de articulações salientes, não que isso o impeça de alguma coisa. Ele é uma criança exuberante e normal, que adora esportes, especialmente corrida. As pernas são rápidas, e ele é capaz de se mover como o vento. Tyler tem uma leve perda auditiva e usa óculos, mas felizmente não tem problemas cardíacos ou renais.

Eu me abaixo até meus olhos estarem no mesmo nível dos dele.

— É claro que sim. Além disso, você é valente.

— Tipo quando Luke e Han destruíram a Estrela da Morte?

Dou risada.

— Tipo isso. Eles já foram como você um dia, pequenos, mas fortes.

— Vou ganhar uma medalha como eles ganharam? As pessoas vão aplaudir?

— Uma estrela dourada, com certeza, e eu estou sempre aplaudindo você.

Tyler assente.

— Ok, eu vou.

Suspiro. Droga, vou sentir falta de vê-lo na moradia coletiva.

— Se quiser, pode dormir comigo no dormitório, e eu trago você para a escola amanhã cedo. — Sisters of Charity não é um órgão do governo do Tennessee, e felizmente as regras da moradia não são rígidas demais. Tenho dezoito anos e sou irmã dele. Já permitiram que ele saísse comigo para pequenos

passeios antes. Não tenho certeza de que ele pode passar a noite comigo, mas olho para a Irmã Margaret, e ele move a cabeça em sentido afirmativo.

Ajeito o colarinho do blazer de Tyler, que peguei ontem. A Dra. Rivers ficou até mais tarde para me receber, o que foi muita gentileza.

Tyler rói as unhas.

— Talvez outro dia eu fique. Q… quero dormir na minha cama. E Axel está lá. Ele pode sentir minha falta.

Sorrio. É claro. Aquela é a casa dele. E Axel é seu melhor amigo.

— Tudo bem. A gente pode tomar um sorvete hoje à tarde, e aí você me conta tudo sobre como foi seu dia.

Ele assente.

— Comporte-se, ok? Não é para fugir dos professores. Estou falando sério.

Meu irmão desvia o olhar, e vejo em seu rosto aquela expressão de teimosia que sei que herdou de mim.

— É b… bom que eles sejam legais comigo, ou corto as bolas deles e enfio goela abaixo.

Irmã Margaret revira os olhos.

— Você não pode falar essas coisas aqui.

— Você fala — ele responde.

A Irmã Margaret olha para mim de canto de olho. Levanto as mãos. O que ela esperava? Vivi de barraca em barraca embaixo de pontes, em um lar temporário, em abrigos e em cortiços.

Tyler olha para mim.

— Eu p… podia ter falado a *porra* das bolas, então não é tão ruim. Meninos têm bolas. E um pinto…

Levanto a mão.

— Não. Essa palavra também não pode. A escola é como a missa, entendeu? Temos que ter respeito.

A freira balança a cabeça, mas juro que vi seus lábios se distenderem. Passo a mão na cabeça dele.

— Sabia que eles têm um departamento de artes incrível aqui? Olha aquele mural. Foi feito por alunos.

Ele olha para onde estou apontando, e uma expressão fascinada surge em seu rosto. Tyler adora desenhar.

A Dra. Rivers se aproxima, sorridente, e afago os ombros de meu irmão. Alta e bonita, ela veste um tailleur bege e usa o cabelo preso em um coque. Veio nos receber, o que é notável. Eu nunca consegui falar nem por telefone com ninguém da administração da antiga escola de Tyler.

Meu coração fica apertado, e a esperança — essa coisa que tem sido delicada e tênue para mim há meses — cresce um pouco quando a vejo se abaixar para cumprimentá-lo e se oferecer para levá-lo até a sala de aula.

Ela se levanta.

— Tyler vai ter um dia fantástico, garanto, e tenho seu telefone, caso sua presença seja necessária. — Ela olha para a Irmã Margaret. — Temos o número da moradia coletiva também. Tudo certo. — Uma pausa breve. — E parabéns por terem matriculado o Tyler. O diretor Trask não mediu esforços para arranjar tudo.

Ótimo.

Ela sorri.

— Ele vai se apaixonar pelos professores.

Aquela onda de emoção me invade outra vez, forma um nó na garganta. Olho em volta e vejo a obra de arte, a mobília cara que posso ver dentro das salas de aula, o rosto animado dos professores que recebem cada aluno. Não sou a mãe de Tyler de verdade, mas posso fazer isso por ele. Posso dar a ele um bom começo.

— Obrigada.

Ela assente e começa a se afastar com Tyler pelo corredor.

Meu irmão acena para mim, depois se distrai com uma menininha que corre para ele, segura sua outra mão e o conduz com a Dra. Rivers.

Fiz o certo quando voltei a Camden. Sim. Ele vai ficar bem.

CAPÍTULO 10

Ava

— Puta merda. Que olho roxo é esse, Frio e Mau? — Essas são as primeiras palavras que saem da minha boca quando sento ao lado de Knox na sala de aula. Acabei de chegar na escola depois de deixar o Tyler, o ensino médio entra meia hora mais tarde que o fundamental, então tive tempo suficiente. Até passei cinco minutos sentada dentro do carro, esperando até o último segundo para entrar. E mesmo assim não me atrasei, a sra. White ainda nem está sobre o tablado na frente da sala.

Minha cadeira está a poucos centímetros da dele, e sinto o calor da perna ao lado da minha. Knox se afasta de mim, põe mais distância entre nós, ameaça dar de ombros e continua olhando para o laptop. Ele está criando um campo de força. E é grande.

Isso me faz querer derrubá-lo, perfurá-lo, remover as camadas e ver o que tem por trás.

— Se não quer conversar, é só falar "fica quieta, Ava" com essa sua voz profunda.

Droga, porque fui falar "profunda", como se tivesse notado como é a voz dele?

Knox batuca com os dedos na parte de cima da coxa. Nunca vi alguém tão controlado. Junto com aquele campo de força, tem alguns tanques blindados à sua volta. Equipados com canhões prontos para atirar.

"Não se mete com a Ava", eles parecem declarar.

Ele sempre foi assim em relação a mim. Exceto naquela única vez…

— Vem, Ava, vamos subir para o meu quarto — Chance sussurra na minha orelha. Suas mãos estão na minha bunda, me apalpando enquanto dançamos.

Música alta sai dos alto-falantes instalados na saleta da sua casa. Os pais de Chance viajaram, é feriado de Dia do Trabalho. Não é uma festa dos Shark, não como as cervejadas pós-jogo em que só tem jogadores de futebol e quem eles convidam, é uma reunião dos alunos populares da Camden. Há algumas pessoas do Hampton High. Alguns moradores da cidade universitária.

— Vem ser minha de verdade, baby. *— Sua voz está pastosa.*

— Você está bêbado.

— E daí? Todo mundo está.

— Eu não. — Fico nervosa. Talvez devesse estar, para me encaixar melhor. O problema é que não gosto de álcool e dos efeitos que vêm junto.

As pessoas se movem à nossa volta, dançando lentamente, perdidas no ritmo profundo do grave vibrante. Um casal se pega no sofá. Liam mantém Jolena contra a parede em uma alcova do hall, segura as mãos dela acima da cabeça enquanto a beija. Ela o envolve com uma perna e o puxa para mais perto. As mãos dele levantam a parte detrás da saia dela, e eu olho para outro lugar.

Chance me beija e escorrega as mãos para baixo da minha blusa, acaricia minha barriga.

— Baby, é muito bom te tocar. Prometo que vou devagar.

Olho em volta.

Ninguém olha para nós.

Só ele.

Knox.

Ele não está dançando, mas meus olhos insistem em segui-lo até um divã em um canto escuro, onde está sentado isolado do restante do grupo. A silhueta é sombria, mas os ombros largos e os braços musculosos ocupam todo o encosto do divã, confirmando que é ele. Sei que Knox está lá; sinto a ameaça que emana dele, como um rei observando seus súditos. Tem uma garota bonita em pé atrás dele, alguém que não conheço. Ela toca seu cabelo, desliza as unhas por sua cabeça, desce e massageia a nuca e os ombros com movimentos lentos e sensuais, escorregando do cabelo sedoso para o peito. Outra garota senta aos pés dele e massageia suas coxas. Também não a conheço.

Com um olhar sedutor, ela desliza as mãos para o zíper da calça jeans.

Meu coração dispara, e não tem nada a ver com Chance acariciando minha pele. Eu quase nem percebo.

Chance geme:

— Você não me quer, Ava?

Ele não espera a resposta, me pega e me leva para o sofá, senta e me põe no colo, montada sobre suas pernas.

Ainda vejo Knox.

Ele não tira os olhos de mim.

Vejo fascinada como ele morde a boca, morde com tanta força, que espero ver o sangue brotando do lábio.

Sustento seu olhar e o deixo ver que não, não esqueci de quando o vi nu naquele vestiário, de algum jeito ele rastejou para dentro de mim; senta atrás de mim na aula e olha para mim daquele jeito persistente quando almoço com Chance.

A menina pergunta alguma coisa, e queria poder ouvir o que foi, mas imagino o que ele diz para ela quando a vejo abrir o zíper do jeans e abaixar a cabeça.

Meu estômago se contrai.

— O que está fazendo? — Chance pergunta quando pulo do sofá. Meu peito arfa, e levo a mão ao rosto quente. Olho para Knox, e ele parece uma estátua olhando para mim com o corpo tenso.

— Banheiro — resmungo e escapo das mãos que tentam me agarrar.

— Baby…

— Só preciso de uns minutos — aviso com tom firme enquanto me afasto e corro entre as pessoas que estão dançando.

Passo por Knox com as mãos fechadas, olhando para o outro lado para não ver sua expressão, para que ele não saiba que, em vez de Chance, é ele quem está na minha cabeça.

O que está acontecendo comigo?

Graças a Deus o banheiro no fim do corredor está vazio. Entro e fico parada por um momento na frente do espelho. Eu devia ir embora. Devia simplesmente sair dessa casa e voltar para a moradia coletiva, mas não vim de carro. Peguei carona com Piper, e ela está lá fora, se divertindo. Na última vez que a vi, ela estava pegando um cara da Hampton High.

— Só preciso de um minuto — resmungo para mim mesma no espelho. Afasto a cortina do boxe e entro na banheira de pés altos, depois fecho a cortina. Se eu ficar escondida aqui por tempo suficiente, talvez a festa acabe, e aí Knox vai embora, e Piper e eu poderemos voltar para a casa dela.

Encosto na borda da banheira e tento fazer meu corpo relaxar.

Impossível, porque alguém abre a porta. Droga, não tranquei. Espio pela beirada da cortina e vejo Knox encostado no batente, com a cabeça inclinada

para trás e respirando de maneira ofegante. Procuro as meninas que estavam na saleta. Não estão aqui. Sorrio. Bom, o boquete não foi muito demorado.

Continuo espiando, vejo quando ele passa as mãos no rosto e se aproxima da pia, abre a torneira e joga água fria no rosto. Uma vez. Duas. A água escorre das faces para o pescoço bronzeado, corre por dentro da camisa preta e justa. Ele olha para o espelho e faz uma careta, deslizando os dedos pela face.

— Filho da mãe feio, idiota, babaca — resmunga. — Não pode ter a garota.

Debruçado sobre a pia, Knox agarra a beirada com uma das mãos, enquanto abre o zíper com a outra e agarra o membro. É longo, grosso e duro, como o restante dele. Respiro com dificuldade enquanto ele se acaricia, geme, feche os olhos. Meus ouvidos registram os sons que faz, o ruído da mão subindo e descendo por todo o comprimento. Ele agarra a extremidade em forma de cogumelo e torce, estremecendo e esfregando as gotas brancas da ponta por toda a pele.

— Hades e Perséfone — murmura quase furioso e empurra a calça e a cueca mais para baixo. Liso, liso, tão liso e molhado, ele move a mão de um jeito ávido, e um rubor se forma em seu pescoço e começa a subir pelo rosto. Cada segundo em que se inclina para frente e geme se prolonga e permanece, cada tique do relógio é denso e cheio de antecipação. Mordo o lábio para não deixar escapar o som que quero produzir.

Ver o chefe dos Sharks se masturbar não devia significar nada. Não devia!

Não é nada, nada mesmo.

Sim, é tudo.

Minha pélvis esquenta, o desejo se espalha. Prendo a respiração, minha mão mergulha na calça jeans e toca a saliência entre minhas pernas. Os mamilos sensíveis enrijecem, como se ele estivesse bem ali, tocando-os. Como é sentir suas carícias? São suaves ou firmes? Lembro de Knox embaixo da arquibancada. Selvagem. Quente. Intenso.

Rebolo e empurro a mão mais para baixo, forçando o jeans. O fogo arde dentro de mim quando deslizo os dedos para dentro da calcinha e toco a pele molhada, deslizando por cima do clitóris. Um gemido trêmulo escapa dos meus lábios, e eu congelo, volto à realidade quando sinto uma mudança no ar, uma tensão silenciosa substituindo os sons.

Ele saiu? Não ouvi o barulho da porta.

A cortina é puxada com força e ele aparece na minha frente, a garganta funcionando sem emitir nenhum ruído enquanto os olhos percorrem meu corpo e ele recua, quase caindo no chão.

— Ava! O que… — Knox se ajoelha, horrorizado. — Merda, merda, merda, o que está fazendo aqui?!

O constrangimento faz meu rosto arder. Consigo imaginar como ele me vê na banheira, com a mão dentro da calça.

— O mesmo que você, pelo jeito — resmungo. Levanto trêmula e tento sair da banheira, mas acabo caindo.

Knox me segura imediatamente, me ajuda a ficar em pé enquanto eu, ao mesmo tempo, ajeito as roupas para não ficar nada fora do lugar. Knox passa os braços em torno da minha cintura a fim de me amparar, mas acabamos caindo de novo, eu em cima dele. Seu peito pressiona o meu, e quase derreto com o desejo de colar o corpo ao dele. Sua ereção grossa está entre nós, e meu corpo pulsa com alguma coisa que nunca tive, um ápice doce, um alívio esquivo, e agora…

— Não pode ficar aqui comigo — ele diz e segura meus braços. Segura com força suficiente para me deixar marcada, mas não me importo.

Eu me solto e tento tocar seu rosto. Knox pensa que é feio? Nunca.

Passo a língua nos lábios e deixo as mãos caírem.

— Chance. — Sua voz dele soa áspera. Ele parece abalado e um pouco descontrolado, e essa é a emoção mais reveladora que já vi em seu rosto. — Por que não disse alguma coisa quando entrei? — Ele passa as mãos no rosto, se afasta de mim e apoia as costas na porta.

— Se eu disser que estava gostando do espetáculo, isso faz de mim uma voyeur? Definitivamente, uma depravada.

Ele estremece.

— Você nem gosta de mim. Eu te assusto.

— Não tenho tanta certeza disso.

Ele guarda o pênis na cueca e faz uma careta.

Levanto a calça e fecho o zíper. Meu coração pulsa de um jeito doloroso, meus movimentos são bruscos, insatisfeitos. Vozes do lado de fora o fazem agir depressa, e Knox fica de pé em um salto atlético, levantando a calça. Knox se aproxima da pia e joga mais água fria no rosto.

— Levanta, Ava. Sai daqui, porra. — Ele agarra a beirada da bancada.

— Por que estava olhando para mim lá fora?

Ele fica tenso.

— Não preciso responder às suas perguntas. Não sabe quem eu sou?

— Vai se ferrar, Shark. Eu quero saber!

— Para de gritar.

— Então me fala. O que rolou com você? — Com a gente. Levanto. Sou corajosa… por enquanto. Admito que Knox me deixa nervosa, aquela escuridão que sinto nele, o oposto de Chance. — Ela chupou seu pau?

Estou atormentada com a imagem. Os olhos dele transbordam emoção quando me fitam pelo reflexo do espelho.

— Não. — A resposta parece ter sido arrancada dele.

— Você me queria.

— Não.

— Mentiroso.

O silêncio reina enquanto Knox parece ferver, lutando contra alguma coisa em seu interior. Ele se vira e caminha em minha direção.

— Você é do Chance.

— Eu sou minha!

— Trepou com ele? — Knox fecha as mãos.

— Não!

— Mas vai. Ele te ama. — Uma pausa, e em seguida contrai a mandíbula. — E ele é meu melhor amigo.

Devoro a sua expressão, uma vulnerabilidade que, para mim, é incomum.

— Chance nunca disse isso. Nunca me convidou para sair de verdade, e não conheço os pais dele. Sou seu segredinho na escola. — Ah, ele tem sido fofo, mas nunca me levou para jantar, ou ao cinema, nem me convidou para ir com ele às festas do futebol. — Não me encaixo no seu grupo.

O peito de Knox arfa.

— Termina com ele. — As palavras são desprovidas de emoção.

Mas sei que ele não está dizendo para eu terminar com Chance e ficar com ele, porque sei que esse não seria o estilo de Knox. Ele gosta de Chance, e nunca ficaria com alguém que já esteve com seu melhor amigo. Acho que isso

vai contra tudo em que acredita. Lealdade é algo que transborda de cada músculo tenso e contraído de seu corpo agora.

A vergonha me invade. Abaixo a cabeça e esfrego os olhos.

Eu só…

Eu só…

Seu rosto marcado.

Os olhos profundos, tempestuosos.

Alguma coisa distorcida e sombria que habita em mim anseia por Knox.

E eu nem sei quando isso entrou em mim.

Só sei que meu eu verdadeiro é atraído por pessoas destroçadas. Seus segredos. Queria saber que mistérios o fizeram ser como é, o que ou quem deu a ele esse coração fragmentado, a noção fraturada de como Knox se vê com essa cicatriz no rosto.

— Desculpa — murmuro, e acho que estou me desculpando por não ser forte o bastante para dizer essas palavras em voz alta.

— Não aconteceu nada entre nós, Ava. Tira essa expressão triste do rosto.

Ele entendeu mal.

Não estou triste pelo que acabei de fazer. Estou triste porque ele é inacessível, para mim.

Knox engole em seco.

— Merda, não termina com ele. Eu não devia ter dito isso. Chance é legal. Vai te tratar bem. — E em seguida: — Só fica longe de mim — diz com a voz grave e ríspida quando vira de costas para mim, sinto que ele está se preparando, se fortalecendo, construindo seu campo de força.

Seus ombros se movem com a força do longo suspiro.

— Knox?

Ele segura a maçaneta.

— O quê?

— Você não é feio. É bonito.

Knox para, mas em seguida sai e bate a porta.

Depois de um tempo, saio do banheiro, depois de ouvir o barulho de portas de carros batendo e veículos se afastando. Saio na ponta dos pés e encontro Chance apagado no sofá. Mesmo dormindo, ele é bonito, com os lábios cheios entreabertos enquanto respira profundamente. Garrafas de cerveja cobrem as

mesinhas. Um baseado meio fumado queima em um cinzeiro. Olho para ele de novo. Eu devia terminar tudo. Dá para falar em terminar com alguém com que nem se está namorando, tecnicamente? Chance abre os olhos e senta meio grogue.

— Baby… onde você estava? — Ele olha para mim, desconfiado. — Fiz alguma besteira. Você está estranha.

Sento ao seu lado.

— Você tem vergonha de mim?

— Não!

Assinto e sigo em frente. Se é isso que eu quero, precisamos conversar.

— Você fica me pressionando com o lance de sexo, mas não me sinto confortável, Chance. Quero um cara que se orgulhe de estar comigo, que me leve para passear. — Movo as mãos mostrando a bagunça da casa. — E antes que diga que isto aqui foi um encontro, está enganado. Quero que você vá à moradia coletiva, conheça meu irmão e vá me buscar para sair.

Chance recua, depois franze a testa.

— Não sabia que era assim… antiquada. É só a pressão da temporada de futebol e de ser um Shark, nós só fazemos o que queremos… — E para, parece se encolher. — Não é bem assim. É claro que não estou nem falando com outras garotas agora, Ava. — Ele segura minha nuca, aproxima o rosto do meu. — Ei, nem pensa em me deixar, ok? Temos um jogo sexta-feira, mas no sábado seremos só nós dois, entendeu? Eu faço o que for preciso para te fazer feliz. — Um sorriso distende seus lábios. — E desculpa por ter te pressionado. É que você é linda, e eu sou cheio de tesão. Além do mais, todo mundo estava se dando bem.

Meu sorriso é pálido.

— Sei.

Mas aquela noite de sábado nunca chegou.

Porque, na sexta-feira, eu fui à cervejada.

Respiro fundo, volto à realidade e à aula. Tiro da cabeça esses momentos com Knox. Incapaz de evitar, olho para Chance, sentindo aquela mistura de decepção e raiva que me ataca inevitavelmente sempre que o vejo.

Como se soubesse que estou pensando nele, Chance olha para mim. Ele está de mãos dadas com Brooklyn. Ah, como correu depressa para ela.

— Tudo bem, Brooklyn? — pergunto em voz alta. Ela é bonita, com aquele cabelo castanho e ondulado emoldurando seu rosto. A boca se contorce como se chupasse limão, e ela me ignora.

Brooklyn é a melhor amiga de Jolena. O que eu esperava?

Olho para frente e estudo o perfil duro de Knox.

— Pfiu, pfiu, pfiu… Estou atirando nos seus soldados, sabe? Esses guardas que você posiciona à sua volta para não ter que falar comigo.

— Hummm.

Ele fala algo. Ou resmunga… não sei.

— Estamos na aula — Knox responde com tom seco.

— Ainda não começou. Sabe, estive pensando em Patrick Swayze. *Ghost* é um ótimo filme, indiscutivelmente, para quem gosta de cerâmica, espíritos e médiuns malucos. *Caçadores de Emoção* é meu favorito, entre os que ele fez. Aquela adrenalina toda de surfar, pular de aviões, e aquele abdômen… adoro. Mas *Matador de Aluguel* está entre os três piores filmes já feitos. Reconheço as habilidades de luta dele, mas o enredo… Um pacifista que vira segurança de boate? Pfff.

— Quais são os outros filmes na sua lista dos piores? — Knox ainda não olha para mim, mas chega um pouco mais perto, um fio de cabelo mais perto.

— *Showgirls.* Elizabeth Berkley como stripper em Vegas… não, obrigada.

— Não é fã de *Uma Galera do Barulho*?

— Não. E nem preciso dizer que *Jogos Mortais I, II, III, IV, V e VI* são todos uma porcaria.

— E *Jogos Mortais VII*?

— Fizeram outro? — pergunto, boquiaberta. — Diz que não.

— Fizeram. — Knox ri e olha para o laptop.

Está quase lá. Só precisa de mais um empurrãozinho…

Bato com a caneta na mesa.

— Como virou chefe dos Shark? Você é um babaca, nisso tem nota máxima, mas sério, não te vejo participando da hierarquia de uma sociedade colegial. Você está mais para estoico solitário, acho. Se não fosse rico, aposto que seria

líder de gangue. Gangue Knox. Você teria uma tatuagem barata de tubarão no pescoço. Bem fodão.

Vai, Knox. Explode. Mostra quem você é de verdade.

— Ainda bem que sou rico.

— Ainda se masturba em banheiros?

Ele devolve:

— Ainda usa os dedos em banheiras?

— Ultimamente não.

— Que pena.

— Às vezes, me pergunto o que poderia ter acontecido se você não tivesse saído daquele banheiro. Fico pensando em como as coisas poderiam ter sido diferentes. Se eu tivesse ido àquela cervejada por você, se estivesse com você…

— Ava, para. Por favor.

Perco os poucos centímetros de terreno que ganhei. Ele afasta a cadeira da minha.

— Alguma coisa em mim te incomoda. O que é? Não acredito que tem a ver com o lance de eu ser bolsista e não merecer sua atenção. Não, é alguma coisa mais profunda.

Knox suspira.

Mas não quero parar.

— Uma vez você me perguntou sobre Perséfone e Hades. Lembra disso? Era um dos meus mitos favoritos, Hades apaixonado por aquela bela deusa. Ele não se interessou por nenhuma daquelas fêmeas de demônio que andavam por seu domínio. Só queria ela.

— Não sei do que está falando.

— É romântico. Ele a raptou, acho, mas a amava, e rapto é pouco, na verdade, comparado às coisas que aqueles deuses faziam. Ela o amava profundamente, apesar de todo mundo avisar para ficar longe. Ela comeu aquelas sementes de romã porque sabia que a mãe nunca permitiria que ela fosse viver no inferno.

— Ela só morava com ele durante seis meses no ano, depois voltava para a mãe. Para mim, isso sugere que o relacionamento deles não podia ser tão sólido.

— Então você lembra. — Deixo que Knox ouça a satisfação na minha voz. — E quanto à solidez, a ausência faz o coração mais terno, e todas essas coisas.

Sentiu minha falta quando eu não estava aqui?

Respiro mais depressa enquanto espero a resposta, mas como o diabo esperto que é, Knox evita minha pergunta direta e responde com outra. Ele vira para mim e consigo ter uma visão ainda melhor de seu olho inchado, roxo e, aparentemente, dolorido.

— Também me lembro de Hades subindo do inferno em sua carruagem preta, agarrando Perséfone e a levando para viver com gente morta. Ele a enganou, a fez comer aquelas sementes para que ela quisesse estar com ele. Isso é um sinal de relacionamento bom?

Dou de ombros.

— Ela estava apaixonada por ele e sabia que esse era o único jeito. É claro que ele a amedrontava, mas ela arriscou, deu uma chance para o cara.

Knox sufoca um grunhido.

— Sério? Ninguém queria os dois juntos. Nenhum dos deuses aprovava. Quem amaria o rei do mundo subterrâneo?

— A pessoa certa.

Ele inspira profundamente.

Jolena passa por nossa mesa e olha para Knox com ar de censura, e eu faço uma pausa.

O olho roxo… hummm.

— Seu olho deve estar doendo. Ele parece senciente, como se pudesse sair do rosto e contar uma história. Se isso acontecesse, eu perguntaria a ele por que diabos Knox Grayson perdeu o controle na noite da festa do Chance.

Seus olhos me queimam.

— Tudo bem. Já percebi que vai se fechar, como sempre. Vamos falar sobre a briga em que se meteu. Vi minha mãe com o olho roxo algumas vezes, sabe? O pai do Tyler, Cooper, era um verdadeiro campeão… desempregado, drogado, violento. Uma vez, ele a prendeu contra a parede enquanto socava a cara dela. Um lado. O outro. Ida e volta. Vergões vermelhos. Os pés dela balançavam no ar, como nos filmes… Dá para acreditar? Garrafas de vodca rolando… caramba, sempre a porcaria da vodca. Ele olhou para trás, para mim, e disse: “Sai daqui, ou vai ser a próxima”. Eu corri. — Estou ofegante depois da confissão.

Knox se inclina para mim.

— Para onde foi?

— Passei três dias fora de casa. Fui à escola, almocei, e à noite fui para as barracas embaixo da ponte. Sempre havia algumas abertas, eu entrava sem ninguém perceber. Além do mais, era primavera, o tempo era agradável.

Ele franze a testa.

— Merda, Ava. Embaixo da ponte? Podia ter acontecido qualquer coisa com você! Por que não procurou a polícia?

— Menino rico, fala sério. Você não entende. Se eu pedisse ajuda à polícia, eles chamariam o serviço social e me mandariam para outro lar provisório. Não, obrigada. Prefiro o mal conhecido.

Knox solta o ar lentamente e vejo que suas mãos estão fechadas.

— O que aconteceu quando você voltou?

Dou de ombros e digo:

— Eles estavam bem, de beijinhos. Ela estava grávida, e eu fiquei para esperar meu irmão chegar. — Uma pausa. — Às vezes, fico pensando se ela ainda está viva.

— E seu pai? — Seus olhos estudam meu rosto.

— Ah! Ele foi o ganhador da loteria. Abandonou minha mãe antes de eu nascer. A última notícia que tive foi que ele trabalhava em um poço de petróleo no Golfo.

Knox franze a testa de novo por um instante, depois sua expressão suaviza, os lábios se abrem.

— Não quero que sinta pena de mim, Knox. Eu tenho o Tyler. Ele é meu. Ele é tudo. — Toco meu pingente, e seus olhos acompanham o movimento, se movem sobre mim até eu me sentir agitada, até Knox poder perceber, com certeza, que não estou pensando em nada além dele e em como ele me faz querer arrancar sua máscara…

Pigarreio.

— Devia pôr gelo nisso aí, ou um bife congelado, ou alguma coisa assim. Não tem alguém que vá correndo buscar tudo de que precisa? Tylenol? Boquete?

A boca de Knox treme.

— Brigou por causa de mulher? Não é muito seu estilo, para ser honesta. Você controla bem as emoções… Quero dizer, menos embaixo da arquibancada. — Sorrio para ele.

Knox fica vermelho, mas olha para mim com uma careta bem-humorada.

Piper se aproxima acertando os óculos no nariz, olho para ela com cara de surpresa, tão envolvida com Knox, que mal percebo as outras pessoas na sala. Ela me dá um abraço, e parte do medo de passar pela entrada hoje desaparece.

— Amiga, a notícia do dormitório é maravilhosa! Boa! Agora você está só a cinco minutos de mim! Vai ter festa. Também podemos estudar juntas! — Ela dá um soquinho no ar. Depois olha por cima do ombro, quando Dane entra e senta na carteira que eles dividem. — Ah, maravilha. Meu parceiro metido chegou. Ele é tão… aff. Tenho que ir. Passo por lá hoje à noite e vamos comemorar com Mountain Dew e Taco Bell… seus favoritos, certo? Eu levo. A gente se fala mais tarde, ok?

E ela se afasta saltitante e vai ocupar seu lugar ao lado de Dane.

O olhar de Knox para mim é demorado.

— Foram os pais dela que te levaram para o hospital, não foram?

Como…?

Ele ri.

— Seu queixo caiu.

Fecho a boca.

— Você é muito estranho. Nunca pensei que prestasse atenção às minhas idas e vindas. E nunca contei isso para ninguém. Talvez ela tenha contado? — Olho para ele, desconfiada.

— Não. Uma vez perguntei sobre você. Ela me mandou pular de um prédio e me esfaquear na queda.

— É a cara dela… fofa, mas ácida.

Olho para Piper, ela está encarando Dane, e a escuto dizer:

— Já vi essa porcaria de filme, idiota. Sim, a porcaria da aranha morre. Que pena que não pode lidar com isso! Meu Deus, você é um bebezão.

Dane se limita a olhar para ela como se visse um alienígena. Aposto que ele nunca sequer falou com Piper em Camden, e agora está encurralado.

Olho para frente, rindo.

— Fico feliz por ela ser sua amiga — Knox murmura.

— Mesmo com a Piper, ainda me sinto muito esquisita aqui, como se estivesse do lado de fora, olhando para dentro. Não sou mais a mesma.

Knox fica imóvel, e eu fico tensa. Ah, por que estou falando tanto? Não consigo parar.

— Mas você… você domina a escola — digo. — As meninas te adoram. Os caras te invejam. Todo mundo quer estar perto de você, quer compartilhar da sua glória. Você nunca está sozinho. Aleluia.

— Hum.

Ai, meu Deus, essas respostas vazias estão me fazendo subir pelas paredes!

A sra. White ainda não começou a aula. Queria que ela começasse, para eu precisar calar a boca.

— E aí, me fala desse olho roxo — digo.

Ele deixa escapar um suspiro pesado e se aproxima um pouco, mais um pouco, até eu sentir seu cheiro de oceano.

— Alguém me fez perder a cabeça.

— Isso é óbvio, mas quem teve essa coragem? — Finjo espanto e levo a mão ao peito.

Sua risada é abafada.

— Você continua me surpreendendo, Tulipa.

Estou me preparando para responder — não sei como, mas sei que gosto de debater com Knox — quando a sra. White reduz a iluminação da sala e começa a exibição de *O Mágico de Oz.*

— Hoje vamos ver um filme icônico, e quero que anotem as metáforas e o simbolismo que virem… — Paro de prestar atenção à voz da professora, tenho dificuldade para me concentrar, porque meus pensamentos continuam em Knox.

Ele passa um bilhete para mim, e sua caligrafia é limpa e cuidadosa. Mas ele não usa letra cursiva, prefere letra de forma.

Ainda vamos ver Dirty Dancing?

Levanto a cabeça para ter certeza de que a sra. White não está olhando; ela está sentada à mesa, lendo um livro.

Claro. Às nove, pode ser? Amanhã? Podemos usar FaceTime, se a gente quiser discutir alguma coisa durante a exibição? Ou só conversamos depois que o filme acabar? Para mim, tanto faz.

Empurro o bilhete de volta para ele.

Hummm… se não se importar, por que não assistimos ao filme juntos? Acho que é mais fácil do que usar FaceTime. Assim podemos trocar ideias para o artigo e fazer anotações. É mais orgânico. Você

pode ir à minha casa. Suzy vai estar lá, se quiser companhia. Ela é uma mistura de babá e gerente para nós.

Leio duas vezes para ter certeza de que não entendi mal. Meu Deus. Knox ainda tem uma babá? Sorrio. E na casa dele? Pensei que fôssemos ver o filme separados e depois discuti-lo. Foi o que combinamos.

Olho em volta para ter certeza de que não estou em um universo paralelo.

Dorothy aparece na tela, mas não estou prestando atenção. Fico sentada em silêncio por uns cinco minutos, pensando na minha resposta, e percebo que quanto mais longa é a pausa, durante a qual bato com a caneta no bilhete, mais agitado Knox fica balançando as pernas embaixo da mesa, batucando com os dedos na mesa. Ainda segurando o bilhete, arrisco olhar para ele. Knox está me observando. Cauteloso. Atento. Olhares rápidos de soslaio. Quase de má vontade, como se não quisesse olhar para mim.

Ele morde aquela boca carnuda, e um arrepio percorre meu corpo, enquanto o coração acelera. Sinto um tremor leve no estômago.

Não.

Passo a resposta para ele.

Por quê?

O bilhete volta.

Você sabe por quê. Você é um deles. Você é O SHARK.

E daí? Isso é só um papel que eu tenho aqui. As pessoas querem alguém para temer. Sou tão terrível assim? Não te ajudei com o pneu?

Ajudou. Obrigada. Não.

Ele solta o ar irritado, rabisca uma resposta e empurra o papel na minha direção.

Briguei com o Liam. Por isso o olho roxo. Nada sério.

Respondo para ele.

Hum. Acho que jogadores de futebol brigam muito. Ele ficou pior que você? Por que brigaram?

Knox lê e passa a mão no cabelo escuro.

Espero ele escrever uma resposta, mas nada acontece.

Na verdade, Knox me ignora durante o resto da aula, e quando o sinal toca, levanta depressa e sai. Vejo seus ombros largos desviando das pessoas, empurrando algumas para sair da sala. Alguns caras o chamam, e ele acena para

eles. Então vejo Tawny. Ela se aproxima e se pendura no braço dele, alinhando o corpo ao de Knox. Não é uma líder de torcida, mas é o tipo de beldade que faz seus olhos se demorarem nela enquanto você se pergunta que tipo de genética pode ter criado tamanha perfeição. Cabelo castanho com reflexos dourados que descem até a cintura, um rosto oval e suave, nariz delicado… Tudo muito agradável ao olhar. Uau.

Ele para, olha para ela com a testa franzida, depois olha para mim.

Arqueio uma sobrancelha.

Ah, essa é do tipo de garota que agarra a chance de ir à sua casa, meu olhar diz.

Levanto o polegar enquanto ele me encara. Knox hesita, depois joga um braço sobre os ombros de Tawny. Os dois param na porta, e outros alunos vão passando por eles, mas Knox não se incomoda; ele bloqueia a porta que quer.

Vejo os perfis quando eles se viram para conversar. O queixo firme, os cabelos brilhantes que meus dedos tocaram. A mão dela tocando sua nuca. Ela levanta o rosto e se ergue na ponta dos pés. Está perguntando alguma coisa. Conheço a expressão. Ela gosta dele, gosta muito.

E então…

A surpresa me envolve como uma onda. Eu os vejo na cervejada do ano passado, a mão dele no bolso do jeans dela, os dois indo embora da festa.

Mas… Espera, espera, volta.

Primeiro eu beijei Chance.

Meu coração bate forte, e eu reajo assustada aos detalhes que antes estavam trancados, e agora desfilam com perfeita nitidez. Fecho os olhos, me concentro, deixo as imagens chegarem. O beijo de Chance, longo, profundo e doce. Minha resposta imediata à pressão dos lábios dele. Como eu queria nosso encontro na noite seguinte. Ele iria me buscar e me levaria para jantar. Podia parecer bobo querer alguma coisa tão simples, mas para uma garota como eu… Para alguém que nunca teve coisas grandes, são as pequenas coisas que ocupam espaço em meu coração: chuva mansa, noites estreladas, folhas caindo, um bom filme, o sorriso de Tyler, bolo de chocolate… e um encontro com meu *boy*.

Amo você, Ava, Chance disse no meu ouvido, me segurando pela cintura como se eu fosse de porcelana.

Ele me beijou, disse isso, e eu nem lembrava! Puta merda. Eu pisco.

Já estava arrasada, mas agora as palavras são nítidas, uma marca quente em minha cabeça. E qual foi a minha resposta? Não tenho ideia, mas levantei a cabeça do ombro de Chance e, em vez de beijar seus lábios de novo, vi os olhos cinzentos de Knox Grayson cravados em mim. A uns dois metros, apenas. Eu poderia ter esticado os braços e tocado seu rosto sério. Poderia ter aberto suas mãos.

Ele respirou fundo, e nos encaramos.

Chance beijou meu pescoço, e eu estremeci quando olhei para Knox, e ele me deixou ver… ele me deixou ver… uma janela para dentro dele. Angústia misturada a desejo. Vontade.

Parado ali perto da fogueira, ao lado de Tawny, ele levou dois dedos aos lábios e mandou o toque para mim. Com a visão clara, sem o álcool me confundindo, eu o vi, vi o jeito lento e pesaroso como desviou o olhar de mim e de Chance.

Então, exatamente como agora, ele jogou um braço sobre os ombros de Tawny, a levou para o carro e abriu a porta para ela. Ele desapareceu. E eu… eu fiquei lá.

Meus olhos o encontram agora na porta. Os dois não se moveram.

Knox inclina a cabeça para ela — meu peito fica apertado — e continua se aproximando. Minha respiração acelera. A ansiedade me invade.

Resisto ao impulso de bater o pé.

Olha para mim daquele jeito de novo, quero gritar.

Alguém me cutuca.

Outro contato, dessa vez no braço.

— Ava… está me ouvindo?

A voz masculina entra em minha cabeça, e eu me assusto, olho para Knox.

— Que é? — reajo, irritada. Chance está ali parado há algum tempo. Minhas mãos, que seguravam a beirada da mesa, relaxam, e eu endireito as costas. Olho para ele. — Cadê a Brooklyn?

Chance fica vermelho.

— Já foi embora. Ava… — Chance abre e fecha a boca.

— O que você quer? — Pego a bolsa do encosto da cadeira. Preciso sair daqui. Não quero reencenar aquela noite, e sinto que ele está se preparando para alguma coisa.

— Você me magoou. — São as palavras que Chance finalmente pronuncia.

Mas que porra é essa?

— Eu te magoei?

Ele tenta me encarar, mas abaixa a cabeça.

— Não suporto mais isso. Faz só dois dias que você voltou, e eu não consigo…

— Não consegue o quê?

Ele levanta a cabeça. Faz um esforço para falar, e as palavras fogem. É como se ele estivesse em uma espécie de crise. Quase penso que Chance cambaleia.

— Não consigo parar de pensar em você.

— Agora?

Ele assente.

Sopro o ar preso no peito.

— Sério? Onde estava quando precisei de você, hein? Não estava pensando naquela época. Você me deixou na festa para pegar sua atual namorada.

De algum jeito, consigo manter a voz baixa, quase calma, mas sinto a raiva persistente só esperando para atacar. Vergonha — ou eu quero pensar que é vergonha, pelo menos — faz meu rosto corar.

A amargura chicoteia o ar como um tornado. Sei que não devo me envolver com Chance, mas talvez eu precise de um encerramento. Nunca tivemos isso. Recebi uma mensagem dele e apaguei.

— Me fala uma coisa, como conseguiu dizer que me amava e me deixar na festa no minuto seguinte? Uma pessoa corajosa teria acreditado em mim. Covardes fogem, Chance. Você me descartou como se eu fosse lixo. Ainda não consigo acreditar que deixei você chegar tão perto do meu coração… — Mordo o lábio, abalada com as palavras que saem de mim. Eu deixei que se aproximasse. Meu Deus. Eu me deixei ficar vulnerável a ele.

Chance engole, mantém os olhos azuis baixos.

— Sinto muito…

Eu o interrompo.

— É. Sente. E o pior de tudo é que talvez tenha sido você. *Talvez tenha sido você*. — Minha voz treme um pouco, e eu a controlo.

Ele assente como se esperasse por isso, mas respira fundo.

— Não fui eu. Não sou capaz disso. Você me conhece. Estive pensando…

— Por favor, não faz isso.

— Não posso parar. Ava. — Chance olha para a porta, onde Knox e Tawny continuam parados. Eu os vejo pelo canto do olho. — E tudo que Knox fez e disse era certo, e eu estava errado. Sinto muito. Você tem razão sobre mim. Eu estraguei tudo. Devia ter feito você parar de beber, devia ter sido mais protetor, ou tirado você de lá…

— Mas não fez nada disso.

O que Knox fez e disse?

Ele fecha os olhos por um instante.

— Nunca estive naquela situação. Nunca gostei de uma garota como você. Nunca imaginei que alguém que eu conhecia, um amigo meu, faria mal a você…

— Economiza as suas desculpas!

— Eu sei! Odeio isso, ok? Odeio! Não posso mudar como reagi! — Chance ergue a voz, mas não tem ninguém aqui para ouvir. A sala está vazia, com exceção daquele casal irritante na porta. Eu me recuso a olhar para eles, mas consigo senti-los lá como uma sombra escura.

— Sempre pensei que era forte, mas não sou — ele acrescenta e passa as mãos no rosto. — Ava, por favor. — Seu peito se projeta, se expande. — Eu… senti sua falta. Imaginei você no corredor centenas de vezes. Não joguei uma partida de futebol sem olhar para as linhas laterais e desejar que você estivesse lá. Revi aquela noite mentalmente muitas vezes, mas também estava bêbado e não estava raciocinando direito. Você foi dançar, e tudo que vi foi você na sua primeira cervejada Shark me trocando por alguém melhor. Eu não fiz o que era certo. Reagi como um babaca ciumento e chorão. Abandonei você lá, e te machucaram.

Uma emoção feia bloqueia minha garganta, e eu a engulo.

Chance fecha os olhos.

— Como eu posso consertar isso?

Olho para ele, olho de verdade. O jeito como o cabelo claro é abundante e grosso, como era sentir as mechas molhadas depois de um jogo. Os ombros fortes quando Chance me abraçava apertado. Todos os bilhetinhos que deixava no meu armário. *Você é linda* foi o primeiro. *Eu vou ser seu, se você pedir* foi o segundo. E depois: *sonho com você mais do que deveria*. Ah, eu me lembro deles, e aquele último me pegou. De jeito. Imaginar que Chance me queria… imaginei nós dois na formatura, juntos na universidade, eu entrando na igreja e

caminhando em direção a ele. Quem era aquela garota? Fui uma idiota. Esqueci que a vida não é feita de gatinhos e arco-íris.

— Sei que é tarde demais para mudar alguma coisa…

— Para. Para de falar. Não chega perto de mim, e juro que retribuo o gesto.

— Não é isso que eu quero.

— É o que eu quero!

Chance recua, parece que vai dizer alguma coisa, mas abaixa a cabeça e passa por mim.

Meu peito arfa. Respiro profundamente e solto o ar devagar.

Ouço o sinal, e outros alunos entram na sala e ocupam as carteiras à minha volta. Corro para a porta, e Knox e Tawny ainda estão lá. Mas que merda! Vão embora!

Ela o empurrou contra a parede, está passando as mãos de unhas vermelhas em seu peito enquanto olha meio carrancuda para o hematoma em seu rosto. Knox olha para mim, ele sabe o que aconteceu, sabe da minha conversa com Chance. Tinham assentos na primeira fileira para aquele espetáculo… foi de propósito? Talvez. Parece que Knox sempre tem um motivo para tudo.

Estou prestes a passar por eles quando paro e olho em volta. Ignoro Tawny e olho para ele.

— Amanhã à noite. Biblioteca Vanderbilt. Encontro você na escada às sete, podemos ver o filme juntos em uma das salas de estudo. Tenho carteirinha, eu ia lá no ano passado para fazer os trabalhos e o dever de casa.

— Tudo bem — Knox responde, estudando meu rosto como se quisesse ver se estou bem. Depois afasta Tawny, literalmente a empurra pelos ombros até ela ficar furiosa. Ela olha para mim e cochicha alguma coisa no ouvido dele. Definitivamente, ouço “arquibancada” no meio das palavras. Knox balança a cabeça para ela.

Faço uma careta.

Ela se afasta, e eu a observo, mas quando olho para trás, aqueles olhos cinzentos estão cravados em mim.

— Devemos comer primeiro? — ele pergunta.

— Por favor. Isso não é um encontro.

— Eu sei, mas meu estômago pode roncar e atrapalhar quem estiver estudando. Além disso, vou direto do treino e fico enjoado se não como proteína.

Ele fica… *aff.*

Ponho a mão na cintura.

— Primeiro tenho que arrancar de você a história do que aconteceu com seu olho, depois você quer assistir a essa porcaria de filme juntos. Agora insiste em comer.

— É só comida. Por que não podemos comer? Se você for à minha casa, Suzy pode fazer o jantar.

Não. Não vou à casa de um Shark.

— Vai me encontrar no Lou's Diner, e vamos de carro à biblioteca. O restaurante fica na Elm Street em Nashville. Feliz?

Ele ri.

— Só dois alunos assistindo a um filme romântico e icônico para fazer um trabalho da escola. É um bom plano, Tulipa.

— A gente se vê, Frio e Mau. — Saio da sala.

Por que fiz isso?, é o que eu penso quando saio.

A culpa é do Chance e daquele pedido de desculpa pela metade.

Talvez tenha sido a lembrança de como Knox olhou para mim.

Tanto faz.

Deixo isso para lá e aperto o passo, caminhando mais depressa pelo corredor. Droga. Vou me atrasar para a aula de inglês. Mas o sr. Banks é idoso, e ele demora alguns minutos para começar. Posso entrar discretamente e sentar no fundo da sala. Sigo pelo corredor quase vazio até meu armário e me apresso ainda mais quando vejo Brandon Wilkes, um dos jogadores de futebol. Todo cheio de músculos e com aquele cabelo vermelho e despenteado, ele reduz a velocidade ao passar por mim e me encara de um modo ameaçador. Ao passar por mim, se vira, olha para trás e continua andando de costas enquanto fala:

— Entende o recado, dedo-duro: a gente não quer você aqui.

— Babaca — resmungo e continuo andando.

O comentário só faz sentido quando chego ao meu armário. Alguém escreveu com marcador preto no metal prateado: **VAZA, PIRANHA.**

Minha boca fica seca. A náusea ferve em meu estômago. Aquela palavra. Aquela maldita palavra.

Tem alguém atrás de mim, e ela ri.

Não importa quantas vezes eu passe pelas portas da Camden, eles nunca vão esquecer quem eu sou e o que aconteceu comigo.

Para com isso. Sem autopiedade. Não mesmo.

Com dedos trêmulos, abro o armário, pego o livro e bato a porta.

Quando viro, Jolena está aqui, vejo o brilho em seus olhos. Ela levanta as duas mãos.

— Não vai descontar em mim. Não fui eu. Mas, cara, gostei disso.

O último sinal toca. Estamos atrasadas para a aula.

Ela não se move, continua sorrindo.

Inclino a cabeça na direção do armário.

— Acha que isso me incomoda? — Isso *me mata*. A solidão me devora, e eu cerro os punhos. — Que palhaçada. Pelo menos não é, hm, sei lá… Uma violação do meu corpo. É, isso é muito pior. Além disso, falta uma vírgula. Quem escreveu é um idiota.

— Fica longe dos caras do futebol, Ava — ela fala quando me afasto. — E não estou falando só do Liam. Do Knox também. Ele é nosso. Não esquece.

Como posso esquecer?

Tremendo, vou até a diretoria e encontro a sra. Carmichael. Com um tom frio e sem nenhuma emoção, olho para sua blusa florida e conto sobre o incidente com meu armário, ela murmura palavras que mal consigo ouvir:

— Ah, não, terrível… Os jovens de hoje em dia… lamento por você. Vou avisar a manutenção, certamente temos algum produto para remover… — Blá, blá, blá.

Ela me entrega uma autorização para entrar na aula, eu a pego e corro para o banheiro; encontro o último reservado vazio e sento no vaso com as pernas dobradas e levantadas para ninguém me ver. Meu estômago ameaça se rebelar, e eu o controlo.

Ligo para o campus do fundamental e peço para falar com a Dra. Rivers. O tempo passa, mas não importa, espero até ouvir a voz dela do outro lado da linha e peço para falar com Tyler. Ela não permite, diz que eles não tiram os alunos da sala para falar ao telefone. Explico que preciso ouvir a voz dele só por um minuto, insisto, peço por favor para falar com ele, e no fim aviso que não vou conseguir sair dali e ir para a aula sem ouvir a voz dele. Há um longo silêncio, até eu ouvir o Tyler falando com a Dra. Rivers, uma conversa abafada, depois a vozinha dele do outro lado dizendo alô, e fecho os olhos.

— Como está o primeiro dia? — Minha voz não está normal, mas consigo falar pelo menos.

— Puxa! É incrível! — Sinto o sorriso em seu rosto. — Estamos na aula de ciências, e eu tenho um parceiro. Pusemos papel no chão e estamos desenhando o contorno um do outro, e agora vamos usar lã para fazer os vasos sanguíneos! Não é legal? Não é? — Ele suspira.

— Muito legal.

Ele continua falando, combinamos que Tyler vai comer Tacos comigo e Piper hoje à noite, e já passou muito do minuto que pedi a Dra. Rivers. Quando ele vai embora e ela fala comigo, pergunta se estou bem, se deve ligar para o sr. Trask, e eu minto, digo que estou bem. Desligo e toco o rosto para ter certeza de que está seco; está, Graças a Deus, porque, fala sério, não quero chorar.

Não aqui, nesse lugar miserável.

Saio do reservado e olho para o espelho. Pálida. Magra demais. Olheiras. Cabelo preto. Eu seria gótica se não usasse o uniforme colorido. Tiro o batom vermelho da bolsa e passo na boca, estudando meu reflexo. Posso ser forte por Tyler. Posso dominar esse caminho de merda, me apoderar dele. Usá-lo. E um dia, algum dia, vou ter um belo caminho, uma estrada suave, tranquila e perfeita.

— E aí, não vai deixar esses babacas te dominarem, vai, Ava? — pergunto à menina no espelho.

— Não. Ainda não. Não vou desistir. Só os covardes desistem. — Pego o marcador e deixo um recado na parede, com corações em volta.

Depois saio do banheiro e vou para a aula.

CAPÍTULO 11

Knox

Estou nervoso quando entro no estacionamento do Lou's. Meu coração está pulando no peito com a perspectiva de vê-la, e isso é muito errado. Chance passa pela minha cabeça, as coisas que ele disse a Ava e, merda, o jeito como olhou para ela, com o coração nos olhos. Já era hora de ele tentar se desculpar, mas não me surpreendeu que ela o tenha rejeitado. Considerando o que aconteceu com Ava e como ele a abandonou, não sei se perdão faz parte das possibilidades.

Tenho um muro erguido à minha volta, mas ela também está defendida.

Ela é o olho do furacão, os ventos do sofrimento sopram em torno dela.

Abaixo o quebra-sol do carro para usar o espelho e ajeito o cabelo recém-lavado, puxando as mechas para suavizar o lado direito do rosto. Não adianta nada. Saio e paro por um momento na frente da porta de vidro, examinando meu reflexo. Jeans e camisa justa que realça os braços, ok. Perfume que Ava diz que odeia, mas ama, ok.

Isso não é um encontro, babaca.

Aham.

Então por que estou fervendo de ansiedade?

Minhas mãos estão úmidas quando abro a porta do Lou's, que fica em uma região muito ruim da cidade.

Um homem de aparência engordurada, de barba e avental branco cheio de manchas está sentado atrás do balcão. Ele olha para mim com um ar sério. Comprime os lábios.

— Ela está lá no fundo.

Assinto. Beleza, ele sabe quem eu sou e não gosta de mim, pelo jeito. Tudo bem, tudo bem. Não vim aqui por causa dele, e não posso nem dizer que o homem está errado.

Meus passos são ansiosos quando me dirijo ao fundo da lanchonete e sento diante de Ava na mesinha vermelha. Eu a vi hoje na aula, mas tivemos um teste rápido sobre *O Mágico de Oz*, então não deu tempo para conversar. Ela almoçou com Wyatt e Piper, bem longe da mesa dos Sharks na cantina da escola. Eu a

observei, fingindo que não o fazia, até que Dane perguntou por que eu estava distraído.

Vestindo um short cortado e desfiado e camiseta amarela e desbotada dos Sex Pistols, sua beleza é de partir o coração. O cabelo dança macio em torno dos ombros, sinto saudade do loiro que ela usava no ano passado. Seu cabelo pode ter sido meu ponto fraco. Bobagem.

— Chegou cedo. Ansioso para começar? — Ava murmura, deixando o laptop de lado e olhando para mim.

Pigarreando, examino o interior da lanchonete. Assoalho de linóleo rachado, paredes que precisam de outra camada de tinta azul, velhas mesas de fórmica e um porta-guardanapo barato de metal ao lado daqueles frascos genéricos de mostarda e ketchup. Um corredor escuro no fundo leva a um espaço estreito onde imagino que fiquem os banheiros. Não é o lugar ideal para estar sozinho com Ava pela primeira vez, sem ninguém da escola, mas não reclamo.

Eu me acomodo na cadeira, estendo as pernas. Meu pé toca o dela embaixo da mesa, e ela o recolhe sutilmente, enquanto murmuro um pedido de desculpas.

— É. Mas você ainda chegou primeiro. Cumpriu um turno antes?

— Hoje, não. Fui ver o Tyler. Ele mora aqui perto, na moradia coletiva. Como soube que trabalho aqui?

Ai, Ava. Eu sei muita coisa.

Aceno para descartar a pergunta.

— Como ele está na Camden?

Ava inclina a cabeça.

— Cara, como sabe que ele está lá?

Dou de ombros e engulo um sorriso ao ouvir o “cara”. Ela está ficando mais à vontade comigo a cada momento. É isso que eu quero? Agora, neste momento, sim, cacete.

— Trask mandou um e-mail para o conselho e pediu uma bolsa para ele. Meu pai faz parte do conselho. Ele mencionou. — Várias vezes. Foi um telefonema estranho aquele de segunda-feira, quando ouvi o tom hesitante de meu pai perguntando se Ava tinha realmente voltado. Como ele faz parte do conselho, também sabia que Trask a queria de volta, e embora se sentisse incomodado com isso, votou a favor de chamá-la e oferecer a bolsa de estudos para seu último ano. Como eu, ele também lembra como Dane ficou mal depois da cervejada do ano passado.

— Imagino que ele esteja gostando, certo?

Um daqueles sorrisos suaves ilumina seu rosto, e inspiro ao sentir o efeito que a imagem provoca dentro de mim.

— Ele está adorando. Adora a administração, os professores, as crianças… tudo.

Toco o cardápio equilibrado atrás do porta-guardanapo.

— Foi por isso que voltou, não foi? Deve ter entrado na sala do Trask, falado sobre seu cérebro brilhante, feito algumas ameaças talvez, e depois pediu para ele ser aluno da escola.

Ava morde o lábio.

— Por que acha isso?

— Você tem coragem. É o que eu teria feito. E não consigo pensar em nenhum outro motivo para você ter voltado.

Ela fecha os olhos por um momento, como se o que eu tivesse dito a deixasse satisfeita.

— Uau, Knox. Passou muito tempo pensando nos meus motivos. Bom saber que estive na sua cabeça.

Só por uns três anos.

— O que vão querer? — É o cara atrás do balcão. Ele coça a barba e olha para Ava com ternura, depois olha para mim de cara feia.

Ela sorri para o sujeito.

— Hambúrguer e fritas para mim, Lou. Pouca maionese, tomate extra. Você sabe como eu gosto. E uma Coca.

O cara olha para mim.

— E você?

— A mesma coisa. Água para beber. — Droga. Odeio tomate. Qual é o meu problema?

Ele se afasta e grita para uma garota na cozinha, que está ocupada no grill.

— Ele não gosta de mim.

Ava dá risada.

— Ah, coitado do Knox, não tem amigos na cidade. Eu trabalho aqui há três anos, e Lou me trata bem.

— Que bom.

Ela se inclina sobre a mesa.

— Vou te contar um segredo. Lou tem pavor das freiras, fica apavorado quando elas vêm trazer o Tyler para comer comigo. Ele as chama de versão feminina do Darth Vader.

Olho para o grandalhão e sorrio.

— Sério? Devia convencer uma delas a dizer: “Lou, eu sou seu pai”.

Ava inclina a cabeça.

— Bonitinho, mas a verdade é que essa fala não é assim. Não é “Luke, eu sou seu pai”, é só “Eu sou seu pai”. Tem muitos bons momentos em *Guerra nas Estrelas,* mas essa fala, mesmo depois de ver o filme tantas vezes, ainda me deixa arrepiada. Dá a sensação de que é mentira, como se fosse só parte dos jogos de sua mente doente, mas Darth Vader está dizendo a verdade, e ele sabe que a revelação vai ferir Luke e levá-lo a questionar tudo.

Sorrio.

— Você é realmente uma nerd.

— A melhor. — Ava brinca com o lápis. — Minha fala favorita de Vader é: “Você não conhece o poder do lado negro. Eu tenho que obedecer ao meu mestre”. Dá para sentir o medo na voz dele. Você vê o conflito interno e como, talvez, às vezes, a luz ainda o chama, mas ele nunca consegue voltar. — Ela ri. — Ei, para. Está me olhando com uma expressão chocada. Tudo bem, eu conheço a franquia, estudo os filmes, o que significa que estou no inferno, classificando os filmes na minha cabeça, considerando como os aliens são fofinhos simplesmente por razões de marketing, torturada pelos buracos dolorosamente óbvios do enredo que me enlouquecem. Tyler também adora os filmes. Ele é tão geek quanto eu.

Olho para ela. Droga. Ava é tão…

— Estou impressionado com você. Classifica os filmes para mim.

— Você não está pronto para essa conversa. Já assistiu a todos?

Dou de ombros.

— Não sei se vi os dois últimos.

— Como assim? — Ela olha para mim, horrorizada.

Eu rio.

— O futebol ocupa boa parte do meu tempo.

Ava ri.

— Você não merece ouvir o que eu penso até ter visto todos os filmes em ordem cronológica, não na ordem de lançamento. Tem muito debate em torno disso, mas essa é minha praia.

Deixo escapar um longo suspiro e decido irritá-la.

— A gente devia ter escolhido *Guerra nas Estrelas*. Você teria redigido nosso ensaio de olhos fechados.

Ela fica vermelha.

— Infelizmente você escolheu o número certo. E agora temos esse romance idiota!

Dou risada.

Ava me observa com os olhos de água-marinha voltados para o meu rosto, até pigarrear e olhar para a mesa.

— Está triste por não ter amigos na Lou's?

— De jeito nenhum. Estou em um encontro.

Ela arregala os olhos.

— Não está, não, Frio e Mau. Isso é uma atividade escolar!

— Você está maquiada. — Está. Os cílios estão longos e curvados, as faces estão rosadas… ou ela está corando, e no lugar daquele batom vermelho e brilhante, vejo brilho labial rosado e cintilante. Ou é batom mesmo? Sei lá que nome tem isso.

Meus lábios tremem diante de sua expressão ultrajada, e aos poucos seu rosto suaviza, se ilumina, até que Ava sorri.

— Uma garota pode usar maquiagem sem que isso tenha algum significado, exceto que ela queira se sentir bonita. E se eu tivesse redes sociais, marcaria você aqui comigo só para irritar seus amigos.

Suspirando, lembro do dia anterior.

— Vi seu armário. Sinto muito.

Odeio o olhar distante e o jeito como seus ombros se inclinam.

— Saiu quase tudo. Estive lá hoje e parece que o pessoal da manutenção esfregou mais.

Ah…

— Chance e eu voltamos à escola ontem depois do treino. Ele tirou o restante com um esfregão. Aparentemente usaram um marcador de tinta permanente, o pessoal da faxina teve muito trabalho.

Ela ergue os ombros, muda de posição.

— Foi ideia do Chance.

— Tanto faz. Não vamos falar dele.

Lou traz nossa comida e se afasta.

Ava começa pelas batatas fritas, enfiando uma na boca, e eu a observo. Ela aponta para o meu prato.

— Não deixa esfriar.

Isso, isso… foca na comida, não na Ava.

Muito bem, como vou tirar os tomates disfarçadamente?

— Então você já sabe meu segundo nome. Qual é o seu?

— Knox. — Sorrio. — E nem adianta perguntar meu primeiro nome, porque não vou dizer. Tenta adivinhar.

— Vamos ver. Maximilian? Eugene?

Solto uma gargalhada.

— Megalodonte?

— Acha que eu não sei o que é isso? — Arqueio uma sobrancelha. — Não sou um nerd como algumas pessoas que conheço, mas conheço um pouco do assunto.

— Vai lá, sabe-tudo. O que é então?

— Uma espécie de tubarão extinta que viveu há mais de três milhões de anos. Acredita-se que era parente do Grande Branco. E não, esse não é meu primeiro nome, mas você é engraçada.

— Richard? E o apelido é Dick, é claro.

— Tenho um tio com esse nome.

— Fort? Sim, é isso. Você é um grande edifício de pedra que guarda todo o ouro e onde ninguém pode entrar.

Mordo o hambúrguer, engulo a ânsia provocada pelos tomates, mastigo e limpo a boca.

— Não. Esquece. Fala sobre você.

Porque Ava… merda, quero saber tudo.

Ela pensa e franze um pouco a testa.

— Fala sobre seu primeiro beijo — sugiro e me arrependo imediatamente. Apesar da piada que fiz sobre isso ser um encontro, não é.

Ela me estuda, os olhos se demoram em meus lábios.

— Você primeiro.

Bebo um pouco de água.

— Quarto ano. O nome dela era Cissy Meadows, era a melhor corredora do playground, corria mais que os meninos. Ela me desafiou para uma corrida na hora do recreio, e eu ganhei. Ela ficou furiosa. — Rio da lembrança. — Começou a chorar, e eu me senti tão mal por ela, que beijei sua boca. Sem língua. Sério, só queria que ela parasse de chorar.

— Ela parou?

Sorrio.

— Ela passou o resto do ano me seguindo, pedindo para eu fazer aquilo de novo.

Ava estreita os olhos.

— E você fez.

— Fiz, muitas vezes. Foi minha primeira namorada, acho. No sexto ano, ela se mudou. Não sei o que aconteceu depois. Era uma garota legal.

— Ah, a precoce e encantada vida amorosa de Fort Knox Grayson.

Jogo uma batata frita nela.

— E o seu, quando foi?

Ela pensa um pouco e, por alguma razão, sinto que fiz algo errado. Só perguntei sobre um beijo, o que é irônico, considerando que nem gosto mais de beijar na boca.

— Não precisa contar.

Ela balança a cabeça.

— Não, tudo bem. — Olha para o prato. — Eu devia ter uns doze anos, foi pouco antes do Tyler nascer. Estava no meu quarto, na época morávamos em um apartamento com o pai de Tyler. Era um quarto grande, mas menor que aquele onde moro agora, no dormitório, e eu tinha pôsteres da Taylor Swift e da Katy Perry nas paredes. Acreditava que seria uma popstar um dia. — Ela revira os olhos. — Minha mãe tinha me dado um aparelho de karaokê que comprou no brechó beneficente, e eu estava cantando quando Cooper entrou para me mandar desligar o aparelho.

Minhas mãos se fecham.

— O pai do Tyler?

Ava assente.

— Mamãe estava chapada e tinha ido para a cama mais cedo. Eu sabia que não devia estar acordada e fazendo barulho. — O rosto dela se contrai. — Ele era um homem alto, encorpado e ruim, mas se achava bonito. Ele me disse para ir para a cama, e eu pulei nela. Ele puxou as cobertas, me cobriu, se inclinou e me beijou na boca… — A voz de Ava enfraquece.

— Não precisa…

— Não, eu quero contar. Ajuda, sabe, de um jeito estranho. Torna real. — Ela suspira. — Seu hálito cheirava a cigarro e bebida. Ele enfiou a língua na minha boca, e as mãos… Senti que ele tentava enfiar as mãos embaixo das cobertas.

A repulsa arrepia meus braços. Eu a imagino pequena, nova e com medo.

Ava pisca algumas vezes.

— Dei uma joelhada nas bolas dele e gritei como louca. As paredes eram finas naquele buraco, e talvez ele tenha ficado com medo de minha mãe acordar, ou de algum vizinho chamar a polícia, ou só perdeu a coragem. Mas ele saiu do quarto. Francamente, vivendo como a gente vivia, tive sorte por nada horrível ter acontecido comigo, e por isso a cervejada é tão frustrante. Eu me protegi todos esses anos e acabei indefesa no meio de um bando de riquinhos. — Ava puxa um guardanapo. — No geral, podia ter sido pior, considerando as coisas que minha mãe fazia para ganhar um dinheiro extra. Desde que ela nos deixou, tudo que quis foi sair daquele lugar de onde vim e encontrar uma direção. Ser independente, ir para a faculdade, arrumar um emprego de verdade, cuidar do Tyler. Sonhos grandiosos para uma menina de doze anos. — Ela faz uma careta. — Droga, estraguei a conversa. Desculpa.

Os músculos dos meus ombros ficaram tensos, movo a cabeça para frente e para trás. Doze anos. Doze anos de idade, porra.

— O que aconteceu com ele?

— Com o Cooper? Ele e minha mãe foram embora alguns dias depois que o Tyler nasceu. Deixaram a gente na moradia coletiva. Minha mãe era católica, embora nunca tenha me levado à missa. Devo às freiras minha religião, seja qual for. Aqueles dois terem ido embora foi a melhor coisa que já aconteceu com a gente. — Ela balança as mãos. — Mudança de assunto! Quero saber sobre essa história de você só transar por trás. — Ela balança as sobrancelhas, e meu corpo esquenta, se contrai. — E aí?

— Quem quer olhar meu rosto? — falo com um tom leve, mas por dentro…

— Você é bonito — Ava murmura. — Alô! Tawny e aquelas unhas vermelhas… Ela estava se jogando em cima de você ontem.

— Não quero a Tawny. — Esse navio zarpou no ano passado.

Ava olha para mim meio de lado enquanto mastiga uma batata.

— Ah, é? E quem é a trepada regular desse ano então?

— Ninguém.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Sério?

Pego meu hambúrguer. Porra de tomate.

— É.

— Mas por quê? Você é… você. E todo mundo quer ser uma das garotas da arquibancada… foi o que ouvi falar.

Empurro o prato para longe.

— Estou me guardando.

— Para o casamento? Vai esperar até ser um fracassado de meia-idade que teve seu apogeu no ensino médio? — Ela ri.

— Não.

— Ah, entendi. Alguma garota de sorte embaixo da arquibancada no primeiro jogo do último ano. Lindo. Bom plano. Comportamento típico de Shark em posição de chefia. Antecipação, depois pá, pega e sai andando, valeu, senhora! Desenhadinho.

Um rubor lento sobe do meu pescoço até o rosto. Ainda não lido bem com essa história de Ava ter me visto.

— Vai lá me espiar? Nem tente. Essa garota aqui não curte arquibancada.

— Ahhh, essa é boa. — Ela se debruça sobre a mesa, empurrando o prato para o lado. Olhos azuis brilham cheios de deboche. — Você é… um romântico, Fort Knox?

Eu rio.

— Defina romântico.

— Adora comédias românticas, ouve músicas de dor de cotovelo, escreve lindas cartas de amor e as deixa no armário das meninas.

Meu peito se comprime intensamente — parece que não consigo respirar.

Ela batuca impacientemente os dedos sobre a mesa, e espero um minuto antes de responder.

— Tulipa, isso parece comigo? Eu sou só um jogador de futebol musculoso que pode ter um pouquinho de dinheiro em excesso, uma atitude elitista e uma longa fila de garotas que não conseguem manter as mãos longe de mim. Consegue me imaginar escrevendo cartas de amor? Eu mandaria uma mensagem pelo celular. — Faço uma pausa e bebo um gole de água. — Aliás, alguém colou meu número no banheiro feminino essa semana. A mensagem era: número verdadeiro do celular do Knox Grayson. Divirta-se. E tinha coraçõezinhos em volta. Por acaso sabe alguma coisa sobre isso?

— Que horrível. Cara, hoje em dia não se pode confiar em ninguém. Quem faria uma coisa dessa?

— Ah, Tulipa. Sem encenação. Isso vai ter volta.

Ela cora, nem tenta negar.

— Alguém ligou?

— Hummm. Vinte mensagens ontem à noite. Algumas hoje à tarde. Acho que vou precisar de um celular novo.

Ava ri e bate com a mão na mesa.

— Não me arrependo. Nem um pouco.

— Bruxa.

— Pelo jeito, não está muito bravo comigo.

Arqueio uma sobrancelha. Fiquei bravo quando as mensagens começaram a chegar, mas só precisei fazer algumas perguntas e foi fácil descobrir o culpado. Merda, não consigo nem ficar bravo com Ava.

Ela olha para mim com os olhos brilhantes, penetrantes.

— Sobre a garota que está esperando… ela estuda na Camden?

— Hummm.

Ava faz um biquinho.

— Isso não é resposta, Fort Knox. Vai, me fala. Seus segredos estão guardados comigo.

— Você não guarda um número de telefone!

Ela ri.

Lou põe a conta no centro da mesa, e Ava e eu tentamos pegá-la ao mesmo tempo.

— Essa é minha — aviso, enquanto nós dois puxamos a nota.

Ela não larga.

— Você não vai pagar. A ideia foi minha!

Puxo a nota.

— Eu te manipulei para comer comigo. Você não queria nem me encontrar, eu te venci pelo cansaço.

— É verdade… babaca, mas eu pago!

— Nenhuma garota paga minhas contas, e eu tenho dinheiro…

— Eu também tenho! Eu trabalho!

— Eu sei! Por que estamos gritando?

— Não sei! — Ela pega uma batata e joga na minha cara, e quando levanto a mão para me defender, ela pega a conta e acena para chamar Lou, que nos observa com a cabeça meio inclinada. — A conta é minha, Lou! Não deixa esse riquinho entojado te dar dinheiro, ouviu?

— Sim, senhora — ele diz, e vira para voltar à frente da lanchonete. — Não vou pegar dinheiro do garoto. Vou até sair de perto.

Dou de ombros e levanto as mãos.

— Desisto. Você venceu. Mas, na próxima vez, eu pago.

Ava não responde, só levanta e pega suas coisas. Eu a sigo até a frente da lanchonete, onde ela paga nossa conta, abraça rapidamente Lou e a menina atrás do grill e me encontra na porta.

Saímos para o ar da noite. Nossos braços se tocam e, pela primeira vez, não me afasto.

— Quer ir no meu carro? — ofereço e me arrependo em seguida. *Merda.*

Ela olha para mim, e eu fico tenso, com as mãos suando de novo, tomado por aquele sentimento de ansiedade. Penso nela sentada comigo no carro, na proximidade, no cheiro do cabelo, cheiro de baunilha, e em como seu braço vai estar perto do meu.

— É melhor não. Vai ficar muito fora de mão voltar até aqui depois, em vez de pegar a interestadual para Sugarwood.

— Não me importo.

Por que eu não consigo calar a boca?

Merda, sou eu mesmo? Arrastando os pés no chão, olhando para uma garota e querendo…

— Encontro você lá — ela diz finalmente, segurando com força as alças da mochila.

Ela se incomoda com a ideia de estar comigo dentro de um carro?

Exalo devagar.

— Tudo bem. Vejo você lá.

— Tenta acompanhar a gente. Eu e Louise — ela diz enquanto se afasta rebolando.

— Louise? — Meus olhos devoram seu traseiro. Redondo. Empinado. Perfeito. Afasto o olhar.

— Meu carro! Escolhi o nome para homenagear o Lou. — Ava entra e se afasta, e eu a sigo.

CAPÍTULO 12

Knox

Depois de estacionar, viro na esquina do campus da Vanderbilt, e ela já está esperando por mim. Em algum local no trânsito, perdi o carro dela de vista, e faço uma anotação mental para ter certeza de que vou para onde quer que ela tenha estacionado.

Ainda não está escuro, e eu tenho uma boa visibilidade. Ava ainda não me viu. Está sentada na escada na frente de uma fonte, de cabeça baixa, olhando o celular. Como se sentisse meu olhar, levanta a cabeça e afasta o cabelo do rosto.

— Cara! Por que está aí parado? Vamos lá! — E me chama acenando.

Rio baixinho e corro na sua direção.

— O que tem na mochila? Parece cheia — ela diz, olhando para mim.

— O laptop e uma surpresa.

— Ahhh, o que é?

Os olhos de Ava brilham, e agora tenho receio de que ela não goste.

— Só uns petiscos.

— Caviar? Um merlot do bom? Uns canapés, sanduíches de pepino?

— Cala a boca, Tulipa. Trouxe Snickers e Tic Tac.

— Que elegância. — Ela ri. — Vamos ter que disfarçar. Não permitem comida lá dentro.

Olho nos olhos de Ava, sentindo o sangue ferver com todo contato visual entre nós esta noite. Normalmente, ao longo dos anos, só nos olhamos rapidamente, e nós dois desviamos o olhar, ou mais demoradamente, quando eu olho e ela não percebe.

Passamos pela porta aberta da biblioteca, e ela suspira ao ver o salão, as imensas fileiras de livros, o balcão frontal.

Estou olhando para ela, não consigo evitar. Estou com sobrecarga de Ava.

— Você adora esse lugar.

Ela assente, quase tímida.

— Vir para cá é um sonho. A Vanderbilt raramente concede bolsa integral, então é pouco provável que eu consiga estudar aqui, mas seria incrível. Eles têm

um programa de pré-medicina que é fantástico. — Ava respira fundo e sorri. — Vem, eu sei onde ficam as salas de estudo.

— Agora entendi. Você se sente à vontade aqui e no Lou's. Por isso aceitou assistir ao filme aqui.

Ela dá de ombros, e eu a sigo pelos três lances de escada até chegarmos a uma área silenciosa… como todas? Essa tem uns cubículos e algumas saletas enfileiradas junto às paredes. No meio do espaço ficam as mesas onde alunos leem ou trabalham em seus laptops.

Ela assume o comando, e vamos percorrendo a área enquanto ela espia várias salas.

— As grandes estão ocupadas, vamos ter que ficar em uma das menores.

— Somos só nós dois. Vai ser como se estivéssemos na sala de aula.

Mas sozinhos.

Ela pigarreia.

— Certo. Essa aqui, então. — E indica com a cabeça uma salinha à direita, um espaço que só comporta a mesa e…

— Droga. Só tem uma cadeira. — Ela cruza os braços.

— Quer sentar no meu colo? — Não estou falando sério. É só uma piada. Certo?

Ela fica vermelha.

— Não. Quer sentar no chão?

— Não me importo. Ou posso ir buscar outra cadeira em algum lugar.

Ela pensa um pouco e olha em volta. A maioria das mesas e cadeiras está ocupada, e onde não tem uma pessoa sentada, tem uma pilha de livros.

— Já viemos até aqui, não vamos desistir porque não temos uma cadeira. A salinha é ótima. Prometo que não vou tocar em você.

— Eu sei. Você nunca toca em mim — ela murmura.

Um sopro de ar escapa de mim, mas ela não está prestando atenção, já entrou na saleta.

— É perfeita. — Deixo o laptop em cima da mesa e sento no chão, no carpete, com as costas apoiadas à parede. — Fica com a cadeira. Eu fico atrás de você.

Ela morde o lábio, o cabelo cai para frente. Seus olhos brilham quando olha para mim.

— Você é muito ruim.

— *Moi*? Por quê? — pergunto com tom seco.

— Porque trouxe Snickers, e quer que eu sente longe, bem longe, para poder comer tudo sozinho.

Pego um e balanço diante dela.

Ela pega o laptop e o coloca sobre minhas pernas, depois senta no chão ao meu lado.

— Agora o filme. — Ela faz uma pausa. — A menos, é claro, que tenha medo de ficar perto de mim.

Meus olhos percorrem seu corpo lentamente, tentando não demorar nas pernas nuas, longas, no esmalte cor-de-rosa nas unhas dos pés.

— Fort Knox não tem medo de nada.

Ela ri.

— Não pense que não percebi que não respondeu à minha pergunta. — As pernas dela tocam as minhas por um instante, antes de ela se afastar e colocar alguma distância entre nós.

— Hummm. — Clico no play em *Dirty Dancing*. Qualquer coisa para não ficar pensando nela.

"Essa coisa de ver o filme juntos foi ideia sua", lembro a mim mesmo.

Vários minutos mais tarde, dou uma barra de chocolate para ela e pego uma para mim.

— Hum, sobremesa. Obrigada. — Ela dá uma mordida grande no chocolate e sorri.

Merda. Só… *merda.* Alguma vez a vi tão perto de mim, relaxada e sorrindo?

— De nada. — Desvio o olhar daquela boca e me concentro no filme, quando Baby e Johnny dançam, mas é inútil.

Vários minutos passam, e eu finjo prestar atenção, extremamente consciente de cada movimento que ela faz. De vez em quando, os olhos dela ameaçam fechar e abrem de novo.

— Está cansada?

— Não.

Sorrio ao ouvir a mentira.

— Sabia que o Kellerman's é um lugar de verdade, mas não fica nas Catskills? — ela comenta em voz baixa, enquanto inclina a cabeça mais um

pouco. Agora ela está a centímetros do meu ombro. — Fui procurar, depois que você mencionou na sala de aula.

— Onde fica?

O olhar recupera o foco, e ela pisca.

— Virginia, e tem outro nome… Mountain Lake Resort. Parece um lugar mágico para passar o verão.

— Onde mais gosta de passar as férias?

Ela faz uma careta.

— Nunca saí de Nashville, mas adoraria ver o mar um dia. Sentir a areia entre os dedos dos pés, essas coisas. Eu vou, quando terminar a faculdade. E vou levar o Tyler. Ele vai surtar. Um dia.

Tenho de desviar os olhos do rosto dela.

É tão… doce.

Vulnerável.

Afasto um pouco o corpo do dela, só alguns centímetros. Não tenho o direito de estar tão perto, não depois do que fiz…

— Quais foram suas férias favoritas? — ela murmura, interrompendo meus pensamentos.

Nem preciso pensar nisso.

— Quando eu era pequeno, tinha uns sete anos, acho, meus pais levaram a gente para esquiar no Colorado. Eles se davam bem naquela época, ou pareciam gostar um do outro, pelo menos. Dane e eu descíamos as encostas várias vezes por dia. Meu pai também adorava. Minha mãe preferia ficar no chalé e fazer chocolate quente quando voltávamos. A neve era bonita, branca e limpa. Era como se só coisas boas pudessem acontecer em um lugar como aquele. — Pigarreio. — Francamente, não consigo me lembrar de outras férias boas depois disso. Meu pai começou a trabalhar o tempo todo, minha mãe recebeu o diagnóstico de transtorno bipolar, e depois aconteceu todo o resto.

O silêncio se prolonga. Johnny e Baby estão na tela, mas Ava e eu nos encaramos.

— Todo o resto envolve um monte de coisas que você não conta — ela diz em voz baixa.

Meu coração fica apertado. Sério, não quero falar sobre minha mãe e a gota d’água que acabou com ela. É muito próximo do que aconteceu com Ava.

— Tulipa, não… vamos ver o filme.

De início, penso que ela vai me pressionar, mas alguma coisa que vê em meu rosto a faz mudar de ideia.

— É claro. — Ela olha para a tela, e o momento passa.

O tempo passa, e eu assisto ao filme. Será? As imagens estão ali, mas ela está aqui, e meus músculos estão tensos, e por que quis fazer isso, e por que estou me torturando com alguém que nunca vou poder ter?

Não quero nem ser amigo dela.

Então por que quero saber qual é sua cor preferida?

O que tem naquele pingente que ela vive segurando?

O que a faz feliz?

Por que ela gosta tanto de tomate?

Olho para o caderno em que ela faz anotações, leio o que escreve.

Quem chama uma mulher adulta de Baby?

Estranho, mas assertivo. Ela é a verdadeira heroína. Corajosa. Força a família a ver o que ela vê.

Johnny é uma delícia. O cara sabe dançar. É generoso. Preocupa-se com os amigos. Os homens deviam ser generosos. E ele beija incrivelmente bem. Droga. Ele sabe como olhar para uma mulher. E dançar. Ouvi dizer que foi bailarino na vida real.

Aspecto romântico: Primeiro amor. Amor na diversidade. Amor entre opostos. Química palpável, isso é certo…

A caneta cai da mão dela, seu corpo oscila, chega mais perto do meu, a cabeça pende para frente, depois para trás, em direção à parede, e encontra meu ombro. Ava apagou.

A sala fica quente. Abafada demais.

Fecho as mãos.

Muito perto.

Perto demais de mim.

Uma garota sofrida.

Uma garota valente.

Só para mim.

Deus, como quero isso.

Seu corpo chega um pouco mais perto do meu, até um lado do rosto descansar em meu peito. A cena final: os funcionários dançam e Johnny pega Baby no ar depois daquele salto incrível. Eu quase nem noto – droga, eu quase nem respiro quando os créditos começam a subir na tela, e cinco minutos mais tarde, ainda não me mexi, com medo de acordá-la, com medo de perder a sensação boa de tê-la aqui, o calor do braço contra o meu, o cheiro do seu cabelo em meu rosto.

Com um movimento lento, minha mão toca o cabelo dela, meu dedo desliza para o queixo. Tão delicado. Tão suave. Prendo uma mecha de cabelo atrás de sua orelha, e minha cabeça volta ao ano passado, quando ela estava naquela banheira na casa do Chance, e eu… bem, eu fiz o que fiz. Fiquei tão furioso comigo, com ela, depois de vê-la dançar, dançar com ele, que enlouqueci imaginando os dois fazendo mais. Ela era dele, e eu sou um babaca, mas nunca magoaria meu melhor amigo.

Minha mão acaricia sua nuca, aquela pele delicada embaixo do cabelo.

— O quê? O que eu perdi? — Ela levanta a cabeça de repente, limpa o rosto, se afasta de mim.

E acabou.

Deixo a mão cair. Não posso olhar para ela, por isso encaro o laptop.

— Porcaria! Perdi o fim? — Ela bufa.

Eu inspiro e respondo:

— Acabou, Tulipa.

E não me refiro só ao filme. Tenho de desativar essa montanha-russa que ela instalou em mim.

Um som de frustração sai de sua boca.

— Ah! Eu estava exausta! Primeira semana de aula, e trabalho, e Tyler, e a escola… — Ela para ao ouvir uma sineta dentro da sala. — E vão fechar em quinze minutos! Nós nem discutimos o filme! — E fica em pé, põe as mãos na cintura e anda pela sala. — E agora? — Ela olha o celular. — São quase dez horas, a entrada do dormitório vai estar fechada…

Finalmente me movo quando sinto as pernas firmes, e paro ao lado dela.

— Vem, eu te acompanho até seu carro. Não se preocupa com as anotações. A gente resolve tudo na aula.

Ela franze a testa e pega a mochila.

— A gente pode sentar na escada do lado de fora, perto da fonte. Lá tem bastante luz, e…

— Não.

— Por que não? Não estou mais com sono. Posso ligar para o Wyatt, e ele abre uma porta lateral para mim.

— Não.

Ela para, levanta a cabeça, olha para mim. Granito. Sou de pedra. Tenho de ser.

Ava ergue os ombros.

— Entendo.

Guardo o laptop na mochila e recolho as embalagens de chocolate.

Ela me observa.

— Ficou bravo porque eu dormi?

— Só preciso ir embora, Obra de Caridade.

Ela comprime os lábios.

— Podíamos ter feito isso pelo telefone.

Mas ela está falando para as minhas costas, porque já saí e estou segurando a porta para ela.

Nossos olhos se encontram. Os dela são um mar revolto. Os meus são… merda, espero que sejam frios.

Ela respira fundo, endireita os ombros e passa por mim. Inspiro só mais uma vez, só um cheirinho leve de baunilha.

— Tenho que ir… encontrar o Dane. — Era verdade. Ele mandou várias mensagens perguntando onde estou. Está em casa sozinho, e eu não respondi, e não costumo agir assim.

Ela não responde, e eu a sigo, mantendo um passo entre nós enquanto descemos os três lances de escada e passamos por outros estudantes a caminho da saída. Ela caminha com os ombros abertos, confiante, como se seu lugar fosse aqui, muito diferente de como se comporta em Camden, onde ela alterna entre a hostilidade forçada e aquela postura vulnerável, encurvada.

Ela sorri para alguém que passa, um cara, e ele vira e olha para trás para ver a bunda dela. Olho para ele com cara de ameaça e aperto o passo, ando mais depressa até estar ao lado dela.

Saímos, passamos pela escada, pela fonte, atravessamos o estacionamento e andamos até o carro dela. Nenhum de nós fala nada.

Ela abre a porta, joga a mochila no banco do passageiro e ameaça entrar, mas para e se vira, olhando para mim.

Seu peito parece encher.

— Qual é a sua? Você queria que fosse assim. Queria que a gente assistisse ao filme juntos. Por que é tão cretino…? — Ela arregala os olhos e estende a mão, toca meu peito. Seu rosto é tomado pela confusão. — Knox, por que… por que está tremendo?

A mão dela está em cima do meu coração, e me pergunto se ela consegue sentir como ele bate acelerado.

A boca seca. Eu pisco. Talvez eu desmaie.

Ficamos nos encarando, e a noite é quente, e a mão dela é quente, e fagulhas de eletricidade se transferem dela para mim. Acho que se você diz a si mesmo alguma coisa muitas vezes, talvez consiga fazer essa coisa se tornar realidade. Não posso tê-la. Não posso ter isso. Não posso, não posso, não posso.

Tenho de me contentar comigo. Com Dane. Com o futebol.

Sua vida é toda fodida, diz uma voz sombria dentro de mim, rindo sem humor.

Se ao menos tivesse tentado antes do Chance.

Se ao menos…

Pulo para longe dela, e Ava se assusta, balança a cabeça, confusa.

— Knox?

Desvio os olhos do rosto dela, olho para os meus pés. Vergonha e culpa conhecidas me invadem, envolvem e rasgam meu coração.

Eu a deixei lá.

Deixei Ava lá porque estava incomodado, porque ela beijou o namorado dela.

Quanto isso é absurdo?

Eu a quero.

Quero muito.

Mas não se pode pegar uma flor linda e suave e esmagar sob as chuteiras, não quando ela já está meio esmagada.

— Tulipa… — começo, e nem sei o que vou dizer, mas ela me ignora, porque fiquei aqui parado como um idiota por muito tempo.

Ela está dentro do carro, ouvindo "*You Need to Calm Down*" no último volume. Carrancuda, ela vai embora, e eu… eu fico ali parado, olhando para as

luzes traseiras.

CAPÍTULO 13

Ava

— E aí o Dane disse: “Mas por que a Charlotte tem que morrer?” Não acredito que vimos o filme na minha casa. Ele choramingou no final, mesmo depois de eu ter dito que Wilbur pegou os ovos dela, pelo menos, e que isso significa que ele vai ter aranhas bebês para cuidar, e ele só olhou feio para mim. Sério, acho que as drogas prejudicaram o cérebro dele. — É sexta-feira, e estamos almoçando. Ela enfia um burrito na boca, limpa a boca, depois deixa escapar um gemido. — Tudo bem, tudo bem, usei minha camiseta de Bambi quando soube que ele viria, sabe, só para deixar o cara incomodado. Foi crueldade? Ele não falou nada, então, acho que não, tudo bem. — Outro gemido. — Tipo, fala sério, que outro cara é tão ridiculamente sensível com animais?

— Não me interessa o que ele sente. Shark babaca — resmungo.

— Vi o Knox entregar o trabalho de vocês hoje cedo. Como foi?

Ela olha para mim com um ar cauteloso, e tenho certeza de que ficou evidente na sala de aula que Knox e eu mal estamos nos falando. Os comentários engraçadinhos acabaram. Os olhares hesitantes também. Desde aquela noite em que vimos o filme, ele é uma pessoa diferente. Tivemos aquela parceria divertida no Lou’s, e depois tudo desandou quando eu dormi. Falei alguma coisa dormindo? Não. Ele só…

Está fora de sua zona de conforto.

Fazendo joguinhos.

Olho para minha Coca Diet.

— Ele nem pediu minha ajuda para escrever o artigo, simplesmente escreveu, e ainda trocou nosso tema de romance para feminismo sem me consultar, e foi ele quem sugeriu o aspecto do romance. Cretino. Grande cretino idiota. Devia ter sido *Guerra nas Estrelas*.

— Pelo menos não teve que fazer o trabalho — Wyatt comenta, rindo. O negócio é que parte de mim esperava essa troca de ideias, a parceria no trabalho. Ele me deu uma cópia do artigo hoje, quando entrei na sala de história do cinema, e quando reagi com surpresa, ele só resmungou alguma coisa e balançou a cabeça. Homem das cavernas!

Li seu artigo bufando, enquanto ele esperava sentado ao meu lado, tenso e agitado.

— Talvez ele tenha ficado bravo de verdade por eu ter anotado o número de seu celular na parede do banheiro. Droga, eu devia ter feito isso no banheiro do Lou's. Oportunidade perdida.

Os olhos de Wyatt brilham.

— Foi você quem divulgou o número secreto?

— Momento de fraqueza. — Dou uma risadinha.

Ele estica o braço com o punho fechado, e bato com o punho no dele.

— Traiçoeira. Preciso lembrar de nunca te contar meus segredos.

— Mas ele nem ligou muito — digo. Não contei a eles sobre termos ido ao Lou's ou Vanderbilt. Em parte, quero fingir que isso nunca aconteceu, porque, né, foi o que ele fez.

Inevitavelmente, meus olhos buscam a mesa dos Sharks. Ele está lá, sentado ao lado da Tawny. Ela não para de falar com ele e piscar com aqueles cílios compridos. Ele mal nota a presença dela, típico, e se concentra no celular. Dane está sentado do outro lado dele, empurrando a comida no prato, de olhos meio baixos. Na sala de aula, ele estava do mesmo jeito, quieto e distraído. Chance está na frente deles, com Brooklyn colada a seu lado. Não vejo Liam e Jolena. Pensando bem, não os vejo na mesa dos Sharks desde a briga no começo da semana.

Olho para Wyatt e Piper.

— Então, Knox tem um olho roxo, e Liam também. Deduzi que eles brigaram no treino, mas o que se fala por aí? Alguém sabe alguma coisa?

— Não sei de nada. Estive enterrada em lição de casa e tentando manter minhas notas altas como uma certa pessoa — diz Piper.

— Eu. — Dou risada.

Ela também ri.

Wyatt inclina a cabeça.

— Talvez eu tenha ouvido que foi por sua causa.

Deixo o burrito no prato.

— O quê?

— Parece que Liam estava falando mal de você, e Knox fez ele calar a boca.

Meu queixo cai.

— Eu?

— Você — ele repete.

— Mas por quê?

Wyatt dá de ombros.

— Não consigo nem começar a entender como ele pensa. O cara é fechado.

Não brinca.

Wyatt mergulha a batata frita em ketchup e a enfia na boca.

— Por que está olhando para ele?

— Não estou!

Ele ri e olha para uma das tatuagens de beija-flor em seus braços. Toca no desenho com ar pensativo.

— Vi que seu armário foi praticamente lixado com um esfregão. Ouvi dizer que o trabalho foi feito depois do treino por dois jogadores de futebol.

— Chance e Knox — resmungo, empurrando o prato para longe de mim. A inscrição havia quase sumido no fim do dia em que ela foi feita, mas eu ainda conseguia ver alguns contornos fracos, o A de vaza e o N de piranha.

Knox disse que foi ideia do Chance.

Olho para Chance, e ele levanta a cabeça e me encara. Brooklyn puxa seu braço, e ele finalmente desvia o olhar.

Piper segue a direção dos meus olhos.

— Atleta babaca! Espero que ele se dane! Que coragem, dizer que você o magoou. Que cretino. — Ela balança a cabeça. — Caramba, ele não saía de cima de você no ano passado…

— Esquece — resmungo. Já discutimos tudo isso no meu quarto no dormitório, e estou cansada de pensar no assunto. Expiro devagar. A verdade é que estou exausta. Ontem à noite, jantei com Tyler na moradia coletiva, depois trabalhei na lanchonete, depois fui para o dormitório e tentei fazer a lição de casa. Juntando Knox e esse buraco do inferno, o resultado é que meus nervos estão no limite, e vivo perseguida pelo medo e pelo desconforto. Aquele pneu rasgado e o incidente com o armário não foram o fim disso. Vai acontecer mais alguma coisa.

O sinal toca, e recolhemos nosso lixo. Piper e Wyatt vão para a sala, e eu vou ao banheiro. Estou andando no corredor, quando meu celular vibra anunciando uma mensagem, e tiro o aparelho do bolso do blazer.

Oi. Estava pensando em você. Como está seu dia?

Ora, ora. Eu tinha quase me esquecido de meu admirador. Uma pequena parte minha – uma parte boba – acalenta por um instante a ideia de que pode ser Knox. Ele apareceu do nada para trocar meu pneu.

Mas perguntei de um jeito meio sutil no Lou's se era ele, e embora não tenha ouvido um não, ele também não se abalou. Portanto, não é ele.

Paro no corredor e encosto na parede.

O que você quer?

Pessoas passam por mim, mas eu as ignoro enquanto espero a resposta.

Você.

Será que é o Chance? Ele disse algumas coisas reveladoras naquele pedido de desculpas, e no ano passado costumava deixar bilhetes no meu armário…

É o Chance? Se for, vai se foder. E espero que distenda um músculo da virilha e frature o pênis.

Caramba. Isso parece doloroso.

Mas… ele não respondeu à pergunta.

Vejo os pontinhos na tela, e meu coração bate mais rápido do que deveria.

Li uma coisa na aula de poesia contemporânea que me fez pensar em você.

Tento pensar em quem está nessa turma. A matéria é uma das favoritas dos veteranos. Não a escolhi, porque meu foco está em matemática e ciências. História do cinema é minha única eletiva.

É? Manda o poema.

Espero que ele mande título e autor, mas a mensagem que chega é mais longa, digitada em linhas cuidadosas.

Anseio por ela,
Para acalmar os monstros em minha cabeça.
Meu coração duro quer o coração de vidro nela.
É claro, estou fora de mim.

É bom, curto e sucinto.

Legal, AS. Gosto de poesia.

AS?

Admirador secreto, dã.

— Piranha — uma voz masculina resmunga quando alguém passa apressado por mim no corredor e segue em frente. Nem tento ver quem é. É a segunda vez hoje. Sufocando a pontada de dor que a palavra provoca em mim, olho de novo para o celular.

Onde é que estou com a cabeça, trocando mensagens com alguém que pode ser um inimigo?

Além do mais, tenho uma aula vaga, e quero aproveitar para ir ver o auditório novo no último andar. Eles começaram a construção no ano passado, e eu me afastei da escola antes da conclusão. Talvez lá eu consiga pensar. Recuperar o fôlego. Pensar nos meus objetivos e torcer para que eles me sustentem. Se eu passar para falar com a bibliotecária encarregada do meu período e disser a ela que preciso ir falar com alguns professores, ela vai me dar uma autorização de trânsito pela escola.

Tenho que ir.

Que aula?

Vai se ferrar. Guardo o celular no bolso do blazer e vou à biblioteca.

Depois de conseguir minha autorização, vou em direção à escada para o quarto andar, onde fica uma das entradas laterais para o novo auditório. Meus passos são suaves, e eu chego ao segundo andar. Estou ajeitando a mochila

quando escuto a porta do primeiro andar se abrir e alguém começar a subir a escada vazia. Ouço uma voz masculina e paro ao identificar o ritmo lento, o sotaque forte.

Outra voz chega aos meus ouvidos. Feminina, suave e envolvente.

Tento ouvir a conversa, fico frustrada quando eles falam mais baixo. Eles não parecem estar subindo a escada, por isso recuo alguns passos e me abaixo ao lado da barreira de concreto, criando coragem para espiar além dela. A chave para ouvir boas conversas e não ser flagrada.

Levanto lentamente e vejo Liam e Jolena. Ele está de costas para mim, inclinado em direção à sua silhueta delicada, e ela recua um passo, cruza os braços sobre o peito.

Oh, drama.

Não consigo escutá-los, por isso me abaixo de novo e desço mais uns degraus, tentando ser ninja.

Ouço a voz de Jolena.

— Brooklyn me contou que você estava flertando com aquela tal de Brandy na sua turma de inglês.

Ele ri baixinho.

— Fala sério, eu pedi uma caneta para ela. Uma caneta. Brooklyn está criando confusão.

— Ah, é? E a garota do verão? A que continua mandando mensagens para você?

Ele baixa a voz.

— Já expliquei essa história. Não me faz repetir tudo.

Ela suspira, frustrada.

— Ah, *baby* — Liam murmura.

Ela fala alguma coisa de um jeito intenso, a voz baixa.

Uma longa pausa. Depois:

— Não vem com sermão, Jo. Knox vai superar, e se não superar, tô nem aí. Ele me agrediu… por causa dela. Não vai ficar do lado dele só porque já trepou com ele. É, acha que não penso nisso cada vez que olho para o cara?

Ela resmunga alguma coisa. Acho que é *te amo*.

Liam toca o queixo dela e levanta seu rosto.

— Eu sei, *baby*. Também te amo.

Eca.

— Ele acha que comanda este lugar, mas eu sou a estrela aqui, e nunca teríamos ganhado os jogos que ganhamos se eu não estivesse na defesa.

É ruim não conseguir ver sua expressão, e eu queria ver a cara dele, o olho roxo.

Ela descansa a mão no quadril de Liam, e me assusto quando ouço meu nome.

A voz dele fica tensa.

— Ela estava em cima de mim naquela noite. A culpa é minha? Você sabe como as garotas agem comigo. Eu sempre digo não para elas, *baby*. Sempre. Você é minha número um. Saí da festa com o Dane e dormimos na minha casa. Nunca toquei nela. Passei a noite toda com meu escudeiro.

Hum. Ela não consegue superar o vídeo, e eu nem lembro de ter dançado com ele!

Fecho os olhos, e pensamentos sombrios me invadem. Por mais que eu repita para mim mesma que não foi minha culpa, a amargura se impõe, e me lembro de que dancei com os jogadores de futebol. Bebi demais, bebi do meu copo e do copo de outra pessoa. *Bebi*. Admito.

Mas alguém me usar… não, não, não.

Eles se beijam. Beijo de língua. Nojento.

Não vou ficar para a sessão pornô, de jeito nenhum.

Recuo para sair dali, e o celular cai do meu bolso no chão de concreto. Os ruídos de pegação cessam, e eu me encolho, tentando recuar enquanto pego o telefone do chão. Ouço a porta da escada se abrir onde eles estão. O alívio me invade.

Ainda encolhida, arrisco espiar de novo e vejo Jolena no mesmo lugar, de ombros caídos, pegando um estojinho da bolsa para retocar o batom. As mãos tremem quando ela respira fundo e ajeita o cabelo castanho.

Respiro fundo, e tenho uma pequena revelação ali, abaixada. Cadê o orgulho da garota? O amor-próprio? Ela me faz pensar em minha mãe, sempre aceitando desculpas quando alguém a tratava mal, fingindo que o cara não estava fazendo mal a ela. Dinheiro, um rostinho bonito e status de abelha-rainha certamente não a levaram muito longe. Ela me deixou naquela festa, e fico furiosa cada vez que penso nisso, mas, em parte, percebo agora, tenho pena dela.

Esqueço Jolena e saio dali. Abro a porta para o terceiro andar e sou cercada pelo mais absoluto silêncio, até virar a esquina e dar de cara com um peito largo coberto por uma camisa branca, um peito que cheira a pinheiro.

Olho para os olhos cinzentos, para o coque e o queixo pronunciado.

— Olha por onde anda, benzinho — diz Dane. — Nunca se sabe quem está logo ali na frente.

O corredor está vazio, e ele está muito perto de mim. Meu peito quase toca no dele. É a primeira vez que fico sozinha com ele, e o empurro para longe, empurro com mais força do que pretendia, desequilibrando-o. Ele se recupera, levanta a cabeça e ri, deixando os olhos deslizarem por meu cabelo e meu rosto.

— Dá para entender a atração que ele tem por você.

Ranjo os dentes.

— Quem?

— Você sabe quem.

— Fica longe de mim. — Minha voz soa mais aguda do que eu queria.

Ele baixa um pouco as pálpebras.

— Não faz ele sofrer, Ava. Não se mete com meu irmão.

Quê?

— Você pirou.

Ele bufa.

— Você não sabe o que ele está passando. Ele finge que não se incomoda, se fecha tanto, que tenho medo de que, um dia, ele acabe estourando, mas tem um coração ali. Tem, sim, e se você acha que vai poder arruinar a última chance que ele tem de jogar futebol…

Balanço a cabeça.

— Do que você está falando? Como eu posso prejudicar seu irmão? É ele quem está fazendo joguinho de meio lá meio cá comigo!

Dane fecha a boca.

— Esqueça. Não é nada. Esquece que eu falei alguma coisa.

— Está delirando, vivendo em um mundo de ilusão onde acha que tenho algum poder sobre ele?

Ele bate com a mão na perna, crava as pupilas inquietas e dilatadas no meu rosto.

— Você está chapado. Vaza, me deixa em paz. — Viro para me afastar dele.

— Ava! — Tem uma nota desesperada na voz dele que me obriga a virar para trás e responder.

Cerro os punhos.

— Que é?

O rosto dele está contraído e retorcido, estranhamente vulnerável.

— Que é? Fala!

Ele fecha os olhos por um instante, como se esperasse que eu desaparecesse, mas continuou ali, como se não pudesse me mover. Ele tem alguma coisa para dizer.

— Depois que você procurou a polícia, Knox foi à casa de cada jogador do time de futebol. Ele pressionou cada um, até os veteranos, que agora já se formaram. Deixou todo mundo furioso. Perdemos jogos porque ele acusava cada um que tinha dançado com você, até eu.

A informação me confunde. Por quê? O que o fez pensar que era responsável por mim?

Esquece isso.

Meu peito arfa.

— Foi você? — pergunto sem rodeios. — Aparentemente, me joguei em cima de você, e nem lembro disso. Não acredito que perdi muita coisa. — Olho para ele de cima a baixo e sufoco uma risadinha. Agora me sinto corajosa, muito valente, porque ele… ele parece travar uma guerra interna.

Dane engole em seco, desvia o olhar, e vejo sua garganta se contrair.

— Eu não… sou… daquele jeito. Não é só você que não lembra muita coisa daquela noite.

Estou me afastando quando ouço a voz dele de novo, e novamente com aquela nota angustiada.

— Ava, espera.

De costas para ele, levanto o braço e mostro o dedo do meio.

O que ele diz a seguir me paralisa.

— Knox contratou um detetive particular para desvendar aquela noite. Ninguém sabe, só eu e meu pai, mas ele seguiu a investigação durante três meses, tentando entender o que aconteceu, e não sei nem por que ele se importa com isso, exceto…

Ele para de falar, e eu me viro.

— Por que ele se importa tanto?

Dane balança a cabeça.

— Por quê? — grito, endurecendo a voz.

Ele parece se encolher.

— Merda. Nossa mãe sofreu a mesma agressão. Como você.

O ar desaparece do corredor, e eu ofego, levo as mãos ao peito. Estudo o rosto de Dane.

— Eu não sabia.

— Quase ninguém sabe. — Ele encara um ponto acima do meu ombro e cerra o punho, dando a impressão de que tenta se controlar. O esforço é inútil, porque a mão treme quando ele as enfia nos bolsos da calça. — Ela era pianista da Sinfônica de Nashville. Uma noite, saiu por uma porta lateral de um concerto para entrar no carro, e dois homens… eles… eles… — Dane respira fundo. — Eles quebraram o braço dela. Fraturaram costelas. Ela passou alguns dias no hospital… — Ele fala como se não tivesse mais ar. — Eles a estupraram e abandonaram em um beco.

O horror aperta minha garganta quando conjuro essas imagens, e eu sinto a náusea. Respiro fundo algumas vezes, tentando alinhar a nova informação em minha cabeça e processar o que ela significa.

— Dane… Sinto muito.

Ele não me escuta, acho, ou só não compreende o que eu disse. Continua falando, e as palavras soam como se fossem arrancadas dele à força.

— Meu pai manteve a maior parte disso tudo fora dos jornais, mas aquele medo no rosto dela quando escurecia, quando ela verificava duas, três vezes se as portas de casa estavam trancadas, quando sentava e ficava olhando para o nada… eu via aquilo. Knox também via. Uma vez, no meio da noite, ela dirigiu até onde tudo tinha acontecido e ficou andando pelas ruas de camisola, descalça. Nunca mais foi a mesma. Meu pai não é o mesmo. — Ele fecha os olhos e suspira, um suspiro pesado. — Tudo isso é muito fodido.

Depois passa por mim, abre a porta para a escada com um chute e desaparece.

Tentando processar a nova informação, nem percebo que entrei no auditório escuro, e pisco para me adaptar à mudança, depois da iluminação intensa do corredor.

A mãe deles foi estuprada. Como eu.

Não posso… não consigo pensar nisso agora.

Meus olhos vagam pelo espaço cavernoso, registrando as cadeiras novas e estofadas, o palco amplo com cortinas pretas dos dois lados. Acima dele, em letras em estilo grego, tem a inscrição “Camden Prep”. Olho para o palco, me concentro no equipamento de iluminação instalado sobre as vigas, pronto para iluminar alguém.

Sento em uma das cadeiras e inclino a cabeça para trás, olho para os pesados lustres dourados que pendem do teto enquanto penso em tudo. Não sei quanto tempo fiquei ali, antes de a descarga de adrenalina finalmente se diluir e a exaustão chegar.

Meus olhos pesam…

Braços fortes me carregam, me colocam dentro de um carro. Ele murmura alguma coisa enquanto afivela o cinto de segurança. Mãos seguram meu rosto, e ele me encara, os olhos buscam os meus, a expressão é de dúvida.

— Ava…

O som de um piano me acorda. Linda e fluida, a melodia é familiar, *Skyscraper*, Demi Lovato, uma canção sobre uma menina que as pessoas pensam ser feita de papel, mas é dura com suas linhas firmes; ela é uma construção alta com janelas quebradas, mas ainda em pé, e ninguém consegue a destruir.

O pianista é habilidoso e focado, produz uma sucessão perfeita de notas graves e agudas, executa a música com precisão e, ao mesmo tempo, a carrega de emoção. Alguém que sabe tocar. Levanto e olho para o palco, para o piano de cauda na frente e no centro.

A imagem me abala. Ele mantém a cabeça baixa, os dedos se movem com suavidade e delicadeza pelas teclas brancas e pretas. Está vestido com aquela camiseta branca de treino e calça de futebol, pronto para treinar.

Sem pensar muito no que vou dizer, caminho na direção dele.

Ele não percebe minha presença, consumido pela intensidade das notas que toca.

Quem é Knox Grayson?

Ele termina a canção e inclina a cabeça para trás, fecha os olhos, absorve as últimas notas com os lábios ligeiramente afastados.

A clareza vai inundando minha cabeça, o sonho se mistura à realidade.

— Você me encontrou na festa. — Minha voz é baixa, mas suficiente para ele abrir os olhos.

Knox levanta da banqueta do piano.

— O que está fazendo aqui?

— Você estava tocando minha música.

— Não é sua música.

— É! — insisto, afetada pela mistura da minha confusão com o que Dane me contou. — Cantei essa música na festa, e você estava pensando em mim enquanto tocava, não adianta fingir que não. Você me encontrou, me colocou no seu carro e me levou para a casa da Piper. — Apoio as mãos no palco, dou impulso para subir nele e sento no chão de madeira, o tempo todo olhando para Knox. Não sei se quero arrancar sua cabeça ou abraçá-lo.

Ele olha para mim com a emoção estampada no rosto, os punhos cerrados, mas aos poucos vai se fechando, se recompondo com inspirações profundas. Os olhos se afastam de mim.

— Como sabe que te levei para a casa da Piper? Eu não… Você nunca entrou em contato comigo, nunca me perguntou.

Cruzo as pernas e puxo a saia.

— Acabei de lembrar. É estranho, quanto mais tempo passo nesse lugar, mais as lembranças voltam.

Ele passa as mãos na cabeça.

— Ava…

Engulo em seco, desvio o olhar dos traços bonitos, esculpidos. Dói o jeito como ele me ignorou nos últimos dois dias, e agora isso.

— Fico feliz por ter me encontrado, ok, mas você não me levou ao hospital. Se tivesse me levado, talvez eles tivessem encontrado algo em meu organismo, além do álcool. Não posso ter certeza, mas alguma coisa me diz que alguém pôs alguma coisa na minha bebida. E se isso tivesse sido provado, talvez todo mundo tivesse acreditado em mim.

Ele se aproxima e senta ao meu lado, mantendo a distância entre nós o suficiente para não me tocar. Estou farta disso, com certeza.

Ele está perturbado.

— Ava… por favor, acredita em mim… eu não sabia que você tinha sido atacada. Tinha te visto na festa antes, e quando te encontrei, deduzi que tinha

bebido demais.

— Por que voltou?

— Dane. — Ele abaixa a cabeça por um momento. — Ele não sabe quando é hora de parar, e eu estou sempre de olho. Depois que deixei Tawny em casa, voltei para procurar o Dane, mas encontrei você. Só você. — Ele sussurra a última parte. — Não sabia… que tinha sido tão sério. Não passou pela minha cabeça que…

— Não viu que…? — Parei, mas me pressionei mentalmente. — Eu estava sem calcinha!

Ele balança a cabeça e responde com voz grave.

— Fiquei chocado quando te vi. Não olhei isso. Vi você no chão e deduzi que tinha apagado. Não sabia onde morava…

— Então me levou para a casa da Piper e tocou a campainha.

Ele engole em seco.

— Isso. Pensei que ia dormir e superar a bebedeira. No dia seguinte, fiquei sabendo que você tinha ido para o hospital. — Seu rosto endurece. — Eu nem imaginava. Achei que você estava bem. Enjoada, talvez, bêbada, com certeza… Assim que soube a verdade, fui à polícia e contei como tinha te encontrado e levado para a casa de Piper. Fiquei muito mal. Se eu soubesse…

Balanço a cabeça.

— A polícia nunca me disse isso. Por quê?

Sua expressão é de dor.

— A polícia daqui sabe quem paga o salário, Ava. Essa é uma comunidade pequena comandada por homens ricos, e você… você não importa para eles, não em relação à proteção das pessoas daqui. — Ele olha para as mãos. — Sinto muito.

As palavras do detetive ecoam em minha cabeça. *“Srta. Harris, existe a possibilidade de ter sido sexo consensual? Seu comportamento na festa foi, bem, indicativo de…”*

Respiro. Respiro fundo. Respiro devagar.

— A polícia me interrogou durante horas — ele continua. — Eles tinham uma linha do tempo para todo mundo que esteve lá e com quem cada pessoa saiu de lá, mas como eu tinha ido embora mais cedo, não consegui confirmar esses álibis. Se serve de consolo, fui mais investigado que todo mundo. Passei a ser

considerado suspeito, porque fui eu que tirei você de lá. Mas meu pai interferiu, e a polícia me liberou.

Uma risada amarga brota do meu peito.

— Não sou ninguém nessa cidade, mas vocês todos… ah! Não sou ninguém. Só uma ninguém. — Ele não responde, e eu continuo: — Dane disse que o time sofreu. Ele contou que você interrogou todo mundo pessoalmente e contratou um detetive particular por minha causa.

Ele se sobressalta, e eu o estudo atentamente, tentando catalogar cada expressão. É como olhar para um muro e, como sempre, quero derrubá-lo.

— Ele me contou sobre sua mãe. Lamento o que aconteceu com ela. Foi por isso que contratou um investigador particular? Culpa por não ter me levado para o hospital?

Ele empalidece, os ombros ficam tensos.

— Merda.

— Não gosta de falar sobre o que aconteceu com ela, mas eu entendo. Não é agradável, imagino, ver alguém perder o rumo sem poder fazer nada.

— Ela já tinha muitos problemas antes de ser violentada, Ava.

Respiro fundo.

— Odeio quando me chama de Ava em vez de Tulipa. Está nos afastando. Agora mesmo, quando sei que você não é o grande e malvado Shark que deseja que eu acredite ser.

Ele fica quieto. Depois diz:

— Pode me perdoar por eu não ter levado você para o hospital? Por não… — Ele para, morde o lábio inferior com força.

— O quê?

Ele baixa o olhar.

— Fala de uma vez. Por favor. — Não sei por que estou implorando, mas ele está perto, muito perto de me dizer o que eu sinto que está logo ali.

— Por não ter ficado. Eu devia ter ficado, mas fui embora por…

— Porque me viu beijando o Chance.

Revejo aquele momento em minha cabeça, quando Chance disse que me amava e Knox estava bem ali com Tawny. A angústia no rosto dele…

Foi real?

Balanço a cabeça, afasto essas imagens, por ora.

— Não foi sua culpa, e nunca quis que você se sentisse culpado por uma coisa sobre a qual não tinha controle.

— Mas… eu não fiz a coisa certa nem quando te encontrei! Isso me deixa maluco!

Eu mato o cara sem precisar de arma.

Momentos passam.

— Estou começando a pensar que ninguém te conhece de verdade. Você contrata um investigador particular, briga com Liam por minha causa… — Balanço a cabeça.

Hesitante e com cuidado, ele estende a mão e toca a minha.

— Você não me conhece, Tulipa?

Meu corpo vibra quando ele usa meu segundo nome e me toca, e, droga, é uma coisa simples, mas…

— Você me contou mais do que a polícia jamais me disse.

A frustração diminui, deixando amargura e pesar em seu lugar, mas no fim, não posso culpar Knox de nada. Eu fui àquela festa. Baixei a guarda. A responsabilidade é minha.

— Obrigada por me levar para a casa da Piper. Pode ter salvado minha vida. Pensei seriamente em um coiote me encontrando ali — acrescento, tentando dar uma nota mais leve à conversa, mas ele não ri. — Enfim, eu podia ter sufocado com meu vômito ali no bosque.

Ele contrai a mandíbula.

Eu suspiro.

— Não estou brava com você. — Fico em pé.

Ele se levanta, e os olhos cinzentos capturam os meus.

— Mas dá para ver que não consegue decidir alguma coisa que tem a ver comigo. Está se contendo.

Ele cruza os braços.

— Confia em mim, isso é bom.

— É? Fala, o que mais fez por mim ultimamente? Alguém pagou minha moradia, e foi você quem saiu da sala do Trask antes de eu entrar… logo depois de eu ter te contado que não morava no dormitório. Foi você?

Ele abaixa a cabeça e anda pelo palco.

— Knox?

Ele senta ao piano.

— Eu me culpei por não ter ficado na festa e por não ter impedido que algo de ruim acontecesse com você.

— Sei. Já estabelecemos esse ponto. Não respondeu à minha pergunta.

Ele assente.

— Ao mesmo tempo, tenho todas as informações sobre você, por causa do investigador particular. Como cresceu, como sua mãe te deixou com um bebê, como desafiou todas as probabilidades e conseguiu uma bolsa de estudos na Camden. Você é uma estrela cintilante nesse lugar de merda. É diferente de todo mundo que já conheci.

— Foi você?

Ele se levanta e caminha em minha direção, olhando para mim com aqueles olhos lindos.

— Sei que, por trás dessa aparência de menina durona, você faria qualquer coisa pelas pessoas que ama. Sabe como isso é raro? As pessoas podem dizer que gostam e amam, mas pelo que vi, só cuidam delas mesmas. Mas você sente intensamente. Você ama tanto, que voltou a Camden por seu irmão…

— Tem alguma coisa sobre mim que você não sabe? Quando eu estava contando minhas coisas na sala de aula e no Lou’s, você já sabia tudo isso?

— Sabia sobre sua mãe. Sabia que ela te deixou, e sabia que você chegou a morar na rua algumas vezes. Sabia que Trask tinha pedido para você voltar, e que você pediu para morar no dormitório, mas…

Ele para e engole em seco, franze a testa. Depois olha para mim, me encara, sustenta meu olhar com firmeza. E permanece em silêncio. Vejo a máscara voltando ao seu rosto.

— Knox? Não seja covarde. Essa é a conversa mais honesta que já tivemos, e quero saber tudo.

Chego mais perto, sei que isso o desequilibra, o deixa desconfortável. O cheiro dele, uma mistura de verão e ondas do mar, me cerca.

Meus olhos acompanham o contorno duro do queixo, o nariz comprido e forte, o jeito como o cabelo escuro emoldura seu rosto.

Quando ele fala, as palavras saem relutantes.

— Você sempre me fascinou, ok? Desde o primeiro dia, desde o momento em que você passou por aquelas portas com aquele cabelo comprido e loiro e os olhos cheios de esperança. Todo mundo que vem para cá já tem tudo, mas você

não tinha nada – nada, exceto seu poder. Mal olhava para nenhum de nós, especialmente para mim, e eu soube, então, que você era intocável, soube que era melhor que qualquer pessoa em Camden. — Ele faz uma pausa. — E aí o Chance… você deu uma oportunidade a ele.

Ele acha que eu tenho poder?

Eu sou intocável?

Deixo escapar uma risadinha, recuperando parte da minha confiança. O rei de Camden me vê… ele me vê como alguém que eu nunca vi.

Knox toca meu cabelo de leve.

— Você chegou aqui na segunda-feira de cabelo cortado, pintado, e, porra, eu fiquei triste.

Meu coração dá um pulo.

— Sério?

— Hummm. Quando sentava atrás de você na aula, eu ficava brincando com ele com a caneta, e você nunca percebeu. Sabe que tem cheiro de baunilha?

Tenho medo de dizer alguma coisa, de fazê-lo parar.

— Todos os dias, eu ficava um pouco mais corajoso e encostava minha caneta bem de leve no seu ombro, no braço. Tinha medo de te querer, depois te machucar…

A porta do auditório range, e ouvimos duas vozes. Vozes de professores.

— Não devíamos estar aqui — cochicho.

Ele segura minha mão e me leva para trás da cortina preta. De algum jeito, acabo na frente dele, com o peito em minhas costas e a cortina pesada a centímetros do meu rosto. Sinto os músculos duros de seu corpo, o roçar do quadril na parte inferior da minha coluna. As mãos dele descansam nos meus ombros, depois caem. Eu respiro fundo.

O ar à nossa volta vibra. Ele está bem aqui. Atrás de mim.

Não consigo respirar, e não é ruim. É intoxicante.

— Tem uma saída nos fundos? — sussurro.

Tem uma pequena brecha no tecido e ele estende o braço, o bíceps roça um lado do meu rosto enquanto ele espia.

— Não se preocupe. É Maxine, e ela está com o zelador, Carl. — A voz dele é grave, irregular.

Ele brincou com meu cabelo…

— Por que chama os funcionários pelo primeiro nome? — Estou mesmo tentando conversar com ele, quando tudo que quero é…

Ouvimos barulhos de tapas.

Arregalo os olhos.

— O que eles estão fazendo lá?

As mãos dele descansam sobre meus ombros depois de afastar as cortinas de novo. Os dedos brincam com meus cabelos, e meu corpo se contrai, fagulhas se desprendem e me causam arrepios.

— Estão se pegando — ele geme, como se as palavras o torturassem. A mão escorrega até minha nuca, um toque quase imperceptível.

— Não brinca — suspiro, tentando assumir o controle e fingir que o corpo dele não está colado ao meu, cada centímetro de músculo delicioso.

— Olha lá — ele diz, e os lábios tocam a pele da minha orelha. Ele afasta a cortina para eu poder ver, deixando uma pequena brecha de forma a não precisar ficar segurando o tecido.

Maxine e Carl estão abraçados perto de uma das cadeiras do lado direito do auditório, perto do palco. Ele é um homem pequeno, meio rechonchudo, mas sabe o que está fazendo ali. As mãos estão nos seios dela. *Vai, Carl.*

Não consigo nem pensar direito, mas de algum jeito, eu digo:

— Ela soltou o cabelo, e ele tem costeletas impressionantes. Caramba, ele está desabotoando a blusa dela.

— Hummm, parece que eles estão gostando disso — diz Knox, e sua mão direita toca meu quadril como se ele fosse um farol guiando o caminho para casa.

Observo Carl e Maxine com inveja, ouvindo seus gemidos ofegantes quando ele segura seus seios. Ele move os lábios para baixo, desce até capturar um mamilo, e chupa.

Minha cabeça é safada, muito safada, porque estou imaginando Knox fazendo isso em mim.

— Gosta de olhar? — ele murmura.

— Talvez. — Derreto contra o corpo dele, sentindo-o ainda mais, sentindo o membro duro. Inclino a cabeça para trás e a apoio em seu ombro.

— Tulipa, porra, o que está fazendo comigo? — ele resmunga, apertando meu quadril com as duas mãos.

— Não estou fazendo nada — assusto.

— Está me matando — ele resmunga perto da minha orelha. A língua lambe a parte de cima dela, Knox morde minha pele, e eu gemo.

Ficamos imóveis quando Maxine levanta a cabeça e olha em volta, apertando os olhos na escuridão como se soubesse que estamos espiando.

— Olha o que você fez. Agora vão pegar a gente — ele sussurra.

— Foi você quem mordeu minha orelha — murmuro, ofegante, excitada, e amedrontada, e…

— Gosta disso, Tulipa?

— Sim. — Fecho os olhos. Não consigo ver seu rosto, e queria poder ver.

O sinal toca, e nenhum de nós se move. Mas Carl e Maxine, sim, ajeitando as roupas e murmurando entre eles.

— Temos que sair daqui — falo depois de um tempo. — Tenho aula.

— Eu posso faltar. É educação física.

— Não pode perder o futebol.

— Vou perder. — O nariz dele mergulha em meu cabelo, e minha respiração fica presa na garganta. Ele é muito cuidadoso com seus toques, mas sinto a tensão vibrando dentro dele.

Eu só…

Tenho medo de me virar e quebrar esse encanto.

— Verdade ou desafio, Knox? — sussurro depois que Maxine e Carl saem do auditório.

As mãos deslizam por meus braços e pousam nos meus ombros, massageando os músculos.

— Quer brincar, Tulipa?

— Quero.

Ele inclina minha cabeça para o lado e beija meu pescoço com um toque muito suave, e fico mole em seus braços.

— Desafio.

O silêncio é intenso.

— Era para você responder “verdade” — murmuro.

Ele ri em silêncio contra minha pele.

— Tudo bem. Me deixa virar, então. O desafio é seu.

Knox fica parado, as mãos se contraem.

— Por quê?

— Regras do jogo. Solta e me deixa virar.

— Mudei de ideia. Verdade.

— Você pagou o dormitório por mim? — pergunto com voz rouca.

Uma longa pausa, e então:

— Sim.

Meu Deus, ele é tão… Por que nunca vi sua… natureza generosa? Como pude ser tão cega?

Eu me solto e viro para encará-lo.

— Tulipa… merda… Você exige demais de mim. — Ele nos muda de posição para não ficarmos tão colados, mas apoia a testa na minha.

Analiso seus cílios de perto, os fios grossos e abundantes como os de uma menina. Traço a linha do queixo de granito. Meus olhos descansam na cicatriz em seu rosto.

— Verdade ou desafio, Knox.

— Não é minha vez? — ele pergunta, desconfiado.

Meu peito fica apertado, dolorido.

— Não. O jogo é meu.

— Verdade, então.

— O que está rolando entre a gente? — Minha voz treme. — Desde o último ano, existe essa conexão que não consigo explicar.

Ele fecha os olhos por um instante.

— Conheço a sensação de entrar em uma sala e sentir que ninguém te conhece de verdade. E você também conhece.

Olho para ele, deslizo os olhos pelos ombros largos, por aquele peito forte que agora está tão quieto.

— Verdade ou desafio, e dessa vez não pode responder “verdade”. Minhas regras — aviso.

— Esse jogo não é justo.

— Faz do meu jeito só dessa vez, e fico te devendo uma.

Ele respira fundo, como se soubesse o que está a caminho. As mãos dele seguram meu rosto.

— Está mexendo comigo agora, sabe disso? Mal consigo manter as mãos longe de você, Tulipa, e se eu desistir de me controlar…

— Verdade ou desafio, Frio e Mau. Você escolhe, e é bom fazer a escolha certa.

— Desafio.

— Me beija. — Deslizo o dedo sobre aquela cicatriz que atravessa seu lábio superior.

Knox estremece, baixa os olhos, as pupilas dilatam.

— Não beijo na boca, mas você está olhando para mim como… como… — A voz dele fica mais rouca, e ele se aproxima até encostar o peito no meu. Suspiro contra a rigidez que sinto contra mim, a fricção da camiseta na minha camisa de botões. — Quer essa boca fodida na sua, Tulipa?

— Quero — sussurro, sentindo meu corpo incendiar com sua franqueza. Nesse momento, quero essa boca fodida em mim, em cada pedacinho de mim. — Quero saber se… se ainda é boa para mim.

Ele me encara, e o ar fica mais denso entre nós.

— Está andando em campo minado… — Mas as atitudes dele não acompanham as palavras. Ele está escorregando a mão no meu cabelo, tocando o couro cabeludo. Sua respiração fica mais intensa quando os lábios pairam sobre os meus. — Tulipa…

Antes de eu perder a coragem — ou ele —, levanto a cabeça e colo a boca na dele, dando atenção primeiro à cicatriz, pressionando beijinhos leves e demorados sobre a linha antes de abrir os lábios e deslizá-los nos dele em carícias delicadas.

Segundos passam enquanto eu o beijo, e ele fica parado, até que, finalmente, geme e toca minha nuca, inclinando minha cabeça para aprofundar o beijo. Knox murmura meu nome, mas ainda hesita até eu morder seus lábios de leve, puxando o inferior. Os braços fortes me apertam, assumem o controle, a língua encontra a minha e a acaricia, o hálito se mistura ao meu. Os dedos afagam minha cabeça como se ele quisesse chegar mais perto, me inalar.

O calor de sua boca, a urgência dos lábios provoca ondas de fogo que descem por meu corpo, e eu o beijo com mais intensidade. O desejo pulsa em mim, e é como se eu estivesse descobrindo um segredo dentro dele, afastando suas camadas ocultas, procurando o verdadeiro Knox.

— Tulipa — ele geme quando paramos para respirar.

— Não para, por favor. — É muito bom. Beijar Knox é como se eu tivesse passado um dia ao sol e, com a chegada da noite, as estrelas brilhassem só para mim.

— Quero beijar você. Quero… — A boca captura a minha de novo, faminta, com uma ferocidade que me faz querer rastejar para dentro dele e buscar mais, muito mais.

— Estou fazendo certo? — Minhas mãos deslizam para afagar seus ombros, puxam sua camisa, desejando que ela desapareça magicamente. Escorrego as mãos para baixo da camiseta e exploro os músculos do abdômen, as ondas rígidas e definidas do peito.

— Você está tremendo — digo, lembrando como ele tremia na porta da Vandy.

— Estou com medo.

— Sou a primeira garota que você beija em muito tempo, tipo, beija de verdade?

Ele assente.

— Mas não é por isso que estou com medo. Sempre quis te beijar, Tulipa.

Ele me beija de novo, sua língua declara domínio e propriedade. Beijá-lo é como cair em queda livre no fogo, e talvez eu devesse estar com medo disso, mas quero o calor daquele peito no meu, o jeito como ele acende cada átomo dentro de mim. Seu gosto é de hortelã, sexo e tudo que eu quero…

Ele interrompe o beijo, os olhos quentes como metal em brasa, a boca sensual mais cheia que de costume.

— Porra. — Seu peito se move depressa. — Você é demais. Seu gosto é muito bom… — E beija minha boca outra vez, suas mãos estão em todos os lugares, no meu cabelo, no meu pescoço, roçando em meus mamilos rígidos antes de descansar no meu quadril. — Fala para eu parar, por favor, Tulipa, fala, fala…

Minha pele pulsa, e eu correspondo ao beijo com intensidade.

— Não posso.

— Tulipa — ele murmura, mudando de lugar até me empurrar contra a parede e parar na minha frente, colando os lábios ao meu novamente. — Você… me deixa… louco — arqueja entre os beijos.

Minhas mãos seguram sua bunda, e a pélvis gira contra a dele, procurando aquela saliência em seu jeans. Ele resmunga um palavrão e me levanta, acomoda

minhas pernas em torno de sua cintura. Depois inclina a cabeça e beija o começo da curva dos meus seios. Os dentes puxam o mamilo ereto embaixo da camisa, chupando e mordendo através do tecido fino e do sutiã.

— É muito difícil ficar longe de você — ele diz, antes de me beijar de novo.

Suspirando em sua boca, me esfrego nele e sinto essa fricção doce me devorar, pulsar em todo meu corpo. Tive medo antes disso, muito parte de nunca mais querer outro homem. As freiras me fizeram comparecer a algumas sessões de terapia depois daquela noite, e lembro do médico me dizendo para esperar por algumas crises de ansiedade quando fosse ter um relacionamento sexual, mas, nesse momento, tudo que sinto é necessidade, vontade, desejo e fome por ele.

— Estou indo depressa demais, Tulipa? Estou? — ele fala, atormentado, enquanto as mãos deslizam para baixo da minha saia e traçam a linha do elástico da minha calcinha.

— Eu te desafio — digo.

— Tulipa — ele geme, e desliza a mão para dentro da calcinha, deslizando os dedos pela região molhada em carícias muito leves que me fazem estremecer. Ele puxa meu cabelo, arqueando minhas costas para trás enquanto me encara, os olhos transbordando desejos. — Quero ouvir você gozar. Quero meu nome nos seus lábios quando você explodir, quero muito, muito mesmo… — Com a respiração acelerada, ele me penetra com os dedos e começa a movê-los para dentro e para fora.

— Nunca… eu nunca…

— Ah, vai, sim — ele grunhe, e seu polegar encontra a parte de cima da minha saliência, me excitando com seu toque hesitante, me deixando sem ar enquanto projeto o corpo pedindo mais, mais. Com o rosto corado, ele inspira profundamente, e vejo suas pálpebras baixas, pesadas. Estamos indo depressa, muito depressa, e ele estabelece um ritmo, move os dedos, gira, dança, toca e…

Um formigamento percorre minhas costas, a pressão se forma e cresce até eu ofegar e agarrar seus ombros.

— Tão bom, tão bom — ele fala no meu ouvido, e o cheiro de seu perfume, sol e mar, a sensação do peito vibrando sob minhas mãos; todas essas sensações se intensificam e concentram em um foco de laser, até eu explodir em um milhão de fragmentos de luz, meu corpo se contraindo em torno dele enquanto falo seu nome, me movendo contra sua mão.

Volto à Terra devagar, com suavidade, enquanto ele me beija.

Atordoada, tomo consciência de mais sons à nossa volta, além da nossa respiração. Vozes cada vez mais altas, alunos enchendo o auditório.

Knox fica tenso ao meu lado, tentando controlar sua respiração.

— Porra. Vai ter uma aula aqui.

Deixo escapar um suspiro trêmulo.

— Coral, provavelmente.

Ele me põe no chão, e percebo que minhas roupas quase nem saíram do lugar. Camisa abotoada, saia cobrindo as coxas. Tem uma área úmida em minha camisa, mas posso vestir o blazer e esconder.

Olho para ele, noto o volume na calça, a expressão tensa no rosto. Uma onda de desconforto me invade.

— Que foi?

Ele passa a língua nos lábios, desvia o olhar.

— Não podemos fazer isso.

Meu peito se contrai.

— Por quê?

Ele recua um passo, evita meus olhos.

— Para de me fazer perguntas que não consigo responder.

Algumas antigas inseguranças retornam, me invadem e correm direto pela minha cabeça. Lembro da frieza com que ele me tratou nos últimos dois dias.

— Não sou boa o bastante? Não estou à altura dos seus padrões? Tem medo do que seus amigos podem dizer? Não sou digna da arquibancada? — Essa última parte é besteira, porque não quero ser esse tipo de garota, mas ele está se afastando. De novo.

E se tem alguma coisa que me restou depois daquela noite no bosque, essa coisa é meu orgulho. Droga, eu devia estar afastando o Shark.

Eu me abri, e ele está se retraindo?

“Não posso” também significa não, e ele disse isso claramente.

Knox fecha os olhos rapidamente, dá a impressão de que vai dizer alguma coisa, mas não diz, e, às vezes, quando as pessoas não falam, elas dizem tudo, não é?

Talvez ele não pense realmente em mim… desse jeito.

Talvez…

Merda.

Piedade. Ele tem pena de mim.

Por causa da mãe dele. Porque não me levou ao hospital.

Meu rosto esquenta quando me organizo mentalmente, tentando distanciar meu corpo de quanto ardemos juntos.

E ele continua ali, parado, com aquela expressão de incerteza.

— Ah, eu sei como é — resmungo.

— Sabe? — ele reage, e de repente as palavras dele saem em um fluxo raivoso. — Quer fingir que eu não te queria? Vai em frente, mente para si mesma. Mas a verdade é que não sei quem te machucou naquela noite. Você ainda está superando as consequências, e eu não sou bom para você… — E para de repente. — Esquece isso. Temos que sair daqui antes que alguém pegue a gente. Tem uma porta lateral do lado direito, dá para sair por lá e passar pela biblioteca. Você vai por lá, eu saio pela plateia.

Ele está me dispensando. Dispensando a gente.

— Não me diz como me sinto em relação àquela noite! Talvez tenha sido seu irmão quem me atacou.

Ele parece chocado.

— Não, não, Tulipa. Não foi.

Toda aquela raiva volta e me invade, apagando tudo que acabamos de conversar. Cerro os punhos. Se tem uma coisa que eu sei é que Knox vai proteger o irmão até o fim… e eu? Eu sou só um dano colateral.

Olho para ele, que sustenta meu olhar, lendo meu rosto.

— Tulipa, não vai embora brava. Não queria que isso acontecesse. Podemos simplesmente esquecer…

Esquecer? Ah!

Cruzo os braços.

— Tarde demais para isso. Você acabou de estragar o que poderia ter sido… nada, simplesmente nada! Você sai pela lateral, e eu saio pela plateia, Frio e Mau.

— Por favor. Não…

Ignoro Knox, viro e passo pelas cortinas, fervendo de raiva, até chegar à escadinha que leva aos corredores.

Quase correndo, passo pelos alunos que estão ocupando as poltronas. Encontro minha mochila perto do fundo da sala, a pego e corro para a porta dupla. Não paro. Com a respiração entrecortada e fraca, desço tropeçando nos degraus até o primeiro andar.

Esquece o cara, droga. Esquece para sempre.

CAPÍTULO 14

Knox

No sábado de manhã, estou correndo em nossa rua tranquila quando vejo a BMW branca do meu pai se aproximando do portão de casa no fim da rua. Ele digita a senha, e seu carro entra na propriedade e segue para a casa de três andares, uma mansão em estilo espanhol. Bem na hora. Estou pingando suor, e meus músculos parecem chumbo depois de acordar cedo e correr, mas aumento a velocidade. Normalmente, eu dormiria até mais tarde no sábado, deixaria para correr depois na academia, mas acordei cedo, com a cabeça reprisando minhas cenas com Ava no auditório, na sexta-feira.

Ava com a boca em mim.

Ava se afastando de mim.

Ela diz que não me culpa pelo que aconteceu, mas isso não muda o que sei: não posso me envolver com ela.

Tem muita coisa acontecendo comigo.

Meu pai levanta os olhos da bancada da cozinha, onde está fazendo café.

— Ei! Pensei que ainda estivesse dormindo. Corrida matinal? — Ele me dá um meio sorriso, mas o tom expressa reconhecimento por eu estar me esforçando pelo futebol. Ele foi quarterback da Camden quando estudou lá, e sua presença quando Dane e eu jogamos tem sido o único aspecto estabilizador do nosso relacionamento.

De terno, embora seja sábado, ele é um homem elegante de pouco mais de um metro e noventa de altura e cabelos castanhos. Com pouco mais de quarenta anos, ele começa a exibir fios grisalhos nas têmporas, mas isso não impede que as mulheres se joguem em cima dele. Talvez ele saia com alguém quando está em Nova York, mas duvido que teve alguma namorada séria. Depois da morte de minha mãe, ele nunca mencionou nenhuma mulher.

Às vezes, tenho medo de acabar como ele, sufocando e trancando todas as emoções. Mal o vimos nesse verão, exceto durante as férias curtas em nossa casa de praia em Kiawah Island, onde ele passou a maior parte do tempo no laptop e no telefone, enquanto Dane e eu íamos a Charleston, ali perto.

— Não consegui dormir — respondo, antes de ir à geladeira pegar um Gatorade, que bebo de uma vez só.

Ele serve café em uma caneca e bebe um longo gole.

Sento em uma das banquetas da ilha de granito no meio da cozinha.

— É bom te ver. — Não consigo eliminar o sarcasmo da voz, e ele o percebe, e vejo um sorriso amargo passar por seu rosto.

— Perdi a primeira semana da volta de vocês a Camden. Como foi? — Ele olha para mim, desvia o olhar e olha de novo. — Seu olho está meio roxo. Já brigou?

Comprimo os lábios. Sou conhecido por usar os punhos, especialmente no fim do ensino fundamental, quando tudo aconteceu com minha mãe. Na maior parte do tempo, guardo a força bruta para meus adversários no campo de futebol. Aprendi a me controlar, mas essa semana, bem…

— Uma merda. Você precisa ficar mais aqui. Dane não está bem.

Ele suspira e senta.

— Ele parecia bem no verão. Dane está tomando os remédios? Será que devemos telefonar para o terapeuta e combinar mais sessões?

— Talvez. Não posso cuidar dele todo dia. Ele está usando droga de novo, mais que de costume. Sei que ele tem aparecido chapado na escola, e essa noite ele não dormiu em casa.

— Suzy…

— Ela fica aqui durante o dia, e não é responsável por ele. Sou eu quem tenta controlar o Dane. Ele mandou uma mensagem avisando que estava na casa do Liam.

Ele afrouxa a gravata e olha para mim, sério, pensando no que eu disse.

— Então, Ava Harris voltou. Vi o extrato, o cheque para o dormitório da Camden. Deduzi que foi para ela, já que Trask mencionou que ela requisitou moradia.

Fecho a boca.

— Continua gastando dinheiro com ela? Com uma garota que mal conhece? — Ele inspira profundamente.

— Como assim, mal conheço? Ela senta comigo na aula.

Ele se surpreende, olha diretamente para mim com a testa franzida, como se tentasse me entender. Ele não gostou de quando contratei o investigador

particular em novembro, mas Dane e eu temos o dinheiro que mamãe deixou para nós. Eu insisti, insisti e joguei na cara dele que o dinheiro era meu e que eu podia fazer o que quisesse com ele. Foram dias tensos depois que voltamos do show do U2, depois dos depoimentos à polícia, quando contei a ele o que estava fazendo. Ele ficou furioso e disse que eu era ridículo. Parecia querer me agredir fisicamente, mas esse nunca foi seu estilo. Eu disse que não dava a mínima para o que ele pensava. Não era ele que estava na festa. Não foi ele que foi embora. No fim, ele acabou aceitando a ideia, porque achou que aquilo poderia ajudar Dane e a mim, se a polícia nos pressionasse mais. Mas não fomos pressionados.

— Eu paguei.

— Por quê? — Os olhos estudavam meu rosto. — Não pode mudar o que aconteceu, e você não teve nada a ver com isso.

— Não estou tentando reparar o que aconteceu com ela — respondo, tenso. — Nada tem esse poder.

Mas…

Quero que ela seja feliz.

E estar comigo não é o caminho para isso. O simples fato de ela ter desejado me beijar me deixa maluco.

Mudo de assunto.

— Dane ainda sonha que está no bosque com ela.

Meu pai fica pálido, e a caneca bate na bancada.

— Mas que porra?

Solto o ar em um longo sopro.

— Culpa? — ele sussurra.

Olho para ele e me nego a responder a essa pergunta mesquinha.

— Independentemente da razão, não acha que precisa dar um tempo em casa?

Ele assente, mas muda de assunto.

— E você? Tudo bem no futebol? Já tem notícia de algum recrutador?

Jesus. Queria que ele acordasse e visse o que está acontecendo.

— A temporada começa em uma semana. Jogo em casa. Queria que você fosse.

— Não vou perder, filho. Estou só… sobrecarregado de trabalho.

Dane aparece justamente nessa hora, entra na cozinha pela mesma porta que eu usei. Ouço o ronco do carro de Liam se afastando.

— Pai! Oi! Voltou para casa! — Ele ri e se apoia na bancada. A calça jeans e a camisa dourada dos Dragons estão amassadas. Tem um baseado preso atrás de sua orelha.

Os olhos inexpressivos de Dane encontraram os meus, e dou de ombros. “Essa é com você, cara. Sabia que o papai voltaria hoje.”

— Noite agitada? — meu pai pergunta sério, olhando para ele e notando sua orelha.

— Eu tentei avisar — murmuro ao passar por meu pai para pegar leite e cereal.

Dane suspira.

— Estou bem aqui, irmão.

— Era para ouvir, mesmo, babaca. Gostou da noitada? — Puxo o baseado. Não me importo com a maconha. Também já dei meus pegas, mas não gosto da falta de controle.

Ele pega o cigarro de volta.

— Praticamente legal.

— Não no Tennessee — meu pai resmunga, tirando o cigarro de Dane. Ele estuda o filho, sem dúvida percebendo os olhos vermelhos. — O que fez ontem à noite?

Ele dá de ombros, os olhos indo e voltando entre mim e meu pai.

— Liam fez uma festa na casa dele.

Dou risada. Uma festa para a qual não fui convidado, não que me importe.

— Quem estava lá?

Dane endireita as costas e me encara.

— A maioria dos caras da defesa, umas garotas da Hampton High. Nada muito grande.

É, aposto que sim. Já estive em festas do Liam. Ele mora em uma propriedade de dez acres em uma área afastada, e os pais dão liberdade para ele fazer o que quiser no celeiro.

Dane olha para a escada da cozinha, por onde se chega ao segundo andar.

— Só quero ir dormir.

Olho para meu pai, esperando que ele faça alguma coisa.

— Seu horário é meia-noite nos fins de semana — ele diz a Dane enquanto massageia o queixo. Acho que vejo impotência em seus olhos. — Se passar a noite fora de novo, vai ficar de castigo. Seu carro ainda está na oficina, mas quando ficar pronto, você não pega de volta enquanto eu não autorizar. Entendido? E vou pegar seu celular. A temporada de futebol vai começar, e você precisa de foco.

— Não sabia que se importava tanto — ele resmunga.

Alguns momentos passam, a tensão na cozinha cresce.

Meu pai suspira.

— Eu me importo, Dane. Vou tirar um tempo de folga. Só preciso ir a Nova York para mais algumas reuniões…

— Sei, sei — diz Dane, e vai pegar uma garrafa de água na geladeira. — Já ouvi isso antes.

A raiva tinge o rosto de meu pai de vermelho, e ele cerra os punhos.

— Vou marcar uma consulta com o Dr. Forest para você.

Dane deixa a garrafa em cima da bancada.

— Foda-se, eu não vou para a terapia.

— Vai, sim. Ainda sou seu pai…

— Você não tem a menor ideia do que eu faço! — grita Dane. — Odeio essa porra de casa vazia e odeio você. — As últimas palavras são choramingadas, a voz dele vibra com a raiva. Dane está muito perto das lágrimas, e mantém as mãos fechadas enquanto olha para a escada de novo.

Meu pai fecha os olhos.

— Sobe — eu falo para Dane com tom suave. — Vai dormir. Eu peço almoço para nós mais tarde. Podemos sentar e conversar.

Ele sai, mas antes de chegar à escada, para e olha para trás.

— Pai, eu não… não te odeio. Só estou cansado.

— Eu sei, filho. Conversamos mais tarde.

Ele assente e sobe.

Assim que ele se afasta, olho para meu pai.

Ele parece desabar.

— Ele é como a Vivie, tem todos os altos e baixos.

— Está pior agora, e se você não consegue ver é porque não quer.

A frustração me persegue. Quero ser um homem, mas sou só um adolescente, tenho só dezessete anos, e não sei como resolver isso — meu pai, meu irmão, nosso relacionamento decadente.

Ele pega a caneca de café. O rosto tem linhas de preocupação.

— Vou cuidar disso, ok? Prometo.

Mais tarde, depois de ir buscar o almoço, subo para dar uma olhada no Dane. Não o encontro no quarto nem no banheiro dele, então vou para o meu, e é lá que ele está. Encolhido embaixo das minhas cobertas, abraçando um travesseiro contra o peito. As persianas estão erguidas, e eu as abaixo e ponho a televisão no mudo, mas deixo ligada. Por alguma razão, abro no celular um blog que explica como assistir aos filmes de *Guerra nas Estrelas* em ordem cronológica de eventos, e clico em *A Ameaça Fantasma.* Esse é o que tem Jar Binks, já vi, mas dessa vez verei com um olhar novo, e vou pensar em Ava e em seu entusiasmo, nos lábios dela nos meus…

Merda.

Acesso o filme na televisão, e logo sou levado de volta à infância, quando o vi com Dane e meu pai.

Suspiro e sento na cama, ao lado dele. Mesmo dormindo, a expressão contraída e a palidez da pele demonstram que não está descansando.

Ele vai ficar bem, digo a mim mesmo enquanto assisto ao filme.

Ele vai. Ele é tudo que tenho, e vou garantir que ele fique bem, seja como for.

CAPÍTULO 15

Ava

— Bem-vinda de volta ao buraco do inferno, Louise — murmuro ao descer do carro, batendo nele de leve. Mais uma semana passou devagar e outra está começando, mas eu continuo aqui surtando, insistindo.

Hoje é a terceira semana, e eu vou conseguir superar tudo isso. Eu vou. Suspirando, corro pelo estacionamento em direção à entrada. Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo e balança em minhas costas. Hoje faz um calor de derreter, e tiro o blazer e o penduro em um braço antes de entrar. Meus ombros se movem dentro da camisa justa, tentando afrouxar as costuras. A blusa não é do meu número, e acho que engordei um pouco no último ano. Eu podia ter feito um pedido de requisição de blusas novas para este ano, mas não tenho tido tempo.

Vários Sharks, talvez seis ou sete — Knox, Dane, Chance e Liam entre eles — estão apoiados à parede no saguão quando abro a porta. As garotas os cercam.

— Piranha — resmunga uma voz masculina no grupo quando passo por eles, e as meninas riem, um som irritante e invasivo, mas continuo andando.

Tyler, digo a mim mesma. Ele é o fim do jogo.

Um baque ecoa atrás de mim. Eu viro e vejo que Knox empurrou Brandon contra a parede, segurando-o com uma das mãos, enquanto a outra está em seu pescoço, agarrando-o pelo colarinho. As mochilas estão no chão. O rosto de Knox está vermelho, e Dane puxa seu braço, tentando acalmá-lo.

Enquanto estou ali paralisada — *droga, por que estou aqui parada olhando para eles?* —, Chance olha para os dois lados do corredor, provavelmente procurando algum professor, e me vê.

Ele para, me estuda com as narinas dilatadas, analisa meu rosto.

Mostro o dedo do meio para ele. Infantil. Não ligo. Que se fodam todos eles.

— Ignora essa gente. Um bando de idiotas inundados de testosterona — Wyatt murmura ao meu lado, e passa um braço sobre meus ombros. Preciso de segurança, por isso me apoio nele.

— Tem alguma ideia de quanto adoro você? Se não fosse gay, eu te beijaria — digo com um longo suspiro, desviando o olhar dos Sharks.

Ele passa a mão no cabelo domado com gel, depois bate de leve no meu nariz.

— Sou irresistível a todos os sexos. Posso fingir que mudei de repente, dizer a todo mundo que sua beleza me fez hétero e que agora só quero você. Ia gostar disso, vizinha de armário?

— Só está sugerindo para me fazer sentir melhor. E você não está a fim do Jagger, do seu time de beisebol? — Ele mencionou alguma coisa outro dia durante o almoço, quando perguntei como ia o beisebol.

Um grunhido e um barulho seco reverberam de onde os Sharks estão reunidos, e Wyatt olha para lá.

— Não olha, mas o Knox acabou de dar um soco na cara do Brandon. E outro. Merda.

É claro que olho. Tem um círculo em volta do grupo, e é impossível ver o que está acontecendo.

— Cabeça erguida, amor. Não deixe eles perceberem que você se importa com essas briguinhas baratas.

— Mas tem a ver comigo. Alguém me chamou de piranha quando entrei. — Viro o rosto para o outro lado. — É… Você consegue ver Knox? Ele está bem?

— Ah, estão separando. Hum, ele está inteiro, mas furioso. Brandon está sangrando como um porco no espeto e segurando o nariz. — Ele ri. — Oh, e lá vem o Trask, e é claro que eles estão correndo como ratos. Hora de dar tchau! Vamos nessa.

Dane disse que ele deixou o time bravo.

Sufoco a dor que desabrocha em meu coração por Knox — mesmo que ele esteja me ignorando na sala de aula, falando comigo só quando é indispensável e mal olhando na minha cara.

Quando estamos indo na direção dos armários, alguém chama a atenção de Wyatt, e ele fica vermelho. Viro e vejo o Jagger. Esguio e musculoso, com um cabelo muito curto e um sorriso fácil, ele parece legal. Não faz parte do círculo dos populares, então deve ser mesmo.

Cutuco o braço de Wyatt, tentando esquecer a briga.

— O fim de semana foi legal? Saiu com os caras do beisebol?

Ele sorri.

— Algum progresso?

Ele olha para o crush.

— Não. É evidente que ele não saiu do armário, ou eu já estaria partindo para cima, mas tenho aquela sensação quando ele olha para mim, sabe? Fomos a uma pizzaria no sábado, uma dessas coisas para fortalecer a união do time, e ele sentou ao meu lado. Tão cheiroso… — Wyatt suspira.

Encosto no meu armário e, ao lado dele, observo Jagger conversando com uma garota que mora no quarto na frente do meu no dormitório Arlington. O nome dela é Camilla, uma veterana bonitinha da Califórnia. Ela tem cabelo curto e loiro, traços delicados, e um jeito suave, tranquilo. Tentei conversar com ela algumas vezes, mas ela sempre fecha a cara e volta apressada para o quarto. Eu entendo. Além de Wyatt e Piper, ninguém quer ser meu amigo.

— Ele está saindo com a Camilla? — pergunto. Não me lembro de ter ouvido alguma coisa sobre eles estarem juntos, mas agora não faço mais parte do círculo dos bem-informados.

Wyatt balança a cabeça.

— Ele não está com ninguém. — O primeiro sinal toca. — Vem, vamos para a assembleia no ginásio.

Fico surpresa.

— Não tem aula? — Luto contra a decepção de não passar uma hora sentada ao lado de Knox. Eu disse que vou esquecê-lo, e deveria, é claro, porque é isso que uma pessoa normal deveria fazer…

Então por que sinto esse profundo vazio dentro de mim quando penso na conversa que tivemos no auditório?

Por que ele ainda briga com os companheiros de time para me defender?

— É, anunciaram na sexta-feira, no fim do dia. Alguns recrutadores de universidade estarão no ginásio, a maioria Ivy League, tipo Harvard, Yale, blá, blá, blá. Você anda sumida, ultimamente. Não te vi no fim de semana.

Não estou surpresa por ter perdido os anúncios. Normalmente, fico aflita para sair daqui no fim do dia.

— Trabalhei dois turnos no Lou’s e passei um tempo com o Tyler. — A moradia coletiva organizou um bazar no fim de semana, e eu ajudei com isso também.

Uma voz brota dos alto-falantes dizendo para irmos para o ginásio, e vamos para lá. No caminho, um grupo de Sharks aglomera à nossa volta, e Wyatt segura minha mão.

— Tudo bem?

— Sim.

Meia hora mais tarde, fiz a volta pelas mesas de algumas poucas universidades locais, conversando e recolhendo catálogos. Várias são promissoras, e provavelmente vou entrar em alguma. Evito a mesa da Vandy, mas não consigo deixar de olhar para lá com ar sonhador. Suspiro e olho em volta. Piper está conversando com alguém da UT, e Wyatt comentou que ia dar uma olhada na reputação de uma das faculdades em relação ao beisebol. Jagger está ao lado dele, e não tenho coragem de ir incomodá-los.

O sinal para a próxima aula toca, e tenho a sensação de que a reunião vai demorar um pouco mais. Decido ir ver se vamos ter a segunda aula. Saio do ginásio e desço a escada para o sol escaldante, e dali vejo o campus, os edifícios amplos e elegantes e o paisagismo exuberante. Um lindo lugar.

— Pena que cada dia é um pesadelo bizarro — resmungo e termino de descer a escada.

Alguma coisa me acerta na parte de trás da cabeça, e o impacto forte e sólido me joga para frente. Perco o equilíbrio, estendo a mão para o corrimão, mas não consigo alcançá-lo. Grito quando meu corpo cai, minhas pernas dobram e eu rolo alguns degraus, ralando os joelhos para evitar a batida do rosto no chão.

— Vaca — diz uma voz atrás de mim, e antes que eu consiga virar ali no chão e recuperar o fôlego, ele pisa nas minhas costas e me empurra para baixo. — Esse é o seu lugar, vagabunda, aos meus pés… e não esquece disso. — Sua voz é baixa, grave e tensa, carregada de raiva.

— Para! — grito, e a pressão desaparece das minhas costas.

Ele resmunga um palavrão e corre.

Cubro a cabeça e choramingo quando a escuridão me suga, e eu volto ao bosque, volto ao meio das árvores que parecem esfregar os dedos sinistros, com os gravetos duros e as folhas frias sob o corpo, e não consigo me mover, não consigo me mover, não consigo me mover, e ele está em cima de mim, e não consigo respirar, não consigo ver seu rosto, não consigo impedi-lo, não consigo falar, não consigo fazer nada, e quero fazê-lo parar, por favor, por favor, por favor, por favor…

— Ava! Que porra é essa?

Alguém se inclina sobre mim, mãos fortes tocam meu braço e tentam me virar. Eu as empurro, bato nos dedos e tento respirar. Meu estômago se contrai, e

eu deixo escapar um uivo. Tremendo, respiro fundo e tento me controlar.

Você não está na floresta. Não está.

Não chora, Ava. Aqui não. Ainda não chorou e nunca vai chorar!

Engulo as emoções e rolo no chão para deitar de costas, resistindo à dor que ricocheteia na minha cabeça.

— Estou… bem — consigo falar finalmente.

— Não, seus joelhos estão sangrando. O que aconteceu? Você caiu?

Olho para Dane e me encolho, tento me afastar, mas só consigo ralar os cotovelos no chão, e é como se agulhas penetrassem meu braço.

— Alguém bateu na minha cabeça… — Minha voz treme, me afasto um pouco mais dele e consigo sentar, abraço o corpo e balanço para frente e para trás. O ar escapa de mim em jatos longos. Abaixo a cabeça até colar o queixo ao peito. Inspiro. Expiro.

— Quem foi? — ele pergunta. — Fala, eu vou atrás dele!

— Até onde eu sei, foi você — cochicho.

— Ah, Ava. — Ele senta na minha frente, mantendo alguns metros de distância por saber que qualquer coisinha pode me abalar. Depois suspira. — Eu estava no banheiro do prédio principal, estava chegando na assembleia e ouvi você gritar. — Seus olhos percorrem meu corpo, a testa está franzida, e ele estende a mão. — Deixa eu ver sua cabeça.

— Não! — Bato no braço dele com a mão fechada.

Mas ele segura meu punho quando tento acertar seu pescoço.

— Ava, meu bem, por favor, deixa eu te ajudar.

— Me deixa em paz — consigo dizer, mas a ansiedade está voltando, minha cabeça roda e a tontura me domina quando tento ficar em pé. Pontinhos pretos dançam na frente do meu rosto. Balanço, e os braços dele me envolvem e me tiram do chão. Tento escapar. Não quero a ajuda dele.

— Olha só, você está abalada. Vou te levar para a enfermaria — ele diz, e vejo seu rosto tenso com a emoção suprimida. — Pode contar para alguém lá o que aconteceu. Vai ficar tudo bem, prometo, prometo, prometo. Enfrenta um dia de casa vez. É o que eu faço.

Talvez seja a nota de desespero na voz dele que me faz parar de resistir, ou é o cuidado com que ele me carrega; de qualquer maneira, eu relaxo. Preciso de

um minuto, e é óbvio que ele não vai me carregar para algum lugar escondido, porque está caminhando na direção da porta de entrada do prédio principal.

— Espera um segundo. Preciso… — Sinto que ele me acomoda melhor enquanto aperta o botão para portadores de necessidades especiais e abre a porta. Minha cabeça descansa em seu braço, e ele tem cheiro de pinho fresco e especiarias. Levanto a cabeça, olho para ele, lembro nosso confronto no terceiro andar na semana passada, ele me contando sobre a mãe, como suas palavras eram sofridas. Seu rosto está mais abatido do que há alguns dias, com as faces encovadas, a pele embaixo dos olhos meio azulada. O nariz está vermelho e inchado…

— Saiam da frente — ele diz com tom incisivo quando entra no corredor, e ouço a movimentação dos meros mortais a caminho da segunda aula.

Alguém esbarra nos meus pés, e eu me encolho, enquanto eles resmungam um pedido de desculpas e se afastam depressa.

— Não encostem nela, seus cretinos! — ele grita, olhando feio para o culpado.

Dane está na metade do caminho para a enfermaria quando puxo a manga de sua camisa.

Ele olha para mim.

— Melhor?

Não. Minha cabeça lateja e os joelhos ardem como se eu tivesse levado picadas de abelhas.

— Limpa o nariz antes de entrar. Tem um pouco de… hum… pó branco…

Ele me levanta um pouco, aproxima a manga do rosto e limpa o nariz.

— Pego pela Obra de Caridade. Não conta para o Knox, ok? Segredo nosso? — Ele olha para mim com cara de súplica, depois fecha os olhos por um instante. — Ava, eu sou um babaca, um tremendo de um babaca, mas você sabe que não fui eu que te bati lá fora. E desculpa se te fiz sofrer no seu primeiro dia, quando voltou. Não tinha a ver com você… tinha a ver comigo. — Ele morde o lábio com força, como Knox faz, e é muito parecido com o irmão.

Suspiro.

— Pode me pôr no chão. Eu consigo andar.

Os braços me seguram com mais força.

— Você teve uma crise de pânico lá fora e quase desmaiou. Tentou me bater. Uma tentativa patética, aliás. Além do mais, Knox ia querer que eu cuidasse de

você.

— Antes eu achava que vocês dois não tinham nada de parecido, mas são dois teimosos.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Eu sou o charmoso. Ele é o durão.

— Meu Deus! — A sra. Carmichael reage quando Dane entra na área da secretaria me carregando como se fizesse isso todos os dias. — O que aconteceu? — Ela corre na nossa frente para a porta à esquerda, a da enfermaria.

— Ela foi atacada na saída do ginásio. Levou uma pancada na cabeça — Dane relata, sério. Ele me põe no chão, e ela me faz sentar prontamente na maca, depois me enche de perguntas enquanto grita pela enfermeira. Explico o que aconteceu. Ela franze a testa e sai apressada, resmungando alguma coisa sobre um relatório de incidente.

Uma enfermeira se aproxima de mim com uma lanterninha e examina meus olhos, depois diz que não deve ser uma concussão, mas vou ter um galo na cabeça. Dane está sentado no canto da sala, observando tudo.

Alguns minutos mais tarde, a sra. Carmichael volta e me entrega uma pasta.

— Preenche esses papéis quando puder, e é provável que o diretor queira ver você mais tarde. — Ela olha para Dane. — E você, vai para a sua aula.

Ele sorri, parece um pouco fora do ar.

— Ah, Maxine, fala sério, eu sou o herói aqui… Só quero esperar para ter certeza de que ela está bem.

Ela põe as mãos na cintura.

Dane sorri de novo.

— Só mais cinco minutos, beleza?

Ela bufa, mas decide ignorá-lo e olha para mim.

— Querida, tem alguém que eu possa chamar para vir te buscar?

Sufoco uma gargalhada. Chamar alguém?

— Tenho dezoito anos. Posso sair sozinha.

— É claro. Desculpa. Pensei que quisesse ir à clínica na cidade.

Não preciso dessa conta, e já estive pior.

— Só quero uns Band-Aids para os cortes nos joelhos. — Olho para o rasgo na minha camisa, na altura dos cotovelos, e faço uma careta. — E para esses outros cortes também.

A enfermeira já está limpando os ferimentos com álcool e abrindo uma gaveta branca para pegar os curativos. A sra. Carmichael assente para mim, séria, depois olha para a enfermeira.

— Tudo bem. Fique aqui e descanse, até sentir que está bem para ir para a aula.

Depois de um tempo, a enfermeira sai, e eu deito na maca. Um suspiro escapa do meu peito. Minhas meias rasgaram no tombo, e olho feio para elas. Preciso de mais peças do uniforme, sério.

— Por que ainda está aqui? — pergunto a Dane, que digita no celular. — Está tudo bem. Ninguém vai me incomodar aqui.

Ele olha para mim.

— Quer mesmo que eu vá embora?

Não.

— Você que sabe — resmungo, e viro para o outro lado, puxando o cobertor fino que a enfermeira deixou. De frente para a parede, fecho os olhos e me permito desmoronar só um pouquinho, mordendo o lábio e segurando as lágrimas que ainda não desistiram de sair. Agora que está tudo quieto, revejo o acontecimento em minha cabeça, e as sobras de adrenalina e raiva se misturam em minhas veias quando penso em como fiquei indefesa. *De novo.*

Acabo pegando no sono, meu corpo relaxa lentamente com os sons corriqueiros da sra. Carmichael falando ao telefone na outra sala, o barulho dos professores andando no corredor a caminho da sala deles. Mais tarde, acordo com vozes abafadas a vários metros longe de mim.

Viro e vejo Dane e Knox juntos, ouço meu nome.

— Não sei quem foi, mas bateu com força — Dane resmunga. — Ela estava no chão, irmão. Alguém bateu nela aqui, bem embaixo do nosso nariz…

— Acordou — diz Knox, e se aproxima de mim. — Tudo bem?

Sento segurando as beiradas da maca e fecho os olhos ao sentir a dor provocada pelo movimento rápido.

— Bem como nunca.

— Mentirosa — ele resmunga, e passa a mão na parte de trás da minha cabeça, tocando de leve o galo que se formou ali. Fico paralisada, querendo me apoiar nele, odiando gostar dessa atenção. — Ainda dói? — Ele se inclina para mim, e é quase como se fosse tocar meu rosto, mas não toca, deixa a mão cair.

— A enfermeira me deu anti-inflamatório e Band-Aids. Estou pronta para a

batalha, Frio e Mau.

— Não me respondeu.

Dane nos observa com um olhar desconfiado.

Knox olha para ele.

— Ele está aqui há algumas horas. Estive na sala do Trask, e não sabia o que havia acontecido. Dane me mandou uma mensagem.

Suspiro profundamente.

— Problemas por causa da briga?

Ele contrai os lábios, e o rosto é dominado por uma expressão sombria.

— Não. Ele vai deixar o treinador resolver. Vou correr umas voltas extras hoje à noite, depois do treino. Brandon nunca mais vai te ofender.

— Não quero que brigue por mim. Não faz mais isso.

Ele suspira.

— Não dá para evitar, Tulipa. E agora, em quem vou ter que bater por isso?

A voz dele é fria e calma, mas percebo a dureza de aço por trás dela.

— Não vi quem foi. Ele me bateu pelas costas, e acho que não foi com a mão. Era alguma coisa muito sólida e grande, talvez um livro. Depois pisou nas minhas costas e me xingou, falou uns palavrões. — Engulo o medo. Aquela voz! Foi o cara da floresta.

— Filho da mãe.

— É. — Faço um esforço para levantar e respiro fundo. — Que aula vem agora?

— Hora do almoço. Onde vai? — ele pergunta, vendo que vou ao outro lado da sala, pego minha mochila que alguém deve ter deixado ali. O blazer está em cima dela. Eu o visto gemendo, mas feliz por poder esconder os buracos na camisa. Depois abaixo, pego a mochila e a penduro no ombro. Meus dedos tocam o pingente em meu pescoço por um momento, e endireito as costas.

— Ava? — Knox está ao meu lado. — Devia ir para o dormitório e descansar. Posso te levar, se quiser. Maxine certamente vai…

Não.

Ele não quer me beijar.

Não podemos fazer isso, disse.

— Estou bem. — Passo por ele, me aproximo de Dane e o encaro. Um sorriso pálido repuxa meus lábios. — Na próxima vez, vou te bater com mais

força, babaca.

Ele ri.

— Sei. Talvez eu tenha que te ensinar a bater, benzinho.

— Ah, eu estava me segurando. — O esforço para brigar com ele não foi sincero. Mesmo perturbada como estava, reconheci que não foi a voz de Dane que disse aquelas palavras.

Ele passa as mãos no rosto e faz uma careta ao olhar para mim, como se quisesse me lembrar… *Lembra o que você viu no meu nariz? Consegue simplesmente esquecer aquilo?*

Dou de ombros. *Talvez.*

Ele revira os olhos.

Penso no que ele disse enquanto me carregava: *Vai ficar tudo bem, prometo, prometo, prometo.*

É, um dia vai ficar tudo bem. Não hoje, mas logo. O cara do bosque me atacou, o que significa que está ficando descuidado, e se está descuidando, está com medo…

— Não me diga que vai voltar para a aula — Knox comenta ao cruzar os braços.

— Por que não? É só mais um dia aqui.

Ele solta o ar com força.

— Ava, fala sério, deixa eu te levar para casa.

Casa? Não tenho uma. Ava? Quero que ele me chame de Tulipa, droga.

— Concordo com o Knox — diz Dane. — Você está pálida.

Rindo baixinho, olho para ele como se perguntasse: “Está falando sério?” Ele já se olhou no espelho ultimamente?

Dane ri e balança a cabeça, como se lesse meus pensamentos.

— Ava, acho que não devia ir para a aula. Você precisa descansar.

Knox de novo. A mandíbula dele está contraída, saliente, e ele segura minha mão, passa o polegar em cima dela.

E é isso, só um toque leve dele, e correntes elétricas dançam por meus braços e se espalham pelo corpo. Olho para nossas mãos.

Ele está preocupado.

Insiste em lutar minhas batalhas, quando é óbvio que tem as dele. Os olhos cinzentos mergulham nos meus.

— Por favor.

Meu corpo se contrai com o som da voz dele. Eu o quero muito, mas é muito mais que simples luxúria ou desejo. É mais profundo, mais forte, e é louco, e como é que eu permito que ele invada minha fortaleza?

Ele me quer, *mas luta* contra isso.

Eu não quero pensar sobre os motivos disso.

Lambo os lábios secos, e tenho de me agarrar à toda força dentro de mim para soltar a mão dele.

Essa é minha jornada, não dele.

Saio da enfermaria e vou almoçar.

CAPÍTULO 16

Ava

O amor morre.
Então, você está no fundo do meu caleidoscópio,
Pedaços quebrados, brilhantes.
É óbvio que não pode me amar.
E nem eu deveria.

A mensagem do AS chega na quarta-feira à noite, quando estou sentada na minha cama com o laptop, cercada de livros espalhados em cima da colcha. Mais cedo, jantei com o Tyler na moradia comunitária, e agora estou no dormitório, entediada, procrastinando o dever de casa.

Ava? Você está aí?

Olho para o celular. Faz dias que não tenho notícias dele, e não consigo evitar a onda de empolgação.

Outro poema? Uau, está gostando dessa aula de verdade. Mesmo autor?

É.

Engraçado. Pesquisei no Google aquele último que você mandou, e ele nunca foi publicado em lugar nenhum. A internet é uma ferramenta incrível. Não quer me contar quem escreveu?

Ele não responde por vários momentos, e eu abro um pacote de Doritos e ponho alguns na boca. Estou rindo com a boca cheia, imaginando o AS inquieto. Não consigo deixar de pensar em Knox com o celular na mão em algum lugar, digitando. Talvez ele esteja em casa. Talvez esteja no carro, e teve de parar porque não consegue parar de pensar em mim.

Ah. Quem me dera.

Fiquei com vergonha de admitir que eu escrevi os poemas.

Ah, agora está ficando bom.

Sei, o atleta que escreve poesia. Para mim, imagino?

PARA VOCÊ.

São bem legais.

Subo a tela, leio o poema de novo e digito:

Nunca esteve apaixonado? Você diz que o amor morre.

Meus pais não queriam nem ficar no mesmo quarto. Ele a amou, um dia, e ela o amou, mas os dois mudaram.

O AS é meio pessimista.

Outra mensagem chega.

Gosto do meu irmão. Ele é tudo com que me importo. Por quem já foi apaixonada?

Sento com as costas eretas na cama. Knox se importa com o irmão.

Ava, me conta… quem você já amou?

Ah, não, isso está ficando pessoal, e uma parte minha não consegue resistir. Dá para fingir que podemos ter alguma coisa especial, e quero confiar no AS; eu quero. Sua poesia é reveladora…

Amei um garoto uma vez. Ele foi fazer faculdade no Texas.

Ainda o vê? Trocam e-mails? Mensagens?

O AS está cutucando demais.

Outra mensagem. Chega.

Deixa para lá. Não quero falar sobre ele. Não quero pensar em você com ele.

Depois:

Como ele chama?

Rio alto.

Luka.

Luka, com seu cabelo castanho e despenteado e marcas de queimadura de cigarro nos braços. Começamos como amigos, mas as noites eram solitárias na moradia comunitária, e logo estávamos nos escondendo no quarto um do outro, falando de nossas esperanças e nossos sonhos. Eu adorava aquele sorriso de lado e os olhares tímidos. Não sei se o que sentíamos era aquele tipo de amor que dura para sempre, mas ele era meu amigo, e eu confiava nele. Fizemos sexo, e embora nunca tenha sido como eu lia nos livros, era o suficiente.

Arregalo os olhos ao ler a mensagem seguinte.

Só quero você.

Meus dedos apertam o celular enquanto digito a resposta.

Então é isso que está acontecendo? As mensagens são um jeito de conquistar uma garota que você não pode ter?

Nenhuma resposta.

Por que deixou aquela carta, se não vai me dizer quem você é?

Uma série rápida de batidas na porta me faz dar um gritinho de susto. São mais de oito horas, o horário de visitas terminou há algum tempo. Na verdade, o corredor esteve quieto demais esta noite, e havia nessa quietude um ar quase de expectativa. Com a testa franzida, digito:

Ei, tem alguém batendo na porta. Estranho, não é, tão tarde?

Ele não responde imediatamente, e me sinto inquieta com as batidas. Deixo o celular de lado e olho para o meu short preto e curto e para a blusa tipo camisola. Não é exatamente o tipo de roupa com que quero receber alguém.

— Quem é? — pergunto, mas a resposta é o silêncio.

Espio pelo olho mágico, mas não tem ninguém lá. A ansiedade me invade, e sinto um arrepio. Tenho sido mais cuidadosa depois do ataque no colégio, principalmente porque ninguém sabe quem foi. De acordo com Trask, não tem câmeras naquela parte do ginásio. Claro que não.

Abaixo, me apoio sobre as mãos e os joelhos para tentar ver pés ou uma sombra, mas só tem a luz brilhante das lâmpadas brancas do corredor. Penso em chamar o assistente da moradia, que mora no prédio, mas mudo de ideia rapidamente. Foram só umas batidas, certo? Poderia mandar uma mensagem para Wyatt, mas ele disse mais cedo que estava saindo para jantar com alguns companheiros do time de beisebol. Acho que ele viria ao meu andar, se eu pedisse, embora o horário de visita já tenha acabado.

Mas…

Não tem ninguém lá fora. Alguém deve ter batido na porta errada, percebeu o erro e foi embora. Talvez fosse alguém procurando Camilla.

Mas não consigo parar de andar de um lado para o outro, sentindo a ansiedade aumentar e abrir um buraco no meu estômago. Paro na frente da porta, e logo não é só uma porta; é o bosque à noite.

Outra batida, e em seguida uma voz masculina.

— Ava!

Reconheço a voz imediatamente.

Abro a porta e sou invadida pelo alívio.

— Knox! O que está fazendo aqui?

Ele ainda veste o uniforme do treino de futebol, o cabelo está úmido e alisado para trás. Engulo em seco ao ver os antebraços definidos e a pele bronzeada, os músculos esculpidos por baixo da calça.

Apoio o quadril no batente da porta.

— O treino acabou, e eu estava passando logo ali na esquina. Pensei em vir dar uma olhada em você, ver como está sua cabeça. Além do mais, achei que podia precisar de mim.

Precisar dele?

— Alguém bateu na minha porta há alguns minutos… não foi você?

— Não, mas posso imaginar quem foi. — Ele olha para o corredor silencioso, estuda as portas fechadas. Anda até o fim do corredor, abre a porta da escada e dá uma olhada além dela. Noto que ele está carregando uma mochila. Estranho.

— Quem acha que foi? E qual é a da mochila? Vai dormir fora de casa?

— Posso entrar? Eu explico. — Ele fica parado na porta, sorrindo para mim. É tão diferente de como o tenho visto no colégio, que me sinto desarmada.

Cruzo os braços.

— Porque o Shark-Rei está na minha porta pedindo para entrar?

Ele faz uma careta.

— Pode acreditar, Tulipa, vai precisar de mim. — Ele levanta a valise. — Trouxe suprimentos.

Arqueio uma sobrancelha.

— Agora me deixou curiosa. — Movo o braço em um gesto convidativo. — Por favor, entre.

Ele entra e olha em volta, analisando o quarto pequeno, a bicama encostada à parede e a pequena cômoda que é padrão nos quartos do dormitório.

— Precisa cuidar da decoração — diz.

Rio baixinho.

— É, preciso, a minha vizinha Camilla tem aquelas lâmpadas miudinhas e fofas em volta da cama. Não tive tempo. — Nem dinheiro para gastar. — Mas acredite, isso aqui é luxuoso, comparado ao meu quarto na moradia.

Ele vira de frente para mim.

— Uma garota como você merece coisas bonitas.

Ignoro o comentário, algo que aprendi a fazer com ele.

— O que tem na mochila? Uma luminária fofa? Pôsteres?

Ele olha para o quarto pela última vez.

— Não tenho tempo para perder com conversa mole. Isso aqui tem que ser arrumado agora, e sugiro que você troque essa blusa branca e vista uma calça.

Quê?

Ele abre a valise e pega um pacote de balões coloridos.

— Vamos fazer uma festa? Vou chamar Wyatt e Piper. — É brincadeira. Não estou com disposição para festa.

Ele olha para mim.

— Noite da pegadinha no Arlington. Wyatt não te contou?

Dou de ombros. Ele quase não fica no dormitório e, além disso, seu quarto é em outro andar.

— É um evento anual, e hoje à tarde ouvi alguma coisa, acho que pode ser hoje à noite. Pelo que entendi, é segredo até acontecer, e quando começa, vira uma loucura. — Ele faz uma pausa. — Daqui a pouco a confusão começa, e se alguém bateu na sua porta, pode ser um código, um aviso para você se preparar. A menos que queira se esconder embaixo da cama e torcer para que tudo corra bem…

Recuo.

— Já nasci pronta, e ouvi falar na noite da pegadinha. Até os funcionários participam, não é? Ou deixam acontecer, desde que a gente limpe tudo depois? Acho que tinha esquecido, só vim morar no dormitório agora. — Olho para ele. — Obrigada por ter quitado o valor do quarto. Acho que não cheguei a agradecer naquele dia no auditório. — Porque as coisas ficaram meio pesadas e quentes. — Um dia, eu devolvo esse dinheiro.

Ele para de mexer nos balões.

— Não precisa pagar. Olha só, pega esses balões e começa a encher.

— Shark mandão — resmungo quando ele deixa metade dos balões na minha mão estendida e corre para o meu banheiro pequenino.

Eu o sigo, e ele está parado ao lado do boxe, com o chuveiro ligado, enchendo um balão cor-de-rosa com água fria.

— Usa a torneira da pia. Não enche demais, ou o balão explode. — Ele ri, e eu fico olhando chocada para o jogador de futebol no meu banheiro.

— Está levando isso a sério, não é?

— Fala menos, enche mais, Tulipa. Vim te ajudar, e vamos chutar a bunda dessa gente juntos, entendeu? — Ele joga água na minha direção. — Começa a trabalhar.

Gosto desse lado dele.

— Você participa todo ano?

— Não. É por você.

É por você.

Deixo a informação assentar e a arquivo no dossiê do Knox para processar quando ele for embora.

Alguns minutos mais tarde, temos uma coleção de uns cinquenta balões, e ele os está guardando na mochila com todo cuidado. Molhei algumas partes da blusa, e a camiseta dele está ensopada e colada no corpo.

— De quantos precisamos? — pergunto.

— Todos. Não vai querer ficar sem estoque esta noite. — Ele olha para mim, para minhas pernas, para o peito, depois para o rosto. — *Baby*, por mais que eu goste de te ver nesse shortinho, vai ter que trocar de roupa. Calça de moletom e camiseta de manga comprida. E tênis, assim não vai escorregar.

— Caramba! É tão ruim assim?

Outro sorriso largo.

Balanço a cabeça.

— Você é maluco. Ok, vou trocar de roupa. — Abro a gaveta da cômoda, pego uma legging e visto por cima do short. Quando viro, ele está me olhando com os olhos meio fechados, as pálpebras pesadas. — Assim está bom?

Ele pigarreia.

— Tudo fica bom em você.

Ouço um barulho no corredor, como se alguma coisa de metal tivesse caído no chão.

Dou um grito e pulo de susto.

— Isso é o começo? Que barulho foi esse?

Ele se aproxima de mim devagar, toca meus lábios com um dedo.

— Fica tranquila. Não vou deixar ninguém te machucar. Vamos arrasar, *baby*.

Meu coração flutua. Puta merda, ele tocou minha boca! Sinto uma onda repentina de calor, e devo estar louca, porque afasto os lábios e mordo o dedo dele de leve.

— Não me chama de *baby*, Shark. Sou a garota menos "*baby*" do mundo todo. E Chance me chamava assim.

Ele abaixa a mão devagar.

— Não me chama de Shark, e temos um acordo.

— Feito.

— Mas não vou desistir de Tulipa. Gosto muito.

— Não disse que tinha que desistir.

Ele olha para minha boca.

— Que bom.

O momento passa quando outro estrondo ecoa no corredor.

Ele se aproxima da porta.

— Isso foi o sinal? — pergunto, torcendo para ele me silenciar de novo.

— Vamos saber quando escutarmos… — *FUÓ!*

Uma buzina de ar comprimido interrompe o silêncio, um barulho alto e irritante.

— Ai, merda! — grito, sentindo a descarga de adrenalina.

Ele pega a valise e põe alguns balões na minha mão.

— Vem comigo — diz, e abre a porta só um pouquinho.

Vamos para o corredor, e ele se abaixa para oferecer um alvo menor. Instintivamente, eu o imito e fico atrás dele.

— Eu sou seu escudo, entendeu?

Assinto, sentindo o calor que emana de suas costas, deslizando os dedos pelos ombros largos.

Ah! Estou prestes a entrar em uma guerra de água, e só consigo pensar em um garoto.

O corredor é silencioso como uma igreja no domingo.

— Estou começando a pensar que a pegadinha é você me convencer de que ia acontecer alguma coisa. — Espio por cima dele e vejo um bando de meninas a alguns metros.

Um enorme balão de água explode no meu peito, e eu quase me afogo.

— Oba! Acertei um! — diz uma voz feminina, enquanto um grupo de garotas corre para nós arremessando balões.

— Acerta elas! — diz Knox, e eu retribuo o arremesso, acertando o chão, em vez de atingir as meninas. Droga. Como pude errar todas? — Que pontaria horrível — ele geme, e eu o encaro, contrariada.

— É só o aquecimento. Me dá um minuto…

Outro balão acerta meu rosto, a água escorre pelo pescoço.

— Você sabe que a gente pode só se esconder no meu quarto — lembro, tentando outro tiro e acertando a parede. Uma das pequenas pega o balão que não estourou e joga de volta para nós, acertando em cheio a cabeça de Knox. Mordo o lábio para não rir.

Ele estava olhando para mim, foi pego de surpresa e, bom, é engraçado. Knox limpa a água com a mão.

— A gente pode se esconder no seu quarto, se você quiser.

Sinto um arrepio. Tem… um calorzinho na voz dele.

Pego um pedaço de balão roxo que ficou grudado em seu rosto.

— Não, acho que gosto de ver você ser atacado por balões de água arremessados por um bando de meninas…

Um balão passa por nós e estoura no chão.

— Tem razão. Não podemos deixar essas marias-ninguém ganharem.

Pego outro balão, e quando elas estão a uns vinte metros de nós, faço o arremesso e acerto a cabeça de Camilla. Ela acabava de sair do quarto com uma expressão divertida, e acabou ficando no caminho. Faço uma careta, lamentando não ter acertado outra pessoa. Ela não é exatamente indelicada comigo, só retraída.

Knox acerta uma das garotas, o que as atrasa um pouco, mas elas são muitas, e nós, só dois. E agora acaba de chegar um grupo de garotos que reforça o time delas.

Corremos pelo corredor e vemos outro grupo vindo em sentido contrário, jogando balões contra nós e contra o grupo atrás de nós. Merda, estamos no fogo cruzado. Pelo jeito, vale tudo.

— Aqui! — grita Knox, abrindo a porta de um armário perto da escada.

Entramos e fechamos a porta, e ouvimos balões estourando do lado de fora.

Ele olha para minha blusa ensopada.

— Eu falei para trocar a blusa. Seus mamilos estão duros.

Dou uma cotovelada nele.

— Olha para a minha cara, jogador.

Ele olha para mim. Franze a testa.

— Que é? — pergunto.

— Como estão seus joelhos e os cotovelos?

— Tudo bem. — Os ferimentos secaram, fizeram casquinha e agora estão coçando, mas não sinto mais nenhuma dor.

Ele suspira e me encara, sério.

Também suspiro.

— Knox… não faz isso. Eu vou ficar bem.

Não quero falar disso, também não quero que ele perca amigos por minha causa.

Ficamos nos encarando em silêncio por um longo instante.

Ele passa as mãos no rosto e desvia o olhar.

— Desculpa pelo que aconteceu no auditório…

Alguém grita e ri no corredor, interrompendo o que ele ia dizer.

— Vamos nos divertir, está bem? — Meu peito formiga, e eu esfrego a mão nele antes de deixá-la cair junto ao corpo.

— Que foi?

Desvio o olhar.

— Nada.

— De quem é a foto nesse pingente?

Olho para ele e abro o pingente, e Knox se inclina para enxergar melhor.

— Tyler?

— É, ele é tudo que tenho.

Ele ajeita uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sei como é. Para mim, é o Dane.

— Pega eles! — alguém exclama no corredor.

— Sou alérgica — outra menina grita.

— Mas o qu…? — Knox reage quando uma pata peluda, preta e branca aparece embaixo da porta com as garras estendidas, tateando o chão.

— Cacete! Isso é um gato, não é? — pergunto. — Que diabo está acontecendo lá fora? — O caos, considerando o barulho.

Ele abre a porta, e um gatinho listrado corre para dentro do armário, faz um barulho ameaçador para nós e vai se esconder atrás de um balde.

Espiamos pela fresta da porta. Tem gente — e gatos — correndo por todos os lados.

— Para que envolver animais inocentes? — comento, contrariada. — Bizarro.

Outro balão de água acerta um lado da minha cabeça quando saímos.

— Droga! — grito com quem jogou o balão, mas o grupo já está fugindo.

— Ava! Knox! Venham comigo! — grita uma voz familiar. É o Wyatt, e ele passa carregando vários balões.

Desviamos de algumas pessoas e vamos atrás dele pela escada. Garotas e rapazes com pistolas de água correm atrás de nós, enquanto Knox joga balões neles, fazendo-os recuar até fecharem a porta. *Bom trabalho, QB1*.

Descemos correndo até o andar de Wyatt e entramos no corredor, onde paro, escorregando um pouco na água. É o inferno branco. Não tem gatos, mas um pó branco reveste o piso e as paredes molhadas. Farinha?

As luzes se apagam de repente, e eu grito.

Um corpo alto me puxa para perto.

— Estou aqui — diz Knox. — Monta nas minhas costas.

Eu o escalo, passo os braços em torno de seus ombros e as pernas em volta de sua cintura. Bem, pelo menos não estou mais pensando no escuro. Ele corre, e nem sei como ele consegue enxergar alguma coisa, porque a única luz é o luar que entra por algumas janelas na ponta do corredor.

— Aonde vamos? — Colo o rosto no pescoço dele, torcendo para não ser muito evidente que o estou cheirando.

— Para o quarto do Wyatt. Acho que ele foi para lá. Sei onde é.

Ele tateia no escuro, abre uma porta e entra, e então me põe no chão.

E sim, Wyatt está no meio do quarto, segurando lanternas. Ele joga uma para Knox, que a pega. Depois ri e olha para nós, antes de se concentrar em Knox.

— Não sabia que participava da noite da pegadinha.

— Vim para ajudar a Ava. Achei que ela não ia gostar da surpresa.

— É, teria sido legal se você tivesse me avisado. — Olho para Wyatt, e ele ri e balança as sobrancelhas.

— Que graça teria?

— Um amigo teria avisado, babaca.

Ele ri.

— Eu queria avisar, mas o jantar com o time acabou demorando mais do que eu esperava.

Aham. Jagger.

As luzes piscam, acendem, e um alto-falante bluetooth no quarto no quarto de Wyatt começa a tocar uma canção conhecida de Rick Astley. O volume é ensurdecedor, e a música ecoa no corredor.

“Never gonna give you up, never gonna let you down, never gonna run around and desert you…”

— Alguém hackeou os alto-falantes — diz Knox, balançando a cabeça com ar incrédulo. — Esse negócio fica mais doido a cada ano.

— Sério, o prédio todo está ouvindo isso? *Estou no inferno!* — exclamo.

Wyatt e Knox começam a rir, e eu me junto a eles, dizendo:

— É divertido, beleza, mas essa música… está me deixando maluca.

— Vamos voltar lá para fora — Knox decide, animado, se armando com um punhado de balões. Ele está empolgado demais com isso, mas também estou me divertindo… contanto que ele esteja comigo.

— Um, dois, três… — ele grita, depois abre a porta e sai.

FUÓ!

A buzina de ar comprimido berra de novo, e todo mundo para onde está no corredor, enquanto gemidos e uivos desapontados brotam de todos os lados.

Olho em volta.

— Que foi?

— A noite da pegadinha acabou. Repito, a noite da pegadinha acabou — anuncia uma voz pelos alto-falantes. É uma voz feminina, provavelmente a sra. Henderson, a responsável pelo dormitório. — Peguem esfregão, vassoura ou gato e arrumem o prédio. Se todos voltarem aos seus andares, logo tudo estará em ordem. Se não devolverem Arlington Hall às suas condições impecáveis, essa terá sido a última noite da pegadinha permitida, e todos os calouros vão culpar vocês para sempre. E por favor, por favor, quem hackeou os alto-falantes, dá para desligar o Rick Astley? Não consigo nem pensar ouvindo essa coisa.

— Droga! — Wyatt reclama. — Nem deu tempo de me divertir.

Damos risada, nos despedimos e subimos a escada para o meu andar. A sra. Henderson está lá, é claro, com aquele cabelo volumoso livre do coque habitual. Ela veste camiseta e calça de corrida, e está ensopada. E aponta uma gaiola.

— Ponham os gatos ali. No futuro, por favor, não tragam animais. — A voz dela é severa. — Eles poderiam ter se machucado, e não aprovo esse tipo de coisa. Na verdade, estou pensando em dar uma advertência escrita aos envolvidos. Se souberem quem são os responsáveis, por favor, me avisem. — Ela pega um dos gatinhos menores e afaga sua cabeça, olhando para nós de soslaio. Algumas meninas riem, e ela as encara com um olhar crítico. — Acho que contei seis. Quero todos aqui e em segurança.

— Aposto que foram as calouras. Amadoras — Knox murmura, olhando para o grupo de garotas risonhas. Duas o chamam pelo nome e acenam.

— Ei, Knox — diz uma morena bonita —, devia ter entrado na nossa equipe.

Outra grita:

— Quer vir ajudar a gente na limpeza, Knox?

Elas me encaram, e algumas cobrem a mão com a boca para cochichar, e embora a maioria seja mais nova que eu, suponho que todas saibam quem sou.

Olho para elas com ar ameaçador.

Camilla para na frente do grupo, encobrindo minha visão.

— Eu vou cuidar dos gatos, sra. Henderson. Se não forem de ninguém, vou arrumar um lar para eles. Trabalho em um abrigo.

Que pessoa boa.

Abro o armário onde estivemos escondidos para pegar um esfregão. Alguma coisa corre para a porta, muda de ideia e volta para dentro do armário, se encolhe no canto.

— É o nosso amiguinho — Knox comenta atrás de mim. Ele estava recolhendo pedaços de balões estourados e jogando no saco de lixo que a sra. Henderson deu a ele.

Pego o gatinho, mas ele me arranha e tenta escapar.

— Calma — diz Knox, pegando o gato do meu colo.

O animal esconde o focinho na curva de seu braço dobrado.

Eu rio.

— Sério? Por que ele gosta de você, mas não de mim? — Afago o gatinho, e percebo que o pelo macio esconde pele e ossos. — Tão magrinho. Vai levá-lo para a gaiola?

Ele olha para o bichinho, que agora está deitado em seu braço, afofando a pele com as patas.

— Talvez ele queira ir para casa comigo.

— Ela. É fêmea. Está vendo? Não tem bolas.

Ele ri.

— Tudo bem, talvez ela queira ir para casa comigo.

— Entendi… você resgata gatos. Vou acrescentar essa informação à minha lista de coisas sobre Knox Grayson.

— Está fazendo uma lista?

— Um dossiê bem grande. Toca piano, gosta de gatos, odeia beijar.

— Ei, isso não é verdade…

Camilla para na frente deles.

— Aquelas calouras idiotas… Quer me dar a gata?

Knox hesita.

— O que vai acontecer com ela?

— Ouvi algumas garotas dizendo que pegaram os gatinhos em uma caçamba de lixo perto de um beco no centro da cidade. Não pertencem a ninguém. Acho que ela vai ser adotada no abrigo. Ela é pequena e fofinha.

Ele pensa um pouco, levanta a gatinha e olha para a carinha preta e cinza.

— Vou levar para o Dane, e o nome dela vai ser Astley.

— Acho que isso significa que ele vai ficar com a gata — murmuro para Camilla.

Ela assente, aparentemente satisfeita.

— Acho que vai ter que procurar um veterinário. Ela vai precisar de remédios.

Knox diz que vai cuidar disso, e depois que o restante dos gatos é recolhido e o corredor é limpo, ele me acompanha de volta ao quarto. A sra. Henderson não está mais por ali, deve ter ido verificar os outros andares, e não o vê entrar.

— Eu precisava da noite da pegadinha — murmuro quando ele senta na única cadeira de madeira com Astley no colo, afagando o pelo macio.

O grande jogador de futebol está segurando uma gatinha, e meus dedos clamam por uma foto.

— Tenho refrigerante. Quer uma Coca ou alguma outra coisa?

Ele nota os livros e o laptop em cima da cama. O rosto reflete o conflito interno.

— É tarde. A gente tem aula amanhã.

Paro com a Mountain Dew que acabei de tirar da geladeira.

— Ah. É perigoso tomar um refrigerante durante a semana. Anotado.

Ele dá de ombros.

Tusso para limpar a garganta.

— Tenho umas latas de atum. Vamos alimentar seu novo bebê.

Ele revira os olhos.

— Tem água também. Ela pode estar com sede.

Sufoco o riso, pego a lata de atum, abro e ponho no chão perto da porta do banheiro. Antes que eu tenha tempo para pegar um pouco de água em uma caneca, ela já está com a cara na lata, comendo delicadamente.

— Ela é meio enjoadinha — digo, vendo como ela inclina o corpo e balança a cauda.

— Ela é perfeita.

— Acha que Dane vai gostar dela?

Ele olha para mim.

— Vai. E vai ser bom para ele.

Sento na cama, empurro os livros e o laptop e ajeito os travesseiros para poder me recostar neles.

Não falamos, e ele parece tenso, dividindo a atenção entre Astley e o celular.

Está agitado, como um tigre enjaulado tentando fugir.

É incômodo. Não, espera… é estranho *e* incômodo.

— Por que está sorrindo? — ele pergunta, contrariado, e me assusta.

— Você parece muito incomodado, e isso me deixa feliz.

— Gosta de me ver incomodado?

— Adoro! Amo quando não sabe o que dizer ou fazer.

— Como agora?

— Além do mais, você veio para ajudar com a noite da pegadinha, e agora tem um novo bichinho de estimação. Fort Knox está desabando e amolecendo pouco a pouco.

Ele sorri.

— Então normalmente não sou assim?

— Tipo divertido e adorável?

Ele pisca, abre a boca e ameaça dizer alguma coisa, mas desiste.

— Fala — insisto. — Como um cara me disse no primeiro dia de aula, “põe para fora”.

Ele respira fundo, levanta da cadeira e se aproxima da cama, fazendo meu coração perder o compasso.

— Verdade ou desafio, Tulipa, e não pode pedir desafio.

Ah.

A tensão aumenta, e a excitação percorre meus nervos.

Mordo o lábio sentindo a antecipação.

— Hora da retaliação, imagino?

— Pode apostar.

Merda. Não consigo antecipar o que ele vai fazer, o que não é incomum, mas percebo os olhos baixos, pesados.

— Tudo bem, vamos lá. Verdade.

— Estava apaixonada pelo Chance no ano passado?

— Eu achava que sim. Mas não estava.

Ele olha para mim como se tentasse decidir se estou dizendo a verdade.

— Hummm.

— Minha vez.

— Não. Você teve três vezes no auditório, lembra? Verdade ou desafio?

Levanto e paro na frente dele, nervosa com o pulsar do meu coração nos ouvidos.

— O que quer que eu escolha?

— Você que sabe. — O peito dele arfa, os olhos encontram minha boca.

— Verdade de novo.

— No ano passado, você me queria tanto quanto eu te queria? — As palavras soam roucas.

Eu me arrepio.

— Sim.

— Porra… — Um longo suspiro escapa de seu peito, e ele passa as mãos no rosto.

— Não vai amarelar agora, Frio e Mau. Faz a próxima pergunta logo, para eu poder ter minha vez.

Ele parece não ter certeza de que é uma boa ideia continuarmos com esse jogo, mas inspira e diz:

— Verdade ou desafio, Tulipa?

— Desafio. — Desafio, desafio, desafio, *baby*. Não sei o que vai acontecer, mas…

A eletricidade no ar parece estalar, os pelos do meu braço se arrepiam quando ele respira fundo, o rosto franco, tão aberto e cheio de calor, e não sei o que estou fazendo aqui, mas estou, no momento, e ele está muito perto e…

— Me beija — ele murmura.

Dou os dois passos necessários para colar meu peito ao dele. Deslizo as mãos para cima lentamente, estremeço ao sentir seu corpo, a textura sedosa da camiseta de treino, o jeito como os músculos se contraem sob meus dedos quando acaricio o pescoço, o rosto. Acompanho o desenho das sobrancelhas, fascinada com a beleza de seus traços. E ele me quer. Consigo ter essa certeza ao ver como está imóvel, tenso, como se não quisesse me assustar.

Minhas mãos tocam o cabelo em torno do pescoço. Ele envolve minha cintura com as mãos e me puxa para mais perto, até sermos um só. Escorrego a língua por entre seus lábios, e ele geme, e acho que nunca vou me cansar da realidade de Knox me beijar quando não beija mais ninguém. Gemendo, mordo seu lábio inferior de leve e puxo, e as mãos dele me apertam, a língua se projeta e acaricia a minha. Ele murmura meu nome e aprofunda o beijo, os lábios firmes e persistentes, as mãos agora apertando minha bunda. Um tornado se forma dentro de mim, o desejo rasgando e abrindo caminho.

Todo beijo dele vai ser sempre assim?

Quando nos afastamos, passo a mão no rosto dele e olho em seus olhos.

— Você beija como se fosse a última vez.

Ele baixa as pálpebras e lambe meu dedo, levando-o para dentro da boca e me deixando sem ar, provocando uma sensação que espalha ondas de calor na parte inferior do meu corpo.

Aguenta aí, corpo, ainda tem um jogo pela frente.

— Verdade ou desafio, Knox?

— Qual você quer? — ele pergunta com os olhos brilhantes.

— Verdade.

— Pergunta.

— Como conseguiu essa cicatriz?

Só preciso ouvir, quero que ele se abra comigo como sei que não se abriu com mais ninguém, exceto Dane.

Ele hesita.

— Ai, Ava…

Seguro seu rosto.

— Cicatrizes são como medalhas de honra, e os corações mais fortes são os que mais as têm. Gosto das suas cicatrizes. Divide elas comigo.

Ele respira fundo, e as palavras me rasgam.

— Minha mãe cortou meu rosto.

Faço um esforço para o choque não transparecer em minha expressão. Não esperava ouvir isso. Cheguei a cogitar que ele mesmo havia se machucado, mas Knox negou essa hipótese no dia em que me ajudou a trocar o pneu. Confusa, reoriento meus pensamentos.

— Por quê?

Ele se aproxima da minha cama e senta, e eu o sigo, sento e cruzo as pernas. Vejo a garganta dele se mover, a emoção dominar seu rosto.

— Ela teve um daqueles episódios de ausência, eles se tornaram mais frequentes depois do ataque. Um dia, acordei, e ela estava em cima de mim com uma faca. Ela atacou… não sabia quem eu era. — As palavras seguintes se atropelam. — Depois disse que eu era feio, mas não sabia o que estava dizendo, então, por favor, não pense mal dela. Eu não penso. Vou amá-la para sempre… Ela era minha mãe.

Mordo a boca ao registrar a dor na voz dele.

— Ela se matou um mês depois.

Sinto as lágrimas nos olhos quando as imagens se formam em minha cabeça, e eu as expulso, pego uma de suas mãos fechadas e a levo aos lábios. Beijo cada dedo, abrindo-os até não estarem mais contraídos.

— Eu sei que não sou feio, mas às vezes isso mexe um pouco com minha cabeça, e eu… eu só… sei lá… não consigo parar de pensar nisso. Tipo… se minha própria mãe me machucou, qual é o problema comigo? Então lembro que ela tinha problemas sérios, mas, merda, a cicatriz me incomoda. Eu a vejo todos os dias no espelho, e ela é um lembrete de que talvez eu não a tenha ajudado o suficiente, de que devia ter percebido como ela estava mal naquele dia, quando saímos para ir para a escola e ela… ela acabou com tudo. — Knox inspira profundamente. — Isso… me fez afastar as pessoas. Não queria que ninguém soubesse o que aconteceu, e não queria beijar outra garota nunca mais.

— Sinto muito, Knox. — Meu Deus, o que mais posso dizer? Ele passou por muito mais do que eu jamais imaginei.

Ele assente, suspira.

— Dane tem transtornos mentais semelhantes, eu acho.

Fico tensa.

— Que foi? — ele pergunta.

— No dia em que me atacaram na saída do ginásio, ele estava cheirando coca. — Conto como vi o pó no nariz dele. — Eu meio que prometi que não contaria a você, não prometi com a voz, com palavras, mas com os olhos, e agora sou a dedo-duro de novo, e nem estávamos falando sobre…

Ele afaga minha mão.

— Obrigado por me contar. Agora, será que dá para continuar com o jogo? Porque essa conversa mergulhou na depressão, sério.

Olho para ele na cama.

— Ok. Verdade ou desafio?

— Você está muito séria.

Cutuco seu braço de leve.

— Estou! É o único jeito de fazer você conversar comigo.

— Ah, Tulipa, eu sempre quero conversar com você… Verdade.

— Você é o AS?

Ele levanta uma sobrancelha.

— AS?

Olho para ele.

— Não faz o inocente. Você escreveu aquela carta e tem mandado aqueles poemas por mensagem de texto, e se não foi você, bom, aí estou metida em uma bela de uma encrenca, porque acho que o AS é legal e posso querer beijar o cara…

— Sim.

Uma onda de calor me invade.

— Está sorrindo — ele murmura.

— Hum, eu já imaginava, tinha muitas dicas ali… como aparecer para me ajudar com o carro, a menção ao seu irmão… — Paro e penso naquela carta. — De quem é o celular que você usa?

— É um pré-pago descartável que peguei do Dane há algum tempo. — Ele faz uma careta. — Sério, fiz um esforço enorme para não bancar o stalker.

— Você tem alguma coisa a ver com a bolsa de estudos do Tyler?

— Essa foi por sua conta, Tulipa. Garota cruel. Aposto que fez o Trask molhar a calça quando entrou aqui e ditou as regras.

Fico vermelha e chego mais perto dele, até nossas pernas se tocarem.

— Verdade ou desafio?

Seu peito infla e ele passa a mão no cabelo.

— Merda. Verdade?

— Por que veio aqui hoje?

Ele deixa escapar um grunhido frustrado, másculo. Olhos intensos me analisam.

— Quero você, quero tanto que não consigo pensar direito.

Ai, meu Deus. É isso. Alguém dá uma estrela dourada ao homem.

— Porque está se metendo com a ralé?

— Não!

— Porque pretende me usar em algum plano maldoso?

— Não!

— Porque tem pena de mim?

— Não!

— Porque simplesmente não consegue se segurar?

— Sim!

Ele me faz encará-lo, e eu o absorvo, a cicatriz que divide a face, os olhos que queimam… por mim.

Brinco com a gola em “v” da camiseta, imaginando como ele fica sem ela.

— O que me faz tão especial?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Ainda precisa de uma resposta para isso? Não vê como é incrível? Como é gostosa, doce e forte? E o que aconteceu com você na festa… Não consigo parar de pensar nisso, sabe? Para mim, ainda não acabou. Eu vou encontrar esse cara, e quando isso acontecer, ele vai se arrepender de ter nascido.

— Shhh. — Não vou deixar o que aconteceu naquela noite arruinar esse momento. — Mais uma vez. Verdade ou desafio?

— Acho que não é mais sua vez.

— Finge que é. E é bom escolher desafio.

— Mandona. Desafio.

Meu coração palpita, e minhas mãos estão úmidas. Sei o que quero pedir.

— Tira a camiseta. E a calça também, e a cueca.

Ele engole em seco.

— Ava, espera aí…

Lá vai ele de novo, se retraindo e querendo me proteger. Mas ele não percebe o que eu sinto? Vejo aquela expressão estranha em seu rosto.

— Você era assim com o Chance?

— O que quer dizer com “assim”? — Afasto o cabelo de seu rosto, e ele segura minha mão e beija a palma.

Gosto daquele brilho feroz nos olhos dele. Ciúme.

— Atirada. Bocuda. Sexy para cacete. — A mão segura minha bochecha, e ele se inclina, quase tocando meus lábios com os dele. Muda de direção, e o nariz acaricia meu pescoço. Ele morde a pele de leve, depois chupa com força, e eu arquejo.

— Chance não conhece esse meu lado — respondo, ofegante. — Só você.

Ele puxa meu cabelo.

— Graças a Deus. Ele nunca teria conseguido lidar com você, Tulipa.

— Ainda não cumpriu o desafio.

Os olhos permanecem nos meus por mais um momento, e depois ele murmura:

— Tecnicamente, era minha vez. Verdade ou desafio?

— Desafio — sussurro.

— Você tira minha roupa. — Ele engole com dificuldade e se levanta da cama, o peito se movendo rapidamente.

Levanto e começo a erguer sua camiseta, deixando as mãos deslizarem pelo peito, depois jogando a camiseta no chão. Ele tira os tênis e as meias com os pés e chuta para longe, enquanto eu trabalho na calça apertada. Sobra apenas a cueca preta e justa.

Meu coração se contrai. Ele é bonito, musculoso, com ombros largos e pele bronzeada, pernas grossas e poderosas.

Ele morde o lábio.

— Tulipa, por favor… por favor… Estou maluco para…

— O quê?

— Para te devorar como imaginei um milhão de vezes.

— Vem, por favor.

Ele avança como o tigre que é, os braços me envolvem e me puxam para um beijo quente, sem negar nada, a língua dançando com a minha, sugando e mordendo. É selvagem com a boca, e as mãos apertam meus ombros como se ele se amparasse em mim.

— Tira… isso — resmungo, e minha blusa é removida por nós dois juntos. Seus dedos abrem o fecho do meu sutiã, e ele geme quando minha pele nua toca a dele.

— Tulipa… tão doce — cochicha, e captura um mamilo com a boca, e eu seguro sua cabeça, sentindo o corpo queimar. Minhas pernas se contraem com a necessidade. Os dentes dele apertam um mamilo, depois o outro, e eu estremeço. Nunca foi assim, nunca tão intenso, nunca tão quente, nunca meu corpo ardeu como arde agora.

Ele afasta minhas coxas e geme quando vê o short justo e curto. Os dedos param.

— Tem certeza, Tulipa? Tem certeza? Porque eu te quero, mas não quero te assustar, nem te fazer sentir que tem que ir até o fim. A gente pode se pegar sem transar. Pode ficar na sua cama vendo aquela bobagem de *Guerra nas Estrelas* enquanto eu brinco com seu cabelo.

— Eu tenho — falo depressa, ajudando-o a tirar a cueca. Quero algo bom. Quero não me preocupar com uma noite escura no bosque, quero a substituir por coisas bonitas. Com ele.

E sei que ele é um Shark, e eu não, mas ele é bom, e confio nele. Ele já me deu muitas provas de que é confiável.

Knox olha para mim, e as pupilas dilatadas pelo desejo passeiam por meu corpo.

— Tão linda…

Ele me pega nos braços, me faz rir.

— Qual é a graça? — pergunta.

— Você é muito… forte. Gosto disso.

— Que bom. — Ele deita ao meu lado na cama, os lábios encontram os meus. Ocupamos todo o colchão, mas eu nem noto. Derreto junto dele, me deliciando com a necessidade e o desejo que ele mantém em rédea curta.

Arqueio as costas quando ele beija meu corpo, toca meu rosto, deixa a boca

viajar de um mamilo ao outro, me provocando e me lambendo. Ele enfia a língua no meu umbigo, morde de leve o osso do quadril.

O centro do meu corpo se contrai, reviro os olhos ao sentir a fricção, o corpo poderoso roçando no meu, mais delicado.

— Tulipa, eu quero… — Ele cobre minha barriga de beijinhos, a língua traçando a linha da cintura enquanto as mãos brincam com minha calcinha.

Alguma coisa o faz parar, e eu levanto a cabeça. Ele está olhando para minha calcinha, o que me deixa constrangida. Não é nada especial, só algodão branco, uma peça padrão na moradia coletiva, com minhas iniciais no avesso.

— Que foi?

— Nada. É só… nervoso. Posso?

O grande e mau Shark está nervoso? Isso só me faz o desejar ainda mais.

Balanço a cabeça para dizer que sim, e ele puxa minha calcinha para baixo. Os dedos roçam minha intimidade molhada, e eu cubro o rosto com um travesseiro. No auditório, tínhamos mais pressa, mas agora é tudo mais lento, e ele está chegando lá…

— Não vai ficar acanhada agora, Tulipa. Você é corajosa. A menos… a menos que queira que eu pare.

Tiro o travesseiro de cima do rosto e o jogo no chão.

— Se parar, eu te mato com um sabre de luz. Tenho um no armário. Quer falar sobre o lado negro? Eu tenho um.

— Assisti a alguns deles por sua causa — ele murmura, enquanto os dedos dançam em meu corpo e tocam a parte mais sensível sem fazer pressão, um toque quase insuficiente, até um dedo me penetrar, me fazendo gemer.

— Hummm, que delícia. — Não consigo respirar.

— Está gostando?

Assinto, tento me mover para tocá-lo também, mas ele me impede, então espero e me entrego ao prazer, erguendo o quadril para encontrar seus dedos.

Respiro ofegante, e quando olho para ele, vejo que está me observando com atenção.

— Mais?

— Está me torturando. — Não sei por que ele ainda pergunta. Agora sou dele.

— Quer mais tortura?

— Sabre de luz, lembra? Não para.

Ele ri e me puxa para a beirada da cama, ajoelha no chão, se inclina e segura minhas pernas abertas. Em parte, me sinto vulnerável e nervosa. Nunca fiz isso, e estou fazendo com ele, e isso significa algo especial.

Ele abaixa a cabeça, e agarro a colcha da cama, amassando o tecido quando a língua úmida toca de leve meu centro, se demorando sobre aquele feixe de nervos. Knox geme.

— Tulipa, seu gosto é bom, é tipo, tipo destino… — O nariz passeia pela parte interna da minha coxa. — Quero te consumir, te devorar depressa, mas estou tentando ir devagar… — Outra longa e lenta lambida, e eu estremeço.

— Knox, isso, isso… — Meu peito arfa. — Ahhh… Não para!

Ele segura minha bunda, se acomoda melhor e me estimula, sem nunca exercer pressão suficiente, com toques leves e lentos, girando a língua, desenhando padrões complexos no meu clitóris, alimentando o fogo dentro de mim até me fazer queimar…

Meu corpo se contrai, a tensão aumenta.

Os dedos dele se dobram dentro de mim, esfregam e acariciam, e sinto seu hálito em minha pele, a língua me lambendo…

Uma luz explode atrás das minhas pálpebras fechadas. O universo se resume a ele, a mim e às sensações que percorrem minha pele em ondas.

— Knox! — Eu me contorço, projeto o corpo para ele sem nenhuma vergonha.

Quando ele se levanta e toca meu rosto, é como se eu não tivesse ossos.

— Gostoso? — Ele sorri.

— É… é… Quando a gente pode fazer de novo?

Ele inclina a cabeça para trás e ri, e a satisfação é evidente em seu rosto.

E nada importa. Vê-lo rir, dar alegria a ele… estar com ele é muito fácil, e rimos juntos, e eu só… ah… estou muito perto de…

— O que está fazendo comigo? — ele pergunta quando o beijo com paixão e sem pressa, chupando sua língua em um ritmo forte, imaginando que ele me penetra no mesmo ritmo.

Sem que as bocas se afastem, uso as mãos para abaixar sua cueca. Ele é grosso, duro e longo, e a cabeça pulsa molhada. Olho para ele, olho de verdade, e fico nervosa ao ver como é grande, embora meu corpo se contraia com a

antecipação. Fecho os dedos em torno dele e afago da base até a ponta, deixando o polegar deslizar pela pele sedosa.

Ele geme, se inclina sobre mim.

— Tulipa, por favor…

— Por favor o quê?

— Mais forte.

Aumento o ritmo, faço movimentos longos e firmes enquanto ele me beija.

Ele arfa, o peito estremece.

— Camisinha. Você…

Antes que ele termine de falar. Pulo da cama e corro até a cômoda. Abro uma gaveta, e lá estão elas. Estão ali há dois anos, mas que bom que estão ali, na gaveta de cima, embaixo das calcinhas. Pego uma, viro, e ele já está em pé atrás de mim. Com mãos trêmulas, pega a embalagem e a rasga com os dentes, sem desviar os olhos do meu rosto. Ele põe a camisinha e me pega no colo. Minhas pernas envolvem seu quadril. Voltamos para a cama, e ele está em cima de mim.

Lentamente, se posiciona e toca de leve minha entrada. Seu rosto está corado, e gotinhas de suor brotam na testa.

— Que delícia… — suspiro. — Não segura, Knox, por favor…

As mãos apertam minha cintura e ele me penetra, me invade, me preenche. Mas para e me segura, as mãos me apertam com força.

— Que foi?

— Eu… não transo com ninguém há algum tempo. — Ele grunhe.

Sorrio ao lembrar da nossa conversa no Lou’s. Ele estava me esperando.

— Vai gozar depressa demais? — provoco.

Ele ri, recua e me penetra de novo, gira o quadril, procura um novo ângulo e me faz arrepiar.

— Não. Vou te comer até você ver estrelas, Tulipa.

— Sempre quis ver o universo de perto.

Ele ri de novo.

E então ele assume o controle, levanta meu quadril, penetra com segurança, cada movimento preciso e firme. Minha umidade o reveste, nossos ruídos, os corpos se encontrando, a respiração pesada… Não consigo pensar em mais nada.

Inclinado sobre mim, ele levanta uma das minhas pernas sobre o ombro, ganha impulso e fala no meu ouvido com voz rouca, profunda:

— Quero saber tudo sobre você. Tudo que come, menos tomates. Caramba, eu odeio tomate. Com o que sonha, de que músicas gosta, o que te faz rir, o que te deixa feliz, como se sente quando eu te fodo. Quero você respirando por mim. Quero você implorando por mais. Quero você me beijando, só eu. Quero você, Tulipa, você, você, você, você…

Um dedo gira sobre meu clitóris acompanhando o ritmo dos movimentos, e me contorço embaixo dele. Ele faz tão bem, tão gostoso até eu quase não conseguir respirar, até me debater agarrando sua bunda, enterrando as unhas nela.

— Tulipa… — ele geme. — Estou quase… vem comigo.

Ele se move mais depressa, sinto o membro engrossar ainda mais e falo seu nome, ondulando embaixo dele. Knox segura meu rosto e explode comigo, e sua respiração é rápida e irregular quando me beija de olhos abertos. A emoção se apodera do meu coração enquanto o corpo pulsa em torno dele depois da explosão.

Quero você me beijando, só eu.

Caramba. As palavras dele.

Estou me envolvendo, dançando perto da beirada do precipício que é ele.

E sei que não resta em mim praticamente nenhuma confiança nos homens, mas nele…

Eu quero isso. Seja o que for.

CAPÍTULO 17

Knox

Encolhido e tenso, espero por ela no estacionamento. Beleza, qual é a etiqueta para encontrar uma garota depois de ter transado com ela? Quero dizer, sei o que acontece nessas situações com as garotas comuns, mas ela é… ela.

Seu jipe estaciona algumas vagas depois da minha, e corro até lá. Ela sai do carro, abaixa para pegar a mochila e vira de frente para mim.

Meu coração para. Para, porra.

Ontem à noite.

Bom.

É tudo em que consigo pensar, e estou ignorando aquelas vozes na minha cabeça, as que me dizem para andar com cuidado, ir devagar.

Eu só…

Quero a Ava.

Ignoro os avisos que me atormentam, me lembram de outros compromissos. Futebol. Dane.

Um dia de cada vez.

É o que tenho dito a mim mesmo desde que saí do quarto dela na noite passada.

Por ora, ela está aqui, eu estou aqui, e me recuso a viver mais um dia sem saciar essa necessidade que tenho de Ava.

Ela pendura a mochila no ombro. Seu olhar tem um brilho hesitante.

— Dormiu bem? — pergunto, meio agitado enquanto caminhamos para a entrada da Camden.

Um rubor lento tinge seu rosto. Ela abaixa a cabeça, e vejo a vulnerabilidade em sua expressão.

— Dormi. E você?

Minha cabeça volta à noite passada, quando a tive embaixo de mim, todas as coisas que disse a ela sobre minha mãe, a confissão de que sou o AS. Era quase meia-noite quando saí do dormitório, e me afastar dela naquela cama foi difícil.

Ela sorri, seus lábios se distendem cheios e rosados.

— Oi. Terra para Knox.

— Muito bem.

Dormi mal para caramba. Quando cheguei em casa carregando um filhote de gato, meu pai estava na cozinha, e perguntou onde eu estava. Antes de responder, acomodei Astley com uma fatia de alguma carne para sanduíche que peguei na geladeira e uma vasilha de água, e aproveitei esse tempo para pensar no que ia dizer. A verdade é melhor.

— Estava com a Ava. Estou com ela — contei finalmente. Nossa, era bom tirar isso do peito, finalmente contar para ele que a queria, que a queria perto de mim, que a queria tanto, que ninguém mais tinha importância.

Com os olhos cravados em meu rosto, ele interrompeu meus pensamentos.

— Knox, filho, essa menina é um problema para o seu irmão. Ele não consegue superar o que aconteceu com ela, e talvez haja um motivo…

— Você não vai decidir com quem eu saio — avisei e saí da cozinha, subindo a escada com passos firmes.

— Seu irmão ainda não chegou — ele falou, e eu parei.

Voltei à cozinha. Depois de mandar algumas mensagens, deduzi que ele estava na casa do Liam. Então fomos para a cama exaustos.

Finalmente peguei no sono, mas acordei por volta das três da manhã com o Dane deitando do outro lado da cama, os olhos vazios e fundos. Eu o vi deitar embaixo das cobertas e virar de frente para a parede, vi seus ombros tremendo.

Estava chorando?

Por que ele não dormiu na casa do Liam?

Não consegui dormir de novo, e às seis eu levantei e saí para correr, corri três quilômetros e voltei, tomei banho e deixei a Suzy preparar meu café, enquanto meu pai se arrumava para embarcar em um voo para Nova York. Fui fazendo tudo automaticamente, com a cabeça em Ava. Pensando se ela estava comendo alguma coisa. Se tinha os lábios inchados como os meus.

Volto ao presente quando ela me cutuca.

— Como é que vai ser? — Ava me pergunta quando chegamos à porta da frente.

Não preciso perguntar sobre o que ela está falando. Vejo a tensão em seu rosto quando abro a porta, e ela entra e ajeita a saia de um jeito nervoso. Seguro a mão dela. Ela não sabe bem o que somos, nem eu, mas estamos aqui.

Ela morde o lábio, olha em volta para os alunos no saguão.

— Eles vão entrar na linha. — Ou arranco as vísceras deles.

Não vejo os outros caras. Dane disse que pegaria carona com Liam, e eles vão chegar atrasados, considerando que Dane tinha acabado de acordar quando saí.

As pessoas olham para nós enquanto nos dirigimos ao armário dela. Brandon passa por nós. Sua boca está inchada e cortada onde acertei o soco. Ele hesita quando a vê ao meu lado, e sinto que ela fica tensa. Sorrio, mostro os dentes, sei lá.

Ele bufa, empalidece e se afasta.

Ava fica nervosa.

— Knox, não… não quero que seu time…

— Confia em mim. Continua andando para o seu armário.

Ela assente e, quando chegamos lá, abre o armário e pega os livros. Quando vira para mim, seguro seu rosto e o posiciono para um beijo longo e profundo. A mochila dela cai no chão, os braços envolvem meu pescoço. Jesus. Deus. Krishna. Tanto faz. Quero me afogar nela. Quero comê-la devagar, depois depressa…

— Descola um quarto, vizinha de armário. — É o Wyatt, e seu sotaque icônico faz a gente parar. Ele está sorrindo. — A noite da pegadinha deve ter acabado bem. — E olha para mim. — Se fizer ela sofrer, eu faço você se arrepender, Shark.

— O que está acontecendo? — Piper pergunta ao se aproximar de nós. Ela arregala os olhos ao ver minha mão em torno do quadril de Ava. — Hum, perdi alguma coisa? Caiu algum cometa ontem à noite que alterou o cérebro de todo mundo? Não? Talvez alguém tenha sofrido uma lobotomia? Também não? Hum… Então alguém me explica por que um Shark está olhando para Ava como se ela fosse um pedaço de torta?

— É só o Knox marcando território — Ava murmura, e olha para mim. — Segura a onda na aula, ok? Não quero ir parar na sala do sr. Trask para explicar uma demonstração pública de afeto.

Piper olha para Ava com uma cara confusa.

— A gente não o odeia?

— Parece que não — diz Wyatt, passando um braço sobre os ombros de Piper. — Eles estavam se pegando loucamente antes de você chegar. Dando um espetáculo daqueles.

— Não tinha ninguém se pegando aqui — diz Ava.

— Tinha, sim — retruco.

Ela revira os olhos.

— Vamos para a aula.

Chance aparece no corredor ao lado da Brooklyn, e eu paro. Melhor arrancar o curativo de uma vez.

— Vai para a aula. Tenho que resolver uma coisa.

Ela segue a direção do meu olhar, assente e se afasta com Piper. Posso imaginar o que Piper está perguntando?

Caminho na direção de Chance, que ainda não me viu.

— Oi — digo a ele, e começo a ficar nervoso. Como vou fazer isso? “Ah, então, no ano passado, quando você estava com a Ava, eu queria ficar com ela, e agora que fiquei, acho que nunca mais vou ficar longe dela”?

Olho para a Brooklyn.

— Pode nos dar um minuto?

— E aí? — Chance pergunta quando ela se afasta a caminho da sala de aula. — Pronto para o jogo de amanhã? Ansioso? Ouvi dizer que um olheiro da Auburn vai estar na arquibancada.

Eu também ouvi. Mas não tenho pensado nisso, e vou deixar para pensar no assunto quando for necessário.

Olho para ela.

— Estou com a Ava.

Ele faz uma pausa, depois solta um longo suspiro.

— Com ela?

— Ela é minha.

Chance passa a mão na cabeça, me encara, e vejo suas narinas dilatarem.

— Você é meu melhor amigo. Sabe que ainda gosto dela, e quando quer uma garota, só pega e segue em frente. É isso que está me dizendo? Quer comer minha ex? — Seu rosto fica tenso. — Ou já rolou?

Isso, eu não vou responder.

As mãos dele apertam os livros.

— Está com raiva? — Eu esperava que estivesse, mas não quero perdê-lo…

— Estou. — Ele range os dentes. — Como posso ter certeza de que não foi você que machucou a Ava na cervejada?

— E como eu posso ter certeza de que não foi você? — respondo sem rodeios. Em parte, sei que ele não é assim, e isso é o que tenho dito a mim mesmo há meses, mas…

Ele cerra os punhos.

— Porque eu amava a Ava, e fico furioso com você por pensar nisso!

Respiro, tento superar a raiva que sinto dele.

— Já teve sua oportunidade, Chance. Agora você tem a Brooklyn. A Ava é minha.

Ele balança a cabeça, e um brilho estranho ilumina seus olhos.

— Não é, não. Você pode achar que é, mas aquela garota não é de ninguém. Ela pertence só a ela mesma. É diferente de todo mundo aqui. Não pode ser dono dela como seu pai é dono da cidade.

— Você sabe como ela cresceu? Ava morou embaixo de uma ponte. A mãe dela era dependente química e a abandonou com um bebê recém-nascido. Tyler é como um filho para ela. Você a conhece? De verdade?

Ele estreita os olhos.

— Você a abandonou quando ela precisou de você. — Nunca disse isso a ele, mas cara, eu pensei.

Chance fecha os olhos, e parte do calor desaparece de sua voz.

— Cometi um erro, e penso nele todos os dias.

— Sobre o que as meninas estão fofocando? — É o Liam, e ele está se aproximando de nós. Mal falo com ele, exceto pelo futebol, e reajo, surpreso. — É sobre o Knox ter aparecido na noite da pegadinha? Todas aquelas calouras postaram fotos suas nas redes, cara. “Knox é uma delícia. Knox estava em Arlington. Knox segurando um gato.”

Chance bufa e não olha para mim.

Liam fica sério.

— Estão discutindo? As coisas não vão bem no ataque, Knox? — Ele ri. — Deixa eu ver se adivinho… Ava. Jesus. Estou cheio dela.

— Cala a boca, Liam. — Chance se irrita. — Fica fora disso.

Percebo que meu gêmeo não chegou com o Liam.

— Cadê o Dane?

Ele dá de ombros.

— Passei na sua casa, buzinei, mandei mensagem… nada. Acho que ele não vem. Ele estava chapado quando o deixei em casa ontem.

— É? Aonde vocês foram?

Liam sorri.

— Fiz uma festinha no celeiro, umas garotas da Hampton apareceram, uma delícia…

Jolena se aproxima e ele parar de falar, olha para nós de relance. “Sem comentários”, diz aquele olhar. Por mim, tanto faz.

— Quando foi buscar meu irmão hoje de manhã, viu se o carro do meu pai estava lá? O BMW branco? Ele costuma estacionar embaixo do arco na frente da porta. — Sei que ele vai para Nova York hoje, para uma reunião, mas ainda não tinha saído quando vim para a escola.

— Não.

— O Camry preto da Suzy?

Ele olha para mim com irritação.

— Não vi, mas não sou babá do seu irmão. Ele deve ter decidido faltar.

Minha garganta fica seca. Quando saí, Suzy estava cuidando da Astley e marcando uma consulta para ela com o veterinário. Será que já foi embora?

— Eu até desci do carro e bati na porta — Liam continua. — Ele ficou dormindo, talvez venha mais tarde.

Comprimo os lábios. Ele está sem carro! Sei que Suzy pode dar uma carona para ele mais tarde, mas…

Ignoro os dois e abro o Finders no meu celular, e, sim, Dane está em casa. Penso nos ombros dele tremendo quando se deitou na minha cama na noite passada.

Jolena dá um gritinho assustado quando olha para o celular. Ela empurra o aparelho na direção do meu rosto.

— Você foi à noite da pegadinha com a Ava?

Olho para a foto em que apareço segurando um gato. Ava está ao meu lado, sorrindo. Droga, ela é linda.

Liam se estica para ver a foto e olha para mim com os olhos brilhantes.

— Ah, não tinha visto essa. Comeu, finalmente? — Ele faz uma careta para o Chance. — Desculpa, cara. O que Knox quer, Knox tem, em algum momento.

Jolena balança a cabeça, e seu olhar é duro.

— O que está acontecendo? Como foi que não vi isso?

— Melhor se atualizar, Jo. Ele está com ela — Chance anuncia com uma expressão tensa. — Vou para a aula.

Ele se afasta, caminha para a sala de história do cinema, onde eu deveria estar.

— Vamos nessa — Liam diz para Jolena, jogando um braço sobre os ombros dela.

Penso por meio segundo, debatendo entre ir para a sala de aula e encontrar a Ava ou ir ver como está meu irmão.

Viro, corro para a porta e para o meu carro.

— Dane! — chamo ao entrar na cozinha, mas não tem ninguém ali.

Olho a saleta. A TV está ligada na ESPN, mas nada do Dane.

Corro para a porta da piscina e sinto o coração disparar. Já o encontrei ali antes, sentado em uma espreguiçadeira com uma expressão vazia no rosto protegido pelos óculos escuros. O lugar está silencioso, exceto pela fileira de quedas d'água ao longo da parede da piscina. Corro por ali, olho tudo, verifico o galpão, a cabana, a cozinha externa.

Entro correndo.

— Dane! — berro.

Nada.

Subo pela escada da cozinha pulando os degraus, três de cada vez, e corro para o meu quarto. Ele não está lá.

Vou ao quarto dele. A porta está fechada, e eu engulo em seco, fecho os olhos, a imagem de minha mãe de bruços na piscina pulsando em minha cabeça.

— Dane?

A cama está vazia, e o quarto dele é o caos. Tem roupas no chão, copos de fast-food em cima da mesinha de cabeceira, os frascos de remédio espalhados.

Escuto o ruído do chuveiro no banheiro da suíte e falo o nome dele antes de entrar. O banheiro de pé direito alto e paredes de lajotas de mármore é quase tão grande quanto o quarto. O vapor embaça os espelhos.

Meu coração fica apertado quando o vejo nu, encolhido no chão do boxe.

Ele segura os joelhos contra o peito embaixo da água. Abro a porta, e o alívio me deixa mole. Ofegante, abaixo na beirada do boxe, sem me importar com os respingos no meu rosto e nas roupas.

— Dane? Ei, cara, estou aqui — sussurro e desligo o chuveiro.

Ele não responde, só balança o corpo para frente e para trás.

O medo me invade quando olho em volta e vejo a embalagem de lâminas de barbear em cima da pia. A adrenalina pulsa em minhas veias e olho para ele de novo, mas não vejo cortes ou sangue.

— Dane? Vem, cara. Sou eu.

Ele geme, ainda de cabeça baixa.

Merda, merda, merda. Passo as mãos no rosto. Não consigo convencer meu irmão a fazer as coisas certas, e uma emoção sombria e pesada me envolve.

Não sei como resolver o problema dele.

Queria ser melhor nisso, mas sou só… um adolescente!

Nem sei nada.

Como ele não fala, eu falo, ignorando as lâminas de barbear, por enquanto.

— Você não foi à escola, fiquei preocupado.

Vários segundos passam.

— Vou pegar uma toalha para você. — Sinto as pernas fracas quando levanto e abro o armário para pegar uma branca.

Quando viro, ele está me observando com os olhos vazios.

“Dai-me força. Por favor, Deus. Não sei se você existe ou se está me ouvindo, mas ele é meu irmão e está perdido, e ele é tudo que eu tenho, e… e não sei as coisas certas para dizer, se o perder…”

Entro no boxe, sento ao lado dele e jogo a toalha sobre seus ombros. Não sei por quanto tempo ficamos ali, eu com os braços em torno de Dane, até ele finalmente começar a chorar. Soluços sentidos, profundos. Estou apavorado, mas não o solto.

— Estou aqui, estou aqui — falo baixinho.

— Quero morrer — ele fala com a voz entrecortada e abafada em meu peito. Os punhos batem nos meus braços, e eu aceito os golpes. — Não consigo mais viver essa vida de merda. Estou cansado de me sentir perdido e andar por aí fingindo que estou bem, quando não estou, sei que não estou, você também sabe, e não sou forte, não sou. Sou fraco e não consigo superar as coisas como você e

seguir em frente como se ela não tivesse morrido, deixado a gente, e, porra, sinto tanta falta dela…

A impotência me destrói. Lágrimas bloqueiam minha garganta até caírem, se misturarem às dele. Levanto o rosto e colo a testa à dele.

— Dane, por favor, irmão, por favor, você não pode me deixar aqui. Ela foi embora, foi, sim, mas eu estou aqui com você.

Ele olha para mim com o rosto contorcido.

— Talvez você fique melhor sem mim. Eu estou sempre te atrapalhando, e você vive preocupado… — Ele estremece, a voz entrecortada e marcada pela dor. — Você vai me odiar.

— Nunca.

Vários momentos passam enquanto ele chora, e mantenho os braços em torno de seu corpo molhado. Sinto a tensão nele, como se…

Afasto o cabelo de seu rosto.

— Vai, fala comigo. Conta o que aconteceu, por que ficou desse jeito.

Um longo suspiro, e ele apoia a cabeça na parede do boxe. Com uma voz inexpressiva, ele diz:

— Eu lembro… o que aconteceu com Ava.

A repulsa parece rastejar por minha pele.

— Está dizendo que foi você? Porque, de jeito nenhum…

— É como se fosse — ele diz com amargura. — Foi o Liam. E eu soube disso o tempo todo.

Não consigo respirar. Raiva e fúria se fundem dentro de mim, se retraem como uma mola, anseiam por sair. Liam. Liam. Liam. Vou enfiar a mão na cara dele. Vou socar até ele desmontar, e depois vou fazer tudo de novo…

Ele segura minha mão e a aperta até doer.

— Eu sei que você quer sair daqui correndo e matar o cara, mas precisa ouvir tudo. Tem que ouvir minha parte.

— Não vou te deixar — aviso com voz trêmula, os ombros caídos.

Ele respira como se engolisse o ar.

— Ontem à noite, Liam… fez uma festinha no celeiro, só alguns jogadores, e ele estava a fim de uma das garotas da Hampton High. Estávamos bebendo, e ele apontou para essa garota e disse: “Essa noite, eu ganho um troféu dela”.

— Como assim?

Ele fecha os olhos.

— Na hora, tive a impressão de já ter escutado isso antes, como se alguma coisa se soltasse em minha memória. — Ele passa as mãos no rosto. — Essa sensação ficou me incomodando. E, de repente, tudo voltou. Lembrei de estar na fogueira e ver o Liam entrando no bosque. Ele deixou o copo em cima de um toco de árvore e disse "hora do troféu" e foi atrás da Ava.

As palavras vão entrando em minha cabeça, e eu cerro os punhos. Cenários diferentes desfilam por meus pensamentos.

— A culpa também é minha. Eu estava lá. Eu estava *lá*. E passei dez meses sabendo disso.

— Mas só lembrou agora.

— Talvez tenha outras coisas de que não lembro. — Ele faz uma pausa, retorce as mãos. — Ontem à noite, ele queria cheirar, e eu não queria, e ele ficou perguntando o porquê, e quando falei que estava cansado, ele só me olhou de um jeito duro, como se soubesse que eu tinha lembrado de alguma coisa. Percebi que ele se arrependeu de falar aquela coisa do troféu. — Dane respira fundo. — Então, antes de me trazer para casa, ele perguntou se eu tinha lembrado que fui eu quem turbinou a bebida da Ava na cervejada, e eu disse que não, não tinha dado nenhuma bebida a ela, e ele riu, e fez aquela cara de deboche, e disse: "Eu vi você dando bebida para ela, mas não vou contar para ninguém". — Seu rosto está angustiado quando ele olha para mim. — Eu não faria isso, faria? Não depois do que aconteceu com a mamãe…

— Não, não faria — garanto, e ele fica olhando para mim.

— Eu sou seu irmão. É claro que você vai dizer que não, porque me ama, mas e se eu fiz?

— Não fez! — Meu instinto sabe disso! — Olha o que pensar nessa possibilidade faz com você! É claro que não fez isso!

Ele parece se encolher, e eu exalo, depois o levanto pelos braços e o ajudo a ficar em pé.

Faço o Dane sentar no vaso enquanto me inclino sobre a pia, abro a torneira e lavo o rosto. Depois de me enxugar, pego as lâminas e olho para ele.

— Dane, não pode desistir de mim, ok? Vou procurar ajuda, você vai parar com as drogas e… — Paro, engulo a saliva.

De que ele precisa? De mim e do nosso pai. Precisamos fechar o cerco e colocá-lo de volta no caminho certo.

Ele abaixa a cabeça.

— É isso que tem me corroído por dentro, e durante meses meu cérebro ficou dizendo que eu sabia de alguma coisa. Não quero fazer parte disso, machucar uma pessoa como a Ava. — Ele morde o lábio, tentando lutar contra as lágrimas, mas elas voltam, correm por seu rosto. — Sinto muito, meu Deus, eu sinto muito. Sei que gosta dela, e o que foi que eu fiz?

Eu o observo e luto com minhas emoções em relação a Ava, consciente de que tenho de ser forte por ele.

— Vem, você precisa se vestir. — Corro até o quarto dele, pego uma calça de moletom e uma camiseta, volto e ponho as roupas na mão dele. Por dentro, estou fervendo de raiva do Liam, mas de algum jeito consigo evitar que o sentimento transborde. Liam está no centro dos problemas de Dane há meses. Ah, não sou idiota, sei que meu irmão tem problemas, mas Liam, "aquele filho da mãe, vou acabar com ele…"

— Não posso ir à escola — Dane murmura.

— Eu sei. — Estou feliz por ele ter vestido a calça. Não quero pensar no garoto destruído no boxe do banheiro. — O que acha de um chá de hortelã? Podemos conversar. Você está chapado?

Não é isso que as pessoas velhas fazem, café e chá até ficar tudo bem?

Ele balança a cabeça, e quando olho dentro de seus olhos, ainda vejo aquele vazio, mas as pupilas não estão dilatadas.

Troco de roupa, visto calça de moletom e uma camiseta, e nós descemos e vamos para a cozinha, e eu ponho água para ferver na chaleira. Lamento que meu pai não esteja aqui. Ele está em um avião que não vai pousar antes do meio-dia. Vamos precisar da ajuda dele. Nada pode dar errado se queremos manter o Dane a salvo dele mesmo e garantir que Liam tenha o que merece.

Mando uma mensagem para meu pai, sem contar o que está realmente acontecendo, mas avisando que temos uma emergência e pedindo para ele me ligar assim que puder. *Não precisa deixar pistas*, passa pela minha cabeça, porque sou paranoico. Não há provas de que foi o Liam, e se o acusarmos agora, é bem provável que ele acuse o Dane de ter drogado Ava. Ele pode até dizer que foi o Dane que a seguiu até o bosque. Todo tipo de diferentes possibilidades passa pela minha cabeça enquanto preparo o chá.

Dane senta na ilha de mármore e bebe o chá até recuperar um pouco da cor do rosto. Ele olha para mim.

— O que está pensando? Vou ter que falar com a Ava…

Levanto a mão. A última coisa de que Dane precisa é ficar perto da Ava. Ele está no limite, e a culpa que sente é uma coisa palpável, tangível.

— Liam está na escola, e nós não estamos. É isso que estou pensando. — Bebo um gole de chá, olhando para ele por cima da borda da xícara. — Precisamos de provas. — Ou talvez eu só tenha de ver por mim mesmo, confirmar tudo que Dane disse, porque embora acredite que ele não fez nenhum mal a Ava, a cabeça dele não está funcionando direito, e preciso ver por mim mesmo o que Liam fez com ela. Minhas mãos se contraem.

Ele assente, olhando para os meus punhos.

— Se você bater nele, vai ser preso. Eles são importantes na cidade, Knox. O pai dele é o prefeito. Temos que esperar o papai antes de procurarmos a polícia.

A frustração me corrói.

— Mas se ele fala de troféus, quero vê-los.

Dane se sobressalta.

— Como? Nem eu sei onde ele guarda essas coisas.

— Onde você guarda suas drogas? A boa?

— No quarto. Na parte mais alta do closet, dentro de uma caixa, embaixo de uma pilha de suéteres.

Assinto, dizendo a mim mesmo que não posso esquecer de ir buscar essa porcaria mais tarde e jogar tudo fora.

— Então, vamos entrar no quarto dele. É lá que estão os segredos. Os pais dele estão trabalhando. Ele tem uma empregada e um chef de cozinha, não é?

Dane confirma balançando a cabeça com ar nervoso.

— O que está pensando?

Não estou pensando. Estou funcionando por instinto.

— Vamos bater na porta, dizer que você esqueceu o celular no quarto do Liam, o que faz todo o sentido, porque você esteve lá ontem à noite, e vai parecer verdadeiro, porque ele tentou mandar uma mensagem para você hoje de manhã e não teve resposta. — Faço uma pausa. — Além do mais, se encontrarmos seus… sei lá, o que quer que ele guarde, e estou pensando que podem ser calcinhas… — Outra pausa. — Preciso ver isso, Dane.

Dane olha para mim por um longo instante.

— Está apaixonado por ela.

Demoro para responder.

— Tentei ficar longe dela. — Por você.

Ele suspira e olha para o chá.

— Só… não deixa o papai me mandar para Lakeside, ok? Mamãe odiava aquele lugar.

Lakeside é uma clínica particular onde minha mãe passou vários períodos.

— Talvez você tenha que ficar por uma semana, mais ou menos…

— Não! Não quero ficar longe de você! Eu volto para a terapia, pronto. Vou hoje mesmo, se você for comigo. Preciso de você, Knox.

Exalo e balanço a cabeça para concordar com ele, consciente de que vou ter de convencer meu pai disso, e depois preparo um café rápido para nós, ovos mexidos e torrada, e continuamos conversando, para ver se ele se acalma. Eu o observo com atenção, me sentindo um pouco melhor ao ver que a cor em seu rosto se intensifica, depois que ele come tudo que havia em seu prato.

Depois que telefono para Suzy e aviso que estamos em casa, para ela não se surpreender se nos vir, olho para ele. Não quero pressionar demais, mas…

— Quer mesmo entrar no quarto do Liam? — Dane pergunta.

— Quero. Se você não quiser ir, eu cuido disso.

Ele suspira.

— Eu quero ir. Talvez isso me ajude a lembrar de alguma coisa, se fiz alguma coisa com ela, tipo… e se fomos… nós dois?

— Não foi — respondo com firmeza enquanto pego minha chave.

Uma hora mais tarde, a missão foi cumprida, e saímos da casa de Liam e entramos no carro. Dirijo até o fim da alameda da garagem deles, e tenho de parar para o Dane vomitar. Tudo aconteceu como eu pensei que seria, eu sorrindo para a empregada, enquanto Dane assentia e me acompanhava, depois fomos ao quarto de Liam no segundo andar. Fechamos e trancamos a porta, e dividimos o quarto. Ele ficou com o closet, e eu me dediquei à cômoda. Estava quase desistindo, quando levantei o colchão. Lá, em uma bolsa da Adidas, encontrei calcinhas e tangas, algumas simples, outras cheias de detalhes. Uma branca se destacava. Tinha ATH escrito na parte interna do elástico da cintura. Ava Tulip Harris. Ela pôs suas iniciais na calcinha, como fez com aquela que usava na noite passada.

Ficamos ali pensando no que fazer com elas. Se Liam desconfiasse de alguma coisa, poderia esconder as peças em outro lugar. Se as levássemos, estaríamos mexendo em evidências e interferindo na investigação. No fim, usei o celular pré-pago do Dane para tirar fotos delas, tomando o cuidado de incluir o quarto de Liam na foto. Não sei nem se faz sentido tirar fotos, mas tenho receio de que ele se livre das calcinhas.

E agora estamos aqui.

Dane limpa a boca. Afivela novamente o cinto de segurança.

— Acha… acha que eu também vou ser processado? Eu mereço, por não lembrar.

Seguro o volante com mais força quando saio dali. Não sei se ele vai ser tratado como cúmplice, mas, de qualquer maneira, isso vai ficar muito complicado.

— No fim, a história provavelmente vai se resumir à palavra dele contra a sua sobre o bosque e o que você viu. Você estava chapado, mas aquelas calcinhas são incriminadoras. — Penso um pouco, e decido que não sei o suficiente. — Ele vai dizer que foi você. Já deu a dica quando disse que você a drogou.

Dane assente olhando pela janela.

Ouço o ruído de uma notificação e olho meu celular. É uma mensagem do meu pai dizendo que vai pegar o próximo voo de volta e que chega em casa em algumas horas. Conto para o Dane.

Ele apoia a cabeça no encosto.

— Valeu por ter voltado para casa. Não sei o que teria feito sem você — diz, ainda olhando pela janela.

Dane adormece antes de chegarmos em casa.

CAPÍTULO 18

Ava

— Lá vem a Darth Vader e o Tyler. Eles estão saindo do freiramóvel — Lou avisa quando passo com uma bandeja com dois hambúrgueres e fritas. Rápida, deixo a comida na mesa do casal e passo por outra mesa no caminho de volta.

— É uma van. Uma van comum — digo ao Lou.

Ele faz uma careta.

— Deviam pintar um hábito no capô. Ou uma nave interestelar.

— Você é esquisito — falo, vendo a Irmã Margaret e Tyler entrarem na lanchonete.

Ele abre os braços.

— Sou um católico não praticante. Ela é uma freira. Sinto que ela sabe que não vou à missa. Elas não têm Deus na discagem rápida? Provavelmente, ela também sabe que sou divorciado — ele resmunga.

Mordo o lábio.

Rosemary, a cozinheira, fala da cozinha:

— Você também bebe e fala palavrão como um marinheiro e usa o nome do Senhor em vão.

— Fica quieta! Ela está entrando! — Lou grita de volta. Ele está atrás do caixa, de olho na porta. E estala os dedos. — Ah, quase esqueci… uma mulher trouxe isto aqui hoje, quando abri a loja. Acho que é uma gorjeta. — Ele me entrega uma nota. — Ela me pediu para não deixar de entregar a você.

Guardo no bolso do avental para ver mais tarde.

Penso em Knox. Ele mandou uma mensagem mais cedo se desculpando por ter ido embora do colégio, mas Dane não estava bem, e ele me mandaria outra mensagem à noite, depois que eu saísse do trabalho.

Tyler entra, corre para mim, e eu o abraço forte.

— Como foi a escola? Aprendeu alguma coisa legal?

Ele sorri.

— Eles me mostraram jeitos novos de lembrar coisas, tipo, eu sei todas as letras. É só falar uma, e eu conheço.

— T.

— É, essa é uma. Fala outra.

— Y.

— Sim!

— L.

— Conheço!

— E.

— Sim!

— R!

Ele fica sério.

— Saco. Você soletrou meu nome?

— Não fala saco, e sim, soletrei! — Afago o cabelo dele. — Sabe a ordem de todas as letras?

Ele ajeita os óculos.

— É uma música. Você cantava.

Ele puxa a camiseta.

— A, B, C, D… — Tyler vai até o T antes de ficar um pouco confuso, mas consegue continuar e termina no Z.

Eu o levanto do chão, e ele grita. Lou e dois clientes aplaudem.

Irmã Margaret sorri.

— Hoje à tarde, ele divertiu toda a ala dos meninos.

Sinto uma luz brilhar dentro de mim.

No meu intervalo para jantar, faço um pedido para nós, e vamos sentar a uma mesa do fundo do salão. Acabei de pôr a primeira batata frita na boca, quando Wyatt e Piper entram na lanchonete. Mandei mensagens para eles mais cedo perguntando se tinham planos para o jantar.

Piper se aproxima saltitando e abraça Tyler.

— Dá um abraço, meninão!

Eles pedem comida no balcão e sentam conosco. Irmã Margaret murmura que tem e-mails para responder no celular e se afasta, indo para a frente da loja. Lou arregala os olhos quando ela se aproxima, depois corre para o fundo.

— Por que está sorrindo tanto? — Wyatt pergunta com tom seco, flexionando os músculos de novo para Tyler poder ver os beija-flores do bíceps se movendo.

— Hoje ninguém me xingou, estou com o Tyler, e Lou tem pavor de freiras. Foi um ótimo dia.

— E o Knox? — Piper quer saber. — É sério?

Não faço ideia.

— É uma daquelas coisas que a gente vive um dia de cada vez.

— E é verdade que ele pagou pela sua moradia? Isso não é meio esquisito? Tipo, você se sente em dívida com ele? — Hoje, na aula de cinema, eu contei que Knox era o doador.

— Nada a ver com favores, se é que me entende, mas vou pagar essa dívida. Esse ano, economizei quase três mil em gorjetas — conto.

Piper olha em volta.

— Garota, vai ter que servir muita mesa para chegar aos dez mil.

É verdade, mas eu consigo. Só vai demorar um pouco.

— Ele escreveu aquela carta do admirador secreto, não sei se ele vai querer que você devolva o dinheiro — Wyatt comenta. — Ele é rico… Deixa o cara cuidar de você.

Deixar Knox cuidar de mim? Ah, não.

Piper fica séria.

— Não sei, não. Ele é O Shark, e foi cruel com você no ano passado. Lembra aquela vez que ele te assustou no vestiário depois do jogo?

Hum, lembro, mas talvez não tenha ficado tão assustada.

Ela continua:

— É que você não é muito experiente, e todo mundo diz que ele é o bad boy que só transa por… — Ela cobre a boca com a mão e olha para Tyler, que está cantarolando o alfabeto. — Droga — sussurra. — Criança, ok. Vou ficar quieta.

Wyatt dá risada e bebe um gole de Coca.

— E aí, Ava, é verdade que ele só faz desse jeito?

Um rubor lento cobre meu rosto quando penso na noite passada.

— Vou usar meu direito de ficar em silêncio.

Piper revira os olhos.

— Ah, chega de falar sobre o Shark. Tenho novidades! É incrível! É… — Ela para, bebe um gole de refrigerante e levanta o indicador pedindo um minuto.

— Que palhaçada é essa? — Tyler pergunta, e eu rio e dou uma cotovelada nele.

— Piper gosta de esticar as histórias para criar efeito. Faz um barulho de tambor para ela.

Tyler bate com as mãos na mesa, e Wyatt e eu o imitamos.

Piper solta o canudo. Comprime os lábios.

— Bem, vocês sabem como eu quero ir para Vandy, mas não temos dinheiro, e como a maioria das bolsas só cobre metade do valor, escrevi uma carta para o meu tio em Seattle. Ele estudou lá e se tornou médico. Nunca se casou e é podre de rico. Você o conheceu em um Natal, Ava.

Piper tinha toneladas de parentes, e conheci vários deles em eventos comemorativos.

Ela continua:

— Perguntei se ele poderia pensar em cobrir a diferença, se eu conseguisse uma bolsa, e ele disse… SIM!

Abro a boca. Imagens de Vandy dançam em minha cabeça, e a inveja me invade por meio segundo, antes de eu dominá-la. Piper merece o melhor.

— Uau — digo, calculando mentalmente quando custa um ano. A bolsa cobre aproximadamente 48 mil; moradia e alimentação, mais 18 mil; livros e material, 1.500; outras despesas aleatórias somam 2.500. Um ano na Vandy custa mais de cem mil. Ela tem um tio legal.

— Legal — Wyatt murmura.

— Para onde está pensando em ir? — Piper me pergunta.

— Faculdade comunitária, depois ainda não sei. Ainda não preenchi todas as inscrições. Mas Vandy… estou muito feliz por você. Parabéns, Piper. — Como uma batata. “Não fica triste, não fica.” Sorrio para ela.

— E você, Wyatt? — Piper está radiante.

Ele inclina a cabeça.

— Alguma coisa em Nashville, para poder ficar perto da minha mãe. Talvez Vandy. Ainda não pensei nisso. Queria jogar beisebol em algum lugar.

Meu coração fica apertado quando penso em Piper e Wyatt indo para escolas importantes sem mim.

Tyler se debruça na mesa para se aproximar de Wyatt.

— Doeu muito para fazer essas tatuagens?

— Doeu — ele responde, sério. — Não recomendo para um garoto de seis anos.

— Saco.

Wyatt ri.

— Ava me contou que você é artista.

— Eu desenho.

— Ah, é? Estou pensando em fazer outra, o dragão que é mascote da nossa escola. Consegue desenhar isso?

Wyatt olha diretamente para Tyler, e eu sorrio ao ver meu irmão endireitar as costas.

— Ele está te desafiando, Tyler — cochicho pelo canto da boca.

Tyler deixa o hambúrguer no prato, limpa as mãos na calça e olha para Wyatt. Tenho a impressão de me ver nos olhos dele. Determinação.

— Sei desenhar o melhor dragão que você já viu. Que cores você quer?

— Boa — murmuro. — Devia ver esse garoto… é incrível.

Wyatt sorri para Tyler.

— Vermelho e dourado. Você desenha, e eu vejo se gosto.

— Combinado! — Eles selam o negócio com um aperto de mão.

— Bolo de cenoura! — Lou anuncia ao se aproximar da nossa mesa com um prato. — Amanhã não vai servir mais, alguém precisa comer! — Ele para e olha para nós. — É piada. O bolo ainda vai servir por mais dois dias, pelo menos.

Tyler diz que não quer saber de cenoura nenhuma em seu bolo, e Wyatt come o pedaço dele. Dou risada quando vejo Lou embalar o restante e entregar a embalagem para a Irmã Margaret, para ela levar para as outras Darth Vaders, ou quem quiser comer.

Depois que todos vão embora, estou olhando as luzes dos carros se afastando quando Lou para ao meu lado.

— Você se deu bem, Ava. Ele está feliz. Você tem amigos, Vai ficar bem, ok?

— Sim. — Suspiro. Lou sabe de tudo, porque precisei de algumas semanas de folga depois da cervejada, e embora ele não seja o tipo de homem que abraça, deu tapinhas cuidadosos em minhas costas.

São dez horas quando chego ao dormitório, estaciono o carro e saio, aliviada com a iluminação forte da rua enquanto caminho apressada para a entrada do prédio.

— Ava — chama uma voz masculina à minha direita, e eu quase me jogo no meio dos arbustos.

— Knox! Cacete! Quase me matou de susto!

Ele estava encostado no carro, mas agora se aproxima de mim.

— Nem pensei nisso. Desculpa. Mandei uma mensagem avisando que estaria aqui, mas acho que você estava dirigindo.

Vestido com um jeans caído e camiseta justa, ele para bem perto de mim. O cabelo escuro emoldura seu rosto.

— Você está ótima — ele diz com voz rouca, analisando meu short desfiado e a camiseta da Lizzo.

Dou risada, sei que devo estar cheirando a gordura da lanchonete. Meu sorriso se apaga quando vejo sua expressão.

— Aconteceu alguma coisa?

Ele parece se controlar e sorri.

— Só senti saudade.

Sinto o rosto esquentar ao lembrar de nós dois na minha cama. Foi ontem à noite? Parece tão distante!

— Também senti sua falta. E o Dane?

Ele respira fundo.

— Péssimo. Quando cheguei em casa hoje de manhã, ele… ele estava pior do que jamais vi. Queria morrer, e eu… eu não sabia o que fazer.

— Sinto muito! Ele está bem agora? Posso fazer alguma coisa?

Ele desvia o olhar para o estacionamento.

— Não. Meu pai está em casa com ele… — Knox para de falar quando alguns calouros saem do prédio e o cumprimentam. Ele acena sem muito entusiasmo.

— Quer subir e conversar? A gente pode entrar escondido pela porta lateral…

Ele move os pés no concreto, evita olhar para mim.

— Não, preciso ir para casa. Meu pai, Dane e eu… ainda estamos resolvendo algumas coisas, conversando. Faz muito tempo que precisamos disso. Talvez… talvez tenha sido uma coisa boa, esse surto do Dane. Às vezes, a pessoa tem que

chegar no fundo do poço, antes de conseguir subir de novo. — Ele suspira e passa a mão no cabelo.

— É verdade. Talvez ele tenha desabado para se reconstruir.

Knox olha fixamente para um ponto acima do meu ombro, e, quando viro, não tem nada lá. Por que ele está evitando me encarar?

— Você se arrependeu de ontem à noite?

— Não, mas… — Ele respira fundo e põe as mãos nos bolsos do jeans. — Ava, eu quero muito isso que a gente tem, mas acho que estamos indo depressa demais.

Indo depressa demais?

Depois da noite passada?

Sinto o rosto quente.

— Está… me dispensando?

Ele fecha os olhos.

— Por favor, nem pensa nisso. Só preciso de um minuto para respirar. — Ele passa as mãos no rosto. — Dane precisa de mim, e tem muita coisa acontecendo.

Um minuto para respirar?

Ele está… tentando destruir meu coração?

As muralhas se erguem em torno dele, os tanques blindados apontam diretamente para mim.

E ele está me chamando de Ava.

Por favor, não, não faz isso, Knox. Não vou conseguir lidar com isso, não depois do que dividimos…

Estudo as linhas em seu rosto, a expressão de granito, e isso me faz lembrar de como ele se fechou depois da biblioteca.

— O que está escondendo de mim, Knox?

Acho que vejo o medo passar por seu rosto, antes de ele se controlar.

— Nada. Não sei se vou ao colégio amanhã. Dane tem terapia, e eu vou chegar mais tarde para poder ir com ele e meu pai. — Uma pausa. — Amanhã é nosso primeiro jogo, e quero que você vá, mas entendo se não quiser ir.

— Não vou.

— Não me culpa — ele pede com um suspiro.

— Espero que Dane fique bem. — Sei que estou dizendo todas as palavras certas, mas me sinto perdida, tentando adivinhar o que realmente está passando na cabeça dele.

Vários momentos passam sem que nenhum de nós fale.

Suspiro e digo:

— Preciso entrar…

— Não queria ir dormir sem te ver de novo.

Olho para ele com um meio sorriso.

— Já me viu. Estou cansada e ainda tenho que fazer lição de casa. Se precisar de mim, estou aqui, se decidir que quer conversar sobre Dane.

Viro para entrar, e ele segura minha mão.

— Ava…

Minha paciência acaba.

— Não me chama desse jeito, ok? Significa que você está me afastando, e odeio isso.

Ele solta o ar em um suspiro pesado.

— Tulipa… por favor. Foi um dia horrível.

Fecho os olhos.

O irmão precisa dele, Ava. Eles são próximos. Para com isso.

É que…

Respiro fundo.

— Você teve um dia difícil, mas vir aqui e me dizer que precisa de um minuto, depois de ontem à noite… isso dói. Se tem a ver com o Dane, eu entendo, mas se não está me contando tudo, talvez eu não saiba quem você é.

Ele me abraça.

— Você me conhece, Tulipa. É claro que sim.

Descanso a cabeça em seu peito, ouço seu coração bater enquanto ele afaga meu cabelo. Ele levanta meu rosto e me beija, um beijo suave.

— Não fica brava comigo, por favor — sussurra. — Me dá só esse tempo.

Balanço a cabeça concordando, lutando contra aquela sensação de incômodo que cresce dentro de mim. Ele não está me contando tudo, mas não faço as perguntas que estão na ponta da língua.

Vou correr o risco, dar uma chance a ele, porque esse é o cara que escreveu uma linda carta para mim, e isso é suficiente… por enquanto.

CAPÍTULO 19

Knox

Eu a vejo entrar no dormitório, espero até ter certeza de que está segura antes de soltar o ar preso no meu peito.

Merda.

Merda.

Porra.

Meu pai e nossos advogados, entre eles o pai do Chance, não querem que eu conte nada para ela até estarmos prontos. Eles foram à nossa casa hoje por volta das três da tarde, e depois de ouvirem a história do Dane, nos aconselharem a manter a rotina diária até Dane estar preparado para enfrentar os depoimentos, que serão inevitáveis. Logo, logo. E até lá, tenho de conviver com o Liam e fingir que não quero enfiar a mão na cara do filho da mãe. Vejo novamente seus troféus espalhados em cima da cama. Eles têm que continuar exatamente onde estão, por ora, e se tenho de ser cordial, vou ranger os dentes e dançar a música do momento, embora não concorde com tudo. Meu pai está preocupado com Dane, e embora eu também esteja, tenho uma sensação horrível por não ir correndo contar tudo para a Ava.

Não sei como ela vai reagir. E se ela culpar o Dane? E se isso estragar tudo que temos? Além do mais, não consigo parar de pensar que apressei as coisas com ela na noite passada, e não devia…

Meu celular vibra quando entro no carro. É uma mensagem.

Você a viu?

Meu pai.

Sim. Estou indo para casa.

Tudo bem?

Em outras palavras, “contou para ela?”.

Tudo bem. Vou passar no Chance antes de ir para casa. Vou contar para ele. O pai dele já sabe, e ele precisa saber o que está acontecendo.

Ok.

Quando ligo o carro, as palavras de Ava ecoam em minha cabeça. *Se não está me contando tudo, talvez eu não saiba quem você é…*

Minhas mãos agarram o volante, e sigo na direção da casa do Chance. O instinto grita para que eu faça o retorno, vá ao quarto dela e…

E o quê?

O quê?

Contar que Dane provavelmente será implicado por Liam, quando isso tudo vier à tona?

Não, não, não. Ele é meu irmão, e hoje eu poderia tê-lo perdido. Vou conseguir arrumar tudo isso antes que ela pense que o Dane pode ter participado da história. Vou garantir que Liam tenha o que merece, mesmo que isso signifique sacrificar… "Merda, que porra estou fazendo?"

Ela já não confia muito em mim.

Paro o carro junto ao meio-fio, percebo que estou ofegante, e nem tinha notado o esforço que fiz para me segurar hoje, com todo o estresse com o Dane, a visita ao quarto de Liam, chamar meu pai de volta para casa, levar meu irmão à primeira sessão de terapia hoje à tarde, ver meu pai chamar três advogados e reuni-los em casa.

Faço o retorno e volto.

Jogo a cabeça para trás, contra o encosto, e deixo escapar um urro enquanto sacudo o volante. Não posso. Não posso trair meu irmão. Porque, por mais que Dane esteja confuso, eu sei, eu sei, eu sei que ele não teve nada a ver com o que Liam fez, e ela vai entender isso.

Eu me recomponho e sigo em frente, e alguns minutos depois paro o carro na entrada da casa de Chance e desço.

Bato na porta, e é ele quem abre.

— Que cara horrível — diz. Depois seus ombros caem. — Olha só, sobre hoje, se você gosta dela de verdade, então…

— A gente precisa conversar.

Ele dá de ombros, faz uma cara resignada.

— Você e Ava, eu já ouvi…

— Dane sabe o que aconteceu naquela noite. Preciso de você. Preciso muito de você para toda essa merda que vai acontecer.

Chance se sobressalta, arregala os olhos e estuda meu rosto.

— Entra. Vamos conversar lá em cima.

CAPÍTULO 20

Ava

Depois que me despeço de Knox, entro no prédio, e o segurança, um senhor uniformizado, verifica minha identidade.

— Srta. Harris?

— Eu mesma. Meu quarto é o 312.

— Deixaram uma encomenda para você. — Ele vira e pega um vaso de flores em cima da mesa atrás dele.

Não consigo disfarçar a surpresa.

O guarda põe o vaso em cima do balcão. Rosas brancas e folhagens delicadas transbordam pelas laterais do recipiente. Não são só rosas comuns; são rosas abertas, exuberantes, cujas pétalas aveludadas imploram para serem tocadas.

Um sorrisinho distende meus lábios.

— Tem um cartão.

Olhando para as flores, pego o vaso e vou para o elevador. Quem pode ter mandado? Knox?

Eu poderia subir a escada, mas estou com dor nas pernas. Preciso de sapatos melhores para trabalhar. Um dia. Quando tiver dinheiro suficiente guardado, vou comprar algumas coisas para mim. Talvez umas luzinhas para o meu quarto.

Saio do elevador tocando na mensagem dobrada e caminho em direção à porta do quarto, mas estou curiosa demais para esperar até entrar, então abro o cartão.

Ava:

Eu não planejava mandar nada disso, mas quando vi as flores, achei que o lugar delas era em suas mãos. Nessa época, no ano passado, estávamos juntos. Você foi a melhor coisa que já tive, e ESTRAGUEI TUDO. Reconheço. Sou culpado por te magoar com minhas palavras, culpado por ter deixado você sozinha na

festa, quando devia ter cuidado de você. Lamento um milhão de vezes. Tudo bem se não quiser me perdoar nunca, só saiba que nunca vou te esquecer, a primeira garota que amei.

Chance

— Ah, que lindas!

É Camilla, que vem pelo corredor carregando a roupa da lavanderia, vestida com calça de pijama de Guerra nas Estrelas e uma camiseta da Camden.

Viu? Temos de ser amigas.

Tento sorrir.

— É, são bonitas. Hum, desculpa por ter acertado você com o balão de água ontem à noite. O alvo era o grupinho de calouras raivosas.

Ela sorri, acanhada.

— Não se preocupa com isso. Foi o Knox que mandou as flores?

Ai. Não.

— Chance.

— Ouvi falar sobre o grande pedido de desculpas na aula.

— As notícias voam.

— Ensino médio, a gente se alimenta de fofoca, e sua volta foi o que rolou de mais maluco desde que entrei no colégio. Vai desculpar o cara?

“Um coração que não perdoa é como veneno de rato para seu dono.” Uma das freiras me disse isso uma vez, e nunca mais esqueci, é uma frase que me vem à cabeça principalmente quando penso em minha mãe. Perdoar o Chance? Olho para as flores. Não penso que… o que eu penso? Definitivamente, não foi a voz do Chance que ouvi quando a pessoa me acertou, não, não foi…

Deixo escapar um suspiro. Tudo é muito confuso agora.

O que ela diz a seguir me pega de surpresa.

— Sempre acreditei em você.

Não preciso perguntar a que ela se refere.

Camilla fica séria.

— Eu andava com os Sharks no primeiro ano. Tinha acabado de chegar da Califórnia, e ninguém me avisou sobre quanto eles podem ser babacas.

Entro em alerta imediatamente.

— Namorou algum deles?

Ela olha para a roupa, brinca com a borda do cesto.

— Ah. Acho que dá para dizer que sim.

Sinto um arrepio ao perceber que ela baixa o tom.

— Quer falar sobre isso?

Ela se assusta.

— Meu Deus, não! Deixa para lá. — E faz uma pausa. — E a Astley?

Digo que ela está bem, até onde eu sei.

— Não foi o Knox, foi?

Ela abre a porta do quarto e olha para mim.

— Não foi nada. Nem penso mais neles. Boa noite. — E Camilla fecha a porta.

Ela “namorou” um Shark. Parece que Camilla precisa de um dossiê.

Mais tarde, tomo um banho, visto um short e uma blusinha leve e vou para a cama. As flores estão em cima da mesa, espalhando um perfume intenso e doce.

Olho para o meu avental no chão e, com um gemido, me levanto para ir pendurá-lo no cabide atrás da porta.

Então lembro da gorjeta que deixaram para mim, pego o envelope do bolso e abro. Não é uma gorjeta.

Ava,

Surpresa! Voltei a Nashville e quero muito te ver. Um dos caras embaixo da ponte disse que você trabalha nessa lanchonete. Vai me encontrar lá amanhã depois da escola. Por favor. Vou passar por lá todas as tardes até te ver.

Mamãe

Minhas mãos tremem, e caio deitada de costas na cama, atordoada. *Mas que porra é essa?*

Duas mensagens, ambas indesejadas, no mesmo dia. Droga. Rasgo o bilhete em pedacinhos e os jogo na lata do lixo.

Que droga ela quer?

Tyler?

De jeito nenhum. Ela abandonou a gente.

Não vou encontrá-la, não mesmo. Mando uma mensagem para o Lou e conto o que está acontecendo, e ele responde me dizendo para tirar uns dias de folga e dar uma sumida.

Meu celular vibra. É uma mensagem de texto.

> Não consigo respirar, menina bonita.
> Me dá um minuto.
> Para te alcançar.
> Me espera.

É o AS/Knox, e as palavras dele me fazem choramingar. Agarro o telefone, louca para responder, mas no fim o deixo de lado.

CAPÍTULO 21

Ava

— Residentes do Dormitório Arlington! É hora do futebol na Camden! O jogo de hoje à noite é contra nosso maior rival, a Morganville Academy! Vamos todos comparecer! Vai, Dragons! — A sra. Henderson anuncia pelo alto-falante na tarde de sexta-feira. Ouço quando ela respira fundo. — Compareçam ao estádio e torçam até as tetas caírem!

Solto uma gargalhada.

Piper cobre a boca com a mão.

— Ela falou isso mesmo?

— Falou — Wyatt murmura da mesa, onde está analisando o desenho que Tyler fez de um dragão que peguei hoje, quando o vi rapidamente

— Futebol é tudo por aqui — digo.

— Que bom que decidiu ir ao jogo, garota. Você é foda, vai mostrar para aqueles cuzões que não vai deixar de viver por causa deles — Piper comenta ao me ver vasculhando o closet. Ela está uma graça com os cabelos loiros-avermelhados presos em duas tranças e uma camiseta cinza com um enorme dragão da Camden no peito. Ela até colou um C vermelho adesivo na bochecha que briga com os óculos rosa-choque.

— É. — Em parte, estou apavorada, tentando antecipar como vou me sentir, mas quero ver Knox jogar, quero ver a cara dele.

Knox chegou atrasado hoje e estava me esperando ao lado do meu armário depois do almoço. Ele parecia atormentado, e pensando em sua última mensagem, amoleci ainda mais.

Na última aula, os jogadores e as líderes de torcida fizeram uma preleção no ginásio, e eu o vi rir e brincar com Chance e alguns outros jogadores. Ele me viu na arquibancada e jogou um beijo. Depois da aula, quando me acompanhou até o carro, mencionou o jogo, e eu disse que ia pensar. Então ele me beijou, e todos os pensamentos racionais desapareceram da minha cabeça.

Piper se aproxima de mim quando tiro do armário um jeans skinny e um cropped da Camden Prep. Com a outra mão, seguro um vestido de brim.

— Qual deles? — Balanço os dois cabides para ela. — Vestido e rasteirinha ou jeans e Converse?

Piper torce o nariz.

— Hummm…

— Usa o que você sempre veste — diz Wyatt. — Você fica bonita com qualquer coisa.

Sorrio.

— Primeiro, te amo. E segundo, tem razão. Não quero exagerar. É só um jogo. Jeans e cropped, pronto.

Mais tarde, sinto a empolgação no ar quando caminhamos para o estádio. Noto um homem alto e familiar na primeira fila da arquibancada, observando a torcida. Estamos a vários metros de distância quando nossos olhares se encontram. De calça social e camisa de botões, ele parece ter vindo direto do escritório. Ele tem um boné vermelho da Camden na cabeça, e o cabelo cor de mogno é mais longo do que dita o padrão para um empresário. Ele parece nervoso quando olha para mim.

Cutuco Piper com o cotovelo.

— Aquele não é o pai do Knox e do Dane? — Vi fotos dele no catálogo da escola, porque ele é membro do conselho.

Ela segue a direção do meu olhar.

— Ah, sim, é ele. Bonitão para um cara velho, não é?

— Humm.

— Atenção… Abelha-Rainha e vadias chegando em três… dois… um — Wyatt cochicha, e vejo um grupo de líderes de torcida vindo em nossa direção com o uniforme da equipe, maquiagem, rabo de cavalo e laços de cabelo combinando.

— A biblioteca fica do outro lado, Obra de Caridade — Jolena provoca quando me vê. — Ninguém quer você aqui.

Maravilha. Lá vamos nós.

Paro na frente dela e abro a mão sobre sua cabeça.

— Pensei que precisasse ter essa altura, no mínimo, para sentar em um desses jogadores de futebol, Jolena. Mas fica tranquila, não vou te denunciar.

Ela se assusta, dá um tapa na minha mão para afastá-la e segue em frente.

Wyatt ri.

— Aposto que a Abelha-Rainha vai usar essa com alguma outra garota na semana que vem.

— Não, ela é baixinha demais. Droga, não acredito que já quis ser uma delas.

Piper dá um tapinha nas minhas costas.

— Cola na gente, garota.

Chegamos perto do pai de Knox e, de perto, a semelhança não deixa dúvida. O mesmo queixo esculpido, o mesmo nariz reto, aqueles ombros largos.

Não penso que ele me reconhece, mas o homem para na minha frente, sorri e estende a mão.

— Ava Harris, não é? Sou o pai do Dane e do Knox.

Assinto e aperto a mão dele, engolindo o nervosismo.

— Sr. Grayson, é um prazer. Esses são meus amigos, Piper e Wyatt.

Ele aperta a mão deles também.

— Pode me chamar de Vance. — Ele olha para mim. — Deve ser difícil, para você, vir a um jogo. Que bom que veio. Quer sentar comigo?

Olho para Piper e Wyatt, mas eles se afastaram para falar com outros alunos. Vejo Jagger e Camilla no grupo. Caramba, estou sozinha com um pai.

— Estava pensando em sentar com meus amigos — respondo sem graça.

— Queria te conhecer um pouco, se não se importa. — Ele move os pés, está nervoso e evidentemente pouco à vontade.

Eu suspiro.

— É claro. Vou avisar meus amigos e volto.

Corro para avisar a Piper que encontro com eles mais tarde, depois volto para perto do sr. Grayson. Ele acena com a cabeça.

— Vamos procurar lugares vazios, então… O estádio está enchendo depressa. Morganville também tem uma torcida grande.

Subimos os degraus da arquibancada e conversamos sobre coisas mundanas, enquanto os jogadores entram no campo: o clima é quente, e as expectativas do time este ano são altas. Ele aponta um homem com um boné da Auburn alguns degraus acima de nós e me diz que é um olheiro.

— Este é o ano para o Knox ganhar um campeonato — ele diz com um sorriso orgulhoso.

Ouço tudo, sorrio e balanço a cabeça nos momentos certos. Ele está muito quieto e bem tenso, como Knox, e, caramba, por que ele quer falar comigo?

O primeiro quarto começa e segue devagar, sem pontos para nenhum lado. Fico feliz por ver Dane jogando, mas é Knox que prende minha atenção, o jeito confiante como ele anda em campo, como lida com a bola… até ele arremessar uma bola interceptada, um passe que Chance perde.

O pai dele geme quando Morganville recupera a bola para um touchdown.

Os Dragons pedem tempo.

Ele os vê correr para o banco para conversar com o treinador.

— Knox gosta muito de você — ele murmura.

“Leeegaaal. Vamos lá, então.”

Há uma longa pausa enquanto a banda toca uma canção algumas seções longe de nós.

— E quero que saiba que sinto muito pelo que aconteceu com você. Knox me disse que contou sobre minha esposa.

Oh.

Ele para como se eu pudesse falar alguma coisa, mas não falo.

Ele deixa o ar sair em um longo suspiro.

— Dane está enfrentando algumas coisas agora, dificuldades emocionais, e tenho certeza de que você já sabe que ele está usando drogas.

— Sim.

Ele olha para mim e sorri, tenso.

— Quando era bebê, você tinha que ver como ele imitava Knox, tentava acompanhá-lo, balançar na mesma altura, subir na mesma árvore. E quando ele caía, era Knox quem o pegava. Meus meninos são como a noite e o dia. — Ele olha para Dane. — Não tenho sido o melhor dos pais, em especial ultimamente, e foi preciso um caminhão de merda para me trazer de volta ao caminho certo, mas quero fazer o que é certo para eles. Quero que tenham tudo. — E suspira. — Isso é o que faz um bom pai, não é?

— Não sei.

Ele olha para mim.

— Não precisa ter pena de mim — aviso em voz baixa. — Um dia, vou ser incrível.

Alguma coisa se acende no rosto dele.

— Ah, então é isso. — Ele ri baixinho, mas não é uma risada alegre. — Você tem um fogo dentro de você, Ava. Ele me contou sobre sua infância, sua mãe,

seu irmão. — Os olhos cinzentos muito parecidos com os de Knox estudam meu rosto. — Só uma fênix se ergue das cinzas. Acho que ele pensa que você é uma fênix. — Não há descontentamento em seu tom de voz, mas a voz é resignada.

— Sei. Algum motivo especial para querer falar comigo? — Vamos direto ao ponto, parceiro.

Ele faz uma careta.

— Não precisa desconfiar de mim.

— Hummm. — Entendo por que Knox adora usar respostas evasivas.

— Quero te perguntar uma coisa. Já pensou em como seria só começar de novo, sem todos os acontecimentos do último ano pairando sobre você, conhecer gente nova, seguir em frente?

Viro para ele, encaro-o diretamente.

— Eu comecei de novo. Voltei. Encerrei o ciclo.

Ele assente.

— Eu ouvi o que a líder de torcida disse para você. Isso acontece muito?

Comprimo os lábios e olho para Jolena no campo.

— Sim.

Ele balança a cabeça em sentido afirmativo, como se esperasse essa resposta.

— Com todo o respeito, Knox não está preparado para você. Ele ainda tem uma temporada inteira de futebol pela frente, além do Dane.

Bom. É isso.

Olho para ele, séria, com uma resposta na ponta da língua.

— Espera eu terminar, por favor — ele continua com ar compungido, mas determinado. — Você é jovem. Ele é jovem. Vocês dois têm a vida inteira pela frente. Faculdade, carreira. Quando conheci Vivie, minha esposa, eu tinha vinte e três anos, e soube imediatamente que ela era tudo para mim. Já pensou em como poderia ser bom se você encontrasse Knox em uma situação mais equilibrada, quando ele não estivesse sobrecarregado, e você tivesse certeza sobre o que quer fazer com a sua vida?

— Acho que entendeu mal, sr. Grayson. Eu sei o que quero. Vou estudar medicina. Vou cuidar do meu irmão.

— Eu sei. — Ele suspira, hesita antes de continuar. — Infelizmente, Dane não precisa ficar perto de você agora, e a culpa não é sua. É dele. — Ele tira o boné e passa a mão na cabeça. — E você… vai entender isso mais tarde.

Entender o quê?

Deixo isso de lado, por enquanto.

— Dane se lembra da mãe quando está comigo. É evidente cada vez que ele olha para mim.

— Sim, tem isso, e Knox está dividido entre você e o irmão. — Ele para, como se esperasse as palavras transmitirem seu peso.

Tento entender o que ele não está dizendo. Minha respiração acelera.

— Está tentando me convencer a terminar tudo com o Knox?

Não que eu tenha certeza de que já somos um casal…

A sombra de um sorriso dança em seu rosto.

— Não sei se sou capaz de te convencer de alguma coisa. Você parece ser muito segura. Só quero que meus meninos sejam felizes, e Knox não está feliz.

Meu coração bate mais forte, e as palavras dele me incomodam, me fazem lembrar de Knox nos últimos dois dias: quieto, inseguro, exausto.

— Só… pense em um recomeço, em começar de novo em algum lugar onde ninguém rabisque seu armário ou bata na sua cabeça. Não seria bom?

Sorrio, mas não tem alegria nesse sorriso.

— Onde quer chegar? Porque é óbvio que já esteve pensando nisso.

Ele fecha os olhos.

— Por favor, não fica chateada. Só digo essas coisas porque o amo. Isso é tão terrível assim?

Do nada, uma onda de emoção pressiona minha garganta, e pisco depressa. Não, não é terrível. É bonito e triste.

Eu só que… nunca tive um pai cuidando de mim.

— Sei que é muito inteligente — ele continua. — O sr. Trask sempre elogia sua capacidade acadêmica.

— Sim.

Ele respira fundo.

— Minha proposta é que você desista de Camden, procure outra escola.

— Fugir desse bando de cuzões elitistas? Pfff.

Ele ri.

— Muito fogo…

Fico ali sentada, quieta.

— Tenho contatos na NYU, estudei lá — ele murmura alguns momentos mais tarde. — Consigo colocar você lá dentro sem nenhum problema, com as notas que tem. E me disponho a te ajudar financeiramente.

— Faz muito frio em Nova York. — Olho para frente. Minhas mãos começam a tremer, e sento em cima delas. Quem ele pensa que é? Quer me pagar para ir embora daqui?

— Também sei sobre seu irmão. Imagino que pode querer levá-lo com você. Posso ajudar, matricular o menino em uma escola perto da universidade…

Meu peito arfa.

— Não quero seu dinheiro nem sua bolsa de estudos.

Ele sorri, desanimado.

— Não me surpreende. Acha que ama o Knox?

Se o amo? O céu é azul? A noite é escura? Meu Deus, estou lá com ele no limite de seu mundo, querendo tudo.

— Não estão juntos há muito tempo, Ava, e a distância pode trazer à tona suas inseguranças. Vocês são opostos. São frutos de mundos diferentes.

— Hades e Perséfone eram felizes. — Tem um tremor na minha voz, porque… porque ele tem razão, e minha única defesa se origina da mitologia grega. Patético. Estamos "juntos" apenas desde a noite da pegadinha, e embora tenhamos uma história desde o ano passado, nunca a admitimos por causa do Chance, depois da cervejada, e eu… droga, estou duvidando de tudo agora?

Outro sorriso pálido.

— Deixe-o respirar. Respire você também. Volte quando for a hora certa.

Balanço a cabeça. Ele é muito razoável… exatamente como Knox foi na noite passada.

— Só quero o que é melhor para o que sobrou da minha família. — Tem um tremor na voz dele, e por mais que eu queria desgostar do homem, vejo em seu rosto o desespero, o amor pelos filhos…

Finalmente, eu fico em pé.

— Acho que vou ver o resto do jogo com meus amigos, sr. Grayson.

Os olhos dele estão úmidos.

— Lamento se disse coisas que te magoaram.

— Só está… cuidando de seus filhos — respondo de má vontade.

Ele olha para o campo, e percebo que perdemos boa parte do segundo quarto.

Subo um degrau da arquibancada, mas paro quando ele me chama pelo nome, vem atrás de mim e me dá um cartão.

— Aí tem meu celular. Se mudar de ideia ou quiser conversar, é só ligar.

Uma ideia me passa pela cabeça. Knox está de acordo com essa ideia, com o plano para eu sair da Camden? Olho para o campo e o vejo no banco, olhando para nós.

Guardo o cartão no bolso e começo a subir para ir encontrar Piper e Wyatt, mas mudo de ideia, desço e me aproximo do portão de onde posso ver os jogadores.

Já pensou em como seria só começar de novo, sem todos os acontecimentos do último ano pairando sobre você, conhecer gente nova, seguir em frente?

Não, Knox nunca ia querer isso. Certo?

Pouco depois, estou perto da cerca com Camilla, olhando para o campo enquanto os minutos passam. Estamos três pontos atrás do adversário, e a torcida grita loucamente.

Knox vai para o campo e perfila. Sua camisa está coberta de manchas verdes e marrons, resultado de várias intercepções da defesa quando ele corria com a bola, e ele parece mancar um pouco, mas sorrio ao ver como está focado.

— Vai! — soa o grito no campo, e ele recebe a bola e desvia de um quarterback para a esquerda, corre para a zona de fundo e põe nosso time na frente.

O banco inteiro pula, e a banda toca nosso hino de guerra várias vezes seguidas.

O outro time recebe a bola, mas nossa defesa intercepta a jogada com três movimentos rápidos, enquanto todo mundo vê o relógio zerar. Alunos, líderes de torcida e membros da banda correm para o campo. Nada como vencer seu principal rival.

Fico onde estou, sabendo que não vou me sentir confortável lá, mas procuro Knox na multidão.

Ele surge do meio da comoção, segurando o capacete e olhando para a arquibancada até ser envolvido por gente que o abraça e bate em suas costas. Ele se livra de todo mundo depois de um instante e se afasta do grupo. Olha para todo o estádio. Está me procurando, acho.

Aceno e grito seu nome, e ele me vê. Caminha em minha direção, ignorando a pressão das líderes de torcida e dos alunos.

Vou para o limite do campo quando ele se aproxima. Sem o capacete, ele passa a mão no cabelo molhado de suor. Tem tinta preta embaixo de seus olhos, e a pintura associada àquela cicatriz cria um efeito muito sexy.

— Belo jogo, Frio e Mau. — Minhas palavras são leves.

Ele estende a mão para a cerca e entrelaça os dedos nos meus.

— Não pensei que viesse. Que bom que veio. — Com a outra mão, ele puxa minha cabeça em direção à dele. O beijo é salgado, e sinto o calor irradiando de seu corpo, que tenta se resfriar depois de todo exercício no campo. As bocas se afastam, e apoio a testa na dele.

— Você arrebentou.

Ele sorri.

— Vi você com meu pai. O que ele disse?

— Nada muito importante. Deixei ele lá para te ver mais de perto.

— Gostou dele?

Ouço incerteza em sua voz, e o alívio me inunda. Não é possível que Knox saiba sobre as coisas que o pai dele me disse, porque ele não sabia nem se eu viria esta noite.

— Ele é seu pai e é muito parecido com você… O que acha? — Não senti antipatia por ele, embora não tenha apreciado sua mensagem. Exceto pelo recado que tinha para dar, acho que ele é um cara legal.

Knox está abrindo a boca para falar, quando outra voz o interrompe.

— Minha casa, celeiro. Cervejada. Dez horas. Vejo você lá — Liam fala ao passar correndo. Sua expressão muda quando ele me vê, e seu olhar para Knox é duro. — Você vai, QB1? Temos muito o que comemorar. Algumas líderes de torcida da Morganville vão aparecer por lá.

Knox olha para Liam, e não consigo ver seu rosto, mas sinto a tensão que emana dele em ondas. Mesmo assim, as palavras são suaves como seda.

— Vou. Dane e Chance estão comigo. A gente te vê lá.

Liam responde com um sorriso largo.

— É isso aí. Vejo vocês lá.

— Você vai? — pergunto, incrédula, quando Liam se afasta. Não fizemos planos para hoje, mas cervejada? Sério?

Ele passa a mão no rosto, borra a pintura.

— Não surta. Segunda-feira eu vou poder explicar tudo.

Fico confusa. Segunda-feira?

— O que vai acontecer até…?

— Só preciso dessa noite, Tulipa. Não vou porque quero, vou porque preciso dar a impressão de que as coisas estão normais. Eu mando uma mensagem para você, está bem?

Dar a impressão de que as coisas estão normais?

Ele está falando do futebol, de manter a paz entre os jogadores, por minha causa?

Knox vive e respira futebol, e isso é algo que não posso mudar. Não devia nem querer, mas…

— Belo jogo, Knox! — Wyatt e Piper se aproximam e interrompem meus pensamentos.

Ele aceita os elogios, depois olha para mim, um olhar persistente e manso, até seu rosto ficar tenso.

— Até mais tarde, Tulipa.

E ele corre para o vestiário.

Estou agitada quando Wyatt e eu voltamos para o dormitório. Piper foi embora com os pais dela.

— Ele vai à cervejada? — Wyatt pergunta quando conto o que está acontecendo, e a raiva modifica a voz dele.

— Foi o que ele disse.

— Cuzão. Você está bem?

— Não. — Minha cabeça está confusa, analisando alguns comentários de Knox e pensando no discurso do sr. Grayson.

Eu sou jovem. Ele é jovem.

A raiva ferve dentro de mim quando imagino Knox na cervejada com outras garotas…

Ai.

Para.

Confio nele, certo?

Ele pagou minha moradia. Bateu no Liam por minha causa. Ele quer me proteger.

E que preço ele está pagando por isso, por ir contra o time?

Engulo a insegurança quando chegamos ao dormitório.

Uma mulher me chama do outro lado do estacionamento. Ela corre em nossa direção.

— Ava! Ai, meu Deus! Espera um segundo!

— Mãe? — reajo, chocada, ainda pensando no Knox.

Empurro isso para o fundo da cabeça e esfrego os olhos. Seis anos, e ela está lá aqui, de legging desbotada e camiseta manchada. Seu cabelo é comprido e oleoso, pesado.

Wyatt sufoca um gemido, e percebo que estou apertando seu braço.

— Ava? Quer que eu chame a segurança? — ele sussurra.

Minha boca fica seca.

— Não, ainda não.

Ela para na minha frente, estuda meu rosto. Seu sorriso é largo, mas só consigo ver os hematomas em seus braços.

— Ava, meu amor, é você — ela fala, ofegante, unindo as mãos contra os lábios como se rezasse.

Engulo em seco.

— O que está fazendo aqui?

Ela olha para Wyatt, e vejo o momento em que ela percebe que meu amigo tem dinheiro: os sapatos, o jeans de grife, as tatuagens bonitas.

— Oi. — E olha para mim. — Você tem amigos legais, Ava. Estou muito feliz.

Isso não está acontecendo.

Olho para Wyatt.

— Pode me dar um momento?

— Não. Ainda não largou meu braço, e tem um motivo para isso.

— Wyatt, por favor. — Um nó se forma em minha garganta, e imploro com os olhos. Por favor. Não quero que ele a veja, que conheça os detalhes da minha origem. Contei ao Knox, mas é diferente. E ela não estava aqui quando contei!

Ele suspira, franze a testa.

— Tudo bem. Estou lá dentro. — Wyatt aponta dois dedos para os olhos dele, depois para os meus. — De olho em você.

— O que está fazendo aqui? — pergunto à minha mãe assim que ele se afasta.

— Queria te ver, é claro.

Cerro os punhos.

— Bom, já viu. E estou surpresa por ter me reconhecido.

— Seu cabelo está diferente e você cresceu, mas não tem como não reconhecer esse rostinho lindo. — Ela me abraça, e eu correspondo automaticamente. Ela segura meu rosto. — Você está linda, bebê. A cara da sua mãe quando tinha sua idade.

Recuo para interromper o contato.

— Por que está aqui, por que tão de repente?

Ela passa a língua nos lábios e olha para o estacionamento. Sigo a direção de seu olhar e vejo um sedã Toyota velho, com um homem sentado ao volante.

— Aquele é o Cooper? — Meu sangue ferve.

Ela acena com desdém.

— Ah, não. Ele foi embora há algum tempo. Aquele é o Keith. Meu homem. Estamos juntos há alguns anos. Não sei onde o Cooper foi parar, talvez ainda esteja na Califórnia.

Aponto para os hematomas no braço dela.

— Vida boa, hein?

Ela fica séria.

— Não precisa me julgar. E o Tyler? — Seus olhos parecem se iluminar.

Uma onda de terror me invade.

— Ele está bem.

— Como ele vive? Muita dor?

Ela está falando sobre o diagnóstico de SAF. Quando ele nasceu, ninguém sabia ao certo se ele ficaria bem com o passar do tempo, e minha mãe não estava mais com a gente quando ele fez todos os testes, todos os exames médicos.

Mas eu minto. Ah, sim, eu minto, porque, se ela veio atrás dele, para usá-lo de algum jeito, não posso…

— Cuidados médicos constantes. Quase cego.

Por favor, me perdoa, Tyler. Você é incrível.

— Adoraria vê-lo. — Ela esfrega os braços. — Ele ainda está no Sisters of Charity? Estão cuidando bem dele?

Respiro fundo. Não vou responder.

— Tecnicamente, ele não é mais seu. Quando você abandona um recém-nascido, o estado do Tennessee considera que abriu mãos de seus direitos. — O nome disso é Safe Haven Law, ou Lei do refúgio, e embora eu não conheça todos os detalhes, sei que ela permitiu que minha mãe o abandonasse sem infringir as leis de abandono de incapaz. Ela foi embora, e pronto. Fomos deixados nas mãos das freiras.

Ela assume uma expressão distante e suspira.

— Fiz o melhor que pude por ele. As freiras são boas. — Brinca com a bainha da camiseta manchada. — Passei por lá de carro, sabe, e vi um garoto saindo daquela van que elas dirigem. Ele usava óculos de lentes grossas e… — Morde o lábio. — Parecia o Cooper. Era ele?

— Tem vinte crianças pequenas lá. Como é que eu vou saber? E ele não é nada parecido com o Cooper.

Ela dá de ombros, muda de assunto.

— Não vai mais à lanchonete. Por que?

— Como descobriu onde eu estudo?

— Segui seu Instagram no ano passado. Mas você deletou a conta. Como você está, bebê? Esse lugar é chique, cheio de prédios bonitos, e olha só para você com aquele cara gostosão. É seu namorado? Parece rico.

— Ele é um adolescente. Não tem dinheiro, mãe.

— Mas aposto que a família dele tem. Que bom para você. É disso que precisa, um cara rico.

— Mãe, para.

O homem no carro abre a porta e sai, se apoia no automóvel e acende um cigarro. Ele á magro, como minha mãe, usa roupas desgrenhadas e tem tatuagens no pescoço e no rosto, e não são legais como as do Wyatt. Ele olha para nós, e sinto que está me analisando quando solta a fumaça.

Volto a me concentrar nela.

— O que você quer?

Minha mãe ri, arregala os olhos e me estuda da cabeça aos pés.

— Ah, vamos ser fofas. Senti saudade, foi horrível te deixar, mas se eu não tivesse ido embora, Cooper teria feito o que queria com você, e talvez não tivesse só te batido, sabe? E o Tyler… pobre bebê indefeso. Sinto falta de ter filhos. — Uma pausa. — Vi aquele garoto, era ele, e não achei tão terrível. Está mentindo, Ava.

— O que você quer? — grito, nervosa e sem paciência nenhuma.

Ela endurece, assume um ar petulante.

— Não está feliz por me ver?

Solto o ar lentamente, e o passado me amolece um pouco.

— Estou feliz por você estar bem. Não tive mais notícias depois que foi embora. Pensei… que pudesse ter morrido.

Ela ri.

— Não morri.

Solto o ar novamente com aquele sopro prolongado.

— Mãe, o que você quer?

Ela fica séria.

— Dinheiro.

Agora a realidade por trás do bilhete e da visita fica clara, e engulo a dor que ela me causa, embora fosse esperada.

— Sei.

— Mas se não me der nada, talvez eu ligue para um desses advogados de família, vamos ver o que tenho que fazer para recuperar o Tyler… a menos que possa me ajudar? Como vai ser? Aposto que tem algum dinheiro, deve ter economizado o que ganhou como garçonete, ou seu namorado tenha alguma coisa? Só um pouquinho ia me ajudar muito, bebê.

Sinto o rosto queimar. Ela ainda usa drogas, provavelmente. Não sinto cheiro de álcool, mas isso não significa que não está chapada, e está escuro aqui fora…

Não acredito que ela vai telefonar para alguém. Ela não quer o Tyler; só quer dinheiro, e vai ficar me cercando na lanchonete e na escola, e caramba, ela é minha mãe, é minha mãe, e não a vejo há muito tempo…

Ela foi uma mãe horrível, muito ruim, mas ainda é a pessoa que me trouxe ao mundo, e consigo sentir esse elo frágil e pequeno agora apertando meu coração. É como se eu fosse uma criança pequena de novo, pensando se ela estava bem, se ia me abraçar, se estaria em casa quando eu voltasse da escola.

Meus ombros caem.

— Vou te dar tudo que eu tenho.

Ela sorri, satisfeita.

— Mas não quero te ver nunca mais.

Um suspiro.

— Ah, Ava, que crueldade.

É.

Ela levanta o polegar para o cara no estacionamento, e eu me sinto encolher por dentro.

— Só precisamos chegar a Memphis, sabe, e ficamos sem dinheiro há um tempinho, e isso vai ajudar a gente. Todo mundo precisa de recomeços, não é? Obrigada, bebê.

— Ok. — Enjoada, digo a ela para me esperar ali e corro até o dormitório. No meu quarto, levanto o colchão e conto três mil dólares. O dinheiro agora não importa. Posso trabalhar e ganhar mais.

— Não vai voltar lá sem mim — Wyatt avisa quando volto ao corredor.

— Tudo bem — concordo.

Com Wyatt ao meu lado — graças a Deus por ter me mandado um amigo como ele —, saio do prédio e entrego o dinheiro à minha mãe.

— Na próxima vez, eu chamo a polícia — aviso, olhando para o cara que ainda nos observa. — Aposto que é procurado. Não vai querer que ele acabe na cadeia. Ou você, por assédio.

Ela sorri.

— Exatamente como eu, você é dura e está sempre pronta para brigar. — Uma risada áspera. — Não posso te culpar, não mesmo.

— Que porra foi essa? — Wyatt pergunta quando vemos as luzes do carro se afastando alguns minutos depois.

Meu peito dói, me sinto perdida, quero correr atrás do carro, mesmo com aquele homem assustador lá dentro, e implorar para ela ficar e ser mãe, ser como o pai de Knox, mas não, não… Esses pensamentos são idiotas, e ela escolheu seu caminho há muito tempo.

Engulo o passado.

— Acabei de ser chantageada por minha mãe.

— Cara. Sua vida é toda esquisita.

— Ai, Wyatt. Você nem imagina.

Ele inclina a cabeça e pensa um pouco.

— Sabe que resmungou durante todo o caminho do estádio até aqui?

— O quê?

Chegamos perto da porta do prédio.

— “Sou muito nova. Ele é muito novo.” Acho que estava falando de você e Knox, é claro. — Ele revira os olhos. — Mas quero que saiba… aquela cara que fez quando sua mãe foi embora… você não é nova, Ava. É uma anciã. E Knox? Tem mais ou menos a mesma idade.

Não sei o que dizer.

Ele passa um braço sobre meus ombros, e entramos no edifício.

— Então, sexta-feira à noite, e somos só nós, você e eu. O que quer fazer?

Balanço a cabeça.

— Estou… perdida.

Ele suspira, me abraça mais forte.

— Vamos dar uma volta de carro. O que acha? Abrimos as janelas, deixamos entrar o ar da noite e ouvimos rap bem alto. Você pode me contar que delícia eu sou e como Jagger vai se apaixonar por mim.

Meu sorriso é inevitável, e me aproximo para beijar seu rosto.

— Te amo. Quer casar comigo?

— É recíproco. Vamos deixar nossa lista na Pottery Barn. Lençóis, toalhas e velas. Você se incomoda se o Jagger também casar comigo? Trisal?

Dou risada.

— Ah, não, você nunca me daria atenção. Vem, vamos passear de carro.

CAPÍTULO 22

Ava

Acordo com um grito, tremendo, e tento sair do pesadelo que envolve árvores fantasmagóricas e coiotes me cercando, enquanto estou caída na floresta. Ofegante, tento me orientar no quarto escuro e controlar a respiração rápida. O ataque da semana passada ameaça se repetir.

Esse é o seu lugar, vagabunda, aos meus pés… e não esquece disso.

Fecho os olhos, minhas mãos apertam as cobertas.

Alguma coisa muito familiar em… Mas sumiu.

Esquece o sonho. Vai dormir.

Olho para o celular, vejo que são sete da manhã, cedo demais para pensar em levantar, considerando que Wyatt e eu chegamos à meia-noite. Viro e bato no travesseiro, tentando ficar confortável, mas, uma hora depois, minha cabeça ainda está reprisando a noite passada.

Por que Knox está me afastando aos poucos?

Por que o pai dele se ofereceu para me mandar para Nova York e cuidar do Tyler? Ele nem me conhecia, mas se dispõe a gastar milhares de dólares só para me tirar da Camden? Não faz sentido. É óbvio que ele quer que o Knox se concentre no futebol e no irmão, não em mim, mas…

Paro.

Por que Dane não gosta de estar perto de mim? Consigo entender que, em parte, isso tem a ver com o que aconteceu com a mãe dele, mas alguma coisa não encaixa, e tenho um pressentimento ruim, uma sensação pesada e densa que sobe por minhas costas.

Levanto da cama, tomo um banho rápido e visto um short e camiseta do Cranberries. Arrumo a cama, faço um pouco do dever de casa, mas ainda estou agitada e frustrada. Às dez, ligo para o Wyatt, e combinamos ir juntos tomar café em uma lanchonete na cidade.

Acabamos de sentar à mesa perto da janela, quando uma SUV Mercedes preta passa e estaciona do outro lado da rua. Bebo um gole de café e vejo Knox, Dane e o pai deles descerem do automóvel e andarem em direção à delegacia.

— O que eles estão fazendo? — Wyatt murmura, seguindo a direção dos meus olhos. — Problemas com os Graysons em pleno sábado?

— Nem imagino — respondo, surpresa.

Os três param na entrada do prédio, onde outros três homens bem-vestidos os esperam. Um deles é o pai de Chance, um homem idoso e elegante de rosto firme e cabelos claros. Nunca o conheci pessoalmente, mas seguia Chance nas redes sociais quando estávamos juntos e o vi na escola algumas vezes, quando ele ia deixar ou buscar o filho. Ele é advogado. Advogado.

Vejo um policial se aproximar deles e reconheço o homem que tomou meu depoimento no outono passado.

— O que está acontecendo? — Wyatt pergunta quando dou um pulo e quase derrubo o café. Ele pega um guardanapo e seca as gotinhas que respingaram na mesa.

— Não sei. — Minha respiração acelera e meu coração dispara. — Mas seja o que for, é… Bom, tem alguma coisa estranha. — Pego minha bolsa e vou para a porta.

Quando saio, eles desapareceram no interior da delegacia.

— Ava? — É Wyatt, e ele me seguiu.

O que… que diabo está acontecendo?

Por que eles foram à polícia, e acompanhados de advogados?

— … quer voltar à lanchonete e esperar o Knox? — ele está dizendo, e percebo que está falando comigo há algum tempo.

— Vou entrar para procurá-los. — Meu peito arfa, sobe e desce depressa, muito depressa.

Ele hesita por um momento, depois balança a cabeça como se me entendesse.

— Lealdade até o fim.

Atravessamos a rua, entramos na delegacia e nos dirigimos ao balcão. O lugar está tranquilo, com alguns policiais conversando, e olho para eles tentando encontrar aquele que acabou de entrar, mas não o vejo. Knox, Dane e o sr. Grayson também não estão por ali.

A mulher no balcão sorri para mim e olha para as tatuagens do Wyatt. É uma mulher de mais idade, tem cabelos grisalhos e usa óculos pequeninos.

— Posso ajudar?

Umedeço os lábios.

— Meu nome é Ava Harris. — Paro, respiro fundo. — Posso falar com um dos detetives que trabalhou no meu caso no outono passado?

Se lembra de mim, ela não demonstra, e imagino que veja toneladas de pessoas entrando e saindo dali. A mulher senta diante do computador e olha para mim.

— Nome do detetive?

O pânico me ameaça. Meu Deus, não consigo lembrar. Não queria mais pensar nele e naquelas horas que passei aqui sentada, e eu…

— Ele acabou de entrar com a família Grayson — digo.

— Bryant Thomas. Ele está ocupado. Quer deixar o número do seu telefone, e eu peço para ele ligar para você? — Ela me entrega um formulário. — É só preencher com os dados do caso, e ele entra em contato.

O papel treme em minha mão. Sério? Ele realmente entraria em contato comigo? Nunca fez isso antes. Eles me dispensaram. Nunca sequer me disseram que o Knox me levou para a casa da Piper! Esqueceram de mim assim que saí da delegacia!

— Ava? — Wyatt chama enquanto me leva até umas cadeiras na área de espera. — Quer que eu preencha para você?

Não, não, não, nem tem a ver com o detetive, a essa altura; tem a ver com o Knox estar aqui com ele e aquela equipe de advogados.

Abro a bolsa, pego o celular e mando uma mensagem para ele.

> Sei onde você está, Shark. Vi quando entrou.

Ele leva três minutos para surgir de um corredor à direita. Em pé, com os punhos fechados, vejo ele se aproximar de mim de calça jeans e camiseta da Camden. Não penso em como… ele é lindo.

Não o conheço de verdade, e ele não é quem eu pensei que fosse, porque se… se ele sabe o que aconteceu, como pode ter feito isso, como foi capaz de não me contar, como pôde…?

— Ava — ele começa, pálido. — O quê…?

— Para. Não faz isso. Tempo para respirar? Sério?

O peito dele se expande e os olhos percorrem a sala, antes de voltarem a mim.

— Eu posso explicar…

— Não. Você vai me contar agora o que está fazendo com seu pai e seu irmão e os advogados em uma delegacia no sábado, com o detetive que pegou meu depoimento, e não mente para mim. Não pode ser coincidência! — Minha voz se altera, e algumas pessoas olham para nós, mas não me importo, agora, não, não neste lugar, com todas essas lembranças na minha cabeça.

Lembro o que Knox me disse depois do jogo. Como o pai dele olhou para mim com ar desconfiado.

— Você, seu irmão e seu pai… acharam mesmo que eu não ia descobrir? Queria me contar na segunda-feira? Segunda-feira! Como teve coragem?

Ele tenta segurar minha mão, mas eu a puxo.

— Por favor — ele pede, apavorado. — Por favor, escuta. — E olha em volta. — Vamos conversar em algum lugar…

— Dane lembra de alguma coisa! É isso, não é? Você, ele e os advogados? Não sou idiota, Knox! Ele sabe, contou para você, e você precisou de um "tempo para respirar" logo de… de vivermos juntos um momento que achei que significasse alguma coisa. Não, não vou a lugar nenhum com você!

A mulher do balcão aparece ao nosso lado e olha para nós dois.

— Tudo bem por aqui?

Não, não está.

— Estamos indo — Wyatt murmura para ela, enquanto me leva em direção à saída. — Peço desculpas se ficou um pouco barulhento.

Saímos, e Knox nos segue, segura meu braço e me faz parar.

— Ava, por favor…

Viro de repente.

— Não sou ninguém para você. Ninguém.

Knox passa as mãos no rosto.

— Por favor, me deixa falar.

— Vai dizer para eu ir mais devagar? Eu sabia que tinha alguma coisa estranha com você!

O silêncio tenso se prolonga.

— Conversa com ele — Wyatt me diz em voz baixa. — Não vou embora. — E vai sentar em um banco a alguns metros de nós.

Passo as mãos nos braços porque estou com frio, apesar do sol, e tento me controlar. Quero ser forte, quero me preparar, quero me afastar dele com essa

raiva ardendo no peito, mas… preciso saber de tudo.

— Fala por que está aqui!

— Na quinta-feira de manhã, quando fui para casa, Dane me contou que tinha lembrado de ter visto Liam ir atrás de você no bosque.

Fecho os olhos enquanto a repulsa vai me invadindo aos poucos, centímetro a centímetro, e as imagens da festa vão aparecendo uma a uma, aquele horrível brinquedo de parque de diversões. Estou novamente no bosque, e ele está em cima de mim, me segurando, e não consigo respirar, não consigo me mover, não consigo gritar…

Volto ao presente.

— Liam? — Arfo, e estremeço quando tudo se encaixa. — A voz dele… eu reconheci na escada quando ele estava conversando com Jolena, e do lado de fora do ginásio naquele dia… — Meu estômago se contrai. — Ele estava furioso, e eu não… liguei os pontos, mas ele me bateu.

Os olhos de Knox brilham, e eu me inclino e cruzo os braços sobre a barriga, sentindo a bile subir.

Ele tenta me segurar, mas eu o empurro.

— Não!

Encosto na parede da delegacia, e não sei nem como cheguei ali. Knox está ao meu lado e Wyatt também mudou de lugar, agora enlaça minha cintura com um braço, enquanto me agarro a ele.

— Ele vai ser preso? — pergunto, ofegante.

Knox fecha os olhos.

— Não sei. Tem sido difícil, Ava. Dane só lembra de algumas coisas.

— E o que isso significa? — Wyatt se irrita, claramente do meu lado, enquanto Knox anda de um lado para o outro na calçada.

Ele para na minha frente com uma expressão devastada.

— Liam disse ao Dane que ele turbinou sua bebida.

— O quê?

— … mas ele só falou isso porque desconfiou de que Dane estava lembrando. Não é verdade, Ava. Conheço meu irmão… — Ele para com as mãos fechadas.

— Fala de uma vez, Knox! Essa história é minha! — Bato no peito, me segurando por fios frágeis.

Ele se controla.

— Entramos no quarto do Liam e achamos os troféus dele.

— Troféus? — Wyatt murmura. — Aquele filho da puta.

O rosto de Knox endurece.

— Uma sacola de… peças íntimas. Eu vi a sua. Tentamos agir como se nada tivesse acontecido para que ele não as destruísse. Por isso fui à festa ontem à noite, e porque achei que ele podia se descuidar e fazer ou falar alguma coisa. Chance, Dane e eu… todos nós fomos. — Ele fica tenso. — Quero acabar com ele por você, mas estamos tentando fazer a coisa do jeito certo e esclarecer a história do Dane, ver se temos o suficiente para conseguir um mandado de busca.

Troféus. Eu quero vomitar.

Espera…

— Chance sabe? — pergunto.

Ele confirma balançando a cabeça.

— Mas você não contou para mim. Desgraçado.

Ele geme, passa as mãos no rosto.

— Queria conversar com meu pai antes de fazer alguma coisa. Eu não… não sabia como lidar com isso. Dane estava péssimo, e eu tentei fazer o que era certo, mas…

— Dane em primeiro lugar — digo.

— Não é assim. Só pensamos que seria prudente esperar para te contar o que estava acontecendo quando tivéssemos o suficiente.

— Estão preparando a defesa do Dane, caso ele precise de uma. — Minhas mãos tremem.

— Tenho que cuidar do Dane, Ava. A família do Liam tem muito dinheiro. Cada passo que meu pai deu foi cuidadosamente calculado. Meu pai vai conseguir um bom advogado para você…

— Para. — Balanço a cabeça, sinto que me afogo em emoções. Raiva e impotência em relação a Liam, raiva do Knox e raiva de mim mesma. Confiei nele, e ele… ele me afastou de sua família.

Imagino os faróis do carro da minha mãe se afastando. No fim, sou a única cuidando de mim, e sei disso há muito tempo. Na maior parte do tempo, consigo

engolir tudo isso e fingir que não me machuca ser abandonada pelas pessoas que deviam me amar.

Mas, nesse momento, meu peito dói, e não consigo raciocinar direito com toda essa informação.

— Dane nunca te faria mal — diz Knox. — Você não o conhece como eu, mas sei que ele é inocente. Tenho que provar isso, por ele, por você, por nós… — De repente, ele para e estende as mãos, segura meus braços. Wyatt se afasta para nos dar espaço. — Tulipa, por favor, não fica brava comigo por não ter contado.

Olho para ele.

— Por que não posso ficar brava? Perguntei diretamente o que estava acontecendo…

— Eu te amo — ele diz, e os olhos cinzentos mergulham nos meus. — Não dá para perceber?

Respiro fundo.

— Não sei quando aconteceu, talvez no ano passado, quando te vi com o Chance. E cresceu quando contratei aquele detetive particular, e acabei me envolvendo com você e com quanto você é forte, Tulipa, vi tanta beleza e tanta força, que sei lá, merda, não sei como você consegue ser assim aqui, nesse lugar, enquanto eu mal consigo suportar tudo isso. Vejo como você é e isso me apavora, e tentei ficar longe, mas não fiquei, nem mesmo quando jurei que ficaria, e agora te magoei, mas você precisa olhar para mim, olhar direito, de verdade, ver do que sou feito, o que me faz persistir, e tem a ver com você.

As palavras dele me desmontam.

Ele segura meu rosto, e eu olho para o dele.

O pai dele disse: “Deixe-o respirar. Respire você também”.

Estou cansada, muito cansada, meu corpo enfraquece quando a descarga de adrenalina que me invadiu quando entrei nesta delegacia vai se dissipando.

E eu só…

Preciso pensar.

Ele engole com dificuldade.

— Tulipa…

— Volta lá para dentro, por favor — consigo dizer. — Dane precisa de você. — Sei que minha mente está pulverizada, mas de uma coisa tenho certeza: a

família é seu maior compromisso, não eu, e não posso culpá-lo por isso. Ele e eu temos obstáculos a superar. Suas muralhas, as minhas, a ligação de Dane com o que aconteceu.

Mas…

Eu te amo.

Guardo essas palavras que ele me disse, tranco-as naquele baú e o envolvo com uma corrente pesada.

— Não vai embora. Não desse jeito — ele sussurra, como se lesse meus pensamentos. — Não se afasta. As coisas vão se resolver. Não faz assim, por favor. Seu lugar é comigo, é…

Suspiro.

— Por favor, só… me deixa ir.

Recuo e me afasto dele.

CAPÍTULO 23

Ava

De tarde, estou sentada a uma das mesas de pedra para piquenique do lado de fora do dormitório, quando um Porsche cinza reluzente para no estacionamento, e um homem sai do carro. Vejo ele examinar a entrada e se dirigir à porta, mas ele me vê ali e para. Põe as mãos nos bolsos do jeans, se aproxima e senta ao meu lado.

É o mais perto que já estivemos desde que voltei, e Chance ainda tem o mesmo cheiro, um aroma másculo de couro e especiarias. Um perfume que me traz lembranças.

Não falamos por alguns minutos, não olhamos um para o outro, só olhamos para uns caras que estão jogando Frisbee na área comum.

Ele deixa escapar um longo suspiro.

— Estraguei meu pedido de desculpas na aula de história do cinema quando disse que você me magoou. Eu sou um idiota, sério.

— Você é — confirmo, ainda sem encará-lo. Olho novamente para o estacionamento. — Seu pai devolveu o carro? — Ele se espanta, como se não esperasse que eu soubesse, e dou de ombros. — Piper me contou que ele te deixou de castigo. — Assobio. — É muito tempo para ficar a pé.

Vejo que ele assente.

— Ele passou meses muito bravo comigo. E eu mereci. — Uma pausa. Ele desliza o dedo por uma fenda na mesa de pedra. — Knox disse que falou com você hoje na delegacia. Ele disse que te contou que agora eu sei de tudo.

Suspiro, não quero entrar nesse assunto.

— Recebi suas flores.

— E jogou fora?

— Ainda não.

Ele sorri.

— Devia. Fui ao mercado para a minha mãe, e assim que vi as flores, pensei em você. Tivemos bons momentos, não é?

Penso nos bilhetes fofos no meu armário, nos abraços e beijos depois dos jogos.

— Tivemos.

— Ainda te amo, sabe? Não consigo te tirar da cabeça.

— Vai conseguir.

— Talvez. Por que voltou, Ava? Knox disse que foi por causa do Tyler, e odeio nunca ter conhecido o garoto. Merda, fiz muita coisa errada.

Por que voltei para essa porra de lugar… Por que voltei?

Levanto a cabeça e olho para o campus, para o prédio principal com suas colunas cobertas de hera. Odeio esse lugar, odeio tanto, que fico enjoada todas as manhãs quando passo por aquelas portas, quando vejo a cara daquelas pessoas que não acreditaram em mim, que me chamaram de dedo-duro,
piranha e…

A clareza chega sutilmente, sem fazer alarde, e eu endireito as costas. Tenho dito a mim mesma que estou me sacrificando pelo Tyler, para que ele tenha uma boa escola, e embora isso seja verdade, eu também poderia ter ido para Morganville e tentado a mesma coisa por lá. Embora não seja uma escola tão boa, teria sido melhor que o lugar onde ele estudava antes. Não, a verdade é que não quis examinar aquela outra razão corrosiva e feia para eu ter me obrigado a frequentar esse lugar nas últimas semanas.

Suspiro.

— Voltei por vingança, para mostrar a todos vocês que nada nesse mundo desgraçado vai me impedir de descobrir quem me atacou. Sou Ava Tulip Harris e ninguém me machuca, mas esse lugar, *esse lugar*, tive que voltar aqui e mostrar a vocês todos que valho mais do que alguma coisa que alguém fez comigo na floresta. — Fecho os olhos. — E agora sei quem é ele.

— Vão pegar ele, ou Knox e eu pegamos — ele murmura, segurando minha mão e entrelaçando nossos dedos. — O que vai fazer agora?

Olho para ele, estudo esse rosto bonito, os olhos azuis e penetrantes.

— Odeio tudo nesse lugar. Sinto enjoo todos os dias quando passo por aquelas portas, mesmo com o Knox ao meu lado. — Não é uma resposta, mas ele assente.

— Você me odeia? E o Knox?

Minha garganta se contrai. O Knox, nunca.

Queria que ele tivesse me contado, mas entendo, mesmo que ainda sinta um

resquício de raiva.

Ele interrompe o contato visual e olha para longe.

— Se precisar de alguma coisa, estou aqui. Sei que não quer que…

— Eu te perdoo, Chance. — Afago a mão dele.

Seus olhos cintilam e voltam aos meus.

— Merda. Obrigado.

Inclino o corpo na direção dele.

— Segue sua vida, e seja doce e especialmente legal com a próxima garota que amar. — Sufoco uma risadinha. — Mesmo que seja a Brooklyn.

— Ai, porra, não sei nem o que dizer… — Ele me abraça com força, e ficamos desse jeito por um bom tempo.

Na segunda-feira, entro na Camden e olho em volta, para os retratos nas paredes, todos aqueles formados, e suspiro.

Knox, Dane e Chance estão encostados à parede perto da entrada.

É muito parecido com aquele primeiro dia, mas dessa vez não sinto medo. Arquivei tudo que aconteceu no último ano. Logo não vou ter de engolir pensamentos e lembranças relacionados a esse lugar.

Knox se aproxima de mim. Os olhos estudam os meus, e vejo que ele tem olheiras.

— Oi.

— Oi.

— Liam foi preso hoje de manhã. Mandei uma mensagem para você. — Ele abaixa a cabeça, mas me encara de novo em seguida. — Você não respondeu.

Confirmo com um movimento de cabeça, mas não respondo.

A polícia me ligou no domingo à tarde pedindo para eu comparecer à delegacia. Fizeram as mesmas perguntas, e contei que tinha reconhecido a voz de Liam do lado de fora do ginásio do colégio, mas não sabia se isso tinha alguma importância, já que não o vi.

Desvio o olhar do de Knox.

— Todo mundo sabe — ele diz.

— Legal.

Ele segura minha mão. O polegar me acaricia de leve.

— Conseguimos, ok?

Chance se aproxima de Knox e para ao lado dele.

Falo um oi e olho além dele, para o Dane. Ele não me encara, mas depois de um instante endireita as costas e caminha em minha direção.

Knox o vê e fica tenso, surpreso.

— Dane…

Ele para ao lado do irmão, põe as mãos nos bolsos e exala.

— Ava.

Estudo seus traços abatidos, a curva dos ombros caídos.

— Dane — respondo, séria.

O ar estala à nossa volta. Knox respira um pouco ofegante, aperta minha mão.

— Eu nunca fiz nada com você. Nunca. Mesmo estando chapado. — E me encara.

Balanço a cabeça em sentido afirmativo e fico feliz, muito aliviada por ele ter vindo falar comigo.

— Você é um Shark e um tremendo pé no saco, mas é um herói, como seu irmão, mesmo que às vezes nem perceba. Deixou que eu te batesse, depois me levou para a enfermaria e ficou lá comigo por horas — lembro. — Não acredito em nada que o Liam possa dizer sobre você. Foi ele. A voz dele. Tudo.

Vejo quando o alívio o invade. Seus olhos se enchem de lágrimas, e ele morde a boca.

— Merda, Ava. Não mereço sua bondade, mas obrigado por ser quem você é.

Piper se aproxima, apressada, vê todo mundo ali e fala:

— Ai, meu Deus. — Ela ofega como se tivesse corrido. — Está nos jornais! Liam, aquele filho da mãe! Acabei de passar por Jolena no corredor, ela está chorando, e até Camilla está chorando, e nem sei por quê! Que loucura! — Ela para, empurra os óculos para cima e olha intrigada para minha cara. Estou me controlando… por enquanto. — Espera, por que não parece surpresa? Já sabia?

— Já.

Alunos se reúnem em torno de nós, a maioria olhando, todos cochichando.

A mesma merda… Bem, talvez uma merda diferente, mas parece igual.

— Vamos para a aula — diz Knox. — Não vou sair do seu lado. Talvez te chamem, não sei. Meu pai pode aparecer por aqui em dez minutos. Ele tem algo para você, uma advogada de Nashville. Ela é respeitada, especialista em casos de violência sexual…

— Preciso falar com o sr. Trask agora. Pode ser mais tarde?

Ele estranha, mas concorda.

— Claro, vamos lá…

— Não, eu vou sozinha. — Afago a mão dele, antes de soltá-la. — Vou ficar bem.

Vou para a diretoria, e Knox me segue.

— Vou ficar do lado de fora enquanto conversa com ele — ele murmura quando chegamos à secretaria, e digo que ele devia ir para a aula. Knox me encara com uma expressão determinada. — Não vou sair de perto de você.

Entramos na secretaria.

— Tenho uma reunião marcada com o diretor. Telefonei mais cedo — digo à sra. Carmichael.

Ela levanta o olhar dos papéis que está organizando.

— Ava! Meu Deus, eu vi o jornal. Sinto muito, querida. Sente-se, vou avisar que está aqui.

Sento no sofá. Knox senta ao meu lado.

— Você não vai entrar comigo — murmuro. Ele segura minha mão de novo e, por um momento, suspiro e me inclino para ele, só um pouco.

— Tulipa, ainda está brava comigo? Por eu não ter contado nada?

Brava? Estive, definitivamente, mas agora…

Como poderia estar? Dane é irmão dele.

— É difícil ficar com raiva de você — respondo. — Vai ficar tudo bem.

— Então por que tenho a sensação de que ainda tem alguma coisa errada? — ele murmura.

Apoio a cabeça em seu ombro por um segundo. Ele tem cheiro de mar e sol. Vou sentir saudade. Vou passar meses chorando. Vou chorar, chorar e chorar…

— Ava? — O sr. Trask aparece na porta da sala com ar sério. — Pode entrar.

Levanto e entro na sala.

— Vou ficar esperando bem aqui — diz Knox.

Vinte minutos mais tarde, disse tudo que tinha para dizer ao diretor, conto

que sei que foi Liam quem me agrediu do lado de fora do ginásio e, é claro, ele já sabe sobre a prisão. Rapidamente, ele concorda em manter a bolsa de Tyler pelo tempo que eu quiser, e garante que vai ser um prazer para os membros do conselho. Não sei se ele tem medo de que eu processe o colégio, já que Liam foi preso, ou se realmente se importa. Ele aceita reembolsar a maior parte da quantia que Knox pagou pela minha moradia.

Aceito tudo isso e saio da sala.

Knox levanta, estuda meu rosto.

— Foi tudo bem?

Sinto um alívio imenso, depois da preocupação com como Trask reagiria à minha partida.

— Melhor do que eu esperava, na verdade.

Ele suspira.

— Tem a ver com o Liam? Ele vai ser expulso, mesmo que saia sob fiança, o que duvido que o juiz permita, já que a família dele é rica. Vamos para a aula.

Percorremos o corredor silencioso, enquanto todos estão na primeira aula. A sra. White deve estar falando sobre um de seus filmes icônicos.

Paro na frente do meu armário e olho para ele, pensando naquele primeiro dia e na carta do Knox. Penso nele sentado ao meu lado na aula. Em como ele me ajudou a trocar o pneu. Em como tocou minha canção ao piano. A noite da pegadinha.

Giro a fechadura de acordo com a combinação, abro a porta e tiro tudo de dentro do armário, ponho tudo na mochila. Fotos minhas com a Piper. Cadernos. Lápis. Um marca-texto.

Knox vai ficando tenso ao meu lado, e agora ele se aproxima, põe as mãos no meu ombro, seu peito toca minhas costas. Sinto que ele aproxima a cabeça do meu cabelo.

— Não faz isso, Tulipa. Não me deixa. Não… — A voz falha, e ele me vira. Vejo seus olhos úmidos. — Fica comigo. Estou te dando meu coração. Estou te dando tudo.

Choramingo.

— Knox, não posso.

— Por quê? — ele pergunta atormentando, enterrando as mãos em meu cabelo e segurando minha cabeça.

Balanço a cabeça, procuro as palavras. Como falar sobre as horas que passei ontem pensando no futuro, o dele e o meu? Como explicar que não acredito que posso me obrigar a passar por aquela porta mais um dia?

Mesmo que ele esteja aqui.

Preciso do meu espaço para crescer, viver e esquecer essa cidade, e preciso deixá-lo, me afastar para que ele possa fazer a mesma coisa.

— Não voltou para fazer justiça? Tulipa, por favor.

Sorrio, porque, no fundo, ele sempre soube como minha cabeça funciona.

Apoio a cabeça em seu peito e suspiro.

— Sim. Você me ajudou, mas esse processo está concluído. Não consigo nem explicar que sorte foi ter conhecido você, ter visto você de novo, te tocado. Fazer amor com você… — Minha determinação fraqueja, e uma lágrima cai, a primeira desde que cheguei aqui, e a enxugo depressa, mas não consigo impedir outras. Elas transbordam aos montes, até meus braços envolverem seus ombros e sua camisa ficar molhada.

Ele levanta meu rosto e encosta a testa na minha.

— Está me deixando? É sério? — A voz dele treme, e fecho os olhos, me obrigando a terminar o que comecei.

Traço o contorno de seus lábios.

— Voltei por causa do Tyler, mas voltei por mim também, para descobrir quem me atacou, e nós descobrimos. Você não fazia parte dos meus planos, e eu não fazia parte dos seus, e você tem um futuro aqui, e eu… não. Este lugar não tem nada de especial, exceto você, Wyatt e Piper.

Ele me segura pelo quadril.

— Shhh. Não aceito isso, está ouvindo? Está abalada, só isso, não consigo nem imaginar a emoção que está sentindo. Não faz isso comigo, por favor. Não pode ir embora, porque não vou conseguir superar. Nunca vou achar alguém como você. Nunca vou beijar uma garota como você. Eu amo você. — Ele suspira. — Porra, você não me ama? Eu acho que sim, mas você nunca disse, e estou aqui parado, enquanto você pega suas coisas para ir embora, me deixar…

— Eu amo você, amo tanto, que faria qualquer coisa, mesmo que isso signifique dizer adeus. Você precisa de espaço para respirar, como disse. Falou isso por uma razão, seja ela seu irmão ou alguma coisa que, no fundo, você sabe que faz sentido. Seu irmão precisa de você agora. Você tem a temporada de futebol pela frente, e precisa de um time para seguir em frente. Tem objetivos

grandes, e eu também tenho, mas não posso mais lutar por eles aqui, embora você seja a pessoa mais digna, generosa, maravilhosa e linda que já conheci. Tenho que ir, preciso ir. — Meus ombros tremem, e mais lágrimas caem. — Não torna isso mais difícil para mim, por favor. Só… me procura algum dia, no futuro. É isso, me procura para dizer que ainda me ama, me quer e não pode viver sem mim em seus braços…

Ele fecha os olhos, e uma lágrima escapa.

— Para, para, só para com isso…

— Knox, por favor, me deixa ir…

Ele me beija com desespero, tomando tudo que tenho para dar a ele.

Três horas mais tarde, estou recomposta, com o rosto seco, sentada em um restaurante em Sugarwood, quando o sr. Grayson entra e se aproxima da minha mesa. O terno é caro, o rosto parece cansado.

— Fico feliz por ter ligado, Ava — ele começa com um sorriso abatido, sentado na minha frente.

Ele vê que estou tomando um café e pede a mesma coisa. Pergunta se já almocei, e digo que não estou com fome. Ele fala que também não está.

O sr. Grayson bebe um gole de café e olha para mim.

— Mudou de ideia sobre minha oferta?

Pego o guardanapo da mesa.

— Pensei muito no que disse, mas tenho que recusá-la.

Ele me observa.

— Entendo. Como foi a escola hoje? Não estava lá.

Suspiro.

— Cancelei minha matrícula. Vou pedir o diploma por equivalência, e queria saber se pode me ajudar a entrar na Vandy e conseguir a melhor bolsa de estudos que eles oferecem. Não quero dinheiro, só peço que me ajude com isso, e o restante eu posso pagar com um financiamento estudantil. Tenho certeza de que tem contatos em Nashville.

— É, eu tenho. E seu irmão?

— Já cuidei disso, mas queria ajuda para pedir a guarda dele. Conhece bons advogados. Tive um problema recentemente, minha mãe decidiu aparecer.

— É por isso que vai embora?

— Não, não, ela não quer ficar com ele, mas se eu puder eliminar qualquer possibilidade de ela pensar nisso, vai ser melhor.

— Entendo. Já conversou com o Knox? Ele ficou bem abalado depois que falou com você no sábado.

Balanço a cabeça para dizer que sim.

— Não posso prometer que nunca mais vou ver o Knox. Eu o amo, mas vou ficar longe o máximo que puder. Fico pensando no que o senhor disse sobre nos encontrarmos em outro momento, e isso é tudo que me faz seguir em frente, sr. Grayson. — Olho para ele, não tento esconder como é difícil me controlar.

Vejo a emoção em seu rosto quando ele segura minha mão sobre a mesa.

— Vou resolver todas essas coisas para você, Ava.

CAPÍTULO 24

Ava

Depois de tirar minhas coisas do dormitório Arlington, eu me mudo para um apartamento do tamanho de um closet que Lou arrumou para mim em cima da lanchonete. Tem uma caminha, uma mesa pequena e um banheiro onde só consigo entrar de lado, mas é meu e não pago aluguel.

No fim de outubro, pinto meu cabelo de loiro. A cor não é a mesma, é mais descolorido que cor de mel, mas começo a parecer comigo de novo, apesar dos olhos tristes. No Halloween, eu me visto de freira e trabalho no turno da manhã e do almoço no Lou's. Ele me olha de lado e me chama de Darth Vader, mas ri. Tyler está de Capitão América, e depois do meu turno eu o levo para brincar de gostosuras ou travessuras no bairro da Piper. Apesar de estar em Sugarwood, não me permito pensar em Knox ou Camden. Tenho novos objetivos, um novo foco. Prometi que me afastaria por nós dois, e estou tentando. Meu Deus, estou tentando de verdade.

Faço meu exame de equivalência e sou aprovada com notas altas. Faço a inscrição para a Vandy em tempo recorde, sou aprovada e, surpresa, em dezembro eles me concedem uma bolsa integral, uma compensação especial para alunos com média geral alta que moram nas regiões menos favorecidas da cidade. O sr. Grayson deve ter queimado muitas cartas.

Entro na lanchonete sacudindo o e-mail que imprimi no escritório do Lou.

— Consegui, Lou! É minha! Começo em janeiro, sou caloura!

Ele sorri, me abraça e gira no ar, enquanto Rosemary faz aquele barulhinho de desaprovação atrás do balcão, sobre o qual deixou um pedido para eu servir.

Lou até balança as sobrancelhas para a Irmã Margaret, que está no salão olhando seu celular.

— Nossa Ava conseguiu! — ele diz a ela, e me surpreende ainda mais quando a abraça. Ela fica tensa como uma tábua e dá uns tapinhas nele de leve.

— Caraca. Lou está abraçando a Irmã Margaret — Tyler declara quando se acomoda em uma das mesas.

Duas semanas depois do Dia de Ação de Graças, Piper me conta que os Dragons não ganharam o estadual, mas ficaram em segundo lugar, e

considerando como a última temporada deles foi horrível e o fato de terem perdido um de seus melhores jogadores esse ano, Liam, a escola toda está muito contente.

No fim de dezembro, quase quatro meses depois de eu ter deixado a Camden, recebo a notícia de que Liam aceitou um acordo e confessou tudo, em vez de ir a julgamento. Seus “troféus” foram confiscados na casa dele, junto com vídeos da festa que ninguém tinha visto, especificamente imagens minhas, que ele gravou enquanto murmurava que ia dar sorte. Também encontraram um estoque de cocaína e de um remédio para insônia chamado de droga do estupro. Eram as digitais dele na embalagem, não as de Dane.

Piper me contou que ouviu dizer que Liam realmente acusou Dane, disse que ele planejou tudo e o ajudou, como Knox antecipou que ele faria. Fico acordada à noite e espero que Dane esteja bem, espero que ele esteja se recuperando. Imagino Knox ao lado dele a cada passo do caminho, indo à terapia com ele, ajudando-o na escola.

Além do depoimento e da confirmação de Dane, Camilla se apresentou voluntariamente e contou que Liam a violentou na casa dele quando eram calouros. Ela não conseguia lembrar de todos os detalhes, possivelmente por ter sido drogada. Depois dela, uma garota de outra escola fez a mesma coisa. *The Tennessean*, o maior jornal do estado, publicou uma matéria completa e detalhada sobre o que aconteceu comigo e sobre a prisão dele. Em vez de correr o risco de uma pena de detenção mais longa, os advogados o incentivaram a confessar a culpa pelo ataque contra mim. Foi o que ele fez, e foi condenado a uma pena de quinze a vinte anos de detenção, que minha advogada disse que era uma sentença bem dura, considerando que ele era menor de idade quando praticou o crime. Não é o suficiente, nunca é, mas ele está fora de cena por enquanto, e isso me tranquiliza.

Quando janeiro chega, é um ano realmente novo, e meu começo.

CAPÍTULO 25

Ava

Um ano e nove meses depois

Estou atrasada. Muito atrasada.

— Chega de aula tão cedo — resmungo enquanto corro entre os alunos, me movendo como uma ninja com a mochila, o café e o laptop.

Mas sei que estou mentindo. As aulas no início da manhã são as melhores. Elas me dão tempo para começar o dia, estudar e ir dar uma olhada em Tyler quando ele sai da escola em Camden.

— Desculpa — murmuro para uma colega que me olha de lado quando bato nela acidentalmente. Cubro com a mão o copo de café que peguei na lanchonete.

— Ava! — Piper me alcança na calçada. Ela está bonitinha hoje de minissaia e cropped de crochê, com o cabelo avermelhado preso em um rabo de cavalo. Viemos caminhando juntas do nosso dormitório até este lado do campus, já que temos aulas em salas próximas, mas suas pernas curtas não conseguem acompanhar meu ritmo. Estou ansiosa. Tem algo novo e fresco no ar, um clima de expectativa repleto de possibilidades. Minha pele parece formigar. Arrepios cobrem meus braços, e é fim de agosto! — Garota, vai mais devagar!

— Estou atrasada. Hoje é a primeira aula de sociologia, minha orientadora sugeriu que eu me matriculasse. Pelo menos quebra um pouco a rotina. — Minha rotina este semestre envolve química orgânica, bioquímica, genética e dois laboratórios. Fico aflita só de pensar nisso. Minha orientadora avisou que este ano seria insano, e ela estava certa. Preciso estudar para a prova específica da faculdade de medicina, e ainda vou precisar passar pela inscrição. Hoje começo meu sexto semestre aqui, contando o verão.

Ela sopra a franja, as pernas curtas tentam me alcançar. Dou risada por conseguir andar mais depressa que ela, porque Piper está sempre em movimento.

— Você vai para o auditório Hess, não é? Eu tenho aula normal. — Ela está cursando pedagogia.

Wyatt acena e corre em nossa direção, atraindo os olhares de várias garotas com suas tatuagens e aquele sorriso debochado de sempre — não que ele

perceba. Ele acabou se matriculando na Vandy para ficar mais perto da mãe. Jagger está com ele, e meu sorriso se alarga.

— Ei, meninos!

Todo mundo se abraça. Não os vimos muito com a loucura do novo semestre.

Digo a eles que preciso correr, falo que queria conversar mais, mas o tempo voa.

— Vejo você no trabalho — Piper avisa, referindo-se ao Blue's Bar. Sou bartender, e ela é garçonete. Desisti do emprego no Lou's quando vim para a Vandy, mas ainda passo para lá para comer com o Tyler de vez em quando. — Até mais tarde — ela se despede, e segue em frente na bifurcação da calçada.

— Te vejo no trabalho! — Olho para trás para acenar para eles e bato de frente em um corpo duro, musculoso.

O livro dele voa longe e acerta a garota que está a seu lado, depois cai no chão. Ela parece brava quando o livro bate em seu rosto. Derruba a bolsa, e o conteúdo se espalha pela calçada. Alunos desviam da cena, a maioria a caminho da aula com passos despreocupados. Meu café respinga na camisa, e eu me encolho ao sentir o líquido quente.

Caramba. Bela maneira de começar o semestre.

— Desculpa, gente. Estava com pressa e não estava prestando atenção. A culpa foi minha — resmungo, tentando limpar minha blusa. Meus peitos vão ficar com cheiro de avelã o dia todo. É claro, não tenho tempo de ir para casa. Pelo menos a calça skinny parece ter escapado ilesa. Abaixo para pegar meu copo, me sentindo arrasada por não ter mais café. Era a única coisa que me mantinha acordada. O livro que derrubei chama minha atenção ali na calçada, aberto e virado para baixo. Fecho os olhos. *Livro didático… caro.*

Suspiro, irritada.

— Não se preocupa. Está tudo bem.

Bela voz. Profunda. Meio rouca. Levanto a cabeça e olho para a pessoa que quase joguei no chão.

O ar parece escapar do meu peito.

Levanto os óculos escuros até o topo da cabeça, usando-o para prender o cabelo.

QUE CARA MAIS LINDO.

Ele é alto, bem mais de um metro e oitenta, ombros largos em uma camiseta

dourada e justa da Vandy, jeans de cintura baixa e Converse preto. Cabelo escuro e mais comprido do que se vê normalmente nos caras que chamam minha atenção, mais ou menos na altura do queixo e levemente ondulado.

Meu coração pula de um penhasco e mergulha de cabeça em águas turbulentas. Minhas mãos ficam úmidas, e fecho e abro os olhos depressa, pensando que talvez ele desapareça.

Não. O lindão continua na minha frente.

— Meu rosto está doendo — choraminga a garota ao lado dele.

Ah. Pisco e olho para ela. Bonita, alguém com quem eu poderia imaginá-lo. Cabelo comprido, brilhante, castanho-claro, grandes olhos verdes e corpo curvilíneo.

Ela me encara e se abaixa para pegar o batom.

— É o primeiro dia. Estou meio maluca. Desculpa. — Pego a carteira caída e ponho na mão dela.

— Devia ir mais devagar — ela resmunga.

Olho para o bonitão. Ele está me encarando.

Mordo o lábio.

Fico nervosa.

Sinto o estômago vibrar, e isso não acontece desde… Bom, desde o ensino médio.

A garota se levanta e pergunta se eles podem ir.

Ele não se mexeu, e não respondeu para ela.

Sorrio por dentro, porque ele também não se ofereceu para ajudar a recolher as coisas dela.

— Você está bem? — ele me pergunta.

Estou?

Ah, sim. Totalmente. Completamente.

Por impulso, sei o que devo fazer. Estendo a mão.

— Oi. Meu nome é Ava, às vezes Tulipa, para quem me conhece bem. Desculpa pelo livro. Espero que não tenha estragado.

O momento de silêncio se prolonga, e não sei se ele vai responder, e, caramba, como se eu me sentiria idiota se…

Ele segura minha mão lentamente, quase como se tivesse medo de me ver virar e sair correndo.

— Meu nome é Lee.

Lee. Saboreio, experimento repetir o nome em minha cabeça. Combina. Forte. Silencioso. Sexy para cacete.

Seus olhos são cinzentos, o rosto é esculpido e modelado, faces magras e nariz fino. Tem uma sombra de barba em seu queixo, e ele a coça. E nem uma vez desvia os olhos dos meus.

Alguém passa por mim, mas quase nem noto.

O sol está brilhando mais? Os pássaros estão cantando nas árvores?

Sinto as pernas estranhas, como se não estivesse realmente em pé ali. Engulo o nó na garganta.

O universo… mudou.

— Lee. — Que idiota. Repito o nome.

Seus lábios cheios se movem.

— É. E você é Ava, vulgo Tulipa.

— Ei, e aí? Vamos? Estamos atrasados — a garota diz atrás dele.

— Sua namorada está chamando — murmuro. — É melhor você ir.

— Não é minha namorada.

— Ah, não? — Percebo que dei dois passos na direção dele. Se estender a mão, posso tocar seu peito definido. — Ela é bonita.

— Hummm. Prefiro as loiras. — Seus olhos descem pelo comprimento do meu cabelo, e reconheço que faço um charme e o jogo por cima do ombro. Comprido e ondulado, ele brilha ao sol. Não tenho mais cabelo preto ou descolorido. E estou feliz por tê-lo deixado solto hoje.

— Ela insistiu em vir comigo. É minha prima.

A menina revira os olhos, diz que precisa ir e, caso ele queira ficar, vai precisar encontrar sua sala sozinho.

— Vai indo — ele responde sem olhar para ela. — Eu me viro.

Eu o encaro, e ele fica perfeitamente imóvel, como se tivesse medo de se mexer, enquanto eu… Bom, eu sou a garota tonta que passa um minuto inteiro registrando cada centímetro dele, quando já estou atrasada! Ele é bronzeado, como se passasse muito tempo ao ar livre. Seus olhos têm linhas nos cantos, marcas de quem fica no sol sem proteção. As mãos parecem ser fortes, os dedos são longos e finos.

— Fui aprovado na inspeção? — ele murmura.

— Foi. — Pego o livro e entrego para ele, e nossos dedos se tocam.

Seus lábios sensuais se afastam, o peito se expande, e parece que ele vai dizer…

Alguém bate no meu ombro ao passar por mim, e peço desculpas. Droga. Estamos no meio do caminho, e o movimento é intenso.

Alguém me chama, uma garota de uma das turmas pré-medicina, e me assusto e aceno, torcendo para ela não se aproximar. Volto a encará-lo, e ele está olhando para mim com uma expressão meio insegura.

— A gente se vê por aí — ele finalmente fala antes de virar e caminhar em direção aos prédios no fim da calçada onde estamos.

Eu o vejo se afastar até seu corpo ficar menor e outras cabeças esconderem a dele. Com um suspiro, olho em volta e vejo novamente o mundo. Uau. O céu é incrivelmente azul, a grama é mais verde, as árvores são exuberantes e cheias de cores vibrantes dançando com a brisa do fim do verão.

Dou risada.

Acabei de conhecer um cara.

Acabei de conhecer um cara.

Quando saio do banheiro, onde fiz o possível para limpar o café da minha blusa, e vou para a aula, a sala está lotada. Prefiro sentar na frente, especialmente se preciso ficar acordada, mas estou sem sorte, e isso não me incomoda em nada, porque me sinto flutuar. Seguro a mochila e encontro um lugar vazio na última fileira, no alto. Pelo menos é a cadeira do corredor e a saída está atrás de mim, caso eu precise sair correndo para a próxima aula.

— Dizem que esse professor é incrível — comenta o cara sentado ao meu lado.

— Ah, é?

— Sociologia de homens e mulheres. — Ele pisca para mim, e vejo em seu rosto um lampejo de interesse.

Ele é bonito, está de óculos escuros e camisa de grife, e tem dentes muito brancos. Rico. Na Vandy há muito dinheiro, mas de onde as pessoas vêm e o que têm não me incomoda mais. Todos nós estamos aqui para aprender, e eu me encaixo muito bem nisso.

Mesmo com meu Converse velho, que agora é rosa, em vez de preto.

Ele se inclina em minha direção.

— Quer estudar comigo para essa matéria algum dia?

Balanço a cabeça.

— Hum, estou saindo com alguém — respondo sem rodeios. Melhor que ele saiba. Meu coração tem dono.

Seu sorriso perde um pouco da luminosidade.

— Ah. Legal. Claro, é isso aí. Eu também.

Olho para o professor que entrou na sala, e meus olhos encontram uma camiseta dourada lá na frente. Endireito as costas. Preciso entortar o pescoço para enxergar além de uma garota com um cabelo enorme…

Mas, ai, eu vejo.

Meu nome é Lee.

Meus lábios se curvam.

O professor se apresenta e fala sobre o programa, e vou registrando as informações no meu laptop sem olhar, atenta ao Lindão.

Ele me viu entrar?

O professor começa a aula, e em pouco tempo sou conquistada, especialmente quando ele fala em *rituais de acasalamento.* Sorrio e agradeço à minha orientadora em pensamento.

Mais tarde, estou bem no meio do meu turno no Blue's quando Carla, aluna da graduação e gerente do bar, se aproxima do balcão e aponta para mim.

— Sua vez de encarar o microfone.

— Já cantei uma!

— Conhece as regras, mocinha.

Gemo baixinho, largo o pano em cima do balcão e me dirijo ao palquinho do Blue's Bar.

— Faz parte do trabalho, Ava — ela me lembra. — É o único jeito de fazer os outros cantarem.

— Eles só precisam ficar bêbados. Devia fazer uma noite da cerveja por um dólar.

Ela bufa.

— Até parece. Agora vai, e canta até suas tetas caírem.

Lembro de Camden e de um dia em que a sra. Henderson falou alguma coisa parecida pelos alto-falantes da escola. A lembrança não incomoda como antes, e eu rio.

— Ela só quer te ouvir cantar — Piper comenta ao trazer uma bandeja de copos de cerveja e vinho. — E você sabe que também gosta.

Dou de ombros. Ela tem razão. Fazia muito tempo que eu não cantava. Mas quando comecei a trabalhar aqui um ano atrás, foi natural subir no palco e cantar uma canção. Tem um piano, mas não sei tocar. Consigo tirar alguns acordes no violão, graças a Wyatt.

Cantei duas canções, quando um grupo grande entra no bar. Garotas e rapazes usando as cores da Vandy. O Blue's Bar fica a um quarteirão do campus, e a maioria da clientela é formada por alunos de lá.

Carla gesticula para eu cantar mais uma, e concordo balançando a cabeça.

Sento no banquinho e toco as primeiras notas de *Mercy*, de Shawn Mendes. Começo a cantar os versos melancólicos sobre um cara que precisa da misericórdia da garota que ele ama, precisa de que ela vá mais devagar com o amor deles. Ele está disposto a sacrificar tudo, mas precisa de mais tempo.

A plateia fica mais quieta, e eu canto a canção, dou a ela tudo que tenho.

Alguém começa a tocar o piano.

Viro e vejo o Lindão sentado diante do instrumento sobre o palco. Seus dedos longos tocam as teclas acompanhando minhas palavras.

Ah, nos encontramos de novo. Um arrepio percorre minha pele.

Meu rosto fica vermelho quando ele arqueia uma sobrancelha para mim. Percebo que parei de cantar.

"E aí? Não vai terminar?", ele me pergunta com os olhos.

"Por quê?", devolvo com o olhar.

Os dedos param sobre as teclas.

— Gosto de como você canta — ele fala em voz baixa.

É o suficiente. Olho para a plateia e canto o restante da música. Quando termino, todo mundo aplaude com entusiasmo.

— Ava! Preciso de você! — Carla aponta para a fila de pessoas no bar.

Certo.

Olho para o meu pianista, mas ele já foi, voltou para o grupo de alunos com quem chegou mais cedo.

Suspiro, ajeito a regata cor-de-rosa com o logotipo do Blue’s Bar e vou para trás do balcão, onde anoto pedidos, abro cervejas e preparo drinques.

— Cerveja, por favor — pede uma voz profunda. — Guinness de garrafa, se tiver.

Estou abaixada limpando a caixa de gelo durante um momento de calmaria, mas levanto e apoio os cotovelos no balcão de madeira escura. Ele está sentado em uma banqueta do outro lado, na minha frente.

— Lee — falo, meio arfante. — Você toca bem.

Ele abaixa a cabeça, e um sorriso acanhado distende seus lábios.

— Não é nada. Sei acompanhar, só isso.

— Eles gostaram. — Aponto para os clientes. O bar agora está lotado. Todas as mesas estão ocupadas, e tem uma fila na ponta do balcão para fazer pedidos. Piper está em algum lugar, agitada e cheia de energia, anotando pedidos de comida e bebida, indo e voltando entre o salão e a cozinha.

Ele se move, apoia os braços no balcão como se pretendesse se acomodar melhor. Vejo quando ele passa uma das mãos no cabelo, e meus dedos suplicam para sentir a textura sedosa.

— É a primeira vez que venho ao Blue’s. O lugar é legal. — Ele sorri. — Vai ficar me encarando ou vai me dar aquela cerveja?

— Tem documento?

Ele pega uma carteira de couro do bolso e tira dela a carteira de motorista.

— Qual é a graça? — pergunta, e se debruça para olhar o documento junto comigo. Meu Deus, o cheiro de mar flutua em torno dele.

— Primeiro, você parece furioso nessa foto. Segundo, o que fez com seu cabelo? Gel demais. Terceiro, você não tem 21.

— Terei um dia. Prefere ver o documento falso?

Dou de ombros. Todo mundo tem um, e Carla não está olhando.

Ele me entrega o documento falso, eu olho, devolvo e pego a Guinness, tiro a tampa e coloco a garrafa em cima de um guardanapo. É como se ele não conseguisse parar de observar meus movimentos, e meu estômago vibra daquele jeito de novo, como se alguma coisa tremulasse dentro dele.

— Quantos anos você tem? — ele pergunta.

— Fiz vinte em janeiro.

— Ah. E como comemorou?

Reviro os olhos.

— Trabalhando. Não sou muito de festas.

Os olhos deslizam por meus braços. Estudam os bíceps.

— Bela tatuagem.

— Fênix. — Viro de lado para mostrar a bela criatura cor de laranja subindo ao céu, deixando um rastro de chamas vermelhas. Fiz a tatuagem no verão depois que saí da Camden. Cada picada na pele foi um lembrete de quanto eu havia caminhado para chegar onde estava. Eu me levantei das cinzas e comecei de novo. — Meu irmão desenhou. Tem alguma?

— Não que você possa ver.

Alguém ao lado dele pede uma taça de Chablis, uma menina bonita com a camiseta de uma sororidade, e eu a sirvo. Alguém atrás dela faz um pedido, e a Garota Sororidade olha para o Lee e começa a conversar. Ele responde com monossílabos, até que ela se afasta, desapontada.

— Aposto que isso acontece muito. — Estou olhando para ele. Não consigo evitar. Meus olhos se demoram em seus lábios. Um longo suspiro escapa de mim.

Ele bebe a cerveja. Um gole longo.

— Não. Estou me guardando para alguém. Já faz tempo.

— Sério?

— Humm. — Ele tira o rótulo da garrafa.

— Está pensando em ser monge?

— Só estou esperando uma garota.

Minhas mãos tremem, e eu as escondo nos bolsos do jeans. Tusso para limpar a garganta.

— Nunca te vi pelo campus. Veio transferido? Em que ano você está?

Ele sorri.

— No primeiro. Depois que terminei o colégio, tirei um ano de folga para viajar com meu pai e meu irmão, depois fiz umas aulas on-line e trabalhei em empregos variados, principalmente na área de construção, para a empresa do meu pai. Queria guardar algum dinheiro… para uma garota.

Suspiro e engulo a saliva.

— Ah, viajar… Para onde foi?

— Primeiro para a praia. Temos uma casa em Kiawah Island, na Carolina do Sul.

Imagino uma mansão no litoral, as ondas lambendo a praia.

— Parece ótimo. Onde mais?

— Saímos de lá e fomos pescar no Alasca, depois fomos para a Itália. Morei em uma *villa* por alguns meses, escalei algumas montanhas, vi Pompeia… Incrível, aliás. Meu irmão… — Ele ri. — Chorou como um bebê naquelas ruínas, pensando em todas as pessoas e todos os animais mortos instantaneamente por cinza vulcânica. — Ele olha para mim de um jeito hesitante. — Ele tem o coração mole.

— Isso não é bom. Em quais outros lugares vocês foram? — Estou me inclinando na direção dele, fascinada.

Ele ri, seus olhos brilham.

Dou de ombros.

— Que foi? Sempre quis viajar, a praia deve ser incrível. Aposto que viu muitas.

— Um dia você também vai ver. — Ele arqueia uma sobrancelha, e sinto vontade de dar uma lambida nela.

— Sim. Quando terminar a Vandy. E a faculdade de medicina, a residência, aí… quem sabe?

Ele assente.

— Passamos alguns meses na Grécia. Praias lindas, água cristalina. Meu irmão conheceu uma garota na Costa Amalfitana, se apaixonou, e ela voltou com ele.

Uma onda de calor me invade.

— Ah. Ele está feliz?

— Está. Sabia que existe uma ilhota grega dedicada a cuidar de gatos?

— Não brinca.

— É sério. Só um bando de felinos andando por uma ilha deserta. Tem zelador e tudo.

— Gosta de gatos?

— Meu irmão gosta. Ele tem um, presente meu.

Sorrio.

— O que está cursando?

— Não dá risada. Administração, com eletivas de poesia.

Eu rio.

— Falei para não rir! Nem sei por que isso é engraçado, mas todo mundo ri, como se poesia fosse bobagem.

— Não ri por causa disso. Ri porque… combina com você.

Alguns caras no fundo do bar gritam quando a TV atrás do balcão mostra a reprise de um jogo de futebol da Vandy no ano passado. Imagino que estão se preparando para a nova temporada. Nosso primeiro jogo vai acontecer em duas semanas. Olho para os caras com quem ele chegou. Todos usam camisetas do futebol.

Lee também.

— Você joga futebol pela Vandy?

Ele confirma, balançando a cabeça.

— Entrei no time no verão. Quarterback. Vim e fiz a peneira. Fui aprovado. Terceiro reserva, mas, ei… — Ele ri e abre os braços. — Alguns têm seu apogeu no ensino médio. Parece que me dei bem.

Meu Deus. Amo a risada dele. É da cor do sol, suave, quente e dourada.

Acho que disse isso em voz alta, porque ele fica vermelho.

Depois crava em mim os olhos cor de metal.

— Você se dá bem com jogadores de futebol?

— Muito bem. Por que não me daria bem com eles? Conheço alguns. Namorei um jogador de futebol no colégio. Ok, dois. — Faço uma careta.

— Ah, o amor na juventude. Meu concorrente, pelo brilho em seus olhos.

Alguém pede uma Bud Light e vou buscar, pego o dinheiro e entrego a garrafa.

Volto para perto dele.

Ele não saiu do lugar.

— Terceiro reserva, é? Parece que a coisa é bem concorrida. Ficou incomodado?

Ele dá de ombros.

— Antes eu achava que jogar era tudo de que eu precisava, até queria uma bolsa para jogar por uma faculdade grande. — Uma expressão distante surge em seus olhos. — Mas eu precisava mesmo da minha família. Aprendi a ser paciente. Tudo chega quando tem que chegar.

— Vandy não é uma faculdade com um time de futebol forte, mas está entre as integrantes da primeira divisão da SEC. Você pode trabalhar e se tornar titular.

— Talvez. Que horas você sai?

Puxo o cabelo para frente por cima do ombro, e ele inspira profundamente.

— Fechamos à meia-noite. Hoje estou no último turno, o que significa que tenho que limpar a cozinha e as mesas. — Suspiro. — Não saio daqui antes da uma hora. Eu te vi na aula de sociologia.

— Também te vi. Quer sentar comigo na próxima aula?

Meu corpo vibra, treme. Tento falar, mas…

— Estou indo depressa demais? — ele pergunta.

— Não.

— Você tem telefone?

Anoto o número em um guardanapo. Ele o pega e guarda no bolso.

— Gostaria de sair para comer? Tipo… em um encontro?

Se gosto de comer? Dou risada. Ai, Lee. Você está fazendo tudo direitinho!

— Não tenho um encontro desde… Droga, nunca tive.

— Mentira. Você é linda. — Os olhos passeiam por meu rosto, tocam meus lábios e descem até o decote da camiseta regata, parando no pingente.

Eu me inclino sobre o balcão e sussurro:

— Verdade. Nunca um cara pagou minha comida em um encontro. Acho que estou esperando o homem certo aparecer.

— Droga. — Ele bebe um gole de cerveja. — Não posso dizer que fico triste por isso. Ele já apareceu?

— Ava! Para de flertar e me ajuda aqui com as garotas da sororidade! — Carla grita da ponta do balcão, onde está se afogando em Deltas.

— Você tem que trabalhar.

— Hummm — respondo sem me mover, relutante em sair dali.

Ele sorri.

— É melhor você ir.

— Minhas pernas não estão funcionando. Carla pode se virar. — Ela grita de novo, e eu suspiro. — Saco.

— Vai trabalhar. Eu espero. — Ele levanta da banqueta e volta à mesa dos amigos, e eu suspiro ao vê-lo se afastar. Meu coração bate mais depressa. Ele

evita as garotas que o assediam, vira para a direita para conversar com outro jogador. Quando percebe que estou olhando, aponta para mim com a garrafa de cerveja.

Vejo promessas em seus olhos.

Vejo…

Eu.

Depois que fechamos o bar, Piper deixa escapar um longo suspiro e se dirige à porta.

— Garota, queria ter energia para ficar te esperando por mais uma hora, mas Wyatt está lá fora e vai me dar carona. Estou morta de cansaço.

— Tudo bem. — Estou acostumada com turnos longos. — Vai dormir.

Ela para na porta e vira.

— Ei, vi que estava falando com alguém mais cedo. O bar estava lotado, e não consegui dar uma boa olhada nele. Possível contatinho? Sei que fala para todo mundo que está comprometida, mas não acha que é hora de sair com um desses caras que vivem atrás de você? — Ela sorri. — Ai, caramba. Ficou vermelha. O que ele disse?

Dou de ombros, protegendo meus segredos.

— Nada.

Ela sai, e eu vou cuidar da limpeza, enquanto Carla conta o dinheiro do caixa no escritório da gerência. A outra garçonete vai embora. Pouco antes da uma, terminei de arrumar tudo e tranco a porta dos fundos.

Carla e eu vamos juntas ao estacionamento do outro lado da rua.

— Tem alguém esperando no seu carro — ela diz, apontando o homem alto encostado no Mercedes estacionado ao lado do meu.

— Tudo bem. Eu conheço o cara — respondo quase sem respirar.

— Ele é lindo — ela murmura, depois entra em seu sedã e vai embora.

Fico ali parada por um minuto, só olhando para ele. Depois respiro fundo e caminho em sua direção, cantarolando.

Ele está lá.

Está esperando.

Esteve esperando.

Nós dois esperamos.

Como se o tempo não tivesse passado, paro quando ficamos frente a frente. Estendo a mão e toco seu rosto, acaricio a cicatriz que desce até o lábio superior.

Ele morde meu dedo.

Pulo e dou risada.

Ele sorri.

— Pensei que fosse me ligar — falo, empurrando com o pé um matinho que nasceu em uma brecha no concreto.

— Queria te ver antes de ir dormir. Cansada? Aposto que a gente encontra um desses lugares vinte e quatro horas, se estiver com fome.

Meu corpo esquenta.

— Não estou cansada. Nem com fome. — Nunca me senti tão viva.

Ele ajeita meu cabelo atrás da orelha.

— Quando te vi hoje de manhã, não quis apressar as coisas.

— Pode apressar.

Um longo suspiro sai de seu peito. Ele engole em seco.

— Vamos para a minha casa.

— Onde fica sua casa?

— É um apartamento perto daqui. Mudei para lá no fim de semana.

— Ok.

Ele dá a volta no carro e abre a porta do passageiro, e eu me acomodo no banco de couro.

Ele entra, liga o motor e sai do estacionamento. Não tem muito trânsito a essa hora, mas alguns carros passam por nós, os faróis iluminam nossos traços.

— Está me encarando — ele fala, rindo, me olhando por um instante antes de voltar a prestar atenção ao trânsito.

Ah, eu vejo a promessa naqueles olhos lindos. A seriedade. O calor. Eu o vejo. Ele é o tipo de cara que não ama com frequência, mas, quando ama, se doa por inteiro.

— Não consigo evitar. — Minha garganta se fecha com uma necessidade intensa, visceral, primitiva de abraçá-lo. Faz muito tempo, muito mesmo, e agora ele está aqui, e não consigo respirar, pensar ou…

Como se percebesse, ele segura minha mão.

— Aguenta um pouco, Tulipa. Estamos quase chegando.

Ele entra em um belo condomínio perto do campus, estaciona o carro, desce e vem abrir a porta para mim.

— É isso aí — geme quando saio do automóvel, pulo em seus braços e enlaço sua cintura com as pernas.

— Para dentro — murmuro em seu pescoço, sentindo o cheiro conhecido.

Ele corre comigo no colo, sobe dois lances de escada e segue pelo corredor até uma porta. Com alguma dificuldade, enfia a chave na fechadura, destranca e abre a porta com o pé.

Vejo uma sala meio escura com caixas por todos os lados, a maior parte fechada, os livros em cima de uma mesa, a TV ligada na ESPN, mas muda. Comigo nos braços, ele cai sentado em um sofá de couro, e monto nele e deslizo as mãos por seu rosto, tocando-o, acariciando o cabelo, traçando o contorno da face, dos ombros.

Ele olha dentro dos meus olhos e me deixa mapear seus traços. Faz a mesma coisa, beija a palma de minha mão, toca de leve a veia em meu pulso. A mão dele treme sobre meu coração por vários momentos, e ele respira ofegante quando afaga meu ombro, depois o pescoço, até segurar meu cabelo. Enterra o rosto nele e diz meu nome com um tom que mistura angústia e reverência, tudo lindamente misturado.

Minhas pernas apertam sua cintura.

Não consigo soltá-lo. Minha respiração falha quando ele segura meu rosto. Estou me afogando e preciso dele, preciso dele como preciso do ar.

— Me beija — peço. — Me beija. Por favor, me beija e me perdoa por ter te deixado, porque, se não perdoar…

Ele se apodera da minha boca como um homem faminto. Nossos lábios se encontram, colam, lambe, sugam, mordem.

Ele tira minha blusa, enquanto eu quase rasgo a dele, puxando-a para cima, para a cabeça.

Meu sutiã é azul e rendado, e ele desliza os dedos pelo tecido, depois segura os seios com a mão inteira. Gemo ao sentir o toque leve. Saudade e desejo, ambos acumulados e represados por tanto tempo, dançam e gritam em minhas terminações nervosas.

— Tulipa, toda minha, toda minha — ele diz em voz baixa, enquanto abaixa a cabeça para chupar meu mamilo rígido através da renda.

Olho para seu peito, minha boca seca diante da visão dos músculos esculpidos, do tanquinho, do V que mergulha na calça jeans. Vejo a tatuagem nova, um buquê de tulipas e uma inscrição sobre as flores cor-de-rosa. Meus olhos perdem o foco. A emoção me eleva e me destrói ao mesmo tempo enquanto traço as palavras com um dedo.

“Tulipa. Esperando por você. Sempre.”

Ele arfa.

— Tulipa, droga, droga. Nunca mais me deixa, nunca. Fica aqui comigo. Seja minha. Fiz o que você queria. Deixei você ir, deixei você se encontrar e também me encontrei. Foi o que eu fiz, mas não vou conseguir de novo sem você. Não posso olhar para outra praia, montanha ou outro país e pensar onde você está, ou com quem está saindo e se ainda me ama… — A voz dele falha quando as mãos seguram meu rosto. — Fala que ainda me ama.

Meu coração se parte e emenda.

— Lee Knox Grayson, te amo até o fim dos tempos. Nunca deixei de te amar. Nunca desisti. Você é meu destino. Eu sou o seu. O universo me deve você, sabe?

Ele estremece.

— Nunca deixei de cuidar de você, Tulipa. Sei onde você está desde o primeiro dia.

— Não duvidei disso nem por um momento. Você me ama!

— Precisávamos de um recomeço e eu queria te dar esse recomeço. Podia ter conhecido alguém. Talvez… não me quisesse mais. Talvez fosse embora e nunca mais pensasse em mim.

— Jamais. — Meus lábios tocam os dele.

— Eu te quero muito, sei que acabei de aparecer…

— Sou sua.

Ele geme e me beija, nossas mãos trabalham aflitas e conseguimos tirar a calça, os sapatos. E de repente estou de novo em seus braços, e estou olhando para ele, bebendo cada gota dele. Seguro sua cabeça, me contorço contra seu corpo, sinto sua ereção através da calcinha.

— Estou aqui — ele murmura, beijando e mordendo meu pescoço de leve.

Puxo seu rosto e o beijo, um beijo ardente e profundo, invado sua boca, chupo a língua, quero devorá-lo.

Empurro sua cueca para baixo e, mesmo na penumbra, posso ver que ele está ereto, longo e grosso.

— Tulipa, pensei em você assim, sonhei com você assim. Foram noites muito longas sem você, nada é certo, nem praias, montanhas ou céu, porque preciso de você, preciso muito de você. Você é a única que me conhece, que me vê como eu sou por dentro. — Ele exala, move o quadril contra minha mão.

Sem preâmbulos, ele desliza os dedos para dentro da minha calcinha de renda e me penetra com um deles, e arqueio o corpo e cavalgo sua mão, me esfregando para mostrar onde preciso dele. Meus lábios e a língua passeiam em seu peito, as mãos passeiam por sua pele, saboreiam, o desejam muito enquanto gravo seu cheiro e seu sabor em minha memória.

— Camisinha — falo entre um beijo e outro.

Ele geme.

— Não tenho.

— Seu idiota.

Knox segura meu queixo.

— Você foi a última garota com quem estive. Não precisei de camisinha.

— Eu também não. Você é o único cara que eu quero. — Faço uma pausa breve, depois digo. — Estou em um período seguro do mês.

Enfio os dedos em seus cabelos e massageio sua cabeça, enquanto ele me levanta. Estou em pé diante dele, vendo seus olhos arderem enquanto as mãos tiram minha calcinha. Estou tremendo com a mistura de necessidade e esperança, como pássaros voando para o céu. Tanto tempo, tanto tempo…

Ele morde o lábio e olha todos os detalhes em mim, e dou uma reboladinha enquanto ele sorri, depois me puxa de volta e me põe em seu colo, acomoda minhas pernas do lado de fora de suas coxas. Olhando em meus olhos, ele me penetra como aço recoberto de seda, e gritamos, e ficamos imóveis, colados um no outro, ofegantes.

— Tulipa, Tulipa, tão bom, tão bom, você… — ele murmura, e começa a se mover. — Delícia, que delícia.

— Knox — falo baixinho, e me mexo colada a ele.

Ele segura meu quadril, seu membro cresce dentro de mim, os olhos nunca desviam dos meus.

Minhas mãos o agarram, o seguram quando ele muda de ângulo, gira dentro de mim, seu corpo roçando meu clitóris. É duro, rápido e bom, muito bom

quando ele entra e sai. As mãos dele queimam minha pele. Os olhos me incendeiam.

Ele me diz:

— Você é minha. — E quando os dedos se movem entre nós e acariciam meu clitóris com persistência deliciosa, imploro sem pensar, perdida nele, peço para ele nunca me deixar, para me segurar assim, para ser dele, para fazer parte de seu mundo. Quando o orgasmo chega, os espasmos do meu corpo o massageiam, e eu grito seu nome.

— Tulipa, Tulipa — ele diz, e explode comigo.

E eu o amo tanto, que até dói.

Ele respira em meu pescoço e me abraça forte, me embalando enquanto me agarro a ele.

Ficamos assim por muito tempo, as mãos dele afagando minhas costas enquanto ele murmura em meu ouvido como sou linda e valente.

Fazemos amor novamente, dessa vez mais devagar, ele me penetrando lentamente, eu deitada de costas no sofá. Knox desliza as mãos por meu rosto, pelo pescoço, sente o batimento rápido nas veias. Ele sente meu pulso com os lábios e se apodera de mim, dos meus gritos, gemidos, de tudo que é meu.

Mais tarde, ele me dá uma camisa folgada e veste a calça de um pijama.

— Quer conhecer minha casa? — pergunta com voz rouca, os olhos em meu rosto, sempre perto de mim. Sua expressão é de esperança.

Digo que sim com um movimento de cabeça, e ele me leva para ver tudo. O apartamento é grande: três quartos, três banheiros e uma cozinha maior que meu quarto no dormitório.

— Tem espaço para o Tyler aqui — ele diz.

Balanço a cabeça para concordar de novo.

— E tenho pesquisado escolas perto da Vandy. Tem algumas de que ele pode gostar… se você quiser vir morar aqui. — Ele parece inseguro. — Tenho dinheiro que herdei da minha mãe, e estive trabalhando com meu pai para economizar mais. Quero cuidar de você e do Tyler do jeito certo.

Ai, Knox. Ele continua.

— Sei que é independente, mas preciso de você comigo, Tulipa. Deixei você se afastar. Podia ter ido atrás de você e implorado para voltar, mas aguentei firme e segui em frente por minha família, para resolver nossos problemas, e

resolvemos. Mas agora somos nós. Não quero mais ir devagar. Não quero mais distância. Não tem mais tempo para respirar. Agora é nossa vez. Nós.

Meu queixo treme com o esforço para não chorar.

— Dane precisava muito de você, e eu também, mas tive que sair de lá, seguir minha vida e deixar tudo aquilo para trás.

Ele afaga meu cabelo.

— Eu entendi. Meu pai me contou tudo que fez para te ajudar. Ele foi honesto desde o dia em que você saiu do colégio, e fico feliz por ele ter te ajudado com a universidade. Sei que você conseguiu a guarda. Tyler pode não querer sair do único lugar que ele conhece, mas ele é parte de você, e se ele quiser vir, quero que venha viver com a gente…

Meu Deus. A bondade dele me derruba.

Lágrimas escorrem por meu rosto quando o beijo.

— Posso me mudar amanhã. Vamos descobrir o que Tyler quer fazer.

Ele enxuga meu rosto, e quando o sol entra em nosso quarto, ainda estamos acordados, deitados lado a lado, nos tocando. Minha perna descansa sobre seu quadril e ele me penetra, uma das mãos em minha bunda, a outra segurando meu cabelo. Os lábios bebem dos meus, me idolatram.

— O sol está nascendo — sussurro.

— Querida Ava, hoje é o começo de qualquer coisa que você quiser — ele diz em meu ouvido.

Seguro seus ombros.

— Você. Sempre você.

EPÍLOGO 1

Knox

O estádio explode em aplausos, música e luzes. Vários companheiros de time da Vandy batem em minhas costas.

— O lançamento para aquele último touchdown foi mortal, cara! — grita James, meu receptor. — Campeões do Citrus Bowl! Nem consigo acreditar! Melhor temporada que tivemos em anos!

— Temporada foda! — diz Marlon, o treinador de quarterback, e ele aperta minha mão, mas muda de ideia e me abraça.

Tiro o capacete e murmuro uma resposta, enquanto a torcida invade o campo.

Mas não olho para eles. Estou olhando para a loira sentada na frente e no centro da linha de cinquenta jardas. Fiz o que pude para não pensar nela durante esse último jogo, mas ela não sai da minha cabeça, está sempre flutuando em meus pensamentos. Seu rosto em forma de coração, os grandes olhos cor de água-marinha. O sorriso misterioso e só para mim quando beijo meus dedos no campo e os levanto para ela.

Ela corre, pula em cima de mim, me envolve com braços e pernas, e eu a aperto contra o peito. Sinto nos ossos o quanto tudo isso é perfeito. Tulipa.

Ela esconde o rosto em meu pescoço.

— Nada mal para um quarterback que é terceiro reserva.

— Bom, que bom que me esforcei o suficiente para ser titular. Só demorei até o último ano.

Ela ri.

— Parece que seu apogeu não foi no ensino médio, afinal. E sabe o que vem a seguir?

Eu a beijo sem pressa, sem me importar com os flashes e a mídia à nossa volta. Com exceção dos jogos fora da cidade aos quais ela não pode ir, não passamos uma noite separados desde que apareci no Blue’s Bar. Ela se mudou do dormitório para o meu apartamento e nunca mais pensamos no passado. Ela é a garota que eu quis desde a primeira vez que a vi entrar na Camden, e sei que parecemos jovens, e somos, mas por dentro, o coração sabe quando encontra seu para sempre.

— Tudo que a gente quiser. — Beijo a mão dela e olho para o anel de noivado em seu dedo, um diamante de dois quilates. Eu a pedi em casamento no Natal depois do nosso reencontro. Bom, tecnicamente, pedi ao Tyler primeiro, e ele disse: “Caraca, sim. Vai logo. Vocês já estão vivendo em pecado, e queria muito que construíssem paredes de concreto em volta do quarto. Sou muito novo para ouvir essa merda”.

Essa criança chega agora correndo e abraça minha perna.

— Foi o melhor jogo que eu já vi! Quero ser tatuador e jogador de futebol! — ele anuncia.

— Vamos ter que treinar mais — respondo, e afago seu cabelo.

Ele veio morar conosco depois do noivado, e embora Ava tenha se preocupado com a transição da Camden para uma escola particular perto da universidade, ele se adaptou depressa.

Uma repórter consegue passar pelas pessoas e se aproxima de mim. Ela empurra um microfone na frente do meu rosto.

— Knox, você liderou seu time em uma temporada estelar com onze vitórias e duas derrotas na SEC, um feito inédito para os Commodores. Como é a sensação de ganhar o Citrus Bowl?

Tyler olha para ela.

— Ele tem minha irmã do lado dele. Ela é foda. Estuda medicina. É claro que ele se sente um sortudo, é isso. — E balança a cabeça confiante.

É isso mesmo, tudo explicado por uma criança.

Ele é uma pessoa boa, inteligente, e vejo Ava nele todos os dias, naquele queixo levantado, na determinação e na força com que ele segue em frente. Nossa adaptação não tem sido fácil, mas ele está comigo. Meu coração canta quando ele sorri. Minhas mãos ajeitam as cobertas dele à noite junto com Ava. A imagem me faz sorrir. Não sou aquele jogador de futebol universitário típico que vive uma vida de festas de fraternidade e garotas. Não, obrigado.

— Acho que ele disse tudo — digo para a repórter.

— Alguma esperança em relação ao recrutamento da NFL? Há boatos de que seu nome está na primeira rodada dos escolhidos — ela fala.

— Não vou para a NFL. Meus sonhos são outros.

Ava sorri. Houve um tempo em que me imaginei jogando profissionalmente, mas tudo se realinhou durante aquele ano sabático, e percebi que queria uma vida comum trabalhando com meu pai. Quanto mais velho fico — rá! —, mais

sonho com estabilidade e com ela. Deixar o esporte não é um sacrifício. Eu vim para cá. Joguei. Eu venci, mas meu verdadeiro amor é construir uma base, um legado para minha família. Além disso, futebol machuca e toma muito tempo. Agora mesmo, meu quadril está me matando. Quero uma vida longa, livre, sem as amarras de compromissos para os quais agora não tenho motivação.

Meu pai e Dane se aproximam correndo e se juntam a nós. Vejo o orgulho no rosto de meu pai quando ele bate em minhas costas, depois me abraça.

— Parabéns, filho. Estou muito orgulhoso de você. — Ele olha para Ava e Tyler, e sei que seu orgulho é por eles também. Passamos muito tempo com ele e Dane, e caramba, a cara do meu pai na primeira vez que Tyler perguntou se era para chamá-lo de vovô… impagável. Tyler estava brincando, acho, porque ele tem um humor refinado, mas a expressão do meu pai… Ele disse que o Tyler podia chamá-lo como quisesse.

Meu pai e Ava têm uma proximidade que ainda me surpreende, quando os vejo juntos cozinhando, ou falando sobre Lordes Sith e Yoda e, ai, quem poderia imaginar que ele era tão nerd com essa coisa de uma galáxia distante. Mas eu não sabia, porque, com tudo que aconteceu com minha mãe, meu pai também sofreu, se afastou e se trancou em si mesmo. Mas agora as coisas mudaram. Aquele ano que passei com ele e Dane… não me arrependo de nenhum momento dele. Começamos como uma família arrebentada e aprendemos a nos curar.

Dane me tira do chão, o que não é fácil, e tenta me girar no ar, mas mal consegue me levantar.

— Mano, você tem zero de força nos membros superiores — murmuro.

— Porque levo a faculdade a sério. — Ele me encara com seus olhos claros, focados. Está limpo há anos, frequentando a NYU. Meu pai o vê com frequência, sempre viajando entre Nova York e Nashville.

— Esses são meus futuros avô e tio. Knox vai ser meu pai — Tyler conta à repórter, que olha para ele, ri e se abaixa.

— É mesmo? Conta mais.

Acho que ela está buscando o ângulo do interesse pessoal.

Tyler solta um suspiro longo e sofrido.

— Na verdade, a história é muito, muito longa… e eu sei, porque meu futuro pai gosta de contá-la, mas tudo começou com uma carta de amor que ele deixou no armário da minha irmã no colégio…

Sorrio. Na verdade, começou quando meus olhos encontraram os dela no primeiro ano do ensino médio, mas deixo o Tyler começar desse jeito.

Ava me encara, morde o lábio e segura minha mão.

Tyler segura a outra.

Dane segura a outra mão de Ava, e meu pai, a mão livre de Tyler.

Somos uma família.

EPÍLOGO 2

Knox

O sol brilha alto no céu e uma brisa sopra do Atlântico. Palmeiras dançam ao vento. Um veleiro desliza contra o horizonte. Vejo tudo isso debruçado na grade, respirando o cheiro da praia e das ondas quebrando. Absorvo tudo, depois viro para olhar os hambúrgueres na churrasqueira.

Lou se reclina em uma cadeira e solta um longo assobio.

— Puxa, eu poderia me aposentar aqui. Quantos acres tem essa propriedade?

— Um gabilhão — Wyatt murmura. — Devia ver meu quarto. Puro luxo, cara, e é só um quarto de hóspedes. Adoro o estilo que Ava adotou na decoração. A garota tem bom gosto.

Sorrio sem constrangimento. Sim, ela tem. Adorei vê-la debruçada sobre revistas e se reunindo com decoradores depois que compramos a propriedade no ano passado.

Lou olha para a minha cara e ri.

— Meu Deus, vocês dois.

Dane entrega uma cerveja a ele.

— Pouco mais de quinhentos e cinquenta mil metros quadrados. Cinco quartos, cinco banheiros. Hidromassagens, aço inoxidável em tudo e cento e cinquenta metros de praia. Excelente propriedade, e fica a um quilômetro e meio da casa de praia da nossa família. — Ele se aproxima para olhar os hambúrgueres. — Knox tinha que comprar uma casa maior que a do papai. Exibido.

Isso não é verdade, e meu olhar o desmente.

Desde que me formei, há quatro anos, e assumi alguns investimentos do meu pai na área de Nashville, trabalhei muito para progredir desde uma posição administrativa comum até o cargo de vice-presidente executivo, e isso tem pouco a ver com impressionar meu pai. Tem a ver comigo e Ava.

— A casa vizinha está à venda — comento, debochado. — Sua noiva pode gostar.

Ari, a garota em questão, se anima e olha para Dane.

— Ah, sim, vamos ver amanhã!

Dane revira os olhos.

— Que maravilha. Ainda nem casamos, e você aí botando pressão.

— Ele é só um filho da mãe feliz e quer que todo mundo seja também — diz Wyatt, puxando uma cadeira para perto de Jagger e entregando uma cerveja a ele. Os dois são inseparáveis desde os tempos de Vandy. Ava já disse que nossa casa de praia está sempre aberta para eles, se quiserem se casar ali. Ela e eu nos casamos na propriedade do meu pai logo depois que me formei.

Piper aparece na porta de correr.

— Knox, sei que está ocupado com os rapazes e tudo isso, mas tem um momento? — Ela arregala os olhos para mim. — Ava…

Jogo a espátula em cima da bancada e corro para dentro.

— Por que não corre desse jeito quando preciso de alguma coisa? — escuto Ari perguntar ao Dane.

Entro na cozinha vazia. Piper aponta para o corredor, para a suíte master, e vou para lá.

Ava está sentada na cama enorme com um bebê chorando sobre cada perna. Leland Knox e Perséfone Tulip completam dois anos neste fim de semana. Olho para ela. Ela parece bem, talvez um pouco cansada, e o cabelo precisa de uma escova, mas, ei, quando se tem dois filhos pequenos…

— Ai, falei para a Piper que eu estava bem, expliquei que eles choram juntos o tempo todo. Não importa quem está incomodado ou feliz, o outro quer participar.

Ela ri quando Leland arrota e relaxa aliviado, depois olha para mim. As mãos rechonchudas se estendem em minha direção.

— Papa!

Ava balança a cabeça quando o pego no colo.

— Achei que o passeio na praia os deixaria cansados, mas não, nem um olhinho fechado. É melhor se preparar…

— Meu papa! — Perséfone chora até eu ir pegá-la também, e equilibro um de cada lado.

— Eles estão com sono, e nós aqui tentando fazer uma festa de aniversário. — Ava para ao meu lado e toca os dois rostinhos, cantarolando uma canção. — Lindos bebês.

Leland quer voltar para o colo dela, como sempre faz, e sei que ele só veio ficar comigo para tentar fugir da soneca. Ava é uma mãe incrível, doce, tranquila e paciente, tudo que sempre quis para ela. Ter um bebê era parte do plano; gêmeos, nem tanto, e embora isso a tenha obrigado a reduzir um pouco o ritmo na faculdade de medicina, logo ela terá concluído todas as etapas, e quer trabalhar com pesquisa.

Leland coça o nariz.

— Naná não — avisa a mãe, e puxa o cabelo dela.

— Tyler! — Perséfone grita.

— Glória doméstica? — Tyler comenta, rindo ao passar pela porta aberta. Meu pai está com ele. Eles foram ao cinema mais cedo, enquanto nós relaxávamos hoje de manhã.

Perséfone balança os dedinhos para Tyler, e ele a pega no colo.

— Adivinha, Pezinha? Hoje o vovô me deixou dirigir! — ele diz.

Eu me assusto e olho para o meu pai.

— Deixou ele dirigir? Ele ainda não tem nem quinze anos!

Meu pai parece um pouco pálido, e eu dou risada. Lembro bem de quando ele nos ensinou a dirigir, Dane e eu, dos gritos e palavrões cada vez que brecávamos com muita força.

Meu pai suspira.

— Ele pediu, e eu pensei: por que não? Não sei se meu carro algum dia vai voltar a ser o mesmo.

Tyler brinca com o bebê em seu colo.

— Ele não contou sobre a pedestre que quase atropelei…

Ava arregala os olhos.

Meu pai exala devagar.

— Aqui tem ciclovias, e ela era muito bonita, e eu vi exatamente onde seus olhos estavam…

— Nada disso. Eu só me distraí — Tyler bufa.

— Ela te xingou? — Dane pergunta ao entrar no quarto e pegar Leland do colo de Ava. Meu filho sorri e brinca com o cabelo comprido do tio.

— *Buíto* — ele diz, depois ri e regurgita na camisa de Dane.

Ele fica pálido e arregala os olhos.

— Que nojo! Ah, odeio esse cheiro de leite. — Mas não solta o sobrinho nem

quando Wyatt e Piper entram e estendem os braços, ambos disputando a atenção dele.

Lou avisa da porta:

— A comida está pronta!

Ava ri, e acho que é porque Lou me substituiu na churrasqueira.

Perséfone desce do colo de Tyler e procura Leland, que ainda está contente no colo de Dane.

— Leeeee, papá! Naná não! — ela grita com tom autoritário, e ele se contorce para se juntar à irmã no chão, indo encontrar Perséfone na porta com aquele andar engraçado de bebês que usam fralda. Ele segura a camisa dela, resmunga, depois corre, rindo e gritando quando ela tenta agarrá-lo.

— P, P, P, eu ganha!

— Não! — ela grita, e corre mais, e caramba, eles nem conseguem correr de verdade, mas todos nós ficamos olhando fascinados.

É uma coisa muito simples olhar para eles e pensar como sou um cara de sorte, e a emoção me invade, o fascínio de segurar a felicidade em minhas mãos, a certeza de que família é tudo.

Todo mundo vai para a cozinha, e eu olho para Ava, vejo que ela está tão emocionada quanto eu.

Ela pula em cima de mim, e eu a seguro. São as pequenas coisas. Meu Deus, as pequenas coisas.

Eu a beijo sem pressa, a língua enroscando na dela, e a sinto se derreter.

Em alguns momentos nossas linhas ficaram meio confusas, perdidas em corações partidos e tempo perdido, mas, no fim, fechamos um lindo círculo.

CARO LEITOR,

Obrigada por ler Querida Ava. Espero que você tenha gostado da história de Knox e Ava tanto quanto eu adorei escrevê-la. Foi um dos livros mais emocionantes que já escrevi.

Críticas honestas e sinceras são como ouro para os autores, e eu leio cada uma delas. Se você tiver alguns minutos, deixe um comentário para *Querida Ava*.

Leia sempre.

Com amor,

Ilsa Madden-Mills.

NOTA IMPORTANTE

O que exatamente caracteriza um crime de estupro?

De acordo com a Rede Feminista de Juristas (DeFEMde), “crime de estupro é qualquer conduta, com emprego de violência ou grave ameaça, que atente contra a dignidade e a liberdade sexual de alguém”. O elemento mais importante para caracterizar esse crime é a ausência de consentimento da vítima.

Não é preciso haver penetração para que o crime se caracterize como estupro. Desde 2009 o Código Penal Brasileiro prevê, no artigo 213, que o estupro acontece quando há, com violência ou grave ameaça, “conjunção carnal ou prática de atos libidinosos”, prevendo penas que variam de seis a dez anos de prisão, que podem ser agravadas caso o crime resulte em morte, lesões corporais graves ou seja praticado contra adolescentes de 14 a 18 anos incompletos.

As juristas lembram que não existe relação sexual com menores de 14 anos. “Nesses casos, o ato será sempre considerado estupro, pois crianças menores de 14 anos não possuem o discernimento necessário para consentir com a prática do ato”. O mesmo acontece quando a vítima, mesmo maior de idade, não tiver condições de consentir ou resistir ao ato como, por exemplo, pessoas muito embriagadas ou desacordadas. “Praticar atos sexuais com essas pessoas é, igualmente, cometer crime de estupro, que tem pena de prisão prevista de 8 a 15 anos”, explica a rede de juristas.

O que a vítima de estupro deve fazer imediatamente após o crime?

Chamar a polícia ou ir até uma delegacia. Lá, será registrado um Boletim de Ocorrência, e a vítima será encaminhada em seguida a um hospital para realizar exames e receber medicamentos antirretrovirais (para impedir a contaminação pelo vírus da AIDS, por exemplo) e a pílula do dia seguinte. O registro do BO é

importante para que a vítima possa em seguida fazer o exame de corpo de delito, realizado no Instituto Médico Legal (IML).

Muitas vezes, a vítima é encaminhada para o hospital antes de ir a uma delegacia, principalmente quando está ferida. Mas é importante que o Boletim de Ocorrência seja registrado e o exame de corpo de delito feito para dar início às investigações.

“Entretanto, há uma grande crítica a esse procedimento, porque ele exige da vítima a consciência instantânea de que ela foi violentada, o que nem sempre ocorre”, diz a DeFEMde. “Por isso é muito comum que vestígios materiais e lesões físicas desapareçam antes de a vítima se dar conta do que ocorreu ou, mais ainda comum, o tempo que a vítima precisa para ter coragem para denunciar–lembramos que a maior parte dos casos de violência sexual é cometida por conhecidos, e as vítimas têm medo de denunciá-los”.

As juristas lembram que esse procedimento padrão não abarca a importância do acolhimento para a vítima, “que muitas vezes se encontra sozinha, culpada e com vergonha”. Por isso, existem redes de acolhimento, e há centros municipais de acolhimento, como os centros de Referência da Mulher na cidade de São Paulo, por exemplo.

Para onde ela deve ir primeiro?

Recomenda-se que a vítima busque ajuda médica e realize o exame de corpo de delito no IML requisitado pela autoridade policial, a fim de colher possíveis provas do ato criminoso, para que o caso seja apurado. “Contudo, geralmente, a vítima precisa de suporte e não está preparada para tantos procedimentos burocráticos”, afirmam as juristas. “Sendo assim, recomendamos amparo e acolhimento e ressaltamos que essa tendência de imputar deveres à vítima nunca pode ser compreendida como algo capaz de gerar qualquer obrigação a ela. A vítima não deve nem é obrigada a nada”.

Pode tomar banho antes de procurar ajuda? Pode trocar de roupa?

Não é recomendado que a vítima tome banho antes de procurar ajuda. A rede de juristas orienta que não se lave dentro da vagina e que se preserve as roupas que a vítima estava usando no momento da agressão, “para que possa ser averiguada a presença de alguma secreção do crime”. A vítima pode, porém, trocar de roupas.

Fonte: EL PAÍS: http://bit.ly/33CRmNi

Caso você conheça alguém que passou por isso ou você mesma esteja passando por isso, denuncie. Busque ajuda e apoio para realizar os exames e fazer a denúncia.



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

✔ **SITE:** https://allbookeditora.com

✔ **FACEBOOK:** https://www.facebook.com/AllBookEditora

✔ **INSTAGRAM:** https://www.instagram.com/allbookeditora/

✔ **TWITTER:** https://twitter.com/AllBookEditora